

MAIS DE 1 MILHÃO DE EXEMPLARES
VENDIDOS EM TODO O MUNDO

"Finalmente – um best-seller que toca o
coração... repleto de sagas de família, amores
condenados e segredos devastadores."

The Observer

a ilha

VICTORIA HISLOP

intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

VICTORIA HISLOP

(1959)

A ILHA

Título original inglês

THE ISLAND

2005

Tradução

FERNANDA ABREU

Para minha mãe, Mary

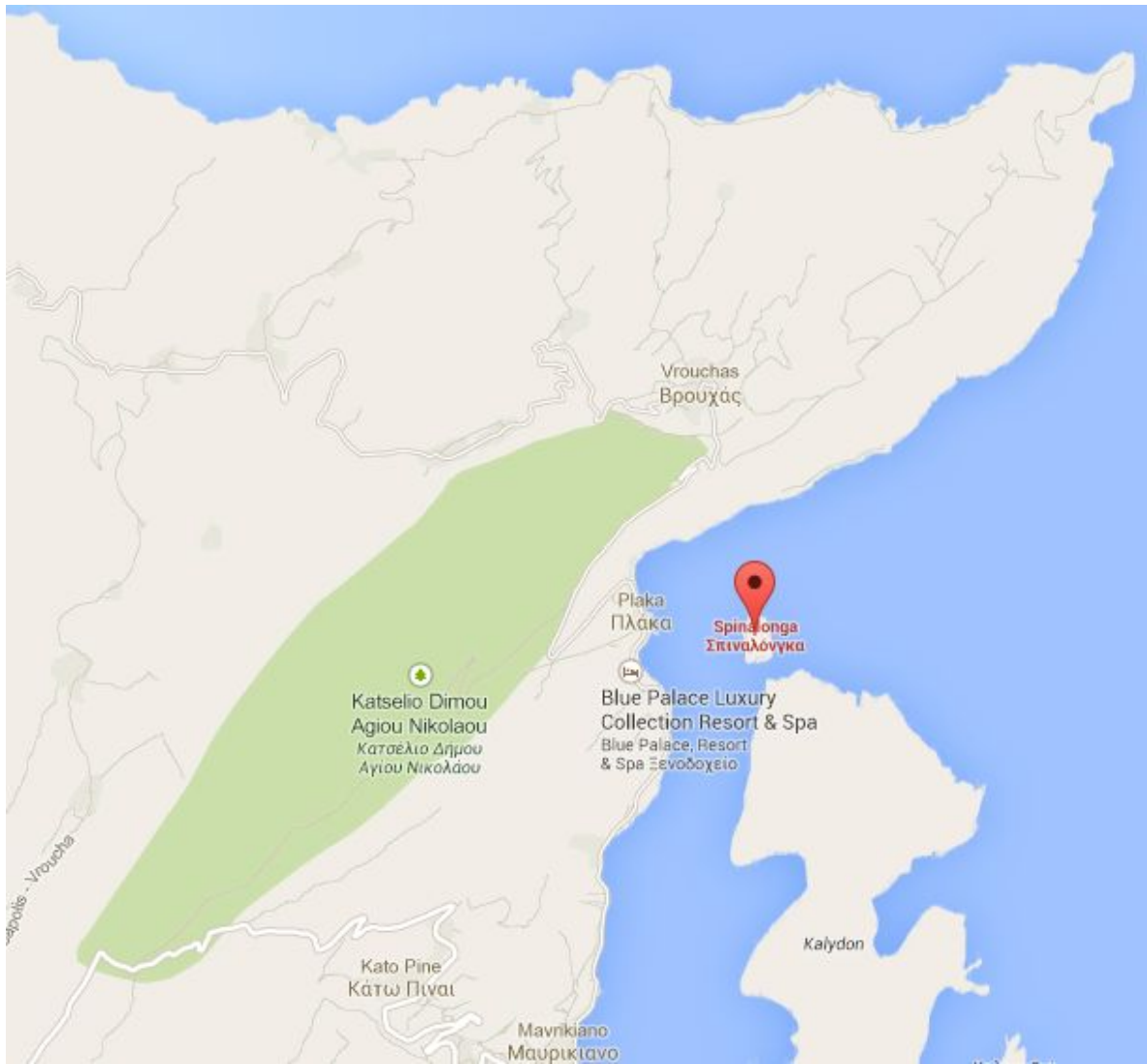


*Com agradecimentos especiais ao Museu da Ilha de Spinalonga,
ao professor Richard Groves, do Departamento de Dermatologia
Acadêmica do Imperial College (Londres), à dra. Diana Lockwood,
da Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres, The Leprosy
Mission, LEPRA*

A Ilha

A ilha de Spinalonga, no litoral norte de Creta, foi a principal colônia grega de leprosos de 1903 a 1957.





Esse romance de vidas e paixões intensas desdobra-se no cenário da Mediterrânea do início do século XX, passa pela Segunda Guerra Mundial e chega ao nosso tempo. A ilha é uma história de desejos, de segredos desesperadamente escondidos e do estigma de uma doença sobre quatro gerações de uma família inesquecível.

Prestes a fazer uma escolha crucial, Alexis Fielding ansiava por conhecer o passado de sua mãe, Sofia, que nunca falava sobre sua origem. Tudo o que admitia era ter sido criada em Creta antes de se mudar para Londres. No entanto, quando Alexis decide visitar a Grécia, Sofia lhe entrega uma carta endereçada a uma velha amiga, e garante que, desse modo, a filha poderá saber mais.

Ao chegar ao vilarejo de Plaka, em Creta, a jovem surpreende-se com o fato de que bem diante do local, na distância de uma curta travessia de barco, ergue-se a deserta ilha de Spinalonga - sede da antiga colônia de leprosos da Grécia, desativada. Depois de ser recebida pela grande companheira da mãe, Alexis descobre a história enterrada por Sofia por toda a vida: a trajetória de gerações devastadas pela tragédia, pela guerra e pela paixão. Assim, ela compreende por que está intimamente ligada àquela ilha, e como um segredo dominou toda a história do clã dos Petrakis.

Plaka, 1953

Um vento gelado fustigava as ruas estreitas de Plaka, e o frio do ar de outono rodeava a mulher, paralisando seu corpo e sua mente com uma dormência que quase lhe aniquilava os sentidos, mas não aliviava em nada sua tristeza. Ao atravessar cambaleando os últimos poucos metros que a separavam do embarcadouro, ela se apoiou pesadamente no pai, e seu andar lembrava o de uma velha, para quem cada passo causava uma pontada de dor. No entanto a dor não era física. Seu corpo era tão forte quanto o de qualquer outra moça que houvesse passado a vida respirando o ar puro de Creta, e a pele era tão jovial e os olhos de um castanho tão intenso e brilhante quanto os de qualquer garota da ilha.

O pequeno barco oscilava e balançava no mar, desequilibrado pelo peso do carregamento de pacotes de tamanhos diversos, amarrados uns aos outros com barbante. O homem mais velho embarcou com cuidado e enquanto tentava com uma das mãos manter o barco firme estendeu a outra para ajudar a filha. Depois que ela estava em segurança a bordo, envolveu-a de forma protetora com um cobertor para protegê-la do frio e do vento. A única indicação visível de que ela não era apenas mais um item do carregamento eram as longas madeixas de cabelo castanho-escuro que esvoaçavam e dançavam livremente ao sabor do vento. Ele soltou com cuidado as amarras que prendiam a embarcação — não havia mais nada a dizer nem a fazer —, e começaram a viagem. Não era o início de uma travessia curta para entregar mantimentos. Era o início de uma jornada sem volta para uma vida nova. A vida em uma colônia de leprosos. A vida em Spinalonga.

PARTE 1



Plaka, 2001

CAPÍTULO 1

Liberta da amarra, a corda voou pelo ar e respingou gotas de água salgada no braço da moça. Estas logo secaram, e enquanto o sol e um céu sem nuvens a castigavam, ela percebeu que sua pele estava coberta com desenhos intrincados de cristais salgados, como uma tatuagem feita de diamantes. Alexis era a única passageira no barco pequeno e deteriorado, e, à medida que ele resfolegava para longe do cais em direção à ilha deserta e despovoada à sua frente, estremeceu ao pensar em todos os homens e mulheres que haviam feito aquela viagem antes dela.

Spinalonga. Brincou com a palavra, fazendo-a rolar pela língua como se fosse um caroço de azeitona. A ilha estava bem à sua frente, e enquanto o barco chegava cada vez mais perto da grande fortificação veneziana que dava para o mar, ela pôde sentir tanto a força do passado daquele lugar quanto a sensação do que ele ainda significava no presente. Aquele, pensou, talvez fosse um lugar onde a história ainda estivesse morna, e não fria como pedra, onde os personagens fossem reais, e não míticos. Que diferença dos antigos palácios e lugares pelos quais havia passado nas últimas semanas, meses — anos, até.

Alexis poderia ter passado mais um dia percorrendo as ruínas de Cnossos, imaginando a partir de seus fragmentos pedregosos como fora a vida ali quatro mil anos atrás. Nos últimos tempos, porém, vinha se dando conta de que aquele era um passado tão remoto que praticamente se perdia além do alcance de sua imaginação, e sem dúvida além do que julgava importante. Embora fosse formada em arqueologia e trabalhasse em um museu, sentia que seu interesse por esse assunto estava diminuindo a cada dia. Seu pai era um acadêmico apaixonado pelo tema e, de um jeito infantil, ela simplesmente crescera acreditando que seguiria seus passos na

poeira. Para alguém como Marcus Fielding não havia civilização demasiado distante no passado a ponto de não despertar seu interesse, mas, para Alexis, agora com vinte e cinco anos, a simples pedra pela qual havia passado na estrada naquele mesmo dia era bem mais real e relevante para sua vida do que o Minotauro no centro do legendário labirinto de Creta jamais poderia ser.

O rumo de sua carreira no entanto não era, naquele momento, a questão mais premente de sua vida. Mais urgente era seu dilema em relação a Ed. Durante todo o tempo em que absorviam o calor constante do sol de final de verão em suas férias nas ilhas gregas uma sombra foi escurecendo aos poucos um caso de amor outrora promissor. O relacionamento deles havia florescido no microcosmo de uma universidade, mas definhara no mundo exterior, e agora, três anos depois, parecia uma muda enfraquecida que não conseguira sobreviver ao ser transplantada da estufa para o canteiro.

Ed era bonito. Isso era um fato, não uma opinião. E era a beleza dele que algumas vezes a irritava mais do que tudo, ela estava certa de que isso contribuía para seu ar arrogante e sua ocasional e invejável segurança. O relacionamento começara mais ou menos na linha de “os opostos se atraem”: Alexis tinha a pele clara e os cabelos castanho-escuros, e Ed, uma aparência quase ariana, era louro de olhos azuis. Algumas vezes, porém, ela sentia que seu próprio temperamento mais impetuoso estava sendo neutralizado pela necessidade que Ed tinha de disciplina e ordem, e não era disso que ela precisava; até mesmo o pouco de espontaneidade por que ela ansiava a ele parecia uma aberração.

Muitas de suas outras virtudes, a maioria considerada uma vantagem por todos, de modo geral, haviam começado a enlouquecê-la. Para começar, sua segurança inabalável. Esta era consequência inevitável de sua absoluta certeza em relação ao que o futuro havia lhe reservado desde o instante do seu nascimento. Ed tinha um emprego vitalício em um escritório de advocacia, e os anos para ele iriam se desenrolar segundo um padrão preestabelecido de ascensão profissional e casas em locais previsíveis. A única certeza de Alexis era a incompatibilidade crescente entre os dois. À medida

que as férias foram avançando, ela passava cada vez mais tempo pensando no futuro, e não conseguia ver Ed como parte disso. Nem mesmo do ponto de vista doméstico eles se entendiam. O tubo de pasta de dentes fora apertado do lado errado. A culpada disso era sempre ela, nunca Ed. Sua reação ao desleixo dela era um sintoma de sua atitude em relação à vida como um todo, e ela considerava que sua exigência de que as coisas estivessem sempre em perfeita ordem era desagradavelmente controladora. Tentava compreender sua necessidade de ordem, mas se ressentia da crítica velada à maneira um pouco caótica como ela levava a própria vida, muitas vezes lembrando que era no escritório escuro e bagunçado do pai que se sentia em casa, e que o quarto de seus pais, decorado pela mãe com paredes claras e aparência bem-arrumada, lhe dava calafrios.

Tudo sempre acontecia segundo a vontade de Ed. Ele era um dos vencedores da vida: sempre o primeiro da turma, sem fazer o menor esforço, e o melhor aluno da escola ano após ano, sem ninguém para ameaçá-lo. O menino perfeito. Seria doloroso ver aquele universo desmoronar. Havia sido criado para acreditar que o mundo era sua ostra, mas Alexis começara a perceber que não podia ficar enclausurada lá dentro. Será que conseguiria de fato abrir mão de sua independência para morar com ele, embora parecesse óbvio que era isso o que devia fazer? Um apartamento meio cafona alugado em Crouch End versus um elegante apartamento próprio em Kensington — seria loucura abrir mão deste último? Apesar de Ed achar que iriam viver juntos no outono seguinte, havia perguntas que ela precisava fazer a si mesma: de que adiantava morar com ele se não tinha intenção de se casar? E será que ele era mesmo o homem que queria como pai de seus filhos? Essas incertezas vinham rondando sua mente havia semanas, meses até, e mais cedo ou mais tarde ela teria de criar coragem para tomar uma atitude a respeito. Ed falava tanto, estava sempre tão ocupado com a organização e a administração daquela viagem, que mal parecia perceber que os silêncios dela ficavam cada dia mais longos.

Esta vez era muito diferente das férias que havia passado na Grécia nos tempos de estudante, quando ela e as amigas eram

totalmente livres e iam de uma ilha para outra e nada, a não ser os caprichos, ditava a rotina de seus longos dias inundados de sol; decisões sobre qual bar visitar, em que praia ir e quanto tempo permanecer em cada lugar eram tomadas no cara ou coroa, com uma moeda de vinte dracmas. Era difícil acreditar que a vida tenha sido assim tão descontraída. Essa viagem de agora era tão cheia de conflitos, discussões e questionamentos... era um combate que começara muito antes de ela pôr os pés em solo cretense.

Como é possível eu estar com vinte e cinco anos e não ter a menor ideia em relação ao futuro?, perguntava-se enquanto fazia as malas para a viagem. Aqui estou eu, em um apartamento que não é meu, prestes a tirar férias de um emprego do qual não gosto, com um homem que não amo. Qual é o meu problema?

Quando sua mãe, Sofia, tinha a mesma idade, já estava casada havia muitos anos e tinha dois filhos. Que circunstâncias haviam-na feito amadurecer tão cedo? Como ela conseguiu ter uma vida estável quando Alexis ainda se sentia tão criança? Se conhecesse melhor a atitude da mãe em relação à vida, talvez isso a ajudasse a tomar as próprias decisões.

Sofia, no entanto, sempre fora extremamente fechada em relação ao seu passado e ao longo dos anos sua discrição havia se transformado em uma barreira entre ela e a filha. Alexis considerava uma ironia que o estudo e a compreensão do passado fossem tão incentivados em sua família ao mesmo tempo em que lhe proibiam de examinar profundamente a própria história; essa sensação de que a mãe escondia alguma coisa dos filhos deixava uma sombra de desconfiança. Sofia Fielding parecia não apenas ter enterrado suas raízes, mas também ter pisoteado a terra que as cobria.

Alexis tinha apenas uma pista em relação ao passado da mãe: um retrato de casamento desbotado, que ficava na mesa-de-cabeceira dela, até onde se lembrava, com uma moldura de prata de desenho rebuscado e gasta de tanto ser polida. Quando era bem pequena e usava o colchão grande e grosso dos pais como trampolim, a imagem do casal sorridente, mas um tanto rígido, do retrato, pulava para cima e para baixo na sua frente. Algumas vezes ela perguntava à mãe sobre a linda mulher de roupa rendada e o

homem grisalho de traços marcantes. Quais eram seus nomes? Por que ele tinha os cabelos grisalhos? Onde estavam agora? Sofia sempre dava a mais breve das respostas: eram tia Maria e tio Nikolaos, tinham morado em Creta, e ambos já haviam morrido. Na época, essa informação era suficiente para Alexis — mas agora precisava saber mais.

Mais do que tudo, era o status daquela fotografia — a única em porta-retrato de toda a casa, com exceção da que a mostrava ao lado do irmão mais novo, Nick — que a deixava intrigada. Aquele casal, evidentemente, havia sido importante na infância da mãe, e no entanto Sofia sempre pareceu relutante em falar a respeito. Na verdade, era mais do que relutância: era uma recusa obstinada. À medida que Alexis foi crescendo, aprendeu a respeitar o desejo de privacidade da mãe — tão intenso quanto seu próprio instinto adolescente de se trancar no quarto e evitar qualquer comunicação. Mas agora não tinha mais idade para isso.

Na véspera do dia em que sairia de férias, foi à casa dos pais, uma casa geminada em estilo vitoriano, que ficava numa rua tranquila de Battersea. A família mantivera a tradição de comer na taberna grega do bairro antes de Alexis ou Nick partirem para mais um semestre na universidade ou para alguma viagem ao exterior, mas naquela vez o motivo da visita de Alexis era outro. Ela queria o conselho da mãe sobre o que fazer com Ed, e, tão importante quanto isso, queria lhe fazer algumas perguntas sobre o próprio passado. Alexis chegou uma hora adiantada, decidida a tentar fazer com que a mãe abrisse a guarda. Qualquer informação que fosse já seria boa.

Entrou em casa com sua própria chave, sem bater, largou a mochila pesada no chão de ladrilhos e jogou a chave sobre a bandeja de bronze na prateleira do hall, fazendo grande alarde. Alexis sabia que não havia nada que a mãe detestasse mais do que ser pega de surpresa.

— Oi, mãe! — gritou em direção ao espaço silencioso do hall. Adivinhando que a mãe estaria no andar de cima, subiu os degraus de dois em dois e, ao entrar no quarto dos pais, como sempre, ficou maravilhada com a excessiva arrumação do aposento, como sempre

acontecia. Uma modesta coleção de colares de contas pendia de um dos cantos do espelho, e três vidros de perfume estavam meticulosamente alinhados sobre a penteadeira. Exceto isso, o quarto era inteiramente desprovido de enfeites. Não havia pistas com relação à personalidade ou ao passado da mãe, nenhum quadro na parede, nenhum livro na cabeceira. Apenas aquela fotografia emoldurada ao lado da cama. Muito embora Sofia dividisse o quarto com o marido, Marcus, aquele era seu espaço, e sua necessidade de arrumação dominava o ambiente. Cada integrante da família tinha um espaço seu, e todos eles eram inteiramente idiossincráticos.

Se o minimalismo espartano do quarto de dormir fazia-o pertencer a Sofia, o lugar de Marcus era o escritório, onde livros empilhados no chão formavam colunas. Algumas vezes, essas pesadas torres desmoronavam e os tomos se espalhavam pelo aposento; a única forma de atravessar o chão até a escrivaninha era usar os volumes encadernados em couro como se fossem pedras em um rio. Marcus gostava de trabalhar naquele templo em ruínas de livros; isso o fazia sentir-se como se estivesse no meio de uma escavação arqueológica, em que cada pedra houvesse sido cuidadosamente etiquetada, ainda que um leigo as considerasse pedaços de entulho abandonado. Aquele cômodo era sempre mais aquecido, e Alexis, mesmo quando criança, muitas vezes se enfiava ali a fim de ler um livro, aninhando-se na poltrona macia de couro da qual sempre vazava um pouco de enchimento, mas que, não entendia como, continuava sendo o assento mais aconchegante e acolhedor da casa.

Apesar do fato de os filhos já terem saído de casa havia tempos, seus quartos continuavam intactos. O de Alexis ainda estava pintado de um roxo um tanto opressivo, escolhido por ela quando era uma adolescente emburrada de quinze anos. A colcha, o tapete e o guarda-roupa tinham um tom lilás que combinava com o roxo, cor de enxaqueca e acesso de raiva — agora, até mesmo Alexis achava isso, embora na época tivesse insistido naquela cor. Um dia talvez seus pais acabassem pintando o quarto de novo, mas, em uma casa em que a decoração e a mobília não tinham prioridade, talvez fosse preciso mais uma década para isso acontecer. A cor das paredes do

quarto de Nick já não tinha importância muito tempo antes — não se podia ver um centímetro quadrado que fosse de tinta entre os cartazes de jogadores do Arsenal, bandas de heavy metal e louras de peitos inacreditavelmente grandes. A sala íntima era um espaço compartilhado por Alexis e Nick que ao longo de duas décadas, provavelmente, haviam passado mais de um milhão de horas, na penumbra, assistindo à televisão em silêncio. Já a cozinha pertencia a todos. A mesa redonda de pinho, estilo década de 1970 — o primeiro móvel que Sofia e Marcus haviam comprado juntos —, era o ponto central, o lugar onde todos se reuniam, conversavam, jogavam, faziam as refeições e, apesar dos acalorados debates e divergências, tornavam-se uma família.

— Oi — disse Sofia, olhando o reflexo da filha no espelho. Enquanto escovava suavemente os cabelos curtos com mechas de fios louros e vasculhava uma pequena caixa de joias. — Estou quase pronta — acrescentou, prendendo nas orelhas um par de brincos de coral que combinavam com a blusa.

Embora Alexis não tenha percebido, Sofia estava com um nó no estômago enquanto se preparava para o ritual familiar. Aquilo a fazia lembrar das noites que precediam o início dos períodos de estudos da filha na universidade, quando fingia estar alegre, mas na verdade sentia-se angustiada diante da partida iminente de Alexis. Sua capacidade de esconder as próprias emoções parecia se reforçar proporcionalmente à intensidade dos sentimentos que reprimia. Olhou para a imagem da filha refletida no espelho, depois para o próprio rosto logo ao lado, e um tremor percorreu seu corpo. Aquele não era o rosto de adolescente que ela sempre via em sua mente, mas o rosto de uma adulta, cujos olhos cheios de dúvidas agora se fixavam nos seus.

— Oi, mãe — disse Alexis em voz baixa. — A que horas papai chega?

— Não vai demorar, espero. Ele sabe que você tem que acordar cedo amanhã, então prometeu não se atrasar.

Alexis recolheu a fotografia conhecida e respirou fundo. Mesmo aos vinte e cinco anos, ainda precisava criar coragem para penetrar na região proibida do passado da mãe, sentia-se como se estivesse

passando por baixo de uma daquelas fitas listradas de amarelo e preto que costumam delimitar a cena de um crime. Precisava da opinião da mãe. Sofia se casara antes de completar vinte anos, portanto estaria ela, Alexis, dizendo bobagem ao desperdiçar a oportunidade de passar o resto da vida ao lado de alguém como Ed? Ou será que a mãe acharia, como ela, que o simples fato de esses pensamentos existirem em sua mente significava que ele realmente não era a pessoa certa? Ela ensaiara as perguntas. Como a mãe tivera tanta certeza, ainda tão jovem, de que o homem com quem iria se casar era o "certo"? Como poderia ter sabido que seria feliz pelos cinquenta, sessenta, talvez até setenta anos seguintes? Ou será que ela não havia pensado na questão dessa forma? No instante exato em que todas essas questões estavam prestes a irromper, ela hesitou, subitamente, com medo de ser repelida. Mas havia uma pergunta que precisava fazer.

— Será que... — começou Alexis — eu poderia visitar o lugar onde você foi criada? — Com exceção de um nome cristão que identificava sua ascendência grega, o único indício das origens maternas de Alexis eram seus olhos castanho-escuros, e naquela noite os usou em toda a sua intensidade, prendendo-os aos da mãe. — A gente vai a Creta no final da viagem, e seria um desperdício ir tão longe e perder a oportunidade.

Sofia tinha dificuldade para sorrir, para demonstrar sentimentos, para abraçar. A reticência era seu estado natural, e sua reação imediata foi arranjar uma desculpa. No entanto, algo a deteve. Foram as palavras de Marcus, tantas vezes repetidas, que lhe vieram à mente. Ele dizia que Alexis seria sempre a sua menina, mas não para sempre uma menina. Mesmo que lutasse contra isso, sabia que era verdade, e ver na sua frente aquela moça independente só a fez confirmar esse fato. Em vez de se retrair como geralmente fazia quando o passado ameaçava surgir em alguma conversa, Sofia reagiu de forma inesperadamente calorosa, reconhecendo pela primeira vez que a curiosidade da filha em saber mais sobre as próprias raízes não era apenas natural: era até um direito.

— Pode... — respondeu ela, hesitante. — Acho que sim.

Alexis tentou esconder o espanto, e mal se atreveu a respirar com medo de que a mãe mudasse de ideia. Então, com mais firmeza, Sofia falou: — É, seria uma boa oportunidade. Vou escrever um bilhete para você levar para Fotini Davaras. Ela conhecia minha família. Deve estar bastante idosa, mas morou a vida toda na aldeia onde nasci e se casou com o dono da taberna de lá... talvez você até consiga uma boa refeição.

Alexis irradiava animação.

— Obrigada, mãe... Onde fica essa aldeia exatamente? — perguntou. — Saindo de Hania?

— Fica mais ou menos duas horas a leste de Iraklion — disse Sofia. — Então, de Hania, deve levar umas quatro ou cinco horas... é muito chão para um dia só. Papai vai chegar a qualquer momento, mas quando nós voltarmos do jantar vou escrever a tal cartinha para Fotini e mostrar para você no mapa onde exatamente fica Plaka.

O estrondo descuidado da porta da frente anunciou a chegada de Marcus, que vinha da biblioteca da universidade. Sua pasta de couro surrada e abarrotada estava no meio do hall, com pedaços de papel saindo por buracos em todas as costuras. Ele — um homem corpulento, de óculos, com fartos cabelos grisalhos, que provavelmente tinha o mesmo peso da mulher e da filha juntas — cumprimentou Alexis com um largo sorriso quando ela desceu correndo do quarto da mãe e pulou do último degrau, jogando-se nos braços do pai exatamente como fazia desde os três anos de idade.

— Pai! — disse Alexis apenas, mas nem isso era necessário.

— Minha linda — disse ele, envolvendo-a com o abraço caloroso e confortável que somente pais tão generosos são capazes de dar.

Logo depois saíram para o restaurante, que ficava a cinco minutos a pé de casa. Aninhada na fileira de elegantes bares de vinho, pâtisseries bastante caras e restaurantes de comida fusion da moda, a Taberna Loukakis era um hábito antigo da família. Abrira logo depois de os Fielding terem comprado a casa, e nesse meio-tempo testemunhara uma centena de outras lojas e restaurantes surgirem e desaparecerem. O dono, Gregorio, cumprimentou-os como velhos amigos, o que de fato eram — suas visitas eram tão

frequentes que ele sabia, mesmo antes de se sentarem, qual seria o pedido. Como sempre, escutaram educadamente a enumeração dos pratos do dia e em seguida Gregorio apontou para cada um deles sucessivamente e recitou: “Meze do dia, moussaka, stifado, kalamari, uma garrafa de retsina e uma água com gás, grande.” Os três aquiesceram, e todos riram enquanto ele lhes dava as costas, fingindo-se ultrajado com o fato de terem rejeitado os pratos mais inovadores do chef.

Alexis (moussaka) foi quem mais falou. Descreveu seus planos de viagem com Ed, enquanto o pai (kalamari) intervinha ocasionalmente com sugestões de sítios arqueológicos que poderiam visitar.

— Mas pai — suspirou Alexis, em desespero. — Você sabe que Ed não tem muito interesse em ruínas!

— Eu sei, eu sei — retrucou ele, paciente. — Mas só um filistino poderia ir a Creta e não visitar Cnossos. Seria como ir a Paris e passar longe do Louvre. Até mesmo Ed deveria perceber isso.

Todos eles sabiam perfeitamente que Ed era mais do que capaz de passar ao largo de qualquer coisa que tivesse o mais ínfimo verniz de alta cultura e, como sempre, havia um leve indício de desdém na voz de Marcus quando Ed se metia na conversa. Não que desgostasse do rapaz, nem que o reprovasse. Ed era exatamente o tipo de homem que um pai poderia esperar como genro, mas Marcus não podia evitar a sensação de desapontamento sempre que imaginava aquele rapaz bem relacionado tornando-se marido da filha. Sofia, por sua vez, adorava Ed. Ele era a personificação de tudo que ela desejava para a filha: respeitabilidade, segurança e uma árvore genealógica que lhe conferia a solidez de alguém ligado (nem que fosse de forma muito remota) à aristocracia da Inglaterra.

Foi uma noite descontraída. Fazia vários meses que os três não se encontravam, e Alexis tinha muitas coisas para pôr em dia, a começar por todas as histórias sobre a vida amorosa de Nick. Estudante de pós-graduação em Manchester, o irmão não estava com a menor pressa de virar adulto, e a família não se cansava de se admirar diante da complexidade de seus relacionamentos.

Alexis e o pai começaram então a compartilhar casos sobre os respectivos trabalhos, e Sofia se viu de novo pensando na primeira vez em que tinham ido àquele restaurante, quando Gregorio havia montado uma pilha de almofadas para que Alexis alcançasse a mesa. Quando Nick nasceu, a taberna já possuía uma cadeira infantil, e as crianças logo aprenderam a adorar os sabores fortes do taramasalata e do tzatziki que os garçons traziam em pequenas travessas. Durante mais de vinte anos quase todos os fatos marcantes de suas vidas foram comemorados ali, com a mesma sequência de canções populares gregas tocando sem parar ao fundo. A percepção de que Alexis não era mais criança atingiu Sofia com mais força do que nunca, e ela começou a pensar em Plaka e na carta que logo teria de escrever. Durante muitos anos, havia se correspondido com bastante regularidade com Fotini, e mais de um quarto de século antes lhe contara sobre a chegada de sua primeira filha; dali a poucas semanas, um pequenino vestido bordado com esmero chegou pelo correio, vestido que, na falta de uma roupa tradicional, Sofia pôs na neném para o dia do batizado. As duas tinham parado de se corresponder havia algum tempo, mas Sofia sabia que o marido de Fotini teria lhe avisado caso alguma coisa tivesse acontecido com sua mulher. Sofia perguntou-se como estaria Plaka agora, e tentou apreender uma imagem da pequena aldeia repleta de pubs barulhentos vendendo cerveja inglesa; esperava sinceramente que Alexis encontrasse o lugar exatamente igual a quando partira.

À medida que a noite avançava, Alexis se sentia cada vez mais animada por finalmente estar prestes a conhecer melhor a história da família. Sabia das tensões que teria de enfrentar durante as férias, mas pelo menos a visita à cidade natal da mãe era algo que podia contemplar com alegria. Mãe e filha trocaram sorrisos, e Marcus se pegou imaginando se os seus dias de mediador e guardião da paz entre as duas estariam terminando. Sentiu-se satisfeito com essa ideia, e deliciou-se na companhia das duas mulheres que mais amava no mundo.

Terminaram a refeição, beberam por educação metade do raki de cortesia e tomaram o caminho de casa. Alexis iria dormir na casa

dos pais, e estava feliz por passar aquelas poucas horas na sua cama de infância, antes de se levantar de manhã para pegar o metrô até Heathrow. Sentia-se estranhamente satisfeita, apesar do plano de pedir conselhos à mãe ter falhado. Nesse momento, parecia-lhe muito mais importante ir visitar a cidade natal de sua mãe, com a total cooperação dela. Todas as suas ansiedades em relação ao futuro mais distante foram, por ora, postas de lado.

Ao chegarem do restaurante, Alexis preparou um café para a mãe, que se sentou à mesa da cozinha para escrever a carta para Fotini, descartando três rascunhos antes de finalmente selar um envelope e estendê-lo por cima da mesa para a filha. Todo o processo aconteceu em silêncio, absorvendo a atenção integral de Sofia. Alexis sentia que, se falasse, o encanto talvez se rompesse e a mãe pudesse acabar mudando de ideia.



Fazia duas semanas e meia que a carta de Sofia estava guardada com cuidado no compartimento interno da bolsa de Alexis, tão preciosa quanto seu passaporte. De certa forma, era um passaporte, uma vez que seria sua maneira de ter acesso ao passado da mãe. Viajara junto com ela de Atenas e seguira nas barcas enfumaçadas e que sacudiam ocasionalmente com as tormentas até Paros, Santorini e agora Creta. Tinham chegado à ilha já fazia alguns dias, e encontraram um quarto para alugar à beira-mar em Hania — tarefa fácil naquela época em que a maioria dos turistas já havia ido embora.

As férias estavam chegando ao fim, e depois de visitar com relutância Cnossos e o museu arqueológico de Iraklion, Ed estava satisfeito em passar na praia os últimos dias antes da longa viagem de barco de volta ao Pireu. Alexis, porém, tinha outros planos.

— Amanhã vou visitar uma velha amiga da minha mãe — anunciou quando estavam sentados em uma taberna do porto esperando para fazer o pedido. — Ela mora do outro lado de Iraklion, então vou passar quase o dia inteiro fora.

Era a primeira vez que ela mencionava sua peregrinação para Ed, e preparou-se para a reação dele.

— Que incrível! — disse ele. — Vai de carro? — acrescentou, ressentido.

— Vou, se não houver problema. São quase duzentos e cinquenta quilômetros, e se tiver de ir de ônibus vou levar vários dias.

— Bom, acho que não tenho muita escolha, tenho? E, com certeza, não quero ir com você.

Os olhos azul-safira de Ed fitaram-na com raiva por um breve instante, enquanto seu rosto bronzeado desaparecia atrás do cardápio. Ele iria passar o resto da noite emburrado, mas Alexis estava disposta a aceitar isso, já que o havia confrontado com o fato consumado. Mais difícil de suportar, embora também fosse típico dele, era a total falta de interesse em seu plano. Ele sequer perguntou o nome da pessoa que ela iria visitar.

Na manhã seguinte, pouco depois de o sol nascer atrás das montanhas, ela saiu da cama e partiu do hotel em que estavam hospedados.

Algo bastante inesperado havia chamado sua atenção quando procurou Plaka no guia. Algo que sua mãe não mencionara. Havia uma ilha bem em frente à aldeia, bem próxima do litoral, e embora a referência a ela fosse mínima e pudesse até passar despercebida, havia despertado sua imaginação:

SPINALONGA: Dominada por uma imponente fortaleza veneziana, a ilha foi capturada pelos turcos no século XVIII. A maioria dos turcos saiu de Creta quando a ilha foi declarada autônoma, em 1898, mas os habitantes se recusaram a deixar suas casas e seu lucrativo comércio de contrabando em Spinalonga. Eles só se foram em 1903, quando a ilha foi transformada em colônia de leprosos. Em 1941, Creta foi invadida pelos alemães e ficou ocupada

até 1945, mas a presença dos leprosos fez com que Spinalonga fosse abandonada em 1957.

Parecia que a *raison d'être* da aldeia de Plaka fora servir de centro de suprimentos para a colônia de leprosos, e Alexis ficou intrigada pelo fato de sua mãe não ter mencionado esse fato. Sentada ao volante do Cinquecento alugado, ela torceu para ter tempo de visitar Spinalonga. Desdobrou o mapa de Creta sobre o banco vazio do carona e percebeu, pela primeira vez, que a ilha tinha a forma de um lânguido animal deitado de costas.

A viagem levou-a para o leste e a fez passar por Iraklion, e percorrer a estrada costeira plana e reta que atravessava os trechos incrivelmente superdesenvolvidos de Hersonisos e Malia. De vez em quando, via uma placa indicando alguma ruína antiga, um paradoxo em meio aos imensos resorts. Alexis ignorou todas as placas. Nesse dia, seu destino era um povoado cujo ápice havia ocorrido não no século XX a.C., mas no século XX d.C. e mais além.

Depois de passar por quilômetros a fio de olivais e, nas planícies costeiras, por grandes plantações de tomates quase vermelhos e uvas quase maduras, alcançou a estrada principal e iniciou o último estágio da viagem até Plaka. Nesse ponto, o caminho se estreitava, e foi forçada a dirigir mais devagar, evitando pequenos montes de pedras que tinham desmoronado das montanhas e estavam no meio da estrada e, de vez em quando, uma cabra que atravessava na sua frente, com os olhinhos muito juntos fitando-a com raiva ao vê-la passar. Dali a algum tempo, a estrada ficou íngreme, e depois de uma curva estreita particularmente fechada ela parou no acostamento, com os pneus fazendo estalar o chão de cascalho. Bem lá embaixo, nas águas ofuscantes de tão azuis do golfo de Mirabello, pôde ver o grande arco de um porto natural quase circular, e bem no ponto onde seus braços pareciam se unir havia um pedaço de terra que parecia um pequeno morro arredondado. De longe, dava a impressão de estar ligado à ilha principal, mas olhando no mapa Alexis viu que aquilo era a ilha de Spinalonga, e que para chegar lá era preciso atravessar um trecho de água. Engolida pela paisagem à sua volta, a ilha se erguia imponente da

água, com os restos da fortaleza veneziana claramente visíveis em uma das pontas e, logo atrás, mais apagada porém ainda distinta, uma série de linhas que se estendia — eram as ruas. Então era isso: aquela era a ilha despovoada. Fora habitada ininterruptamente por milhares de anos e, então, menos de cinquenta anos atrás, foi abandonada por algum motivo.

Alexis percorreu os últimos quilômetros da viagem até Plaka devagar, com as janelas do carro, cujo aluguel fora barato, abertas para deixar entrar a brisa morna e o cheiro bom de tomilho. Eram duas da tarde quando finalmente estacionou na silenciosa praça central da cidade. As mãos reluziam de suor de tanto segurar o volante de plástico duro, e ela percebeu que o braço esquerdo havia sido queimado pelo sol do início da tarde. Era um horário fantasmagórico para se chegar a uma aldeia grega. Cachorros estavam desfalecidos na sombra e alguns gatos perambulavam em busca de restos de comida. Não havia nenhum outro sinal de vida, somente algumas vagas indicações de que pouco tempo antes houvera pessoas ali — uma mobilete abandonada encostada em uma árvore, um maço de cigarros pela metade sobre um banco com um tabuleiro de gamão aberto ao lado. As cigarras entoavam seu coro incessante, que só silenciaria ao anoitecer, quando o intenso calor finalmente se abrandasse. A aldeia, provavelmente, tinha o mesmo aspecto da década de 1970, quando sua mãe saíra de lá. Houvera poucas razões para mudança.

Alexis já havia decidido que tentaria visitar Spinalonga antes de procurar Fotini Davaras. Gostava daquela sensação de completa liberdade e independência, e depois de encontrar a velha senhora poderia parecer grosseiro sair para um passeio de barco. Estava claro para Alexis que não conseguiria voltar para Hania naquela noite, mas, por enquanto, queria aproveitar a tarde e só depois lidar com a logística de ligar para Ed e encontrar um lugar para passar a noite.

Depois de decidir seguir o guia ao pé da letra (“Tente o bar na pequena aldeia de pescadores de Plaka, onde por poucos milhares de dracmas em geral haverá um pescador disposto a levá-lo até a ilha.”), ela atravessou a praça com passo decidido e afastou as tiras

pegajosas de plástico que tinham as cores do arco-íris e estavam penduradas no vão da porta do bar. Essas fitas grudentas pareciam ser uma tentativa de manter as moscas do lado de fora e o frescor do lado de dentro, mas tudo que faziam era juntar poeira e manter o lugar em permanente estado de semipenumbra. Ao espiar para dentro do bar escuro, Alexis mal conseguiu distinguir a forma de uma mulher sentada em frente a uma mesa, e enquanto seguia Tateando até ela, a figura nas sombras se levantou e foi para trás do bar. A essa altura, a garganta de Alexis já estava seca de tanta poeira.

— Nero, parakalo — disse, hesitante.

A mulher passou arrastando os pés por uma fileira de imensos barris de azeitonas e várias garrafas pela metade de ouzo espesso e transparente, e enfiou a mão dentro da geladeira para pegar um pouco de água mineral. Serviu-a com cuidado em um copo alto, reto, e acrescentou uma raspa de limão rugosa antes de estendê-lo para Alexis. Então secou as mãos, molhadas por causa da garrafa gelada, em um grande avental florido que quase cingia sua generosa cintura, e perguntou:

— Inglesa?

Alexis aquiesceu. Afinal de contas, era uma meia-verdade. A mulher precisou de apenas uma palavra para adivinhar seu desejo.

— Spinalonga? — indagou, virando-se e desaparecendo por uma portinha atrás do balcão.

Alexis pôde ouvir os gritos abafados de “Gerasimo! Gerasimo!”, e, logo depois, o barulho de passos em uma escada de madeira. Um homem idoso apareceu, tinha os olhos cansados por ter sido interrompido enquanto fazia a sesta. A mulher seguiu falando com ele, e a única coisa que Alexis conseguiu entender foi “dracma”, palavra que foi repetida várias vezes. Ficou bastante claro que o homem estava sendo informado de um jeito inequívoco que aquela era uma oportunidade de ganhar um bom dinheiro. Ele ficou ali parado, piscando os olhos, absorvendo aquela torrente de instruções, mas sem dizer nada.

A mulher virou-se para Alexis e depois de pegar o bloquinho de pedidos em cima do balcão rascunhou alguns números e um

desenho. Mesmo que Alexis falasse grego fluentemente, não teria entendido muita coisa. Depois que a mulher apontou bastante os dedos, fez movimentos circulares no ar e marcas no papel, ela deduziu que sua viagem de ida e volta até Spinalonga, com uma parada de duas horas na ilha, sairia por vinte mil dracmas, cerca de trinta e cinco libras esterlinas. Não seria um passeio barato, mas ela não se encontrava em condições de negociar — além do mais, estava mais decidida do que nunca a visitar a ilha. Aquiesceu e sorriu para o barqueiro, que respondeu meneando a cabeça com gravidade. Foi nesse instante que Alexis se deu conta de que o silêncio do pescador queria dizer mais do que ela percebera de início. Mesmo que quisesse, não poderia ter falado. Gerasimo era mudo.

O cais onde o velho e castigado barco estava ancorado ficava a uma curta distância a pé. Os dois passaram em silêncio por cães adormecidos e casas cujas persianas estavam fechadas. Nada se movia. Os únicos sons eram as pancadas suaves da sola de borracha de seus sapatos e o canto das cigarras. Até mesmo o mar estava liso e silencioso.

Alexis estava sendo conduzida naquela travessia de quinhentos metros por um homem que de vez em quando sorria, nada mais. O rosto dele era tão marcado quanto o dos outros pescadores cretenses que haviam passado décadas nos mares assolados por tempestades, desafiando a natureza à noite e consertando as redes durante o dia sob o calor sufocante. Provavelmente, tinha pouco mais de sessenta anos, mas se as rugas fossem como os anéis de um carvalho e servissem para medir a idade, num cálculo aproximado, poderia se dizer que tinha cerca de oitenta. Seus traços não escondiam nenhuma emoção. Nenhuma dor, nenhuma tristeza, tampouco nenhuma alegria em especial. Eram simplesmente os traços tranquilos de uma velhice resignada, e um reflexo de tudo que ele já vivera. Embora os turistas fossem os mais recentes invasores de Creta, sucedendo-se aos venezianos, turcos e alemães, que estiveram ali durante a vida do velho senhor, poucos haviam se dado ao trabalho de aprender a falar grego. Alexis agora se penitenciava por não ter feito a mãe lhe ensinar alguns vocábulos

úteis — imaginava que Sofia ainda soubesse falar fluentemente, embora nunca a tivesse escutado dizer uma só palavra em grego. Tudo que Alexis pôde oferecer ao barqueiro foi um educado “Efharisto” — “Obrigada” — quando ele a ajudou a subir a bordo, e a resposta foi um toque na aba do surrado chapéu de palha.

Agora que estavam se aproximando de Spinalonga, Alexis pegou a máquina fotográfica e a garrafa plástica de dois litros de água que a mulher do bar lhe havia empurrado, indicando que deveria beber muita água. Quando o barco encostou no embarcadouro, o velho Gerasimo estendeu-lhe a mão, ela passou por cima do assento de madeira e pisou na superfície irregular do cais deserto. Percebeu, então, que o motor continuava ligado. Parecia que o velho não tinha intenção de ficar. Conseguiram se comunicar o suficiente para que entendesse que ele voltaria dali a duas horas. Ela o viu dar a volta com o barco devagar e partir novamente na direção de Plaka.

Alexis agora estava abandonada em Spinalonga, e sentiu uma onda de medo percorrer seu corpo. E se Gerasimo se esquecesse dela? Quanto tempo demoraria para Ed sair à sua procura? Será que conseguiria nadar a curta distância até Plaka? Nunca estivera tão completamente sozinha, raramente ficava a mais do que poucos metros de outro ser humano, a não ser quando estava dormindo, e nunca passara mais de uma hora ou algo assim sem entrar em contato com outra pessoa. Sua dependência de repente lhe pareceu um fardo, e ela decidiu se controlar. Iria aproveitar aquele período de solidão — aquelas poucas horas de isolamento eram ínfimas em comparação à pena perpétua de solidão que os antigos habitantes de Spinalonga deviam ter aguentado.

As grossas muralhas de pedra da fortificação veneziana se avultavam acima dela. Como iria superar aquele obstáculo aparentemente intransponível? Foi então que percebeu, na parte arredondada da muralha, uma pequena entrada mais ou menos de sua altura. Era uma abertura minúscula e escura na superfície clara da pedra, e quando chegou mais perto, viu que era a entrada de um túnel comprido que fazia uma curva e a impedia de ver o que havia na outra ponta. Com o mar atrás dela e as muralhas na frente, só havia um caminho a seguir — para a frente, rumo à escuridão, para

dentro da passagem claustrofóbica. Esta continuava por alguns metros, e quando Alexis tornou a emergir da semi-escuridão para a claridade ofuscante do sol de início de tarde viu que a proporção do lugar havia mudado por completo. Parou, fascinada.

Estava na extremidade mais baixa de uma rua comprida, margeada de um lado e de outro por casinhas de dois andares. Deveria ter havido uma época em que aquilo ali poderia ter parecido com qualquer outra aldeia de Creta, mas, agora, aquelas casas estavam reduzidas a um estado de semidestruição. Caixilhos de janelas pendiam em ângulos estranhos de dobradiças quebradas e persianas balançavam e gemiam à leve brisa do mar. Alexis caminhava com passos hesitantes pela rua empoeirada, sorvendo com os olhos tudo que via: uma igreja à sua direita com uma sólida porta esculpida, um prédio que, a julgar pelas grandes molduras das janelas do térreo, evidentemente, havia sido uma loja e uma construção um pouco mais elegante e isolada com uma sacada de madeira, uma porta em arco e os resquícios de um jardim murado. Um silêncio profundo, arrepiante, pairava sobre tudo.

Nos cômodos térreos das casas, arbustos de brilhantes florezinhas selvagens cresciam em abundância, e nos andares de cima goivos brotavam por entre as rachaduras no gesso. Muitos dos números das casas ainda estavam visíveis, e os algarismos desbotados — 11, 18, 29 — levaram Alexis a imaginar que atrás daquelas portas de entrada vidas de verdade haviam sido vividas. Ela continuou a andar, enfeitiçada. Não estava sonhando, mesmo assim percebia algo totalmente irreal em relação a tudo aquilo.

Passou pelo que deveria ter sido um café, um salão maior e um prédio com fileiras de pias de concreto que ela supôs ter sido uma lavanderia. A seu lado havia os restos de uma construção feia de três andares, com grades de ferro fundido nas sacadas. O tamanho do prédio contrastava estranhamente com as casas, e era difícil pensar que alguém tivesse construído aquilo apenas setenta anos antes e julgado que fosse o auge da modernidade. Agora suas imensas janelas estavam escancaradas para a brisa do mar, e fios elétricos penduravam-se do teto como punhados de espaguete congelado. Era, talvez, o prédio mais sombrio de todos.

Depois da cidade, Alexis chegou a uma trilha cheia de mato que conduzia a um lugar onde não havia nenhum sinal de civilização. Era uma elevação natural, com um penhasco abrupto que ia dar no mar centenas de metros mais abaixo. Ali, permitiu-se imaginar a infelicidade dos leprosos e pensar no desespero com que talvez tivessem ido àquele mesmo local para pensar em dar um basta em tudo. Fitou o horizonte curvo. Até agora, estivera tão absorta pelo ambiente, tão inteiramente mergulhada na densa atmosfera daquele lugar, que não lhe ocorrera nenhum pensamento sobre sua própria situação. Ela era a única pessoa em toda aquela ilha, e isso a levou a enfrentar um fato: estar sozinha não significava necessariamente sentir solidão. Era possível ficar sozinha em uma multidão. A ideia lhe deu força para o que talvez tivesse de fazer ao voltar: começar sozinha a fase seguinte da própria vida.

Ao retornar para a cidade silenciosa, pelo mesmo caminho que fizera na ida, Alexis descansou um pouco sentada em um degrau de pedra, e bebeu um pouco da água que levava. Nada se movia, à exceção de um lagarto que eventualmente corria pelo meio das folhas secas que agora cobriam o chão daquelas casas decrépitas. Por uma fenda na casa em ruínas à sua frente ela viu um pedacinho do mar, e, além dele, a ilha principal. Dia após dia os leprosos deviam ter olhado para Plaka do outro lado e conseguido ver cada edifício, cada barco — talvez até as pessoas cuidando de seus afazeres diários. Ela podia apenas imaginar o quanto essa proximidade devia tê-los deixado atormentados.

Que histórias os muros daquela cidade seriam capazes de contar? Certamente, deveriam ter presenciado muito sofrimento. Não era necessário dizer que ser leproso e estar preso ali naquela ilha rochosa devia ser o pior destino possível de se imaginar. No entanto, Alexis estava acostumada a fazer deduções a partir de fragmentos arqueológicos, e podia afirmar, com base no que havia sobrado daquele lugar, que a vida ali reservava uma gama mais complexa de emoções a seus habitantes do que simples tristeza e desespero. Se a existência ali fosse totalmente abjeta, por que haveriam cafés? Por que havia ali um prédio que só poderia ter sido a prefeitura? Ela podia sentir a melancolia, mas também via sinais

de normalidade. Fora isso que a deixara surpresa. Aquela pequena ilha tinha sido uma comunidade, não apenas um lugar para morrer — pelo menos era isso que os resquícios de sua estrutura deixavam claro.

O tempo passara depressa. Quando Alexis olhou para o relógio, viu que já eram cinco horas da tarde. O sol lhe parecera ainda tão alto, e o calor tão intenso, que perdera toda a noção do tempo. Levantou-se num pulo, o coração acelerado. Embora tivesse apreciado o silêncio e a paz dali, não gostava da ideia de Gerasimo partir sem ela. Apressou-se em voltar pelo túnel escuro e comprido e emergiu no cais do outro lado. O velho pescador estava sentado em seu barco à sua espera, e assim que ela apareceu girou a chave para dar a partida no motor. Certamente, ele não tinha a intenção de ficar ali mais tempo do que o necessário.

A viagem de volta para Plaka durou poucos minutos. Com uma sensação de alívio, Alexis viu o bar onde sua viagem havia começado, e o conhecido e reconfortante carro alugado estacionado logo em frente. A essa altura, a aldeia já voltara à vida. Diante das portas das casas havia mulheres sentadas conversando, e debaixo das árvores, num espaço aberto junto ao bar, um grupo de homens estava reunido em volta de um jogo de cartas, uma cortina de fumaça de seus fortes cigarros pairava no ar. Alexis e Gerasimo voltaram para o bar em seu silêncio já costumeiro, e foram recebidos pela mulher, que ela deduziu ser casada com o barqueiro. Alexis contou um punhado de notas amarfanhadas e entregou-as a ela.

— Quer bebida? — perguntou a mulher com seu inglês precário.

Alexis percebeu que precisava não apenas de uma bebida, mas de comida também. Não comera nada o dia inteiro, e a combinação do calor com a viagem de barco a havia deixado fraca.

Lembrando-se de que a amiga da mãe tinha uma taberna na cidade, ela vasculhou apressadamente a mochila em busca do envelope amassado com a carta de Sofia. Mostrou o endereço à mulher, que imediatamente o reconheceu. Ela segurou Alexis pelo braço, conduziu-a até a rua e seguiu pela beira-mar. Uns cinquenta metros adiante, estendendo-se sobre um pequeno píer em direção ao mar, ficava a taberna. Como uma miragem, suas cadeiras

pintadas de azul e as mesas forradas com toalhas quadriculadas de branco e azul-marinho pareciam chamá-la, e no instante em que foi cumprimentada pelo dono, de nome Stephanos, assim como o restaurante, Alexis soube que ficaria feliz em sentar-se ali e ver o pôr do sol.

Stephanos tinha uma coisa em comum com todos os outros donos de tabernas que ela havia conhecido: um bigode farto, bem aparado. Ao contrário da maioria, porém, não parecia comer tanto quanto servia. Estava cedo demais para os habitantes da cidade jantarem, então Alexis ficou sentada sozinha, a uma mesa bem na pontinha do píer, junto ao mar.

— Fotini Davaras está aqui hoje? — perguntou Alexis, hesitante. — Minha mãe a conhecia, quando era jovem e morava aqui, eu trouxe uma carta para ela.

Stephanos, que falava inglês bem melhor do que o casal do bar, respondeu calorosamente que sua mulher estava, sim, e que iria chamá-la tão logo terminasse de preparar os pratos do dia. Enquanto isso, sugeriu-lhe uma seleção de especialidades locais, para que ela não precisasse se preocupar com o cardápio. Com um copo de retsina gelado na mão e um pedaço de pão na mesa à sua frente para saciar sua fome mais imediata, Alexis sentiu uma onda de contentamento atravessá-la. Experimentara grande prazer com o seu dia de solidão, e saboreou aquele instante de liberdade e independência. Olhou para Spinalonga do outro lado. Liberdade não era algo que os leprosos algum dia haviam experimentado, pensou, mas será que haviam conseguido algo mais em troca disso?

Stephanos voltou com diversos pratinhos brancos empilhados no braço, cada qual contendo uma pequenina porção de algo delicioso e fresco recém-saído de sua cozinha — camarões, flores de abobrinha recheadas, tzatziki e empadinhas de queijo. Alexis se perguntou se já tinha sentido tanta fome, ou sido presenteada com uma comida de aspecto tão delicioso.

Ao se aproximar de sua mesa, Stephanos a surpreendeu olhando na direção da ilha. Ficou intrigado com aquela inglesa solitária que, conforme Ariana, mulher de Gerasimo, havia explicado, passara a tarde sozinha em Spinalonga. No auge do verão, vários barcos

lotados de turistas faziam a travessia diariamente — mas a maioria só se demorava uma hora, no máximo, e depois era levada de ônibus até um dos grandes resorts que ficavam na costa, mais abaixo. Grande parte só ia até lá satisfazer uma curiosidade mórbida, e, a julgar pelos trechos de conversa que ele escutava quando eles se davam ao trabalho de parar em Plaka para comer, em geral, ficavam decepcionados. Parecia que esperavam ver mais do que um punhado de casas decrépitas e uma igreja fechada com tábuas de madeira. “O que eles esperavam?”, ele sempre se sentia tentado a perguntar. Cadáveres? Muletas abandonadas? A insensibilidade dos turistas sempre o deixava irritado. Mas aquela mulher não era como eles.

— O que achou da ilha? — perguntou Stephanos.

— Fiquei surpresa — respondeu Alexis. — Esperava que fosse horrivelmente melancólica... e era mesmo... mas era muito mais do que isso. Estava óbvio que as pessoas que viviam ali faziam mais do que ficar sentadas sentindo pena de si mesmas. Pelo menos foi essa a impressão que tive.

Aquela não era nem de longe a reação habitual dos visitantes que iam a Spinalonga, se bem que a moça havia passado mais tempo lá do que os outros. Parecia querer conversar e, como estava sempre disposto a treinar seu inglês, Stephanos não iria desencorajá-la.

— Não sei muito bem por que achei isso... estou certa? — perguntou ela.

— Posso me sentar? — pediu Stephanos, arrastando uma cadeira pelo chão sem esperar resposta. Instintivamente percebeu que aquela mulher havia sido tocada pela magia de Spinalonga. — Minha esposa tinha uma amiga que morava lá — disse ele. — Ela é uma das poucas pessoas por aqui que ainda têm alguma ligação com a ilha. Todos os outros se afastaram o máximo possível depois de a cura ser descoberta. Com exceção do velho Gerasimo, é claro.

— Gerasimo... era leproso? — perguntou Alexis, um pouco atônita. Isso, com certeza, explicaria sua pressa em ir embora da ilha depois de deixá-la lá. Sua curiosidade agora estava totalmente aguçada. — E sua mulher, ela costumava visitar a ilha?

— Muitas, muitas vezes — respondeu Stephanos. — Ela conhece mais aquela ilha do que qualquer outra pessoa por aqui.

A essa altura outros clientes começaram a chegar e ele se levantou da cadeira de assento de vime para conduzi-los até suas mesas e entregar-lhes os cardápios. O sol havia descido abaixo do horizonte e o céu adquirira uma tonalidade rosa-escuro. Andorinhas mergulhavam e traçavam círculos, capturando insetos no ar, que esfriava rapidamente. Uma eternidade pareceu ter passado. Alexis havia comido tudo que Stephanos colocara na sua frente, mas ainda estava com fome.

Quando pensou em entrar na cozinha para escolher o que comer em seguida, hábito perfeitamente aceitável para clientes de restaurantes em Creta, o prato principal chegou.

— É o peixe do dia — disse a garçonete, depositando sobre a mesa uma travessa oval. — Barbouni. Acho que em inglês se chama red mullet, salmonete. Espero que esteja preparado a seu gosto... está só grelhado, com ervas frescas e um pouco de azeite.

Alexis ficou pasma. Não apenas com a apresentação perfeita do prato e com o inglês da garçonete, suave, quase sem sotaque, mas sobretudo com a beleza da mulher. Ela sempre se perguntara que tipo de rosto teria sido capaz de fazer mil navios zarparem ao mar. Devia ter sido um rosto como aquele.

— Obrigada — disse por fim. — Parece maravilhoso.

Aquela pessoa tão bonita pareceu prestes a lhe virar as costas, mas então fez uma pausa.

— Meu marido falou que você perguntou por mim.

Alexis ergueu os olhos, surpresa. Sua mãe lhe dissera que Fotini tinha setenta e poucos anos, e aquela mulher ali era esbelta, quase não tinha rugas, seus cabelos, presos no alto da cabeça, ainda tinham a cor de castanhas maduras. Não era a velha que Alexis esperava encontrar.

— A senhora não é... Fotini Davaras? — perguntou ela, hesitante, levantando-se.

— Sou sim — afirmou a mulher com gentileza.

— Tenho uma carta para a senhora — disse Alexis, recompondo-se. — Da minha mãe, Sofia Fielding.

O rosto de Fotini Davaras se iluminou.

— Você é filha da Sofia! Meu Deus, que maravilha! — exclamou.
— Como ela está? Como ela está?

Fotini pegou com grande entusiasmo a carta que Alexis lhe estendeu, apertando-a junto ao peito como se se tratasse da própria Sofia.

— Estou tão feliz. Não tenho notícias desde que a tia dela morreu, alguns anos atrás. Até então ela costumava me escrever quase todo mês, depois, simplesmente parou. Fiquei muito preocupada quando algumas das minhas últimas cartas não tiveram resposta.

Tudo aquilo era novidade para Alexis. Não sabia que a mãe costumava enviar cartas para Creta com tanta regularidade — e com certeza não fazia ideia de que algum dia houvesse recebido alguma. Estranho que durante todos aqueles anos a própria Alexis nunca tivesse visto uma carta com carimbo postal grego — estava certa de que se lembraria, já que sempre fora a primeira a acordar e invariavelmente era quem recolhia as cartas de cima do capacho. Parecia que a mãe devia ter se esforçado bastante para esconder essa correspondência.

Mas agora Fotini segurava os ombros de Alexis e examinava seu rosto com os olhos amendoados.

— Deixe-me ver... sim, sim, você é um pouco parecida com ela. Mas é ainda mais parecida com a pobre Anna.

Anna? Em todas as ocasiões em que tentara extrair da mãe alguma informação sobre a tia e o tio cor de sépia que a haviam criado, Alexis nunca escutara esse nome.

— A mãe da sua mãe — acrescentou Fotini depressa, reconhecendo no mesmo instante o olhar intrigado no rosto da moça. Algo parecido com um calafrio desceu pela espinha de Alexis. Em pé na penumbra do crepúsculo, com o mar então negro como tinta às suas costas, ela quase foi derrubada pela extensão dos segredos que a mãe guardava, e pela percepção de que estava conversando com alguém que talvez soubesse algumas respostas.

— Venha, sente aqui, sente aqui. Você tem que comer o barbouni — disse Fotini. A essa altura Alexis já tinha praticamente

perdido o apetite, mas sentiu que seria educado cooperar, e as duas se sentaram.

Apesar do fato de querer fazer todas as perguntas de uma só vez — estava quase explodindo —, Alexis deixou-se interrogar por Fotini, cujas perguntas eram ainda mais curiosas do que pareciam. Como estava sua mãe? Ela era feliz? Como era o pai de Alexis? O que a levava a Creta?

Fotini era tão calorosa quanto a noite, e Alexis se pegou respondendo às perguntas de forma bastante sincera. Aquela mulher tinha idade suficiente para ser sua avó, mas era muito diferente de como ela esperava que fosse uma avó. Fotini Davaras era a antítese da velha senhora curvada vestida de preto que ela imaginara quando sua mãe lhe entregara a carta. Seu interesse por Alexis parecia totalmente genuíno. Fazia muito tempo — se é que algum dia isso acontecera — que ela não falava com alguém assim. Já acontecera de o seu orientador na universidade a escutar como se o que estava dizendo tivesse real importância, mas bem lá no fundo ela sabia que era só porque ele era pago para isso. Não demorou muito para Alexis começar a fazer confidências a Fotini.

— Minha mãe sempre guardou segredo em relação à sua juventude — disse. — Tudo que eu sei na verdade é que ela nasceu perto daqui e foi criada pelo tio e pela tia... e que foi embora quando tinha dezoito anos e nunca mais voltou.

— Você só sabe isso mesmo? — indagou Fotini. — Ela não contou mais nada?

— Não, nada. Em parte é por isso que estou aqui. Quero saber mais. Quero saber o que fez minha mãe virar as costas para o passado desse jeito.

— Mas por que agora? — quis saber Fotini.

— Ah, por vários motivos — respondeu Alexis, baixando os olhos para o prato. — Mas o maior deles tem a ver com meu namorado. Percebi recentemente como minha mãe teve sorte de ter encontrado meu pai... sempre tinha pensado que o relacionamento deles fosse comum.

— Que bom que eles são felizes. Na época tudo pareceu um furacão, mas todos ficamos muito esperançosos por eles estarem tão

radiantes e contentes.

— Mas que estranho. Eu sei tão pouca coisa sobre a minha mãe. Ela nunca fala sobre a infância, nunca fala sobre ter morado aqui...

— Não? — exclamou Fotini.

— O que eu sinto é que descobrir mais sobre a minha mãe talvez possa me ajudar — disse Alexis. — Ela teve a sorte de encontrar alguém que podia realmente amar, mas como é que ela soube que ele seria a pessoa certa para sempre? Já faz mais de cinco anos que estou com Ed, só que não tenho certeza se deveríamos estar juntos ou não.

Esta afirmação era muito pouco característica da habitualmente pragmática Alexis, e teve consciência de que poderia soar um tanto nebulosa, quase fantasiosa para alguém que conheceria havia menos de duas horas. Além do mais, ela se afastara do assunto em pauta; como poderia esperar que aquela grega, por mais gentil que fosse, se interessasse por ela?

Stephanos se aproximou nesse momento para tirar a mesa, e dali a minutos voltou com xícaras de café e dois generosos copos de conhaque cor de melado. Outros clientes haviam chegado e ido embora ao longo da noite e, mais uma vez, a mesa de Alexis era a única ocupada.

Aquecida pelo café quente e ainda mais pelo forte Metaxa, Alexis perguntou a Fotini há quanto tempo ela conhecia sua mãe.

— Praticamente desde o dia em que ela nasceu — respondeu a mulher. Mas parou por ali, sentindo o grande peso da responsabilidade. Quem era ela, Fotini Davaras, para dizer àquela moça coisas sobre o passado da sua família que a própria mãe evidentemente desejara esconder dela? Foi somente então que Fotini se lembrou da carta que havia enfiado no avental. Pegou-a e com uma faca que estava na mesa ao lado abriu-a rapidamente.

Querida Fotini,

Por favor me perdoe por não escrever há tanto tempo. Sei que não preciso explicar os motivos, mas acredite quando digo que penso muito em você. Essa é minha filha, Alexis. Será que você

pode tratá-la com a mesma gentileza com que sempre me tratou — acho que eu nem preciso pedir isso, não é?

Alexis está muito curiosa sobre a história dela — é compreensível, mas para mim tem sido quase impossível contar a ela qualquer coisa. Não é estranho como o passar do tempo pode tornar mais difícil do que nunca revelar as coisas?

Sei que ela vai lhe fazer muitas perguntas — minha filha é uma historiadora nata. Poderia responder às perguntas, por favor? Os seus olhos e ouvidos testemunharam a história toda — acho que você vai poder fazer um relato mais verídico do que eu jamais seria capaz.

Conte tudo para ela, Fotini. Ela lhe será eternamente grata. Quem sabe, talvez até volte para a Inglaterra e consiga me revelar coisas que eu própria nunca soube. Pode mostrar a ela onde eu nasci — sei que ela vai se interessar por isso — e levá-la até Agios Nikolaos?

Todo meu amor para você e Stephanos — e, por favor, transmita minhas calorosas saudações a seus filhos também.

Obrigada, Fotini.

Sua amiga de sempre, Sofia

Ao terminar de ler a carta, Fotini dobrou-a com cuidado e tornou a colocá-la no envelope. Olhou para Alexis, do outro lado da mesa, que ficara estudando com curiosidade cada expressão, enquanto examinava o pedaço de papel amassado.

— Sua mãe me pediu para lhe contar tudo sobre a sua família — disse Fotini —, mas essa não é uma história para a hora de dormir. Nós fechamos a taberna no domingo e na segunda, e eu tenho todo o tempo do mundo neste final de temporada. Por que não passa um ou dois dias aqui conosco? Eu teria o maior prazer se aceitasse. — Os olhos de Fotini cintilavam na escuridão. Pareciam úmidos, mas Alexis não saberia dizer se eram lágrimas ou apenas entusiasmo.

Percebeu instintivamente que aquele talvez fosse o melhor investimento de tempo que poderia fazer em toda sua vida, e não havia dúvida de que a história de sua mãe poderia ajudá-la mais a longo prazo do que qualquer outra visita a mais um museu. Que

importância tinha examinar as relíquias frias de civilizações passadas quando podia dar vida à própria história? Não havia nada que a impedisse de ficar. Bastava uma curta mensagem de texto avisando a Ed que iria passar um ou dois dias ali. Mesmo sabendo que esse era um ato de descaso quase cruel em relação ao namorado, sentia que aquela oportunidade justificava certo egoísmo. Na realidade, estava livre para fazer o que quisesse. Foi um instante de silêncio. O mar escuro e parado dava a impressão de ter prendido a respiração, e no céu claro lá em cima a constelação mais brilhante de todas, Órion, o caçador que havia sido morto e colocado no céu pelos deuses, parecia esperar sua decisão.

Aquela talvez fosse a única oportunidade que Alexis teria na vida de capturar os fragmentos da própria história antes que estes se dissipassem na brisa. Ela sabia que só havia uma resposta possível para o convite.

— Obrigada — falou baixinho, tomada subitamente de exaustão.
— Eu adoraria ficar.

CAPÍTULO 2

Alexis dormiu um sono profundo naquela noite. Quando ela e Fotini finalmente foram se deitar já passava de uma da manhã, e o efeito acumulado da longa viagem de carro até Plaka, da tarde em Spinalonga e da embriagante mistura de meze com Metaxa a fez mergulhar em um sono profundo e sem sonhos.

Eram quase dez horas quando um sol luminoso começou a entrar pela nesga entre as grossas cortinas de tecido rústico e lançou um raio em cima do travesseiro de Alexis. Quando a luz a acordou, escorregou instintivamente mais para baixo dos lençóis para cobrir o rosto. Nas duas semanas anteriores, dormira em vários quartos desconhecidos, e a cada vez que acordava havia um instante de confusão antes de se adaptar ao ambiente onde estava e se deixar arrastar para o aqui e agora. A maioria dos colchões nas pensões

baratas onde ela e Ed haviam se hospedado era afundada no meio, ou então tinha molas de metal saindo pelo tecido. Nunca fora difícil levantar dessas camas pela manhã. Mas aquela era totalmente diferente. Na verdade, o quarto inteiro era diferente. A mesa redonda com toalha de renda, o banquinho com assento de tecido desbotado, o grupo de aquarelas emolduradas na parede, a vela toda coberta de cera derretida, o arranjo aromático de lavanda pendurado atrás da porta e as paredes pintadas de azul-claro combinando com a roupa de cama: tudo isso tornava o quarto mais aconchegante até do que sua própria casa.

Quando abriu as cortinas, Alexis deparou com a vista estonteante de um mar cintilante e da ilha de Spinalonga, que na bruma trêmula do calor parecia ainda mais distante, mais remota do que na véspera.

Ao partir de Hania na manhã anterior, não tivera a intenção de ficar em Plaka. Imaginara um encontro breve com a mulher idosa da infância da mãe e um curto passeio pela aldeia antes de voltar para junto de Ed. Por esse motivo, não levava nada além de um mapa e sua máquina fotográfica — e certamente não previu que iria precisar de uma muda de roupa ou de escova de dentes. Fotini, porém, veio rapidamente em seu socorro, emprestando-lhe tudo de que precisava — uma das camisas de Stephanos para dormir e uma toalha limpa, embora já meio puída. De manhã, ao pé da cama, encontrou uma camisa florida — não fazia de forma alguma seu estilo mas, depois do calor e da poeira do dia anterior, ela ficou grata pela roupa limpa. Foi um gesto tão maternal que não podia ignorá-lo — mesmo que a combinação entre o rosa e o azul-claro da blusa e seu short de lona cáqui parecesse meio improvável, que importância tinha isso? Alexis passou uma água no rosto na pequena pia que ficava no canto do quarto e examinou a pele bronzeada no espelho. Estava tão animada quanto uma criança prestes a ler o capítulo crucial de uma história. Nesse dia, Fotini seria sua Sherazade.

Vestida com a blusa de algodão duro, passada a ferro, que lhe provocava uma sensação desconhecida, Alexis desceu a escura escada dos fundos, levada até lá pelo cheiro irresistível de um café

forte recém-passado, e deparou com a cozinha do restaurante. Fotini estava sentada diante de uma mesa enorme no meio do aposento. Embora limpa com esmero, a mesa ainda assim parecia guardar as manchas de cada pedaço de carne que tinha sido moído ali e de cada erva pulverizada em sua superfície. Aquela mesa também deveria ter testemunhado mil acessos de raiva no intenso calor da cozinha. Fotini levantou-se para cumprimentá-la.

— Kalimera, Alexis! — disse ela, de forma calorosa.

Fotini estava usando uma blusa parecida com a que emprestara a Alexis, embora a dela tivesse tons de ocre que combinavam com a saia rodada que se abria descendo de sua cintura fina e chegava quase até os tornozelos. A primeira visão de sua beleza, que na noite anterior à luz suave do crepúsculo tanto impressionara Alexis, não estava equivocada. O físico escultural e os grandes olhos da cretense lembravam-lhe as imagens do grande afresco minoano de Cnossos, aqueles vívidos retratos que sobreviveram a milhares de anos de agressões do tempo e mesmo assim tinham uma simplicidade notável que os fazia parecer tão contemporâneos.

— Dormiu bem? — perguntou Fotini.

Alexis reprimiu um bocejo, aquiesceu e sorriu para a mulher, agora ocupada arrumando em cima de uma bandeja um bule de café, algumas xícaras e pires de tamanho generoso e um pedaço de pão que acabara de tirar do forno.

— Desculpe, é pão requentado. É o único defeito dos domingos por aqui: o padeiro não levanta da cama. Então temos que comer cascas de pão secas recheadas de ar — disse Fotini, bem-humorada.

— Ar fresco para mim está mais do que bom, contanto que venha acompanhado de café também fresco — retrucou Alexis, seguindo a mulher por uma cortina feita das onipresentes tiras de plástico e saindo para a varanda, onde todas as mesas da véspera estavam sem suas toalhas de papel e agora pareciam estranhamente nuas com os tampos de fórmica vermelhos.

As duas sentaram-se de frente para o mar que lambia as pedras mais abaixo. Fotini inclinou o bule e o denso líquido negro jorrou em um jato para dentro da porcelana branca. Depois das intermináveis xícaras de Nescafé, servidas como se os grãos de café solúvel

fossem uma rara delícia, Alexis teve a impressão de que nunca provara um café tão forte e delicioso quanto aquele. Parecia que ninguém tinha coragem de dizer aos gregos que o Nescafé não era mais uma novidade — o que todos desejavam, inclusive ela, era aquele líquido antiquado e espesso. O sol de setembro tinha um brilho claro e um calor agradável que, depois das altas temperaturas de agosto, fazia dele um dos melhores meses em Creta. O calor intenso do auge do verão abrandara e os ventos desagradáveis e quentes também haviam passado. As duas mulheres sentaram-se uma na frente da outra na sombra do toldo e Fotini pousou a mão escura e enrugada sobre a de Alexis.

— Estou tão contente por ter vindo — disse ela. — Você não pode imaginar como estou contente. Fiquei muito magoada quando sua mãe parou de escrever... entendi perfeitamente, mas foi um elo muito importante com o passado que se rompeu.

— Eu não fazia ideia de que minha mãe costumava escrever para a senhora — disse Alexis, com a sensação de que deveria pedir desculpas em nome de Sofia.

— O início da vida dela foi difícil — continuou Fotini —, mas todos nós tentamos, tentamos mesmo, fazer com que ela fosse feliz e ajudar da melhor maneira possível.

Ao ver a expressão intrigada de Alexis, Fotini percebeu que precisava diminuir o ritmo. Serviu a ambas outra xícara de café, dando a si mesma um instante para pensar em por onde começar. Parecia-lhe que teria de retroceder ainda mais do que havia inicialmente imaginado ser necessário.

— Eu poderia dizer: “Vou começar do começo”, mas não existe nenhum começo de verdade — continuou. — A história de sua mãe é a história de sua avó, e é também a história de sua bisavó. É a história de sua tia-avó também. A vida de todas elas sempre esteve interligada, e é isso o que na verdade queremos dizer quando falamos de destino na Grécia. Nosso suposto destino é, em grande parte, traçado por nossos antepassados, não pelas estrelas. Quando falamos em história antiga aqui, sempre nos referimos ao destino... mas na verdade não estamos falando do incontável. É claro que alguns acontecimentos parecem vir do nada e mudam o curso de

nossa vida, mas o que realmente determina o que acontece conosco são as ações das pessoas que nos rodeiam agora e que vieram antes de nós.

Alexis começou a se sentir levemente inquieta. O tesouro impenetrável do passado da mãe, trancado com tanto cuidado durante toda sua vida, estava prestes a ser descoberto. Todos os segredos iriam emergir lá de dentro, e ela se pegou questionando se de fato desejava isso. Olhou para o mar, para o débil contorno de Spinalonga, e lembrou-se, já com alguma nostalgia, da tarde solitária passada lá. Pandora havia se arrependido de abrir sua caixa. Será que a mesma coisa iria acontecer com ela?

Fotini percebeu para onde Alexis estava olhando.

— Sua bisavó morou naquela ilha — disse. — Ela era leprosa.

A mulher não esperava que suas palavras fossem soar tão ríspidas, tão insensíveis, e se deu conta na mesma hora que haviam feito a moça se retrair.

— Leprosa? — perguntou Alexis, com uma voz quase sufocada pelo choque. Aquela ideia lhe causava repulsa, mesmo que soubesse que sua reação provavelmente era irracional, achou difícil esconder seus sentimentos. Ficara sabendo que o velho barqueiro tinha sido leproso, e vira com os próprios olhos que pelo menos de forma visível ele não era desfigurado. Ainda assim, sentiu-se horrorizada ao saber que alguém de seu próprio sangue havia sido leproso. Isso era totalmente diferente, e ela se sentiu estranhamente enojada.

Para Fotini, que crescera à sombra da colônia, a lepra sempre fora uma coisa normal. Vira mais leprosos chegarem a Plaka para fazerem a travessia até Spinalonga do que seria capaz de contar. Também testemunhara os diferentes estados das vítimas da doença: alguns, terrivelmente desfigurados, outros, aparentemente intactos. Intocáveis, na verdade, era a última coisa que eles pareciam ser. Mas ela compreendia a reação de Alexis. Era a reação natural de alguém que tinha informações sobre a lepra pelas histórias do Velho Testamento e pela imagem de um doente sacudindo um sino e gritando: “Imundo! Imundo!”

— Deixe-me explicar melhor — propôs ela. — Sei o que você imagina que seja a lepra, mas é importante que saiba a verdade, ou

então nunca vai entender a verdadeira Spinalonga, a Spinalonga que foi o lar de tantas pessoas boas.

Alexis continuou a fitar a ilhota do outro lado da água reluzente. Sua visita da véspera parecera repleta de imagens conflitantes: os restos de elegantes villas à italiana, jardins e até lojas, e o espectro de um mal que ela vira ser retratado nos filmes épicos como uma morte em vida que pairava acima deles. Ela sorveu outro gole do café viscoso.

— Eu sei que a doença nem sempre é fatal — disse, quase na defensiva —, mas sempre deixa sequelas horríveis, não é?

— Não da forma que você imagina — respondeu Fotini. — Não é uma doença que se alastra com rapidez e intensidade como a peste. Algumas vezes, leva anos para se manifestar... Essas imagens que você viu de pessoas terrivelmente aleijadas são de quem sofreu durante anos, décadas talvez. Existem dois tipos de lepra, e um deles se manifesta muito mais devagar do que o outro. Ambos têm cura hoje em dia. Mas sua bisavó não teve sorte. Ela pegou o tipo da doença que se desenvolvia com mais rapidez, e nem o tempo nem a história estavam a seu favor.

Alexis estava com vergonha de sua reação inicial, envergonhada da própria ignorância, mas a revelação de que alguém da família havia sido leproso tivera nela o efeito de um relâmpago no meio de um céu azul.

— Sua bisavó foi quem sofreu da doença, mas seu bisavô Giorgis também guardou cicatrizes profundas. Antes mesmo de a mulher ficar exilada em Spinalonga, ele fazia entregas na ilha com seu barco de pesca, e continuou o trabalho depois que ela foi para lá. Isso quer dizer que ele testemunhou quase diariamente como a mulher foi aos poucos destruída pela doença. Quando Eleni foi para Spinalonga, a higiene lá era precária, e apesar de ter melhorado muito, os primeiros anos lhe causaram danos irreparáveis. Vou poupar você dos detalhes. Giorgis poupava Maria e Anna dos pormenores. Mas você sabe o que acontece, não sabe? A lepra pode afetar as terminações nervosas, e o resultado é que a pessoa não consegue sentir quando se queima ou se corta. É por isso que os

leprosos ficam tão vulneráveis a infligir dano permanente a si mesmos, e as consequências podem ser desastrosas.

Fotini fez uma pausa. Estava preocupada em não ferir a sensibilidade daquela jovem, mas também estava muito consciente de que alguns elementos da história eram de fato chocantes. Era apenas uma questão de avançar com cautela.

— Eu não quero que sua imagem da família da sua mãe seja dominada pela doença. Não era assim — acrescentou rapidamente. — Olhe. Tenho algumas fotos deles aqui.

Na grande bandeja de madeira, apoiado no bule de café, havia um velho envelope pardo. Fotini o abriu, e o conteúdo foi despejado sobre a mesa. Algumas das fotografias não eram maiores do que bilhetes de trem, outras tinham o tamanho de um cartão postal. Algumas eram brilhantes, com bordas brancas, outras, opacas, mas todas eram monocromáticas, muitas estavam tão apagadas a ponto de serem quase invisíveis. A maioria fora tirada em estúdio, na época em que retratos espontâneos eram impossíveis, e a rigidez das poses das pessoas retratadas as fazia parecer tão distantes e remotas quanto o rei Minos.

A primeira foto em que Alexis concentrou sua atenção foi uma que reconheceu. Era a foto que sua mãe tinha ao lado da cama, da mulher de vestido de renda e do homem de cabelos grisalhos. Ela a pegou.

— Esses são sua tia-avó Maria e seu tio-avô Nikolaos — disse Fotini com visível pontinha de orgulho. — E este aqui — continuou, retirando uma fotografia surrada de baixo da pilha — foi o último retrato dos seus bisavós com as duas filhas.

Ela entregou a foto a Alexis. O homem era mais ou menos da mesma altura da mulher, mas com ombros largos. Os cabelos eram escuros, ondulados, ele tinha um bigode aparado, nariz acentuado e olhos sorridentes, apesar do fato de sua expressão no retrato ser séria e rígida. As mãos pareciam grandes em comparação ao corpo. A mulher a seu lado era esbelta, de pescoço comprido, e muito bonita: seus cabelos estavam amarrados em tranças enroladas no topo da cabeça, seu sorriso era largo e espontâneo. Sentadas em frente aos dois havia duas meninas de vestido de algodão. Uma

delas tinha cabelos fartos e grossos, soltos sobre os ombros, e seus olhos eram quase tão alongados quanto os de um gato. Tinha um olhar travesso e lábios carnudos que não sorriam. A outra estava com os cabelos cuidadosamente trançados, tinha a fisionomia mais delicada e um nariz que se franzia enquanto ela sorria para a câmera. Quase poderia ser descrita como esquelética, e, das duas, era a mais parecida com a mãe, com as mãos pousadas tranquilamente sobre o colo em uma pose comportada, enquanto a irmã tinha os braços cruzados e dirigia um olhar feroz, quase desafiador, ao fotógrafo.

— Esta daqui é Maria — disse Fotini, apontando para a menina que sorria. — E esta daqui é Anna, sua avó — continuou, indicando a outra. — E estes aqui são os pais delas, Eleni e Giorgis.

A mulher espalhou as fotos sobre a mesa, e de vez em quando a brisa as erguia delicadamente do tampo como se lhes insuflasse vida. Alexis viu fotos das duas irmãs quando eram bebês de colo, depois na fase escolar e em seguida já moças, apenas com o pai. Havia também uma foto de Anna de braços dados com um homem que usava um traje típico cretense completo. Era um retrato de casamento.

— Então este deve ser meu avô — disse Alexis. — Anna está muito bonita aqui — acrescentou, em tom de admiração. — Ela parece bastante feliz.

— Hum... o brilho do amor da juventude — disse Fotini. Em sua voz havia uma ponta de sarcasmo que deixou Alexis surpresa, e a moça estava a ponto de fazer mais perguntas quando surgiu outra foto que chamou sua atenção.

— Esta aqui parece minha mãe! — exclamou.

A menininha da fotografia tinha um nariz caracteristicamente aquilino e um sorriso adorável, mas um tanto tímido.

— É sua mãe. Devia estar com uns cinco anos.

Como qualquer coleção de fotos de família, tratava-se de uma seleção aleatória que mostrava apenas fragmentos de uma história. A verdadeira história seria revelada pelas fotos que foram perdidas, ou pelas que jamais haviam sido tiradas, não por aquelas cuidadosamente emolduradas ou guardadas de forma ordenada

dentro de um envelope. Alexis tinha consciência disso, mas pelo menos pudera vislumbrar aqueles parentes sobre os quais a mãe guardara segredo durante tanto tempo.

— Tudo começou aqui em Plaka — disse Fotini. — Logo atrás de onde estamos. Era ali que moravam os Petrakis.

Ela apontou para uma pequena casa na esquina, a poucos passos de onde as duas estavam sentadas tomando café. Era uma construção frágil, caiada, tão modesta quanto qualquer outra casa naquela aldeia simples, mas mesmo assim encantadora. Suas paredes de gesso estavam se esfarelando e as persianas, pintadas e repintadas desde que os bisavós de Alexis haviam morado ali, eram da cor de água-marinha brilhante, descascada e rachada por causa do calor. Uma varanda se projetava acima da porta da frente e cedia sob o peso de vários grandes vasos, de onde gerânios vermelho-sangue caíam em cascata, como se quisessem escapar por entre as grades de madeira esculpida. Era uma casa típica de todas as ilhas gregas, e podia ter sido construída em qualquer momento das últimas centenas de anos. Plaka, assim como qualquer outra aldeia com sorte suficiente para ter sido poupada dos estragos do turismo em massa, parecia estar fora do tempo.

— Foi ali que sua avó e a irmã dela cresceram. Maria era minha melhor amiga; era pouco mais de um ano mais nova do que Anna. O pai delas, Giorgis, era pescador, como a maioria dos homens daqui, e Eleni, sua bisavó, era professora. Na verdade, era muito mais do que uma professora: ela praticamente administrava a escola de ensino fundamental daqui, que ficava um pouco mais adiante na estrada, em Elounda, a cidade pela qual você deve ter passado antes de chegar aqui. Adorava crianças; não apenas as filhas, mas todas as crianças que frequentavam suas aulas. Acho que Anna tinha dificuldades com isso. Era uma menina possessiva, e detestava dividir qualquer coisa, sobretudo o afeto da mãe. Mas Eleni era generosa e tinha tempo para todas as suas crianças, quer fossem do próprio sangue ou simplesmente seus alunos.

“Eu costumava fingir que era mais uma filha de Giorgis e Eleni. Estava sempre na casa deles; tinha dois irmãos, e você pode imaginar como a minha casa era diferente da deles. Minha mãe,

Savina, não parecia se importar com isso. Ela e Eleni eram amigas de infância e compartilharam tudo desde muito pequenas, talvez, por isso, ela não pensasse que poderia me perder. Na verdade, acho que ela sempre acalentou uma fantasia de que Maria ou Anna acabariam se casando com um dos meus irmãos.

“Quando eu era pequena, provavelmente passava mais tempo na casa dos Petrakis do que na minha, mas a situação se inverteu mais tarde, e Anna e Maria praticamente foram morar conosco.

“Nessa época, e durante toda a nossa infância, o parquinho de diversões era a praia, que mudava constantemente, e nunca nos cansávamos dela. Nadávamos todos os dias, de maio ao início de outubro, e passávamos as noites nos remexendo por causa da aspereza insuportável da areia que ficava entre os nossos dedos dos pés, que escorria para o meio dos lençóis. À noite, pescávamos trombeiro, um peixinho miúdo, e pela manhã íamos ver o que os pescadores haviam trazido. No inverno, as marés ficam mais altas. Em geral, havia algum bicho do mar na praia para inspecionarmos: águas-vivas, enguias, polvos; algumas vezes, encontrávamos uma tartaruga imóvel na areia. Qualquer que fosse a estação, voltávamos sempre para a casa de Anna e Maria ao escurecer, e o cheiro bom de massa caseira recém-saída do forno frequentemente nos recebia quando chegávamos: Eleni fazia empadões de queijo fresco para nós, e eu costumava ir mordiscando um deles enquanto subia a ladeira até minha casa na hora de ir dormir...”

— Parece um jeito idílico de ser criança — interrompeu Alexis, enfeitiçada pelas descrições de Fotini daquela infância perfeita, quase de conto de fadas. O que ela realmente queria descobrir, porém, era como tudo tinha terminado. — Como Eleni ficou leprosa? — perguntou à queima-roupa. — Os leprosos podiam sair da ilha?

— Não, claro que não. Era por isso que o lugar era tão temido. No início do século, o governo decretou que todos os leprosos de Creta deveriam ser confinados em Spinalonga. A partir do momento em que os médicos tinham certeza do diagnóstico, as pessoas precisavam deixar as famílias e ir para a ilha. Lá era conhecido como “o lugar dos mortos-vivos”, e não poderia haver descrição melhor.

“Naqueles dias, as pessoas faziam o possível para esconder os sintomas, principalmente pelo fato de as consequências do diagnóstico serem tão terríveis. Não chegou a ser uma surpresa o fato de Eleni ter lepra. Ela nunca prestou atenção no risco de contrair infecções de seus alunos; não conseguia lhes ensinar nada sem tê-los sentados bem perto, e se alguma criança caía no pátio poeirento da escola, ela era sempre a primeira a acudir. Na verdade, descobriu-se que um dos seus alunos tinha lepra.” Fotini fez uma pausa.

— A senhora acha que os pais sabiam que o filho estava infectado? — perguntou Alexis, incrédula.

— Tenho quase certeza — retrucou Fotini. — Eles sabiam que nunca mais iriam ver o menino se alguém descobrisse. Só havia uma atitude responsável que Eleni tinha que tomar depois de descobrir que estava infectada, e ela a tomou. Deu instruções para que todos os alunos da escola fossem examinados e o portador pudesse ser identificado. De fato, houve um menino de nove anos, chamado Dimitri, cujos pais tiveram de aguentar o horror de vê-lo ser tirado deles. Porém a alternativa era bem pior. Pense no contato que as crianças têm quando brincam! Elas não são como os adultos, que mantêm distância uns dos outros. Agarram-se, lutam, caem emboçadas umas por cima das outras. Agora se sabe que a doença em geral só se espalha por meio de um contato íntimo persistente, mas as pessoas naquela época tinham medo de que a escola de Elounda fosse se tornar uma outra colônia de leprosos se não tirassem o menino infectado de lá o mais rápido possível.

— Deve ter sido muito difícil para Eleni... principalmente pela maneira como ela se relacionava com os alunos — disse Alexis, pensativa.

— Sim, foi horrível. Horrível para todos os envolvidos — respondeu Fotini.

Os lábios de Alexis estavam secos, e ela mal se sentia capaz de falar, com medo de que não saísse nenhum som. Para ajudar esse momento a passar, deslizou a xícara vazia na direção de Fotini, que tornou a enchê-la e empurrou-a de volta pela mesa. Enquanto mexia o açúcar com cuidado dentro do líquido escuro rodopiante, ela teve

a sensação de estar sendo tragada para dentro do vórtice de tristeza e sofrimento de Eleni.

Como teria sido isso? Sair de casa e ser aprisionada para sempre, sem poder ter contato com a família, perder tudo que era precioso para ela? Pensou não apenas na mulher que tinha sido sua bisavó, mas também no menino, ambos inocentes de qualquer crime, mas mesmo assim condenados.

Fotini estendeu a mão e pousou-a sobre a de Alexis. Talvez tivesse relatado a história de forma demasiadamente apressada, sem de fato a conhecer bem. Mas aquilo não era nenhum conto de fadas, e ela não podia escolher que capítulos narrar e quais omitir. Se tomasse cuidado excessivo agora, a verdadeira história talvez nunca fosse contada. Viu nuvens escurecerem o semblante de Alexis. Ao contrário dos pálidos filamentos pendurados no céu azul da manhã, aquelas eram escuras e carregadas. Até agora, desconfiava Fotini, a única coisa sinistra na vida de Alexis era a vaga sombra do passado secreto da mãe. Nada mais do que um ponto de interrogação, nada que a fizesse perder o sono à noite. Ela nunca vira doença, muito menos morte. Agora teria que aprender sobre as duas coisas.

— Vamos dar uma volta, Alexis. — Fotini se levantou. — Mais tarde pedimos para Gerasimo nos levar até a ilha... tudo vai fazer mais sentido quando estivermos lá.

Uma caminhada era justamente do que Alexis precisava. Aqueles fragmentos da história da mãe e uma dose exagerada de cafeína fizeram sua cabeça girar, e conforme foram descendo os degraus de madeira até a praia de seixos lá embaixo ela sorveu o ar salgado em grandes golfadas.

— Por que minha mãe nunca me contou nada disso? — perguntou.

— Ela teve os seus motivos, tenho certeza — falou Fotini, sabendo que havia muito mais coisa a dizer. — E talvez, quando você voltar para a Inglaterra, ela explique por que guardou tanto segredo.

As duas passearam pela praia e começaram a subir o caminho pedregoso, margeado de cardos e pés de lavanda, que conduzia

para fora da aldeia. A brisa ali estava mais forte, e Fotini pôs-se a andar mais devagar. Embora estivesse em boa forma para uma mulher na casa dos setenta anos, não tinha a mesma energia de antes, e seu passo tornou-se mais cuidadoso e hesitante à medida que o caminho ficou mais íngreme.

De vez em quando, ela parava e apontava para lugares de Spinalonga que iam surgindo. Por fim, chegaram a uma grande rocha aplainada pelo vento, pela chuva e pelos muitos anos que foi usada como banco. Sentaram-se de frente para o mar, o vento estava agitando os numerosos arbustos ásperos de tomilho selvagem que cresciam à sua volta. Foi ali que Fotini começou a contar a história de Sofia.



Ao longo dos dias seguintes, Fotini contou a Alexis tudo o que sabia sobre sua família, sem esconder nada — dos pequeníssimos seixos das minúcias infantis às pedras maiores da história da própria Creta. Durante o tempo que passaram juntas, as duas mulheres passearam pelas trilhas costeiras, passaram horas sentadas à mesa do jantar e fizeram pequenas viagens até cidades e aldeias próximas no carro alugado de Alexis, enquanto Fotini dispunha as peças do quebra-cabeça dos Petrakis à sua frente. Foram dias durante os quais Alexis sentiu que envelhecia e ficava mais sábia, e Fotini, ao lembrar tantas coisas do passado, sentiu-se novamente jovem. O meio século que separava as duas mulheres desapareceu quase por completo e, passeando de braços dados, elas poderiam até ter sido confundidas com irmãs.

PARTE 2



CAPÍTULO 3

No início de maio Creta tem seus dias mais perfeitos e paradisíacos. Foi numa época assim, quando as árvores estavam quase florindo e os últimos vestígios de neve nas montanhas haviam se derretido em regatos cristalinos, que Eleni deixou Plaka em direção a Spinalonga. Em cruel contraste com esse acontecimento tão sombrio, o céu estava brilhante, tinha um azul sem nuvens. Uma multidão havia se reunido para observar, para chorar, para acenar um último adeus. Mesmo que a escola não tivesse fechado oficialmente nesse dia, em respeito à professora, as salas deviam estar ecoando com o vazio. Tanto alunos como professores desertaram. Ninguém podia perder a oportunidade de dizer adeus à sua querida “Kyria Petrakis”.

Eleni Petrakis era amada em Plaka e nas aldeias próximas. Tinha um carisma que atraía crianças e adultos, e era admirada e respeitada por todos. O motivo era simples. Para ela, lecionar era uma vocação, e seu entusiasmo ardente contaminava as crianças. “Se elas gostarem, vão aprender”, era seu mantra. Estas não eram palavras suas, mas do professor arrebatado que abrira para ela as portas do aprendizado vinte anos antes.

Na véspera de ir embora para sempre, Eleni arrumou um vaso com flores de primavera. Ao colocá-lo no centro da mesa, o pequeno buquê de botões pálidos transformou o cômodo como em um passe de magia. Ela entendeu a força daquele ato simples, o poder do detalhe. Sabia, por exemplo, que o fato de se lembrar do dia do aniversário ou da cor favorita de uma criança podia ser a chave para ganhar seu coração e, em seguida, sua mente. As crianças absorviam informações nas suas aulas em grande parte por quererem agradá-la, não por serem forçadas a aprender, e o processo era ajudado pela forma como dispunha fatos e números,

cada qual escrito em um cartão pendurado no teto, de modo que parecia que um bando de pássaros exóticos pairava permanentemente acima de suas cabeças.

Mas não era apenas a professora querida que estaria fazendo a travessia até Spinalonga nesse dia. As crianças estavam também se despedindo de um amigo: Dimitri, nove anos, cujos pais haviam se esforçado durante um ano ou mais para esconder os sinais de sua doença. A cada mês eram feitas novas tentativas de ocultar as manchas em sua pele: os shorts na altura dos joelhos foram substituídos por calças compridas, sandálias abertas, por pesadas botas, e, no verão, ele era proibido de nadar no mar com os amigos, com medo de que vissem as manchas em suas costas. “Diga que tem medo das ondas!”, implorava sua mãe, o que era obviamente ridículo. Aquelas crianças todas haviam crescido aprendendo a saborear o estonteante poder do mar, e na verdade ansiavam por aqueles dias em que o vento Meltemi transformava o vítreo Mediterrâneo em um oceano revoltado. Somente um maricas tinha medo das ondas. Dimitri passara muitos meses com medo de ser descoberto, sempre sabendo lá no fundo do coração que aquilo era uma situação temporária e que mais cedo ou mais tarde todos saberiam.

Qualquer pessoa não familiarizada com as circunstâncias singulares daquela manhã de verão teria pensado que a multidão estava reunida para um funeral. Havia quase cem pessoas, a maioria mulheres e crianças, e todas exibiam uma triste imobilidade. Todos estavam em pé na praça da aldeia, formavam um grande grupo coeso, silencioso, à espera, respirando em uníssono. Ali perto, em uma rua adjacente, Eleni Petrakis abriu a porta da frente de sua casa e teve a visão pouco comum de uma grande massa de pessoas num espaço habitualmente vazio. Seu primeiro impulso foi se refugiar dentro de casa, mas essa não era uma alternativa possível. Giorgis a esperava junto ao embarcadouro, com alguns de seus pertences já no barco. Ela precisava levar pouca coisa, já que Giorgis poderia fazer novos carregamentos ao longo das semanas seguintes; além disso, só queria tirar o estritamente necessário da casa da família. Anna e Maria ficaram atrás da porta fechada. Os últimos

minutos com as filhas haviam sido os mais angustiantes da vida de Eleni. Ela sentiu um forte desejo de agarrá-las, de apertá-las com um abraço, de sentir suas lágrimas quentes sobre a pele, de acalmar seus corpos trêmulos. Mas não podia fazer nada disso. Não sem correr riscos. O rosto das meninas estava contorcido de dor, seus olhos inchados de tanto chorar. Não havia mais nada a dizer. Quase mais nada a sentir. A mãe estava indo embora. Não voltaria no início daquela noite, carregada de livros, exausta, mas radiante de prazer por estar em casa com elas. Não haveria volta.

As meninas haviam se comportado exatamente como Eleni imaginara. Anna, a mais velha, sempre fora inconstante, e nunca deixava qualquer dúvida em relação ao que estava sentindo. Maria, por sua vez, era mais tranquila, mais paciente, demorava para perder a calma. Era previsível que Anna se mostrasse mais abertamente afetada do que a irmã nos dias que precederam a partida da mãe, e sua incapacidade de controlar as próprias emoções nunca estivera mais patente do que naquele dia. Suplicara à mãe que não fosse, implorara que ficasse, fizera birra, se descontrolara e se descabelara. Em contraste, Maria chorara muito, inicialmente em silêncio, depois com imensos soluços convulsivos que podiam ser ouvidos na rua. O estágio final, porém, foi o mesmo para as duas: ambas ficaram caladas, cansadas, exauridas.

Eleni estava determinada a conter a erupção vulcânica de tristeza que ameaçava submergi-la. Poderia dar total vazão a isso uma vez longe de Plaka, mas a esperança de cada um que estava ali naquele momento era que seu autocontrole permanecesse intacto. Caso ela desmoronasse, seria o fim de todos. As meninas ficaram dentro de casa. Deveriam ser poupadas de ver a figura cada vez mais distante da mãe, uma visão que poderia ficar gravada para sempre em suas memórias.

Era o momento mais difícil da vida de Eleni, e o menos íntimo. Fileiras de olhos tristes a observavam. Sabia que estavam ali para lhe dar adeus, mas nunca na vida ansiara tanto por ficar sozinha. Todos os rostos da multidão eram conhecidos, e todos eram de alguém que ela amava. "Adeus", dizia ela baixinho. "Adeus." Mantinha distância. Seus antigos impulsos de abraçar haviam sofrido

morte súbita dez dias antes, na fatídica manhã em que ela percebera as estranhas manchas na batata da perna. Eram inconfundíveis, sobretudo quando as comparou com uma fotografia no folheto que havia sido distribuído para alertar as pessoas dos sintomas. Nem precisou consultar um especialista para entender a terrível verdade. Sabia, mesmo antes de ir ao médico, que havia contraído a mais temível das doenças. As palavras do Levítico, lidas pelo padre da aldeia mais frequentemente do que necessário, ecoaram em sua mente: Leproso é aquele homem, imundo está; o sacerdote o declarará totalmente imundo, na sua cabeça tem a praga. Também as vestes do leproso, em quem está a praga, serão rasgadas, e sua cabeça será descoberta, e cobrirá o lábio superior, e clamará: Imundo, imundo.

Muitas pessoas ainda acreditavam que as brutais instruções do Antigo Testamento para o tratamento dos leprosos deveriam ser seguidas. Esse trecho era ouvido na igreja havia centenas de anos, e a imagem do leproso homem, mulher ou mesmo criança sendo excluído da sociedade estava profundamente arraigada.

Conforme Eleni caminhava por entre a multidão, Giorgis só conseguia distinguir o alto da cabeça dela, e sabia que o momento que tanto temia havia chegado. Já fora a Spinalonga milhares de vezes e durante anos complementara sua parca renda de pescador fazendo entregas regulares na colônia de leprosos, mas jamais imaginara fazer uma viagem como aquela. O barco já estava pronto, e ele estava em pé observando-a se aproximar, braços cruzados com força por cima do peito, cabeça baixa. Pensou que se ficasse assim, com o corpo tenso, rígido, poderia aplacar as emoções em ebulição e impedir que se derramassem para fora em altos brados involuntários de angústia. Sua capacidade inerente de esconder os próprios sentimentos foi aumentada pelo autocontrole exemplar da mulher. Por dentro, contudo, estava arrasado de dor. "Preciso fazer isso", disse a si mesmo, como se aquela fosse somente mais uma viagem rotineira de barco. A travessia iria se somar às mil outras que ele já havia feito, e depois dela viriam outras mil.

Enquanto Eleni se aproximava do embarcadouro, a multidão permaneceu em silêncio. Uma criança começou a chorar, mas foi

calada pela mãe. Bastava um movimento emocional em falso para aquelas pessoas em luto perderem a compostura. O controle e a formalidade iriam desaparecer, e a dignidade daquele adeus estaria arruinada. Embora as poucas centenas de metros parecessem uma distância impossível, a caminhada de Eleni até o embarcadouro estava quase no fim, e ela se virou para olhar a multidão pela última vez. Então já não podia mais avistar sua casa, mas sabia que as persianas continuavam abaixadas e que as filhas estavam chorando na penumbra.

De repente, ouviram-se gritos. Eram os soluços altos e lancinantes de uma mulher adulta, sua demonstração de dor era tão explícita quanto a de Eleni era controlada. Por um instante, Eleni deteve-se. Aqueles sons pareciam fazer eco a seu próprio estado emocional. Eram a manifestação externa precisa de tudo que sentia por dentro, mas sabia que aquilo não vinha dela. A multidão se agitou, tirando os olhos de Eleni e olhando para trás, na direção do outro lado da praça, onde uma mula fora amarrada a uma árvore e, logo ao lado, uma mulher e um homem estavam em pé. Embora quase engolido pelo abraço da mulher, havia também um menino. O topo da cabeça da criança mal chegava a seu peito, e ela estava curvada por cima dele, com os braços em volta do seu corpo como se nunca mais fosse soltar. “Meu menino!”, gritava em desespero. “Meu menino, meu querido!” O marido estava ao lado dos dois. “Katerina”, pediu. “Dimitri precisa ir. Não temos escolha. O barco está esperando.” Delicadamente, afastou da criança os braços da mãe. Ela pronunciou o nome do filho uma última vez, suavemente, de forma indistinta: “Dimitri...”, mas o menino não ergueu os olhos. Seu olhar estava cravado no chão poeirento. “Venha, Dimitri”, disse o pai com firmeza. E o menino o seguiu.

O menino manteve os olhos cravados nas botas de couro surradas do pai. Tudo que precisava fazer era pisar nas pegadas que elas deixavam na terra batida. Era uma atitude automática — um jogo que haviam jogado muitas vezes, quando o pai dava passos de gigante e Dimitri pulava e se lançava até suas pernas não conseguirem mais se esticar e ele cair para a frente, rindo a valer. Dessa vez, no entanto, os passos do pai eram lentos e hesitantes. O

menino não tinha nenhuma dificuldade em acompanhá-los. O pai havia retirado a carga de cima da mula de olhos tristes e agora equilibrava no ombro o pequeno baú contendo os pertences do filho, no mesmo ombro em que ele havia sido tantas vezes carregado. O caminho em meio à multidão até a beira d'água lhe pareceu muito comprido.

O último adeus entre pai e filho foi breve, quase másculo. Eleni, consciente dessa estranheza, cumprimentou Dimitri, agora concentrada unicamente no menino cuja vida, dali em diante, seria sua maior responsabilidade.

— Venha — disse ela, incentivando-o. — Vamos lá ver nossa nova casa. — Ela segurou a mão do menino e o ajudou a subir no barco como se estivessem partindo para uma aventura, e as caixas empilhadas à sua volta contivessem as provisões para um piquenique.

A multidão assistiu à partida ainda em silêncio. Não havia protocolo para um momento como aquele. Será que deveriam acenar? Será que deveriam gritar adeus? Rostos empalideceram, barrigas se contraíram, corações ficaram pesados. Algumas pessoas nutriam sentimentos ambivalentes em relação ao menino, culpando-o pela situação de Eleni e pela preocupação que agora tinham com a saúde dos próprios filhos. No instante da partida, porém, mães e pais sentiam somente pena dos dois infelizes que estavam deixando as famílias para sempre. Giorgis empurrou o barco para longe do cais e logo os remos estavam ocupados na batalha habitual contra a correnteza. Era como se o mar não quisesse que eles fossem embora. Durante algum tempo, a multidão continuou a olhar, mas, à medida que as figuras foram ficando menos distintas começou a se dispersar.

As últimas a deixarem a praça foram uma mulher mais ou menos da idade de Eleni e uma menina. A mulher era Savina Angelopoulos, criada como irmã de Eleni, e a menina era Fotini, sua filha, que, à maneira das cidades pequenas, era a melhor amiga da filha caçula de Eleni, Maria. Savina usava um lenço em volta da cabeça que escondia os cabelos escuros, ao mesmo tempo que acentuava seus grandes olhos bondosos; a maternidade não fora generosa com seu

corpo, e ela agora era atarracada, tinha as pernas pesadas. Diferentemente, Fotini era esguia como uma muda de oliveira, mas herdara os lindos olhos da mãe. Quando o barquinho já havia quase desaparecido, as duas se viraram e saíram andando depressa. Tinham como destino a casa de porta verde desbotada, a casa de onde Eleni emergira pouco tempo antes. As persianas estavam fechadas, mas a porta da frente não estava trancada; mãe e filha entraram. Logo, Savina pegaria as meninas no colo e daria o abraço que a própria mãe, em sua sabedoria, fora incapaz de lhes dar.



Conforme o barco ia se aproximando da ilha, Eleni segurava a mão de Dimitri cada vez mais forte. Estava contente pelo pobre menino ter alguém que cuidasse dele, e naquela hora sequer pensou na ironia da situação. Iria ensiná-lo e cuidar dele como se fosse o próprio filho, e fazer o possível para garantir que sua educação não fosse interrompida por aquela terrível reviravolta da sorte. Agora estavam próximos o suficiente para ver que havia algumas pessoas junto ao lado externo da muralha da fortaleza, e percebeu que deviam estar esperando por ela. Por que outro motivo estariam ali? Era pouco provável que estivessem prestes a deixar a ilha.

Giorgis manobrou o barco com habilidade na direção do embarcadouro, e depois ajudou a mulher e Dimitri a desembarcarem. Quase inconscientemente, pegou-se evitando contato com a pele nua do menino, segurando seu cotovelo e não sua mão ao auxiliá-lo a descer do barco. Concentrou-se em amarrar o barco bem firme para que pudesse descarregar as caixas em segurança, tentando esquecer que iria embora sem a mulher. O pequeno baú de madeira do menino e o maior, que pertencia a Eleni, logo estavam dispostos sobre o cais.

Agora que estavam em Spinalonga, tanto Eleni quanto Dimitri tinham a impressão de terem cruzado um vasto oceano e de que suas antigas vidas já estavam a um milhão de quilômetros de distância.

Antes de Eleni pensar em olhar para trás mais uma vez, Giorgis tinha partido. Tinham combinado, na noite anterior, que não haveria adeus entre eles, e ambos mantiveram-se firmes nessa decisão. Giorgis já iniciara a viagem de volta e estava a cem metros de distância, com o chapéu enterrado fundo na cabeça, de modo que em seu campo de visão havia apenas as tábuas de madeira escura do barco.

CAPÍTULO 4

O grupo de pessoas em que Eleni havia reparado mais cedo vinha agora em sua direção. Dimitri continuou calado, os olhos fixos nos próprios pés, enquanto ela estendia a mão para o homem que se adiantou para recebê-los. O gesto significava a aceitação do fato de que ali era sua nova casa. Viu-se estendendo a mão para segurar outra mão tão recurvada quanto o cajado de um pastor, e já tão deformada pela lepra que o velho sequer conseguiu cumprimentar Eleni. Mas seu sorriso já dizia o bastante, e ela respondeu com um educado "Kalimera". Dimitri manteve-se recuado, em silêncio. Passaria vários outros dias nesse mesmo estado de choque.

Em Spinalonga era costume os novos integrantes da colônia serem recebidos com certa formalidade, e Eleni e Dimitri foram acolhidos exatamente como se tivessem finalmente alcançado um destino longínquo e há muito sonhado. O fato era que, para alguns leprosos, isso realmente era verdade. A ilha podia lhes proporcionar um ansiado refúgio contra uma vida de errância; muitos dos leprosos haviam passado meses ou até anos vivendo à margem da sociedade, dormindo em taperas, sobrevivendo de restos furtados. Para essas vítimas da doença, Spinalonga era um alívio, um

descanso da abjeta infelicidade que antes suportavam na condição de párias.

O homem que os recebeu era Petros Kontomaris, chefe da ilha. Fora escolhido por voto na eleição anual, junto com um grupo de anciãos, pelos cerca de trezentos habitantes; Spinalonga era um modelo de democracia, e a regularidade das eleições tinha como objetivo garantir que a insatisfação nunca durasse. Era dever de Kontomaris receber todos os recém-chegados, e somente ele e uns poucos outros eleitos tinham permissão de entrar e sair pelo grande portão.

De mãos dadas, Eleni e Dimitri seguiram Petros Kontomaris pelo túnel. Ela provavelmente sabia mais a respeito de Spinalonga do que a maioria das pessoas do outro lado, por causa do trabalho de Giorgis. Mesmo assim, a cena com que deparou lhe causou surpresa. Na rua estreita à sua frente havia uma turba de pessoas. Parecia um dia de feira em Plaka. Pessoas iam e vinham com cestas de frutas e verduras, um padre surgiu da porta de uma igreja e duas mulheres idosas subiam a rua devagar, montadas de lado em seus jumentos de ar cansado. Algumas pessoas se viraram para olhar os recém-chegados, e várias menearam a cabeça em um gesto de boas-vindas.

Eleni olhou em volta, preocupada em não ser grosseira, mas incapaz de conter a curiosidade. Os boatos que sempre escutara eram verdadeiros. A maioria dos leprosos tinha a mesma aparência que ela: aparentemente ilesa.

Uma das mulheres, porém, com a cabeça coberta por um xale, parou para deixá-los passar. Eleni viu de relance um rosto deformado por calombos do tamanho de nozes, e sentiu um calafrio. Nunca na vida vira algo tão medonho, e rezou para Dimitri não ter reparado na mulher.

Os três continuaram a subir a rua, seguidos por outro homem idoso que conduzia dois jumentos que carregavam seus pertences. Petros Kontomaris conversava com Eleni:

— Temos uma casa para vocês. Vagou na semana passada.

Em Spinalonga, vagas só eram abertas quando alguém morria. Independentemente de haver ou não espaço, as pessoas

continuavam a chegar, e isso significava que a ilha estava sempre lotada. Como a política do governo era incentivar os leprosos a irem morar em Spinalonga, havia total interesse em minimizar os problemas na ilha, por isso, de tempos em tempos, eram liberados financiamentos para novas moradias ou para restaurar as antigas. No ano anterior, justo quando as construções existentes já atingiam o limite de sua capacidade, uma construção feia, porém funcional, havia sido concluída, e uma crise de moradia fora evitada. Cada ilhéu voltou a ter um pouco de privacidade. A pessoa que decidia onde os recém-chegados iriam morar era Kontomaris. Ele considerava Eleni e Dimitri um caso especial; seriam tratados como mãe e filho, e por esse motivo ele tinha decidido que eles não iriam morar no prédio novo, mas que ocupariam a casa recém-desocupada na rua principal. Era provável que pelo menos Dimitri ainda fosse passar muitos anos morando lá.

— Kyria Petrakis — disse ele. — Esta vai ser sua casa.

A construção ficava no fim da via central, onde terminavam as lojas, um pouco recuada em relação à rua. Eleni constatou com surpresa que o lugar tinha grande semelhança com sua casa. E disse a si mesma que precisava parar de pensar assim — seu lar era agora aquela velha casa de pedra à sua frente. Kontomaris destrancou a porta e a segurou para a mulher entrar. Lá dentro estava escuro, mesmo em um dia tão luminoso como aquele, e o coração dela se contraiu. Pela centésima vez naquele dia os limites de sua coragem foram postos à prova. Aquele lugar era, sem dúvida, o melhor possível, e era fundamental que fingisse estar satisfeita. Seus principais talentos de representação, a capacidade de atuar que tanto contribuía para seu notável estilo de ensino, foram necessários.

— Vou deixar vocês sozinhos para se acomodarem — disse Kontomaris. — Minha mulher virá visitá-los mais tarde e irá lhes mostrar a colônia.

— Sua mulher? — exclamou Eleni, com mais surpresa na voz do que pretendia. Mas ele estava acostumado àquele tipo reação.

— Sim, minha mulher. Nós nos conhecemos e nos casamos aqui. Isso não é raro, sabe.

— Não, não, tenho certeza de que não é — disse ela, espantada, percebendo que tinha muito a aprender.

Kontomaris fez uma discreta medida e saiu. Eleni e Dimitri ficaram sozinhos, e ambos olharam em volta para aquela escuridão em pleno dia. Com exceção de um tapete esgarçado, tudo que mobiliava o aposento era um baú de madeira, uma mesinha e duas cadeiras bambas de madeira. Lágrimas surgiram nos olhos de Eleni. Sua vida havia se reduzido àquilo. Duas almas dentro de um quarto escuro, e duas frágeis cadeiras que não pareciam sequer capazes de suportar um simples toque, muito menos o peso de um corpo humano. Que diferença havia entre ela e Dimitri e aqueles móveis velhos? Mais uma vez, era importante fingir contentamento.

— Vamos, Dimitri, vamos dar uma olhada lá em cima? Atravessaram o cômodo escuro e subiram as escadas. No alto havia duas portas. Eleni abriu a da esquerda e entrou, abrindo também as persianas. A luz se derramou para dentro do quarto. As janelas tinham vista para a rua, e dali era possível ver ao longe o mar cintilante. Uma cama de metal e mais uma cadeira decrépita eram tudo que aquela cela espartana continha. Eleni deixou Dimitri ali em pé e entrou no outro quarto, menor e ainda mais cinzento. Voltou para onde Dimitri estava.

— Este aqui vai ser o seu quarto — anunciou.

— Meu quarto? — perguntou ele, incrédulo. — Só para mim? — O menino sempre dividira um quarto com os dois irmãos e as duas irmãs. Pela primeira vez seu rostinho exibiu alguma expressão. De forma bastante inesperada, ele descobriu que pelo menos uma coisa em sua vida havia melhorado.

Quando estavam descendo a escada, uma barata correu pela sala e desapareceu atrás da arca de madeira no canto. Eleni a caçaria mais tarde mas, por ora, acenderia as três lamparinas a óleo que ajudariam a iluminar aquela casa soturna. Ao abrir a caixa com seus pertences — que continha quase só livros e outros materiais dos quais precisaria para dar aulas a Dimitri —, encontrou papel e lápis e começou a fazer uma lista: três cortes de algodão para cortinas, dois quadros, algumas almofadas, cinco cobertores, uma frigideira grande e algumas peças de seu melhor serviço de jantar.

Sabia que sua família iria gostar da ideia de estarem todos comendo na mesma louça florida. Outro objeto importante que ela pediu foram sementes. Embora a casa fosse escura, o pequeno quintal na frente a deixou bastante alegre, e ela já estava planejando o que iria plantar. Giorgis voltaria dali a poucos dias, e dali a uma ou duas semanas aquele lugar estaria do jeito que ela queria. Aquela seria a primeira de muitas listas para o marido, e sabia que seria atendida em todos os seus pedidos.

Dimitri sentou-se e ficou olhando Eleni fazer a relação de itens essenciais. Estava um tanto admirado diante daquela mulher que na véspera era sua professora e agora iria cuidar dele não apenas entre oito da manhã e duas da tarde, mas todo o tempo. Ela seria sua mãe, sua meetera. Mas ele nunca conseguiria chamá-la por outro nome que não "kyria Petrakis". O menino se perguntou o que a mãe de verdade estaria fazendo naquele momento. Provavelmente estava mexendo o grande caldeirão, preparando a refeição da noite. Aos olhos de Dimitri, era assim que ela passava a maior parte do tempo, enquanto ele e todos os irmãos e irmãs brincavam na rua em frente à casa. Imaginou se algum dia tornaria a vê-los, e desejou de todo coração estar lá naquele momento, divertindo-se na terra batida. Se tinha tanta saudade deles depois de apenas algumas horas, como se sentiria a cada dia, a cada semana, a cada mês?, perguntou-se. Sua garganta se contraiu até doer tanto que lágrimas escorreram por seu rosto. Então kyria Petrakis apareceu a seu lado, abraçou-o bem junto de si e sussurrou:

— Pronto, pronto, Dimitri. Vai ficar tudo bem... Vai ficar tudo bem.

Se ao menos conseguisse acreditar nela.

Naquela tarde eles desfizeram as malas. Cercar-se de uns poucos objetos conhecidos deveria tê-los deixado mais animados, mas sempre que algum novo pertence surgia, trazia consigo todas as recordações de suas antigas vidas, e não os consolavam. Cada bugiganga, livro ou brinquedo que pegavam lembrava-lhes mais ainda do que haviam deixado para trás.

Um dos tesouros de Eleni era um pequeno relógio, presente dos pais no dia de seu casamento. Ela o colocou no centro do console

acima da lareira, e um tiquetaque delicado passou a preencher os longos silêncios. O relógio tocava a cada hora, e exatamente às três da tarde, antes de as campainhas terem silenciado por completo, ouviu-se uma leve batida na porta.

Eleni abriu bem a porta para acolher sua visitante, uma mulher baixinha, de rosto redondo, com o cabelo repleto de fios grisalhos.

— Kalispera — disse Eleni. — Kyrios Kontomaris me avisou para esperar sua visita. Por favor, entre.

— Este aqui deve ser Dimitri — disse a mulher no mesmo instante aproximando-se do menino, que permaneceu sentado, com a cabeça apoiada nas mãos. — Venha — chamou, estendendo a mão para ele. — Vou levá-los para um passeio. Meu nome é Elpida Kontomaris, mas por favor me chamem de Elpida.

Havia um tom de alegria forçada na voz dela, e o tipo de entusiasmo que alguém fingiria ao levar uma criança aterrorizada ao dentista para arrancar um dente. Saíram da penumbra da casa para a luz do fim de tarde e dobraram à direita.

— A coisa mais importante aqui é o abastecimento de água — começou ela, e seu tom casual traía o fato de que já havia conduzido muitos recém-chegados em passeios pela ilha. Sempre que alguma mulher chegava, o marido a incumbia de recebê-la. Aquela era a primeira vez que ele lhe confiava a tarefa com uma criança também presente, e ela sabia que seria necessário modificar algumas informações que em geral transmitia. Certamente teria de controlar a raiva que sentia quando falava da infraestrutura da ilha.

— Aqui — continuou em tom animado, apontando para uma grande cisterna no sopé da colina — é onde armazenamos nossa água. É um lugar de sociabilidade, e todos passamos bastante tempo aqui conversando e trocando novidades.

Na verdade, o fato de terem de descer várias centenas de metros pela encosta do morro para ir buscar água e depois subir novamente carregando-a lhe dava uma raiva indescritível. Ela ainda conseguia se virar, mas havia outros, mais aleijados, que mal conseguiam erguer um recipiente vazio, que dirá um cheio d'água. Antes de morar em Spinalonga, ela mal erguia um copo d'água, mas agora carregar baldes cheios fazia parte de seu cotidiano. Precisara de

vários anos para se acostumar. As coisas talvez tivessem mudado mais drasticamente para Elpida do que para muitos outros. Originária de uma família abastada de Hania, ela não conhecia o trabalho manual antes de chegar a Spinalonga, dez anos antes; a tarefa mais difícil que executara até então tinha sido bordar uma colcha.

Elpida sempre se fazia de corajosa ao apresentar a ilha, e só apontava os aspectos positivos. Mostrou a Eleni Petrakis as poucas lojas como se fossem as mais elegantes de Iraklion, indicou onde a feira acontecia duas vezes por semana e onde se lavava a roupa. Também levou-a à farmácia, que para muitos era o prédio mais importante de todos. Informou-lhe os horários em que o forno do padeiro era aceso e onde ficava o kafenion, escondido no final de uma ruazinha lateral. O padre Ihes faria uma visita mais tarde, mas enquanto isso Elpida apontou a casa onde ele morava e levou Eleni e Dimitri à igreja. Falou animadamente para o menino sobre os teatrinhos de fantoches encenados uma vez por semana na prefeitura para as crianças, e por fim mostrou a escola, que naquele dia estava vazia, mas três manhãs por semana abrigava a pequena população de crianças da ilha.

Elpida contou a Dimitri sobre as outras crianças da sua idade e tentou lhe arrancar um sorriso ao descrever a diversão e as brincadeiras que faziam juntas, mas, por mais que tentasse, o rosto dele permanecia impassível.

Naquele dia, ela evitou mencionar, sobretudo por causa do menino, a inquietação que vinha aumentando em Spinalonga. Embora muitos dos leprosos tivessem ficado inicialmente gratos pelo abrigo proporcionado pela ilha, desencantaram-se depois de algum tempo, e julgavam-se abandonados, sentindo que suas necessidades eram atendidas apenas minimamente. Elpida tinha certeza de que Eleni logo perceberia a amargura que consumia muitos dos moradores. Isso pairava no ar da ilha.

Como mulher do chefe da ilha, sua posição era difícil. Petros Kontomaris fora eleito pelo povo de Spinalonga, mas sua principal tarefa era agir como mediador e intermediário entre a ilha e o governo. Era um homem sensato, e sabia até onde iam seus limites

em relação às autoridades de Creta, mas Elpida o via enfrentar continuamente na colônia de leprosos uma minoria clamorosa, e por vezes radical, que se sentia maltratada e estava sempre tentando obter melhorias na infraestrutura local. Alguns sentiam que eram simples ocupantes ilegais das ruínas turcas, embora Kontomaris tivesse feito tudo que era possível desde que fora eleito para o cargo. Negociara um estipêndio mensal de vinte e cinco dracmas para cada habitante, uma doação para construir o novo prédio de apartamentos, uma farmácia e uma clínica decentes, e visitas regulares de um médico de fora. Também havia criado um plano que alocava terras para as pessoas que desejassem cultivar suas próprias frutas e legumes, fosse para consumo próprio ou para vender na feira. Em resumo, fizera tudo que fora humanamente possível, mas a população de Spinalonga sempre queria mais, e Elpida não tinha certeza de que o marido tivesse energia para atender às suas expectativas. Preocupava-se constantemente com ele. Kontomaris estava quase com sessenta anos, assim como ela, e sua saúde estava fraquejando. A lepra começava a vencer a batalha por seu corpo.

Elpida testemunhara grandes mudanças desde sua chegada, e a maioria se devia a iniciativas do marido. Mesmo assim, as manifestações de insatisfação aumentavam a cada dia. A situação da água era o principal foco de protestos, sobretudo no verão. O encanamento veneziano, construído centenas de anos antes, recolhia água da chuva em compartimentos em forma de túneis e a armazenava em reservatórios subterrâneos para evitar que evaporasse. O mecanismo era de uma simplicidade engenhosa, mas os túneis estavam começando a ruir. Além disso, semanalmente chegava água doce do outro lado, mas esta nunca era suficiente para mais de duzentas pessoas tomarem banho e beberem. Essa era uma luta diária, mesmo com a ajuda de mulas, sobretudo para os idosos e aleijados. No inverno, o que lhes faltava era eletricidade. Um gerador fora instalado alguns anos antes, e todos haviam imaginado com grande expectativa o prazer do calor e da luz nos dias escuros e frios de novembro a fevereiro. Nada acontecera. O gerador quebrara em apenas três semanas, e nunca mais voltara a

funcionar; encomendas de novas peças eram ignoradas, e o aparelho estava abandonado, já quase totalmente coberto por um emaranhado de ervas daninhas.

Água e eletricidade não eram luxo, eram necessidades, e todos tinham consciência de que um abastecimento insuficiente de água, em particular, poderia encurtar suas vidas. Elpida sabia que, embora o governo fosse obrigado a tornar a existência dos leprosos tolerável, seu compromisso com a melhoria da qualidade de vida deles era apenas uma fachada. Os moradores de Spinalonga estavam revoltados, e ela compartilhava de sua raiva. Por que sofriam com racionamentos em um país de imensas montanhas que se erguiam rumo ao céu, com os picos nevados visíveis nos dias de inverno? Eles queriam um suprimento regular de água potável. E o queriam logo. Já houvera violentas discussões sobre o que fazer, até onde elas eram possíveis para homens e mulheres entre os quais alguns eram aleijados. Elpida se lembrava da ocasião em que um grupo havia ameaçado invadir Creta, e outro sugerira que fizessem reféns. No final, perceberam o quão risível seria o seu bando de invasores, sem barcos, sem armas e, acima de tudo, praticamente sem força.

Tudo que podiam era tentar se fazer ouvir. E era aí que seus poderes de argumentação e diplomacia viravam a arma mais valiosa que tinham. Elpida precisava manter alguma distância entre si e o resto da comunidade, mas seus ouvidos estavam sempre ocupados, sobretudo pelas mulheres, que a consideravam um caminho até o marido. Ela estava cansada de tudo aquilo e pressionava Petros em segredo para que ele não se candidatasse às eleições seguintes. Será que já não dera o suficiente?

Enquanto conduzia Eleni e o menino pelas ruazinhas da ilha, Elpida guardou todos esses pensamentos. Enquanto caminhavam, viu Dimitri agarrado à barra da saia rodada de Eleni, como se quisesse consolo, e suspirou consigo mesma. Que tipo de futuro teria o menino naquele lugar? Quase torcia para que não fosse muito longo.

Eleni se sentiu reconfortada pelo leve puxão em sua saia. Aquilo lhe lembrou que não estava sozinha, que tinha alguém para cuidar.

Na véspera, tinha marido e filhas, e no dia anterior uma centena de rostinhos ansiosos erguia os olhos para ela na escola. Todos haviam precisado dela, e isso lhe dera forças. Aquela nova realidade era difícil de aceitar. Por um instante, imaginou se já teria morrido, e se aquela mulher seria uma quimera conduzindo-a em um passeio pelo Hades, dizendo-lhe onde as almas mortas podiam lavar seus sudários e comprar seus mantimentos imateriais. Sua mente, porém, dizia-lhe que era tudo verdade. Não fora Caronte quem a levara ao inferno e a deixara lá para morrer, mas seu próprio marido. Parou de andar, e Dimitri deteve-se junto com ela. Sua cabeça pendeu junto ao peito, e ela pôde sentir grossas lágrimas brotarem dos olhos. Pela primeira vez, perdeu o controle. Sua garganta se contraiu como se lhe negasse a próxima respiração, e ela deu um arquejo desesperado para sorver o ar para dentro dos pulmões. Elpida, até ali tão descontraída, tão profissional, virou-se de frente para ela e segurou-a pelos braços. Dimitri ergueu os olhos para as duas mulheres. Naquele dia, vira a mãe chorar pela primeira vez. Agora era a vez da professora. As lágrimas escorriam livremente pelo rosto dela.

— Não tenha medo de chorar — disse Elpida, gentilmente. — O menino vai ver muitas lágrimas aqui. Acredite, chora-se muito em Spinalonga.

Eleni enterrou o rosto no ombro de Elpida. Dois passantes pararam e ficaram olhando. Não por estarem diante de uma mulher aos prantos, mas porque estavam curiosos em relação aos recém-chegados. Dimitri desviou o rosto, duplamente envergonhado pelo choro de Eleni e pelos olhares dos desconhecidos. Desejou que o chão que pisava se abrisse, como nos terremotos sobre os quais aprendera na escola, para então engoli-lo. Sabia que Creta era sacudida com frequência, mas por que não naquele dia?

Elpida podia ver como Dimitri se sentia. Os soluços de Eleni haviam começado a incomodá-la também: sentia grande empatia pela mulher, mas queria que ela parasse. Por sorte, estavam bem em frente à sua casa, e conduziu Eleni para dentro, decidida. Por alguns instantes, sentiu-se encabulada pelo tamanho do lugar, que sabia ser muito diferente daquele para o qual Eleni e Dimitri haviam

acabado de se mudar. A casa dos Kontomaris, residência oficial do chefe da ilha, era uma das construções do período da ocupação veneziana, com uma varanda que quase poderia ser descrita como grandiosa, e uma porta da frente precedida por um pórtico.

Eles moravam ali havia seis anos, e Elpida tinha tanta certeza de que o marido sempre obteria a maioria nas eleições anuais que jamais imaginara como seria viver em outro lugar. Agora, era ela quem o estava desencorajando a permanecer no cargo, e era daquilo que teriam de abrir mão caso Petros decidisse não se candidatar. “Mas quem vai ficar no meu lugar?”, perguntava ele. Era verdade. Os únicos outros que, segundo os boatos, iriam se apresentar tinham pouco apoio. Um deles era o principal agitador, Theodoros Makridakis, e embora muitas de suas causas fossem legítimas, seria desastroso para a ilha caso ele obtivesse algum poder. Sua falta de diplomacia significaria que qualquer progresso já conquistado junto ao governo cairia por terra, e era bem provável que alguns privilégios pudessem ser sutilmente retirados, em vez de incrementados. O outro candidato ao cargo era Spyros Kazakis, um homem gentil, mas fraco, cujo único real interesse no cargo era garantir a casa que todos em Spinalonga cobiçavam.

A decoração interior exibia um forte contraste com quase todas as outras casas da ilha. Janelas que iam do chão ao teto deixavam a luz entrar por três lados, e um lustre de cristal ornamentado pendia no meio do salão em uma comprida corrente empoeirada, fazendo as pequenas formas irregulares dos cristais coloridos projetarem desenhos caleidoscópicos nas paredes de tom pastel.

Os móveis estavam gastos, mas eram confortáveis, e Elpida fez um gesto para Eleni se sentar. Dimitri percorreu o aposento, examinando as fotografias emolduradas e espiando para dentro de um armário fechado, com porta de vidro, que abrigava objetos preciosos de memorabilia dos Kontomaris: um jarro de prata trabalhado, uma fileira de rolos de renda, algumas peças de uma louça delicada, mais fotografias emolduradas e, o mais intrigante de tudo, várias fileiras de soldadinhos em miniatura. Ele passou alguns minutos admirando o armário, sem olhar para os objetos atrás do vidro, mas fascinado pelo próprio reflexo. Seu rosto lhe parecia tão

estranho quanto o aposento onde estava, e ele encarou o próprio olhar com alguma inquietação, como se não reconhecesse os olhos escuros que o encaravam de volta. Aquele era um menino cujo universo inteiro coubera nas aldeias de Agios Nikolaos, Elounda, e em alguns vilarejos entre elas, onde moravam primos, tias e tios. Agora, tinha a sensação de ter sido transportado para uma outra galáxia. Seu rosto estava refletido no painel muito polido e, atrás dele, podia ver kyria Kontomaris com os braços ao redor de kyria Petrakis, reconfortando-a enquanto esta chorava. Ficou olhando por alguns instantes, depois tornou a focar os olhos para mais uma vez estudar os soldadinhos tão bem organizados em suas fileiras.

Quando ele se virou para as mulheres, kyria Petrakis já havia se recomposto, e estendeu as duas mãos em sua direção.

— Dimitri — disse ela. — Me desculpe.

O choro de Eleni o deixara chocado, além de envergonhado, mas subitamente ocorreu-lhe a ideia de que ela poderia estar sentindo tanta falta das filhas quanto ele da mãe. Tentou imaginar como a mãe estaria caso tivesse sido mandada para Spinalonga no seu lugar. Segurou as mãos de kyria Petrakis e apertou-as com força.

— Não precisa se desculpar — falou.

Elpida desapareceu cozinha adentro para preparar um café para Eleni e, usando água com açúcar e um pedaço de raspa de limão, uma limonada para Dimitri. Quando voltou, encontrou os dois visitantes sentados, conversando baixinho. Os olhos do menino se iluminaram ao ver o refresco, e ele o bebeu até o fim. Eleni não saberia dizer se era pela doçura do café ou pela amabilidade, mas sentia-se envolvida pela gentileza calorosa de Elpida. Seu papel sempre fora prestar aquele tipo de solidariedade, e ela achava mais difícil receber do que dar. Aquela inversão de papéis seria um desafio.

A luz da tarde começava a esmorecer. Durante alguns minutos, cada um ficou sentado ali, entretido com os próprios pensamentos, o silêncio era rompido apenas pelo cuidadoso tilintar dos copos. Dimitri segurava um segundo copo de limonada. Nunca estivera em uma casa como aquela, em que a luz brilhasse em desenhos da cor do arco-íris e as cadeiras fossem mais macias do que qualquer cama

em que ele já tivesse dormido. Era tão diferente da sua casa, onde cada banco se convertia à noite em local de dormir e cada tapete servia também de cobertor. Ele achava que todo mundo vivesse assim. Mas não ali.

Depois de todos terminarem suas bebidas, Elpida voltou a falar. — Vamos continuar nosso passeio? — perguntou, levantando-se da cadeira. — Tem uma pessoa que quer conhecer vocês.

Eleni e Dimitri seguiram-na para fora da casa. O menino estava relutante em ir embora dali. Gostara daquela casa, e esperava poder um dia voltar e beber limonada novamente, e quem sabe tomar coragem para pedir a kyria Kontomaris que abrisse o armário para poder ver os soldadinhos mais de perto, talvez até tocá-los.

Um pouco mais em cima na rua havia um prédio várias centenas de anos mais novo do que a residência do chefe. Com suas linhas exatas, retas, faltava-lhe a estética clássica da casa que acabavam de deixar para trás. Aquela estrutura funcional era o hospital, e foi ali que pararam.

A chegada de Eleni e Dimitri coincidira com um dos dias em que o médico vinha do continente. Essa inovação, assim como o prédio do hospital, havia sido resultado da campanha de Petros Kontomaris para melhorar o tratamento médico dos leprosos. A primeira dificuldade fora convencer o governo a financiar o projeto, e a segunda fora convencê-lo de que um médico cuidadoso poderia tratá-los e ajudá-los sem correr o risco de contrair a doença. Finalmente eles haviam cedido em todos os pontos, e às segundas, quartas e sextas-feiras um médico de Agios Nikolaos desembarcava na ilha. O profissional que se habilitara para o que a maioria dos colegas considerava uma empreitada perigosa e temerária chamava-se Christos Lapakis. Era um sujeito jovial, de rosto corado, com trinta e poucos anos, era querido pela equipe de dermatovenereologia do hospital e amado por seus pacientes de Spinalonga. Sua cintura volumosa era a prova de seu hedonismo, por si só um reflexo de sua crença de que tudo que se tinha era o aqui e agora, portanto era melhor aproveitar. O fato de ainda ser solteiro decepcionava sua respeitável família em Agios Nikolaos, e ele próprio sabia que não aumentava suas chances de casamento

indo trabalhar em uma colônia de leprosos. Mas isso não o incomodava muito. O trabalho o preenchia, e ele gostava da diferença, embora limitada, que era capaz de fazer na vida daquelas pessoas. Em sua opinião, não existia vida após a morte, não havia uma segunda chance.

O dr. Lapakis passava seu tempo em Spinalonga tratando de ferimentos e orientando os pacientes em relação a todas as precauções extras que podiam tomar, e como o exercício físico podia ajudá-los. A cada nova chegada, sempre conduzia um exame completo. A criação dos Dias do Médico, como as visitas dele passaram a ser conhecidas na comunidade, tivera um poderoso efeito para levantar o ânimo na ilha, e já havia melhorado a saúde de muitos doentes. Sua ênfase na limpeza, no saneamento e na fisioterapia lhes dava motivos para se levantarem de manhã, bem como uma sensação de que não estavam simplesmente saindo da cama para dar prosseguimento à sua degeneração gradual. Quando chegara a Spinalonga, o dr. Lapakis ficara chocado com as condições de vida de muitos dos leprosos. Sabia que era fundamental para a boa saúde que mantivessem as chagas limpas mas, quando chegara, percebera em muitos deles algo semelhante à apatia. A sensação de abandono de que sofriam era catastrófica, e o dano psicológico derivado do fato de estarem na ilha, na verdade, era ainda maior do que o dano físico causado pela doença. Muitos simplesmente não se importavam mais com a vida. Por que deveriam? Ela havia deixado de se importar com eles.

Christos Lapakis tratava tanto a mente como o corpo dos pacientes. Dizia-lhes que sempre tinha de haver esperança, e que eles nunca deveriam desistir. Falava com autoridade, e muitas vezes era duro: "Você vai morrer se não lavar as feridas", avisava. Era pragmático, e dizia a verdade sem rodeios, mas com sensibilidade suficiente para lhes mostrar que aquilo tinha importância para ele, e era prático também, dizendo-lhes exatamente como deveriam se cuidar. "É assim que você tem de lavar as feridas", dizia, "e é assim que você tem que exercitar as mãos e as pernas se não quiser perder os dedos." Enquanto explicava, demonstrava os movimentos. Fez com que todos percebessem mais do que nunca a importância

vital da água limpa. Água era vida. E para eles era a diferença entre a vida e a morte. Lapakis era um grande aliado de Kontomaris, dando-lhe todo apoio nas negociações para obter o fornecimento de água que poderia revolucionar a ilha e o prognóstico de muitos de seus habitantes.

— Aqui é o hospital — disse Elpida. — O dr. Lapakis está esperando por vocês. Ele acabou agora mesmo de receber os pacientes regulares.

Eles adentraram um espaço fresco e branco como um sepulcro de mármore e sentaram-se no banco que margeava uma das laterais do aposento. Não passaram muito tempo ali. O médico logo apareceu para cumprimentá-los, e Eleni e Dimitri foram examinados. Mostraram-lhe suas manchas, e o médico as estudou com atenção, examinando a pele e procurando sinais do avanço da doença que eles talvez não tivessem percebido. O pálido Dimitri tinha algumas manchas grandes e secas nas costas e nas pernas, que indicavam que, por enquanto, sofria da menos grave, a forma tuberculóide, da lepra. As lesões menores e mais brilhantes nas pernas e nos pés de Eleni Petrakis deixaram o dr. Lapakis bem mais preocupado. Sem sombra de dúvida, ela apresentava a forma mais virulenta da doença, a lepromatosa, e havia grande possibilidade de ela já estar doente havia algum tempo, antes mesmo desses sinais se manifestarem.

O prognóstico do menino não é muito ruim, pensou Lapakis. Mas essa pobre mulher não vai passar muito tempo aqui na ilha. O rosto dele, porém, não deixou transparecer indício algum do que havia detectado.

CAPÍTULO 5

Quando Eleni partiu para Spinalonga, Anna tinha doze anos e Maria dez. Giorgis viu-se obrigado a cuidar sozinho da casa e, mais que isso, viu-se incumbido da tarefa de criar as meninas sem a mãe. Das duas, Anna sempre fora a mais difícil, agressiva a ponto de ser incontrollável mesmo antes de aprender a andar, e desde que a irmã caçula nasceu parecia sempre furiosa com a vida. Não era surpresa para Giorgis que, depois da partida de Eleni, ela se revoltasse contra a vida doméstica, recusando-se a assumir o papel da mãe apenas por ser a mais velha. A menina deixou isso claro para o pai e a irmã de forma dolorosa.

Maria tinha um temperamento muito mais amável. Duas pessoas com o temperamento de Anna teriam sido incapazes de conviver sob o mesmo teto, e Maria assumiu o papel de mantenedora da paz, embora muitas vezes lutasse contra um impulso de reagir às agressões da irmã. Ao contrário de Anna, ela não considerava o trabalho doméstico humilhante. Tinha uma natureza prática, e algumas vezes gostava de ajudar o pai a fazer faxina e a cozinhar. Giorgis agradecia a Deus em silêncio por isso — como a maioria dos homens da sua geração, era tão capaz de remendar uma meia quanto ir à lua.

Para quem olhava de fora, Giorgis parecia um homem de poucas palavras. Mesmo aquelas infundáveis horas solitárias no mar não o haviam feito ansiar por conversas quando estava em terra firme. Adorava o som do silêncio, e quando passava a noite nas mesas do kafenion — exigência da masculinidade, mais do que uma atividade social escolhida por opção —, permanecia calado, escutando as pessoas à sua volta como se estivesse no mar ouvindo as ondas baterem no casco de sua embarcação.

Embora as filhas conhecessem seu coração generoso e seu abraço cheio de afeto, os meninos chegados às vezes consideravam seu comportamento pouco comunicativo, quase anti-social. Aqueles

que o conheciam melhor viam isso como reflexo de um discreto estoicismo, qualidade que lhe permitia manter a vida no prumo agora que sua situação havia mudado de maneira tão drástica.

A vida de Giorgis nunca fora fácil. Como tinham sido o pai e o avô, era também pescador, e, também como eles, havia se acostumado aos longos períodos passados no mar. Estes, em geral, transcorriam em horas tediosas de total inatividade, mas, de vez em quando, passava as noites compridas e escuras combatendo as ondas raivosas, e em horas como essas havia um perigo real de que o mar pudesse derrotá-lo e devorá-lo de uma vez por todas. Era uma vida passada bem agachado dentro do casco de um barquinho de madeira, mas um pescador cretense nunca questionava o próprio destino. Para ele aquilo era uma sina, não uma escolha.

Durante vários anos, antes de Eleni ser exilada em Spinalonga, Giorgis complementara a renda fazendo entregas na ilha. Agora, tinha um barco a motor e ia até lá uma vez por semana para levar caixotes de artigos de primeira necessidade e depositá-los no cais para serem recolhidos pelos leprosos.

Nos primeiros dias após a partida da mulher, Giorgis não se atreveu a deixar as filhas sozinhas nem por um instante. Quanto mais o tempo passava, mais a tristeza das meninas parecia aumentar, mas ele sabia que, mais cedo ou mais tarde, elas teriam de encontrar um novo jeito de viver. Embora vizinhos atenciosos lhes levassem comida, era de Giorgis a responsabilidade de obrigá-las a comer. Certa noite, ele teve que preparar a refeição, e sua total incompetência diante do fogão colocou um leve sorriso nos lábios de Maria. Anna, porém, só fez zombar das tentativas do pai.

— Não vou comer isso! — exclamou, jogando o garfo no prato de guisado de carneiro. — Nem um animal faminto conseguiria comer isso! — Então, pela décima vez naquele dia, ela rompeu em prantos e saiu correndo da sala. Esta era a terceira noite em que ela não comia nada além de pão.

— A fome logo vai vencer a teimosia dela — disse o pai de forma casual para Maria, que mastigava pacientemente um pedaço da carne cozida demais. Os dois estavam sentados em lados opostos da mesa. A conversa não fluía, e o silêncio era pontuado pelo ocasional

tilintar dos talheres contra a louça e pelo som dos soluços angustiados de Anna.

Chegou afinal o dia em que as duas tiveram de voltar à escola. E isso foi ótimo para elas, pois, assim que suas mentes encontraram outro foco de concentração que não a mãe, a dor começou a ceder. Esse também foi o dia em que Giorgis pôde novamente apontar a proa de seu barco na direção de Spinalonga. Com uma curiosa mistura de temor e ansiedade, cruzou a estreita faixa de mar. Eleni não sabia que ele estava a caminho, e seria preciso mandar um recado para avisá-la de sua chegada. Mas as notícias corriam depressa na ilha e, antes mesmo de ele amarrar o barco no cais, Eleni já havia aparecido no canto da grande muralha e o aguardava em pé à sua sombra.

O que dizer? Como reagir? Eles não se tocaram, embora desejassem desesperadamente fazê-lo. Em vez disso, simplesmente pronunciaram os nomes um do outro. Eram palavras que já tinham sido ditas milhares de vezes, mas naquele dia as sílabas pareciam ruídos sem significado. Naquele instante, Giorgis desejou não ter ido até lá. Estava de luto pela mulher havia uma semana, e, no entanto, ali estava ela, do mesmo jeito que sempre fora, tão real e tão linda como sempre, o que só fazia aumentar a dor insuportável da iminente separação. Ele logo teria de deixar a ilha e levar o barco de volta para Plaka. Sempre que fosse fazer uma visita, haveria esse adeus doloroso. Sua alma estava sombria, e por um instante desejou que ambos estivessem mortos.

A primeira semana de Eleni na ilha fora cheia de atividade, e passara mais depressa do que para Giorgis, mas, quando ela soube que o barco dele fora visto saindo de Plaka, foi tomada por um turbilhão de emoções. Desde sua chegada, tivera bastante distração, quase o suficiente para impedi-la de pensar na mudança radical por que passara, mas agora Giorgis estava ali na sua frente, os profundos olhos verdes cravados nos dela, e só havia um pensamento em sua mente: o quanto amava aquele homem forte, de ombros largos, e o quanto lhe doía, bem lá no seu íntimo, estar separada dele.

Fizeram perguntas quase formais sobre a saúde um do outro, depois, Eleni quis saber sobre as meninas. Como ele poderia responder a não ser com algo muito distante da verdade? Sabia que mais cedo ou mais tarde todos se acostuariam com aquilo, e então ele poderia lhe dizer honestamente como as meninas estavam. Mas naquele dia a única verdade estava nas respostas de Eleni às perguntas de Giorgis.

— Como é aqui? — ele meneou a cabeça na direção da grande muralha de pedra.

— Não é tão terrível quanto você imagina, e as coisas vão melhorar — respondeu, com tamanha convicção e determinação que os temores de Giorgis em relação a ela desapareceram no mesmo instante.

— Dimitri e eu temos uma casa só nossa — continuou —, e não é muito diferente da nossa em Plaka. É mais rudimentar, mas nós a estamos arrumando da melhor forma possível. Temos nosso próprio quintal, e se você puder trazer algumas sementes, na primavera que vem já vamos ter uma horta. Já há rosas brotando em frente à nossa porta, e logo as malvas também irão florescer. Na verdade, não é tão ruim.

Estas palavras deixaram Giorgis aliviado. Eleni então tirou do bolso uma folha de papel dobrada e entregou a ele.

— É para as meninas? — quis saber Giorgis.

— Não, não é — disse ela, desculpando-se. — Achei que talvez fosse cedo demais para isso, mas da próxima vez que vier vou mandar uma carta para elas. Isso é uma lista de coisas de que nós precisamos para a casa.

Giorgis reparou no uso do “nós”, e foi atingido por uma pontada de inveja. Outrora, esse “nós” incluía Anna, Maria e ele. Então um pensamento amargo, do qual ele se envergonhou quase imediatamente, passou-lhe pela cabeça: agora, “nós” significava a odiada criança que havia levado Eleni para longe deles. O “nós” da sua família não existia mais. Fora despedaçado e redefinido, e sua solidez de rocha fora substituída por tamanha fragilidade que ele mal se atrevia a pensar no assunto. Giorgis achava difícil acreditar que Deus não os tivesse abandonado. Em um momento, ele era chefe de

uma família; no momento seguinte, era apenas um homem com duas filhas. As duas situações eram tão distantes quanto dois planetas diferentes.

Estava na hora de Giorgis ir embora. As meninas logo voltariam da escola, e queria estar em casa antes de elas chegarem.

— Vou voltar em breve — prometeu ele. — E trazer tudo que você pediu.

— Vamos combinar uma coisa — disse Eleni. — Que tal se não nos despedíssemos? A palavra adeus não faz muito sentido.

— Tem razão — concordou Giorgis. — Não vamos dizer adeus. Os dois sorriram e se deram as costas ao mesmo tempo, Eleni rumo à entrada sombreada na alta muralha veneziana e Giorgis em direção ao barco. Nenhum dos dois olhou para trás.

Na visita seguinte, Eleni havia escrito uma carta para Giorgis levar para as meninas mas, no instante em que o pai estendeu o envelope, a impaciência de Anna dominou-a e, quando ela tentou arrancá-la de sua mão, a carta se rasgou ao meio.

— Mas essa carta é para nós duas! — protestou Maria. — Eu também quero ler!

A essa altura, Anna já havia saído pela porta da frente.

— Estou pouco ligando. Eu sou a mais velha e vou ler primeiro! — Dizendo isso, virou-se e saiu correndo pela rua, deixando Maria chorando de frustração e raiva.

A poucos metros de onde moravam ficava um pequeno beco que separava duas casas, e foi ali que Anna, agachada na sombra, segurando as duas metades do papel, leu a primeira carta da mãe:

*Queridas Anna e Maria,
Como será que vocês estão? Espero que estejam se comportando e sendo gentis, e que estejam estudando. Seu pai me contou que as primeiras tentativas na cozinha não foram muito bem-sucedidas, mas tenho certeza de que ele vai melhorar, e logo vai aprender a diferença entre um pepino e uma abobrinha! Espero que não demore muito para vocês também o ajudarem na cozinha, mas até lá tenham paciência enquanto ele estiver aprendendo.*

Vou lhes contar sobre Spinalonga. Moro em uma casa meio velhinha na rua principal, com um cômodo no térreo e dois quartos de dormir no primeiro andar, bem parecida com a nossa casa. É um tanto escura, mas estou planejando caiar as paredes e, depois de ter pendurado meus quadros e exposto minha louça, acho que vai ficar bonita. Dimitri está gostando de ter um quarto só para si — pois sempre teve que dividir com os irmãos, e isso é uma novidade e tanto para ele.

Tenho uma nova amiga aqui. O nome dela é Elpida, ela é mulher do homem encarregado do governo de Spinalonga. Os dois são pessoas muito boas, e já fizemos algumas refeições na casa deles, que é a maior e a mais suntuosa de toda a ilha. Tem candelabros no teto, e todas as mesas e cadeiras são cobertas por algum tipo de renda. Anna, em especial, iria adorar.

Já plantei algumas mudas de gerânio no quintal, e as rosas estão começando a florescer em frente à nossa porta, assim como é em nossa casa. Vou escrever e contar muito mais coisas a vocês na próxima carta. Enquanto isso, sejam boazinhas, eu penso em vocês todos os dias.

*Com amor e beijos,
Sua mãe que muito as ama*

P.S.: Espero que as abelhas estejam trabalhando bastante — não se esqueçam de colher o mel.

Anna leu e releu a carta antes de voltar para casa devagar. Sabia que teria problemas. Desse dia em diante, Eleni passou a escrever cartas separadas para as duas meninas.

Giorgis agora visitava a ilha com mais frequência do que antes, e seus encontros com Eleni eram seu oxigênio. Ele vivia para aqueles instantes em que a mulher apareceria pelo arco na muralha. Algumas vezes, ficavam sentados nos atracadouros de pedra; em outras ocasiões, permaneciam à sombra dos pinheiros que brotavam da terra seca como se estivessem ali justamente para aquela finalidade. Giorgis lhe contava como as meninas estavam, o que vinham fazendo, e lhe fazia confidências sobre o comportamento de Anna.

— Algumas vezes parece que ela está possuída pelo demônio — disse Giorgis certo dia. — E ela não está melhorando com o tempo.

— Bom, ainda bem que Maria não é assim também — respondeu Eleni.

— Provavelmente, na metade das vezes, é por isso mesmo que Anna é tão desobediente: porque Maria não parece ter sequer uma célula de maldade no corpo — ponderou Giorgis. — E eu que pensava que os ataques de birra fossem algo que passasse quando as crianças crescessem.

— Desculpe ter deixado esse fardo tão grande ao seu encargo, Giorgis, desculpe mesmo — suspirou Eleni, convicta de que daria qualquer coisa para enfrentar a batalha diária para criar Anna, em vez de estar presa ali naquela ilha.



Giorgis não tinha nem quarenta anos quando Eleni foi embora, mas já era um homem curvado pela preocupação, e ao longo dos meses seguintes envelheceria a ponto de ficar irreconhecível. Os cabelos perderam o preto de azeitona e adquiriram o cinza prateado do eucalipto, as pessoas também passaram a se referir a ele como o “coitado do Giorgis”. Esse virou seu nome.

Savina Angelopoulos fazia o possível para ajudar, ao mesmo tempo em que administrava a própria casa. Nas noites de mar calmo e sem lua, sabendo que haveria muito pescado, Giorgis gostava de sair para pescar, e tornou-se um hábito para Maria e Fotini dividirem a cama estreita desta última, enquanto Anna dormia no chão ao lado em cima de dois grossos cobertores que faziam as vezes de colchão. Maria e Anna também faziam mais refeições na casa dos

Angelopoulos do que na própria casa, e era como se a família de Fotini houvesse crescido e ela agora tivesse as irmãs que sempre

quisera. Nessas noites, eram oito pessoas sentadas à mesa: Fotini e os irmãos, Antonis e Angelos, os pais, mais Giorgis, Anna e Maria. Quando tinha tempo, Savina tentava ensinar Anna e Maria a manterem a casa em ordem, a bater um tapete e a arrumar uma cama, mas muitas vezes acabava fazendo tudo sozinha. Elas eram apenas crianças, e Anna, pelo menos, não tinha o menor interesse por qualquer tarefa doméstica. Por que deveria aprender a remendar um lençol, destripar um peixe ou assar um pão? Estava determinada a nunca precisar ter essas habilidades e desde muito pequena sentia um impulso enorme de fugir e se afastar desse tipo de trabalho que considerava inútil.

A vida das meninas não teria sido alterada de forma mais radical se um tornado as houvesse arrebatado e carregado até Santorini. Elas atravessavam seus dias cumprindo uma rotina fixa, pois somente com um padrão rigoroso e monótono de atividade conseguiam se levantar pela manhã. Anna lutava contra tudo, reclamando sem parar e questionando a razão de as coisas serem como eram; Maria simplesmente aceitava. Sabia que reclamar não adiantava nada, e com certeza só fazia piorar as coisas. Sua irmã não tinha a mesma sensatez. Anna sempre queria combater o status quo.

— Por que sou eu quem deve ir buscar o pão todo dia de manhã? — reclamou certa vez.

— Você não vai buscar o pão todo dia — retrucou o pai, paciente. — Dia sim, dia não, é Maria que vai.

— Bom, então por que ela não pode ir todos os dias? Eu sou a mais velha, e não entendo por que tenho que buscar pão para ela.

— Se todo mundo questionasse por que precisa fazer coisas para os outros, o mundo pararia de girar, Anna. Agora vá buscar o pão. Neste instante!

O punho cerrado de Giorgis socou a mesa. Estava cansado da forma como Anna transformava a mais insignificante tarefa doméstica que lhe era confiada em uma discussão, e naquela vez até mesmo ela percebeu que havia feito o pai perder a paciência.

Enquanto isso, em Spinalonga, Eleni tentava se acostumar ao que seria considerado inaceitável fora dali, mas na colônia era visto

como normal; fracassou, porém, e viu-se querendo mudar o que podia. Da mesma forma que Giorgis não poupava Eleni das próprias preocupações, ela também compartilhava as ansiedades que sentia em relação à sua vida e ao futuro em Spinalonga.

O primeiro encontro realmente desagradável que teve na ilha foi com Kristina Kroustalakis, a mulher que administrava a escola.

— Não espero que seja igual a mim — comentou com Giorgis —, mas ela age como um animal acuado em um canto.

— Por que ela faz isso? — indagou Giorgis, já sabendo a resposta.

— Ela é péssima professora, e não liga a mínima para as crianças... e sabe que eu penso isso dela — respondeu Eleni.

Giorgis suspirou. Sua mulher nunca havia sido reticente em relação às próprias opiniões.

Logo que chegaram, Eleni percebeu que a escola tinha pouco a oferecer a Dimitri. Depois do primeiro dia de aula, ele voltou silencioso e carrancudo, e quando perguntou o que havia feito lá, sua resposta foi: "Nada."

— Como assim, nada? Você deve ter feito alguma coisa.

— A professora estava escrevendo todas as letras e números no quadro, e me mandou para o fundo da sala porque eu disse que já sabia. Depois disso, as crianças mais velhas tiveram que fazer umas somas bem fáceis, e quando eu gritei bem alto uma das respostas, fui expulso da sala pelo resto do dia.

Depois desse episódio, Eleni começou a dar aulas para Dimitri, e os amigos dele também começaram a ir tomar lições com ela. Em pouco tempo, crianças que mal eram capazes de identificar as letras do alfabeto e os números já estavam lendo e somando fluentemente, e em poucos meses sua pequena casa passou a ficar cheia de crianças durante cinco longas manhãs por semana. As idades iam de seis a dezesseis anos, e com exceção de um menino nascido na ilha, todas elas haviam sido mandadas de Creta para lá depois do diagnóstico de lepra. A maioria já tinha educação básica antes de chegar, mas grande parte, mesmo os mais velhos, havia feito poucos avanços em todo o tempo passado em sala de aula com

Kristina Kroustalakis. Ela os tratava feito bobos, portanto, bobos eles permaneciam.

A tensão entre as duas professoras começou a aumentar. Era evidente para quase todos que Eleni assumiria a escola, e que o generoso estipêndio a que o cargo dava direito deveria ser seu. Kristina Kroustalakis se defendia, recusando-se a aceitar ou ao menos cogitar a possibilidade de dividir seu espaço, mas Eleni era persistente. Foi ela quem conduziu a situação a um desfecho, não em benefício próprio, mas para o bem das dezessete crianças, que mereciam muito mais do que a apática Kroustalakis jamais poderia lhes dar. A pedagogia era um investimento no futuro, e Kristina Kroustalakis não via motivo para gastar energia com crianças que talvez não fossem viver muito tempo.

Por fim, certo dia, Eleni foi convidada a apresentar sua argumentação diante dos anciãos da ilha. Levou exemplos do trabalho que as crianças haviam feito antes e depois de sua chegada. “Mas isso simplesmente demonstra o avanço natural”, protestou um dos anciãos, conhecido por ser amigo próximo de Kristina Kroustalakis. Para a maioria dos presentes, porém, os indícios eram claros. O zelo e o comprometimento de Eleni com sua tarefa deram resultados. Sua força motriz era a crença de que a educação não era um meio que conduzia a algum fim nebuloso, mas tinha valor intrínseco, e tornava as crianças pessoas melhores. A grande possibilidade de muitas talvez não viverem além dos vinte e um anos de idade não tinha relevância para Eleni.

Houve algumas vozes discordantes, mas a maioria dos anciãos votou a favor da controversa decisão de demover a professora em exercício e pôr Eleni em seu lugar. Depois disso, algumas pessoas na ilha nunca mais deixaram de considerar Eleni uma usurpadora, mas ela não dava a mínima importância. O fundamental eram as crianças.

A escola dava a Dimitri quase tudo de que ele precisava: uma estrutura para passar o dia, estímulo para a mente e companheirismo na forma de um novo amigo, Nikos, o único menino nascido na ilha que não fora levado para ser adotado fora de lá. Isso porque apresentara sinais da doença ainda bebê. Se fosse saudável,

teria sido levado para longe dos pais, que, embora sentindo-se culpados por o filho ter a mesma doença, também ficavam felizes por poder ficar com ele.

Cada instante da vida de Dimitri era preenchido, o que o impedia de ficar pensando em como as coisas eram antes. Em alguns aspectos, sua vida era ainda melhor. O pequeno menino, de olhos escuros, agora tinha de enfrentar bem menos ansiedades, dificuldades e preocupações do que as que o haviam afligido como o primogênito dos cinco filhos de uma família de camponeses. Todas as tardes, porém, quando saía do prédio da escola para retornar à semi-escuridão da nova casa, percebia as correntes subterrâneas de inquietação dos adultos. Ouvia trechos de conversas ao passar pelo kafenion, ou debates sussurrados entre pessoas na rua.

Algumas vezes, novos boatos misturavam-se aos antigos. Conversas sobre se deveriam tentar conseguir um novo gerador eram infundáveis, e as discussões sobre o abastecimento de água eram perenes. Nos últimos meses, houve rumores sobre uma doação para novas moradias e sobre um aumento da "pensão" dos habitantes da colônia. Dimitri escutava muitas conversas entre adultos, e observava que eles com frequência ruminavam as mesmas questões, como cães roendo um osso velho há muito já desprovido de carne. O mais insignificante dos acontecimentos, bem como os mais importantes, como doença e morte, era aguardado com impaciência e discutido à exaustão. Certo dia, contudo, aconteceu uma coisa que ninguém esperava, mas que teria enorme impacto na vida na ilha.

Alguns meses depois de Dimitri e Eleni terem chegado, num início de noite, eles estavam jantando quando foram interrompidos por batidas insistentes na porta. Era Elpida, a velha senhora estava ofegante e corada de exaltação.

— Eleni, venha, por favor — arquejou ela. — Estão chegando barcos cheios de gente... cheios de gente... e eles precisam da nossa ajuda. Venha!

Eleni conhecia Elpida o suficiente para perceber que quando ela dizia que precisava de ajuda não era necessário nenhuma pergunta. Dimitri ficou curioso. Largou os talheres e seguiu as mulheres que

desciam apressadas a rua banhada pelo crepúsculo, enquanto kyria Kontomaris despejava a história, as palavras tropeçando umas nas outras.

— Eles são de Atenas — arfou ela. — Giorgis já trouxe dois barcos cheios, e está chegando com o terceiro. A maioria homens, mas vi algumas mulheres também. Parecem prisioneiros, prisioneiros doentes.

A essa altura já estavam na entrada do túnel comprido que conduzia ao cais, e Eleni voltou-se para Dimitri.

— Você vai ter que ficar aqui — disse com firmeza. — Por favor, volte para casa e termine de jantar.

Mesmo do final do túnel, Dimitri pôde ouvir o eco abafado de vozes masculinas, e ficou mais curioso do que nunca em relação ao que estava causando tamanha confusão. As duas mulheres seguiram apressadas e logo sumiram de vista. Dimitri ficou chutando uma pedra de um lado para o outro na entrada do túnel,

de repente, espiou furtivamente atrás de si e entrou zunindo na passagem escura, tomando cuidado para se manter junto às paredes. Quando fez a curva, pôde ver com clareza por que todo aquele alvoroço.

Novos habitantes em geral chegavam um a um e, depois de uma recepção sem alarde por Petros Kontomaris, entravam na comunidade o mais discretamente possível. No início, tudo que qualquer pessoa esperava de Spinalonga era o anonimato, e a maioria ficava calada ao ser recebida. Ali no cais naquela noite, porém, não havia nenhuma calma desse tipo. Ao desembarcarem cambaleando do pequeno barco de Giorgis, muitos dos recém-chegados perdiam o equilíbrio antes de aterrissar com força no chão de pedra. Gritavam, contorciam-se e uivavam, alguns evidentemente sentindo dor, e de seu esconderijo nas sombras Dimitri pôde ver por que haviam caído. Os recém-chegados pareciam não ter braços, pelo menos não braços pendurados livremente nas laterais do corpo. Olhando com mais atenção, o menino percebeu que todos usavam estranhos casacos que prendiam seus braços nas costas.

Dimitri ficou olhando enquanto Eleni e Elpida se abaixavam, desamarravam uma a uma as correias que prendiam aquelas

peessoas como embrulhos para libertá-las de suas prisões de pano. Deitadas sobre o chão poeirento, amontoadas, aquelas criaturas não pareciam sequer humanas. Uma delas então cambaleou até a beira d'água, inclinou-se na direção do mar e vomitou copiosamente. Outra fez o mesmo e, depois, uma terceira.

Dimitri ficou olhando, ao mesmo tempo fascinado e cheio de medo, tão imóvel quanto a muralha rochosa que o ocultava. À medida que os recém-chegados se esticavam e ficavam em pé lentamente, recuperavam um pouco da dignidade. Até mesmo de uma distância de cem metros, o menino podia sentir a raiva e a agressividade que emanavam deles. Reunidos em volta de um homem que parecia tentar acalmá-los, muitos falavam ao mesmo tempo, a voz elevada.

Dimitri contou. Já eram dezoito no total, e Giorgis estava novamente virando o barco para retornar a Plaka. Ainda faltava chegar mais um carregamento.



Em Plaka, perto do cais, uma multidão se reunira na praça para estudar aquele grupo curioso. Alguns dias antes, Giorgis levara uma carta de Atenas para Petros Kontomaris avisando-lhe sobre a chegada iminente dos leprosos. Haviam decidido guardar segredo. A ideia de quase duas dúzias de novos pacientes chegarem ao mesmo tempo em Spinalonga iria causar pânico entre os ilhéus. Tudo o que haviam informado a Kontomaris era que aqueles leprosos tinham causado problemas no hospital de Atenas — e por isso tinham sido despachados para Spinalonga. Foram transportados feito gado em dois dias de mar revolto, do Pireu até Iraklion, sofrendo de insolação e enjoo, e em seguida transferidos para uma pequena embarcação rumo a Plaka. De lá, Giorgis deveria conduzi-los, seis de cada vez,

na última etapa da viagem. Estava claro para quem quisesse ver que aqueles indigentes maltrapilhos, maltratados e negligenciados não iriam sobreviver muito tempo àquele tratamento.

Em Plaka, as crianças, que não tinham medo de encará-los, haviam se reunido para observar. Fotini, Anna e Maria estavam entre elas, e Anna abordou o pai quando ele fazia uma curta pausa antes de levar o último carregamento até o outro lado.

— Por que eles estão aqui? O que fizeram? Por que não podiam ficar em Atenas? — indagou.

Giorgis, na verdade, não tinha respostas para suas perguntas insistentes. Mas uma coisa ele lhe contou. Enquanto transportava a primeira leva de passageiros até a ilha, prestara bastante atenção no que conversavam, e, apesar da raiva e do desencanto, as vozes que ouviu eram de homens cultos e articulados.

— Não tenho respostas para lhe dar, Anna — disse à filha. —

Mas Spinalonga vai abrir espaço para eles, é isso que importa.

— E nossa mãe? — insistiu a menina. — A vida dela vai ficar pior do que nunca.

— Acho que talvez você esteja errada — disse Giorgis, lançando mão da inesgotável reserva de paciência que precisava ter para a filha mais velha. — Esses recém-chegados talvez sejam a melhor coisa que já aconteceu àquela ilha.

— Mas como é possível isso? — exclamou Anna, saltitando de um lado para o outro de incredulidade. — Como assim? Eles parecem animais!

Nisso ela estava certa. Eles de fato pareciam animais, e, apinhados em caixotes feito gado, não tinham recebido tratamento melhor do que esse.

Giorgis virou as costas à filha e voltou para o barco. Agora havia apenas cinco passageiros. Ao chegarem a Spinalonga, os outros estavam andando a esmo. Era a primeira vez que ficavam em pé em trinta e seis horas. As quatro mulheres do grupo permaneciam reunidas e caladas. Petros Kontomaris ia de um em um perguntando nome, idade, profissão e há quantos anos tinha sido feito o primeiro diagnóstico.

Enquanto realizava essa tarefa, sua mente não parava de girar. Cada minuto a mais que gastava ali com sua burocracia lhe dava um tempo maior para surgir algum tipo de inspiração sobre onde, pelo amor dos céus, colocar todas aquelas pessoas. Cada segundo adiado retardava o momento em que seriam conduzidas pelo túnel para descobrir que não tinham lugar para morar e que, potencialmente, sua situação era ainda pior do que antes, no hospital de Atenas. Cada entrevista levou uns poucos minutos, e ao terminar uma coisa ficou muito clara para Petros: no passado, quando perguntava os detalhes dos recém-chegados, a maioria era de pescadores, pequenos agricultores ou comerciantes. Desta vez, tinha uma lista de profissionais capacitados: advogado, professor, médico, mestre-pedreiro, editor, engenheiro... a lista continuava. Aquela categoria de gente era inteiramente diferente de grande parte da população de Spinalonga, e por alguns instantes Kontomaris teve um pouco de medo daqueles atenienses que tinham chegado ali disfarçados de mendigos.

Era hora de levá-los para seu novo mundo. Kontomaris conduziu-os pelo túnel. A notícia da chegada de novos habitantes havia se espalhado, e as pessoas saíam de suas casas para olhar. Na praça, os atenienses pararam atrás do chefe, que então se virou para eles e esperou que lhe dessem atenção antes de falar.

— Como medida temporária, com exceção das mulheres, que serão acomodadas em um quarto disponível no alto da colina, vocês serão instalados no prédio da prefeitura.

Havia então várias pessoas reunidas em volta deles, e formou-se um burburinho de inquietação quando ouviram o anúncio. Kontomaris, porém, estava preparado para qualquer hostilidade em relação a seu plano, e continuou:

— Deixem-me garantir que isso é apenas uma medida temporária. A chegada de vocês aumenta nossa população em dez por cento, e agora esperamos que o governo dê dinheiro para novas casas, como vem prometendo há muito tempo.

O motivo dos protestos pela prefeitura ser usada como dormitório era porque a vida social de Spinalonga, até onde esta existia, acontecia lá. O local representava, até onde isso era possível,

a normalidade política e social na ilha, e abrir mão dele seria privar os ilhéus de um recurso fundamental. Mas onde mais eles poderiam ficar? Havia um cômodo vazio no "bloco", o prédio de apartamentos novo e sem alma, e era ali que as mulheres atenienses ficariam hospedadas. Kontomaris pediria a Elpida para levá-las até lá enquanto ele acomodava os homens nos aposentos improvisados. Seu coração pesou ao pensar na tarefa da mulher; a única diferença entre o prédio novo e uma prisão era que as portas tinham trancas por dentro, não por fora. Para os homens, porém, não havia solução a não ser a prefeitura.

Naquela noite Spinalonga tornou-se o lar dos vinte e três recém-chegados de Atenas. Logo, muitos dos curiosos perceberam que uma ação mais solidária se fazia necessária, e ofereceram comida, bebida e camas. Qualquer doação de seus parques suprimentos representava um grande sacrifício, mas todos, com raras exceções, conseguiram fazer pelo menos um gesto simbólico.

Os primeiros dias foram tensos. Todos estavam esperando para ver o impacto que os recém-chegados causariam mas durante quarenta e oito horas a maioria mal foi vista, muitos permaneceram deitados em suas camas improvisadas, inertes. O dr. Lapakis foi visitá-los e observou que todos sofriam não apenas de lepra, mas também do desgaste provocado por uma viagem sem alimentação e hidratação adequadas, e sem proteção do sol inclemente. Todos levariam várias semanas para se recuperar dos meses, talvez anos, de maus-tratos suportados antes mesmo de embarcarem em Atenas. Lapakis ouvira dizer que não havia diferença perceptível entre as condições do hospital para leprosos e da prisão poucos metros adiante, nos arredores da cidade. Dizia-se que os leprosos eram alimentados com restos da prisão e que suas roupas eram aproveitadas de cadáveres do principal hospital da cidade. E isso não era apenas um mito.

Todos os pacientes haviam sido tratados de forma bárbara, e aquele grupo que chegara a Creta era a força motriz por trás de uma rebelião. Em maioria profissionais cultos, haviam liderado uma greve de fome, escrito cartas que foram contrabandeadas para amigos e políticos do lado de fora e incitado o descontentamento em todo o

hospital. Em vez de concordar em fazer mudanças, o diretor do hospital decidiu expulsá-los; ou, como preferia formular, “transferi-los para uma acomodação mais adequada”. Para eles, a expulsão para Spinalonga significava um fim, mas para a ilha significava um novo começo.

As mulheres recebiam visitas diárias de Elpida, e logo se recuperaram o suficiente para fazerem o tour na ilha e tomar um café na casa dos Kontomaris, e até mesmo para começar a planejar como iriam usar o pequeno lote de terra que havia sido limpo para que pudessem cultivar alimentos. Elas não demoraram para reconhecer que a vida que levavam então era um progresso em relação à anterior. Pelo menos era uma vida. As condições no hospital de Atenas eram medonhas. As chamas do inferno não poderiam ter sido mais sufocantes do que o calor insuportável do verão em seus quartos minúsculos, claustrofóbicos. Somando os ratos que arranhavam o chão durante a noite, sentiam-se pior do que vermes.

Spinalonga, por sua vez, era um paraíso. Proporcionava uma liberdade inimaginável, com ar fresco, canto de pássaros e uma rua por onde passear; ali poderiam redescobrir a própria condição humana. Durante os longos dias de viagem desde Atenas, alguns haviam considerado pôr fim à própria vida, imaginando que os estavam mandando para um lugar ainda pior do que o terrível Hades em que lutavam para sobreviver. Em Spinalonga, da janela do segundo andar, as mulheres podiam ver o sol nascer, e durante os seus primeiros dias na ilha ficaram fascinadas pela visão da aurora que rompia sem pressa.

Da mesma forma que Eleni havia feito, transformaram em um lar o espaço que tinham recebido. Tecidos de algodão bordados pendurados em frente às janelas, durante a noite, e tapetes de tear estendidos em cima das camas transformavam o aposento e davam-lhe a aparência de qualquer residência simples de Creta.

Para os homens a história foi outra. Ficaram vários dias de cama, muitos ainda enfraquecidos pela greve de fome feita em Atenas. Kontomaris providenciou para que os ilhéus levassem comida até a prefeitura e a deixassem na antessala, mas quando os pratos foram

recolhidos no primeiro dia, eles perceberam que suas oferendas mal haviam sido tocadas. A grande caçarola de metal ainda estava cheia até a borda de ensopado de carneiro; a única indicação de haver vida no prédio era o fato de dos cinco pães levados para a prefeitura restarem apenas três.

No segundo dia, todo o pão foi comido, e no terceiro uma panela de guisado de coelho foi raspada até o fim. Essas demonstrações de que o apetite aumentava a cada dia significavam a volta à vida daquelas pobres criaturas. No quarto dia, Nikos Papadimitriou apareceu, piscando os olhos para a luz ofuscante do sol. Advogado, quarenta e cinco anos, já tivera um papel importante na vida ateniense. Agora, era líder e porta-voz do grupo de leprosos, desempenhando seu papel com a mesma energia que dedicava à carreira jurídica. Nikos era um agitador natural e, caso não houvesse abraçado o direito, poderia ter escolhido uma carreira no crime. Suas tentativas de enfrentar as autoridades atenienses ao organizar a revolta no hospital não haviam sido totalmente bem-sucedidas, mas ele estava mais determinado do que nunca a conseguir melhores condições para os leprosos agora que estava em Spinalonga.

Embora tivesse a língua afiada, Papadimitriou era muito sedutor e sempre conseguia apoio. Seu grande aliado e amigo era Mihalis Kouris, um engenheiro que, como ele, passara quase cinco anos no hospital de Atenas. Nesse dia, Kontomaris levou-os para um passeio por Spinalonga. Ao contrário da maioria dos recém-chegados que viam a ilha pela primeira vez, um festival de perguntas surgiu da boca daqueles homens: “Mas onde fica a nascente?” “Há quanto tempo vocês estão esperando o gerador?” “Com que frequência o médico vem?” “Qual é a taxa de mortalidade?” “Quais são os atuais projetos para obras?”

Kontomaris respondia às perguntas da melhor maneira possível, mas podia constatar, por seus grunhidos e suspiros, que raramente ficavam satisfeitos com as respostas. O chefe da ilha sabia perfeitamente que faltavam recursos a Spinalonga. Trabalhava sem descanso havia seis anos para melhorar as coisas, e em muitas áreas obtivera sucesso, embora nunca no nível que todos queriam. Era uma tarefa ingrata e, enquanto prosseguiam por trás da cidade

na direção do cemitério, perguntou-se por que se dera ao trabalho. Por mais que tentasse melhorar aquela situação, era ali que todos iriam acabar. Os três acabariam deitados debaixo de uma lápide de pedra em um daqueles caixotes subterrâneos de concreto, até seus ossos serem empurrados para o lado de modo a abrir espaço para o cadáver seguinte. A insignificância daquilo tudo e o som distante das perguntas insistentes de Papadimitriou fizeram-no sentir vontade de sentar e chorar. Nesse exato momento, decidiu que contaria toda a verdade aos atenienses. Se estavam mais interessados na realidade do que simplesmente em se sentirem bem-vindos, então que assim fosse.

— Vou contar tudo o que quiserem saber — disse ele, parando e se virando para os dois. — Mas, se eu fizer isso, o fardo passa a ser de vocês também. Entendem?

Ambos menearam a cabeça, aquiescendo, e Kontomaris começou a lhes contar os detalhes das dificuldades da ilha. Descreveu cada esforço feito para conseguir mudanças, e contou-lhes sobre as questões que estavam sendo negociadas na época. Então os três voltaram para a casa do chefe e, com Papadimitriou e Kouris agora informados sobre os recursos da ilha, traçaram um novo plano, que incluía obras já em andamento, projetos a serem iniciados e concluídos no ano seguinte e um esboço do que seria realizado ao longo dos próximos cinco anos. Esse planejamento por si só já criaria a sensação de movimento de que aquelas pessoas precisavam tão desesperadamente.

Desse dia em diante, Papadimitriou e Kouris se tornaram grandes defensores de Kontomaris. Não se sentiam mais homens condenados, mas pessoas que haviam conseguido recomeçar. Fazia muito tempo que a vida não parecia ter tanto potencial para eles. Em poucas semanas, as propostas, que incluíam especificações para construções e reformas, estavam prontas para serem apresentadas ao governo. Papadimitriou sabia como pressionar os políticos, e seu escritório de advocacia em Atenas, um escritório familiar de alguma influência, envolveu-se na questão. “Todo mundo nesta ilha é cidadão da Grécia”, insistiu ele. “Eles têm direitos, e vou lutar por eles custe o que custar.” Para surpresa de todos — exceto do próprio

Papadimitriou —, dali a um mês o governo concordou em providenciar a quantia pedida.

Uma vez recuperados do torpor, os outros atenienses se entregaram com vontade aos novos projetos de construção. Não eram mais inválidos abandonados, mas membros de uma comunidade em que cada um devia contribuir com seu esforço. Já era final de setembro, e embora as temperaturas estivessem mais amenas a questão da água continuava urgente — o acréscimo de vinte e três novos habitantes aumentara mais do que nunca a demanda do fornecimento do continente e dos túneis em ruínas. Algo precisava ser feito, e Mihalis Kouris era o homem certo para isso.

Uma vez concluídos os reparos, todos ficaram olhando para os céus esperando a chuva cair, e no início de novembro suas preces foram atendidas. Em uma exibição espetacular de som e luz, os céus se abriram, esvaziando-se ruidosamente sobre a ilha, sobre Creta, lá do outro lado, e sobre todo o mar em volta. Pedras de granizo do tamanho de seixos foram despejadas lá de cima, quebrando janelas e fazendo as cabras correrem para se abrigar nas encostas dos morros enquanto relâmpagos banhavam a paisagem com uma luminescência apocalíptica. Na manhã seguinte, ao acordar, os ilhéus encontraram suas calhas cheias de água doce e cristalina. Depois de resolverem a questão mais urgente de todas, os atenienses voltaram sua atenção para a construção das próprias casas. Existia uma área abandonada entre a rua principal e o mar; era ali que os turcos haviam erguido suas primeiras casas. As construções, meras carcaças, ficavam bem ao pé das muralhas da fortaleza, e deviam ter sido um dos enclaves mais bem abrigados da ilha. Com energia e eficiência raramente vistas em Creta, as velhas casas foram restauradas e reconstruídas dos escombros, com uma alvenaria praticamente nova e um projeto cuidadoso de marcenaria. Muito antes de primeira nevasca coroar o monte Dhikti, as casas estavam prontas para serem ocupadas, e a prefeitura tornou-se novamente disponível para todos. Não que o ressentimento inicial em relação aos leprosos atenienses houvesse durado muito. Bastaram poucas semanas para a população de Spinalonga reconhecer o potencial dos

novos habitantes, e perceber como o que eles poderiam doar era muito mais do que aquilo que poderiam tomar.

Assim, à medida que o inverno se aproximava, a campanha para a obtenção do gerador recomeçou com força. Calor e luz seriam artigos valiosíssimos quando os ventos comesçassem a entrar pelas frestas das portas e das janelas, castigando as casas mal vedadas e expostas à luz cada vez mais fraca do meio da tarde. Agora que o governo percebera que Spinalonga tinha voz mais expressiva, uma voz que não podia ser ignorada, não demorou muito para chegar uma carta prometendo o necessário. Muitos dos ilhéus se mostraram incrédulos: “Eu não apostaria dinheiro que eles vão manter a palavra”, diziam alguns. “Até eu conseguir acender uma lâmpada na minha casa, não acredito que eles cumpram com a palavra”, concordavam outros. A opinião geral entre as pessoas que já moravam havia alguns anos em Spinalonga era que a promessa do governo não valia mais do que o fino papel na qual estava escrita.

Apenas dez dias antes de todas as peças chegarem, etiquetadas e completas, a expectativa pelo gerador era o assunto principal das cartas idênticas que Eleni escrevia para Anna e Maria:

O gerador vai fazer muita diferença em nossas vidas. Antigamente havia um aqui, então a fiação elétrica já está instalada, e dois dos homens de Atenas são especialistas em fazer o gerador funcionar (graças a Deus). Prometeram pelo menos uma lâmpada e um pequeno aquecedor para cada casa, e eles devem chegar ao mesmo tempo que o resto do equipamento.

Anna leu sua carta à luz fraca de uma tarde de inverno. Um fogo baixo ardia na lareira, mas ela podia ver a respiração se condensar no ar frio. Uma vela lançava uma luz tremeluzente sobre a página, e ela distraidamente encostou a pontinha do papel na chama. O fogo consumiu o papel devagar, queimando-o até ela não segurar mais nada a não ser um pedacinho do tamanho da ponta do dedo, que então deixou cair na cera. Por que sua mãe escrevia tanto? Achava mesmo que eles queriam saber sobre sua vida aquecida, feliz e agora bem iluminada com aquele menino? Seu pai a fazia responder a todas as cartas, e Anna lutava para pôr cada palavra no papel. Não estava feliz e não iria fingir.

Maria leu sua carta e mostrou-a ao pai.

— Boas notícias, não é? — comentou Giorgis. — E tudo graças àqueles atenienses. Quem poderia pensar que uma turba de maltrapilhos daquela poderia fazer tanta diferença?

No início do inverno, antes da chegada dos ventos cortantes de dezembro, a ilha ganhou calefação, e depois que a noite caía aqueles que assim desejavam podiam ler à luz da mais tênue iluminação elétrica.

Com o início do Advento, Giorgis e Eleni tiveram de decidir o que fazer em relação ao Natal. Em quinze anos, aquele seria o primeiro que passariam separados. A festa não tinha a mesma importância da Páscoa, mas era uma data para se celebrar e festejar em família, e a ausência de Eleni criaria um imenso vazio.

Durante alguns dias antes e depois do Natal Giorgis não atravessou as águas batidas para visitar Eleni. Não somente porque o vento violento iria castigar suas mãos e seu rosto até ficarem esfolados, mas porque suas filhas precisavam que ele ficasse. Da mesma forma, as atenções de Eleni precisavam estar concentradas em Dimitri, e eles executaram paralelamente as tradições ancestrais. Como sempre haviam feito, as meninas foram de casa em casa cantando a melodiosa kalanda, sendo recompensadas com doces e frutas secas, e depois da missa bem cedo na manhã do dia de Natal foram se banquetear na casa da família Angelopoulos com carne de porco e deliciosos kourambiethes, biscoitos doces com nozes feitos por Savina. As coisas em Spinalonga não foram muito diferentes. As

crianças cantaram na praça, ajudaram a assar os pães típicos, enfeitados, conhecidos como christopsomo, o pão de Cristo, e comeram como nunca. Para Dimitri, era a primeira vez que ele saboreava tanta comida, e a primeira vez que presenciava tamanho hedonismo.

Durante os doze dias do Natal, Giorgis e Eleni salpicaram um pouco de água benta em cada cômodo de suas respectivas casas para impedir a entrada dos kallikantzari, os demoniozinhos sazonais que tinham a reputação de bagunçar as casas, e no dia 1º de janeiro, dia de São Basílio, Giorgis foi visitar Eleni, levando-lhe presentes das meninas e de Savina. O fim do ano velho e o início do

ano novo foi um divisor de águas, um marco que fora atravessado em segurança, carregando a família Petrakis rumo a uma nova era. Embora Anna e Maria ainda sentissem falta da mãe, agora sabiam que podiam sobreviver sem ela.

CAPÍTULO 6

Depois do melhor inverno em muitos anos, Spinalonga viveu sua mais gloriosa primavera. Não apenas por causa dos tapetes de flores silvestres que se espalharam pelas encostas ao norte da ilha e despontaram de cada rachadura nas rochas, mas também por causa da sensação de vida nova que fora insuflada na comunidade.

A rua principal, que poucos meses antes tinha apenas uma série de prédios dilapidados, agora possuía uma elegante sequência de lojas com persianas e portas recém-pintadas de azuis e verdes vívidos. Esses estabelecimentos eram lugares onde os comerciantes exibiam seus artigos com orgulho e onde os ilhéus faziam compras não apenas por necessidade, mas também por prazer. Pela primeira vez, a ilha tinha sua própria economia. As pessoas produziam: trocavam, compravam e vendiam, algumas vezes com lucro, outras vezes, não.

O kafenion também prosperava, e foi aberta uma nova taberna especializada em kakavia, sopa de peixe, preparada diariamente. Um dos lugares mais movimentados da rua principal era a barbearia. Stelios Vandis fora o cabeleireiro mais conceituado de Rethimnon, a segunda maior cidade de Creta, mas abandonara o ofício depois de ser exilado em Spinalonga. Quando Papadimitriou descobriu que havia um homem daqueles vivendo entre eles, insistiu para que Vandis retomasse o trabalho. Os atenienses eram todos verdadeiros pavões. Tinham a vaidade altiva dos cidadãos e, no passado, eram todos adeptos do ritual quinzenal de aparar cabelo e bigode, cuja condição e formato praticamente definiam sua masculinidade. A vida para eles mudou para melhor depois de encontrarem alguém para torná-los bonitos novamente. O objetivo de Vandis não era o estilo individual, mas sim cabelos identicamente bem-cuidados e penteados.

— Stelios — dizia Papadimitriou —, me faça seu melhor Venizelos. — Venizelos, advogado cretense que havia se tornado primeiro-ministro da Grécia, era considerado o homem do bigode

mais bonito do mundo cristão, e os homens brincavam que parecia adequado Papadimitriou imitá-lo, já que ele claramente aspirava a uma posição de liderança na ilha.

À medida que a força de Kontomaris começava a diminuir, o chefe ia se apoiando cada vez mais em Papadimitriou, e a popularidade do ateniense crescia entre os ilhéus. Os homens respeitavam-no pelo que conseguira realizar em tão pouco tempo; as mulheres também lhe eram gratas; e ele logo passou a gozar da adoração típica de um herói, sem dúvida aumentada por sua aparência de astro de cinema. Como a maioria dos atenienses, sempre havia morado na cidade, e um dos resultados disso era que não tinha o aspecto curvado e grisalho do homem cretense habitual, que passara a maior parte da vida ao ar livre, tirando a sobrevivência da terra ou do mar. Antes dos últimos meses de trabalhos braçais, sua pele vira pouca luz do sol, e fora menos ainda exposta ao vento.

Embora o ateniense tivesse ambições, não era um homem sem coração, e só se candidataria às eleições quando Kontomaris estivesse disposto a se retirar da política.

— Papadimitriou, estou mais do que pronto a abrir mão deste cargo — disse o velho homem certa noite de março enquanto jogavam uma partida de gamão. — Já lhe disse isso mil vezes. O cargo precisa de sangue novo... e veja só o que você já fez pela ilha! Os meus simpatizantes vão apoiá-lo, não há dúvida. Tenha certeza, eu já estou muito cansado.

Papadimitriou não ficou surpreso com este último comentário. Nos seis meses desde sua chegada vira a saúde de Kontomaris se deteriorar. Já fazia algum tempo que os dois homens eram próximos, e ele sabia que o mais velho o preparava para ser seu sucessor.

— Eu assumo se você estiver mesmo pronto para sair — disse em voz baixa —, mas acho que deveria pensar mais durante alguns dias.

— Já venho pensando nisso há meses — retrucou Petros, de maneira amuada. — Eu sei que não posso continuar.

Os dois homens seguiram jogando em silêncio, quebrado apenas pelo clique das peças.

— Tem mais uma coisa que eu quero que saiba — disse Papadimitriou depois de o jogo terminar e de chegar a hora de ir para casa. — Se eu ganhar mesmo a eleição, não vou querer morar na sua casa.

— Mas esta casa não é minha — retrucou Kontomaris. — É a casa do chefe. Ela vem junto com o cargo, sempre foi assim.

Papadimitriou deu um trago no cigarro e fez uma pausa enquanto exalava a fumaça. Decidiu deixar o assunto em aberto. Era possível que tudo não passasse de uma hipótese, uma vez que sua eleição ainda não era totalmente um *fait accompli*. Certamente, seria contestada por dois outros homens, um dos quais morava na ilha havia seis ou sete anos, e tinha muitos simpatizantes — a eleição de Theodoros Makridakis parecia, pelo menos para Papadimitriou, uma possibilidade real. Um grande contingente da população se identificava com a agressividade dele, e embora adorassem colher os frutos de todo o trabalho árduo de Papadimitriou e das radicais mudanças ocorridas nos últimos seis meses, também sentiam que seus interesses talvez fossem mais bem defendidos por alguém movido pela raiva. Era fácil acreditar que a agressividade que impulsionava Makridakis poderia ajudá-lo a obter coisas que a razão e a diplomacia não iriam possibilitar.

As eleições anuais no final de março foram as mais disputadas da história da ilha, e dessa vez os resultados de fato tinham importância. Spinalonga era um lugar que valia a pena governar, e a liderança não era mais um cálice envenenado. Três homens se candidataram: Papadimitriou, Spyros Kazakis e Theodoros Makridakis. No dia da eleição, todos os homens e mulheres votaram, e até mesmo os leprosos confinados ao hospital, com pouca esperança de um dia voltar a levantar da cama, receberam um boletim de voto, que foi devidamente entregue na prefeitura dentro de um envelope lacrado.

Spyros Kazakis teve apenas alguns votos, e Makridakis, para alívio e surpresa de Papadimitriou, teve menos de cem. Isso dava uma vitória clara ao ateniense, pela maioria. A população havia votado com o coração, mas também com sabedoria. Nada contra a atitude de Makridakis, mas as realizações de Papadimitriou valiam

mais, e por isso ele finalmente soube que era reconhecido. Sua vitória foi um acontecimento vital para o processo civilizatório da ilha.

— Amigos e habitantes de Spinalonga — disse ele. — Os meus desejos para esta ilha são os mesmos que os seus. — Assim ele se dirigiu à multidão reunida na pequena praça em frente à prefeitura, no dia seguinte à eleição. A contagem de votos acabara de ser verificada uma segunda vez, e os resultados anunciados.

— Nós já tornamos Spinalonga um lugar mais civilizado e, sob alguns aspectos, aqui, agora, é um local até melhor de se viver do que as cidades e as aldeias que fornecem nossos víveres — disse ele, acenando na direção de Plaka. — Aqui temos eletricidade, e Plaka não tem. Temos uma equipe médica competente, e a mais dedicada das professoras. No continente, muita gente mal consegue garantir a própria subsistência e passa fome, o que não ocorre conosco. Na semana passada, algumas dessas pessoas vieram de Elounda em barcos a remo até aqui. Boatos sobre a nossa recém-adquirida prosperidade haviam chegado aos seus ouvidos, e eles vieram pedir comida a nós. Isso não é uma inversão de papéis? — Todos concordaram, murmurando em uníssono. — Nós não somos mais os párias com cumbucas de pedintes a quem gritam “Imundo! Imundo!” — continuou ele. — Agora, são os outros que nos procuram em busca de esmolas.

Fez uma curta pausa, tempo suficiente para alguém gritar da multidão: “Três vivas para Papadimitriou!” Quando os vivas silenciaram, ele acrescentou uma última fala.

— Existe uma coisa que liga todos nós. O mal da lepra. Quando tivermos nossos desentendimentos, não podemos nos esquecer de que não há como escaparmos uns dos outros. Enquanto tivermos vida, façamos dela o melhor que pudermos... esse deve ser o nosso objetivo comum. — Então, ele ergueu a mão no ar, apontando o dedo para o céu em sinal de celebração e vitória. — A Spinalonga! — gritou.

As duzentas pessoas reunidas imitaram seu gesto e com um grito que foi ouvido até em Plaka, do outro lado da água, exclamaram a uma só voz: “A Spinalonga!”

Sem que ninguém percebesse, Theodoros Makridakis se esgueirou para o meio das sombras. Havia muito tempo que ansiava pela liderança, e sua decepção era amarga como uma azeitona verde.

Na tarde seguinte, Elpida Kontomaris começou a arrumar seus pertences. Dali a um ou dois dias ela e Petros teriam de sair daquela casa e se mudar para onde Papadimitriou vivia. Já esperava por esse momento, mas isso não amainou o sentimento de apreensão que pesava sobre ela, mal lhe dando coragem para pôr um pé na frente do outro. Começou a fazer as malas de forma distraída, o corpo pesado sem vontade de executar a tarefa, e os pés deformados estavam mais doloridos do que nunca. Quando se viu diante da perspectiva de esvaziar o precioso conteúdo do armário de porta de vidro — as fileiras de soldados, as pequenas peças de porcelana e de prata gravada que estavam na sua família havia muitas gerações —, perguntou a si mesma para onde iriam aqueles objetos de valor quando ela e Petros não estivessem mais ali. Os dois estavam no fim da vida.

Uma batida suave na porta interrompeu seus pensamentos. Deve ser Eleni, pensou. Mesmo ocupada com a escola e com seus deveres de mãe, prometera dar uma passada naquela tarde para ajudá-la, e sempre cumpria a palavra. No entanto, quando Elpida abriu a porta esperando se deparar com a forma esbelta e de traços delicados da amiga, viu que, em vez disso, a soleira estava ocupada pela figura de um homem grande, vestido com roupas escuras. Era Papadimitriou.

— Kalispera, kyria Kontomaris. Posso entrar? — perguntou ele com delicadeza, percebendo a surpresa da mulher.

— Pode... por favor — respondeu ela, afastando-se da porta para deixá-lo entrar.

— Só tenho uma coisa a dizer — falou ele quando estavam de frente um para o outro, cercados pelos caixotes cheios até a metade com livros, louça e fotografias. — Não há necessidade de se mudarem. Não tenho intenção de tirar esta casa de vocês. Não tem por quê. Petros já dedicou tanto da vida dele a esta ilha que decidi dar isso a ele... pode chamar de pensão, se quiser.

— Mas é aqui que o chefe sempre morou. A casa agora é sua e, além do mais, Petros não iria querer nem ouvir falar nisso.

— Não tenho interesse no que aconteceu no passado — retrucou Papadimitriou. — Quero que vocês fiquem aqui, e de toda forma pretendo morar na casa que estou restaurando. Por favor — insistiu ele. — Vai ser melhor para todo mundo.

As lágrimas faziam brilhar os olhos de Elpida.

— Quanta gentileza a sua — disse ela, estendendo as duas mãos na direção do homem. — Tão gentil. Posso ver que está sendo sincero, mas não sei como vamos convencer Petros.

— Ele não tem escolha — disse Papadimitriou com determinação. — Agora quem manda sou eu. O que eu quero é que você desembale todas as suas coisas dessas caixas e torne a arrumá-las exatamente onde estavam. Voltarei mais tarde para me certificar de que fez isso.

Elpida pôde ver que aquele não era um gesto gratuito. O homem estava sendo sincero, e estava acostumado a ser obedecido. Era por isso que fora eleito. Enquanto tornava a arrumar os soldadinhos de chumbo nas fileiras, tentou analisar o que tornava tão difícil discordar de Papadimitriou. Não era apenas sua estatura física. Isso por si só poderia ter feito dele uma pessoa agressiva. Mas tinha outras técnicas mais sutis. Algumas vezes, convencia os outros do seu ponto de vista simplesmente graças às modulações de sua voz. Em outras ocasiões, conseguia a mesma coisa derrotando-os com o poder de sua lógica. Suas habilidades de advogado estavam afiadas como nunca, mesmo ali em Spinalonga.

Antes de Papadimitriou ir embora, Elpida convidou-o para comer com eles quando voltasse naquela noite. O grande talento dela estava na cozinha. Era a melhor cozinheira de Spinalonga, e somente um bobo recusaria um convite daqueles. Assim que Papadimitriou partiu, ela começou a preparar a refeição: seu prato preferido, kefethes, almôndegas ao molho de ovo com limão, e a medir os ingredientes para o revani, um bolo doce feito de semolina e melado.

Quando Kontomaris chegou em casa à noite, depois de finalmente concluir todas as suas obrigações de chefe, seu passo

estava mais leve. Quando entrou em casa, o cheiro delicioso de comida sendo preparada penetrou suas narinas, e Elpida, usando um avental de cozinha, foi em sua direção, com os braços estendidos, dando-lhe boas-vindas. Abraçaram-se, e ele pousou a cabeça sobre o ombro da mulher.

— Acabou — murmurou. — Finalmente acabou.

Ao erguer os olhos, percebeu que o aposento estava do mesmo jeito de sempre. Não havia nem sinal dos caixotes que estavam espalhados pela sala quando ele saíra de manhã.

— Por que não empacotou a mudança? — Havia mais do que uma nota de irritação na voz dele. Estava cansado e queria muito que os próximos dias passassem depressa. Desejava que já tivessem se mudado para a nova casa, e o fato de nada parecer sequer remotamente pronto incomodou-o bastante e o fez se sentir mais exausto do que nunca.

— Empacotei, depois desempacotei — foi a resposta misteriosa de Elpida. — Nós vamos ficar aqui.

Justamente nessa hora, ouviu-se uma batida firme na porta. Papadimitriou havia chegado.

— Kyria Kontomaris me convidou para comer com vocês — foi tudo que ele disse.

Uma vez sentados, com uma dose generosa de ouzo servida a cada um, Kontomaris se recuperou.

— Acho que houve algum tipo de conspiração aqui — disse ele. — Eu deveria estar bravo, mas conheço vocês dois o suficiente para perceber que não tenho escolha em relação a esta questão.

Seu sorriso contradizia o tom sério da voz e a formalidade das palavras. No íntimo, estava encantado com a generosidade de Papadimitriou, e não era apenas por saber o quanto aquilo significava para sua mulher. Os três brindaram, selando o acordo que acabara de ser feito, e a questão da residência do chefe nunca mais foi mencionada entre eles. O fato suscitou rumores de desaprovação entre os membros do conselho, e um acalorado debate sobre o que iria acontecer se um futuro líder quisesse se apropriar da esplêndida casa, mas por fim chegou-se a um meio-termo: a cada cinco anos, a situação da casa seria reavaliada.

Depois da eleição, as obras de restauração prosseguiram em ritmo acelerado na ilha. Os esforços de Papadimitriou não eram somente promessas de campanha. Os consertos e as reformas continuaram até todos terem um lugar decente para morar, um forno próprio, geralmente no pátio em frente à casa, e, mais importante ainda para o orgulho de cada um, uma latrina externa privativa.

Como a água estava sendo recolhida de forma eficiente, havia o bastante para todos, e uma ampla lavanderia comunitária foi construída, com uma longa fileira de tanques de concreto polido. Era praticamente um luxo para as mulheres, que se demoravam lavando a roupa, transformando o local em um animado ponto de encontro.

O aspecto social da vida da comunidade também foi aprimorado em situações menos corriqueiras. Para Panos Sklavounis, um ateniense que havia sido ator, o dia de trabalho começava quando o dos outros terminava. Pouco depois da eleição, ele chamou Papadimitriou para uma conversa. A abordagem de Sklavounis foi agressiva, de acordo com seu temperamento. Gostava de confrontos e em sua carreira de ator em Atenas estava acostumado a agir com truculência.

— O tédio está se alastrando feito um fungo por aqui — disse ele. — O que as pessoas precisam é de entretenimento. Muitas não estarão mais aqui no ano que vem, mas isso não é motivo para que deixem de ansiar pela semana que vem.

— Entendo o que está dizendo e concordo plenamente — respondeu Papadimitriou. — Mas o que sugere?

— Entretenimento. Entretenimento em grande escala — respondeu Sklavounis com um tom um tanto pomposo.

— Como assim? — perguntou Papadimitriou.

— Cinema — respondeu Sklavounis.

Seis meses antes, uma proposta dessas teria parecido ambiciosa demais, e tão risível quanto dizer aos leprosos que eles podiam nadar até Elounda para ir ao cinema. Agora, porém, não estava fora do universo das possibilidades.

— Bom, nós temos um gerador — disse Papadimitriou. — Isso já é um bom começo, mas precisamos de muito mais, não?

Manter os ilhéus felizes e ocupados à noite de fato poderia ajudar a aplacar grande parte do descontentamento que ainda perdurava. Enquanto estivessem sentadas em fileiras no escuro da sala de exibição, ponderou Papadimitriou, as pessoas não estariam bebendo demais nem fazendo conspirações no kafenion.

— Do que mais você precisa? — perguntou ele.

Sklavounis respondeu na hora. Já havia pensado em quantas pessoas caberiam na prefeitura e onde poderia conseguir um projetor, uma tela e os rolos de filme. O que faltava, até ele conseguir obter a aprovação do comitê, era dinheiro, mas, como muitos dos leprosos agora tinham algum tipo de renda, seria possível cobrar um preço pelo ingresso, e o custo acabaria sendo pago.

Poucas semanas depois do primeiro pedido, cartazes foram espalhados pela cidade:

Sábado, 13 de abril
Às 7h da noite
Na Prefeitura
Os Apaches de Atenas
Ingressos a 2 dracmas

Às seis horas daquela tarde mais de cem pessoas faziam fila do lado de fora da prefeitura. Pelo menos outras oitenta já haviam chegado quando os portões se abriram, às seis e meia, e o filme do sábado seguinte foi recebido com o mesmo entusiasmo.

Eleni transbordava de animação ao escrever para as filhas contando sobre a novidade:

Estamos todos gostando muito dos filmes — são o ponto alto da semana. Mas as coisas nem sempre correm conforme o esperado. No sábado passado, os rolos não chegaram de Agios Nikolaos. Todos ficaram muito decepcionados quando perceberam que o filme havia sido cancelado e por pouco não houve confusão, e durante vários dias as pessoas andaram de um lado para o outro emburradas, como se a colheita tivesse sido um fracasso! Mas todo mundo ficou

mais alegre à medida que a semana foi passando, e ficamos muito aliviados quando seu pai chegou trazendo os rolos.

Dali a poucas semanas, porém, Giorgis começou a levar mais do que o último filme de Atenas. Passou a levar também um rolo de noticiário, que deixava os espectadores atualizados em relação aos sinistros acontecimentos que ocorriam no mundo lá fora. Embora chegassem à ilha exemplares do jornal semanal de Creta, e as rádios de vez em quando chiassem com o último boletim de notícias, ninguém fazia a menor ideia da escala do caos que cada vez mais era semeado na Europa pela Alemanha nazista. Nesse estágio, tais agressões pareciam distantes, e os habitantes de Spinalonga tinham preocupações mais imediatas para cuidar. Com o término das eleições, a Páscoa ia se aproximando.

Nos anos anteriores, a observância desse que era o maior de todos os festivais cristãos havia diminuído. As festividades de Plaka faziam bastante barulho, e embora uma versão dos mesmos rituais exuberantes sempre acontecesse na igreja de São Pantaleão em Spinalonga, havia uma sensação de que aquilo não era a mesma coisa que a celebração grandiosa que acontecia do outro lado do canal.

Tudo seria diferente nesse ano. Papadimitriou cuidaria para que fosse. A comemoração da ressurreição de Cristo em Spinalonga seria tão extravagante quanto qualquer outra realizada em Creta ou na própria Grécia continental.

A Quaresma havia sido respeitada com rigor. A maioria das pessoas passara quarenta dias sem comer carne nem peixe e na última semana o vinho e o azeite haviam sido escondidos nos cantos mais inacessíveis. Na quinta-feira da Paixão, a cruz de madeira da igreja, talvez grande o bastante para acomodar uma centena de almas (contanto que estivessem apinhadas como grãos em uma espiga de trigo), foi coalhada de botões de flor de limoeiro, e uma comprida fila formou-se na rua para lamentar a morte de Cristo e beijar seus pés. A turba de fiéis fez silêncio tanto do lado de dentro quanto do lado de fora da igreja. Era um momento de melancolia, ainda mais quando olhavam para a estátua de São Pantaleão que,

segundo descreveu o mais cínico dos leprosos, era o suposto santo patrono da cura. Muitos já haviam perdido a fé nele havia muito tempo, mas sua história de vida fazia dele a escolha perfeita para uma igreja assim. Jovem médico na época romana, Pantaleão seguiu o exemplo da mãe e tornou-se cristão, ato que normalmente resultava em perseguição. Seu sucesso em curar os doentes despertou suspeitas, e ele foi preso, estirado em uma roda e, por fim, fervido vivo.

Por mais que os ilhéus fossem cínicos em relação aos poderes de cura do santo, no dia seguinte todos se juntaram à grande procissão fúnebre de Cristo. Um caixão foi decorado pela manhã e, ao final da tarde, o epitaphoi florido foi carregado pelas ruas, numa procissão solene.

— Temos muita prática nisso, não é? — comentou Elpida com Eleni, sarcástica, enquanto caminhavam lentamente pela rua, a fila de duzentas pessoas serpenteando pela cidadezinha e subindo o caminho que fazia a curva até o lado norte da ilha.

— Temos — concordou ela —, mas isto aqui é diferente. Esse homem ressuscita...

— E isso não vai nos acontecer — interveio Theodoros Makridakis, que por acaso estava caminhando atrás das duas e sempre tinha um comentário negativo na ponta da língua.

A ressurreição da carne parecia um conceito improvável, mas os mais devotos sabiam que era essa a promessa: um corpo novo, intacto, ressuscitado. Era essa a finalidade da história e era esse o significado do ritual. Os fiéis se agarravam a isso.

Sábado foi um dia calmo. Esperava-se que homens, mulheres e crianças guardassem luto. No entanto, todos estavam atarefados. Eleni organizou uma forçatarefa de todas as crianças para pintar ovos e em seguida decorá-los com pequenos desenhos de folhas. Enquanto isso, as outras mulheres preparavam bolos tradicionais. Contrastando com essas atividades tão delicadas, os homens ajudaram a matar e preparar os cordeiros que tinham vindo de barco algumas semanas antes. Uma vez concluídas essas tarefas, as pessoas tornaram a visitar a igreja para decorá-la com ramos de alecrim, folhas de louro e galhos de murta — no início da noite um

cheiro agridoce emanava lá de dentro e o ar estava carregado de expectativa e de incenso.

Eleni estava em pé na soleira da igreja lotada. As pessoas estavam caladas, comportadas e ansiosas, esforçando-se para escutar os sussurros iniciais do Kyrie eleison. Este começou tão baixinho que poderia ter sido o vento sacudindo as folhas, mas depois cresceu e se transformou em algo quase tangível, preenchendo o espaço da igreja e explodindo em direção ao mundo do lado de fora. As velas acesas dentro da igreja foram então apagadas e debaixo de um céu sem estrelas nem lua o mundo mergulhou na escuridão. Durante alguns segundos, Eleni não pôde sentir nada senão o cheiro forte de cera derretida, que enchia o ar.

À meia-noite, quando o toque ressonante do sino da igreja de Plaka podia ser ouvido do outro lado do mar calmo, o padre acendeu uma única vela.

— Aproximem-se para receber a luz — ordenou. Papa Kazakos disse as palavras sagradas com reverência, mas também de forma direta, e os ilhéus não tiveram dúvida de que se tratava de uma ordem. Os mais próximos estenderam compridos círios, e destes a luz foi sendo compartilhada até que tanto o lado de dentro quanto o de fora da igreja foram tomados por uma floresta de chamas bruxuleantes. Em menos de um minuto as trevas haviam se transformado em luz.

Papa Kazakos, um homem bonachão, de barba, amante da boa vida — o que, compreensivelmente, fazia com que alguns não acreditassem que ele tivesse observado qualquer tipo de abstinência durante a Quaresma —, começou então a leitura do Evangelho. Era um trecho conhecido, e muitos dos ilhéus mais antigos moveram os lábios em perfeita sincronia com as palavras.

— Christos anesti! — exclamou ele ao final do trecho. Cristo se ergueu.

— Christos anesti! Christos anesti! — respondeu a multidão em uníssono.

O grande grito de triunfo prosseguiu na rua durante algum tempo, enquanto as pessoas desejavam umas às outras muitos anos de

felicidade: “Chronia polla!”, e respondiam entusiasmadas: “E pisis!”, da mesma forma.

Então chegou a hora de levar as velas acesas para casa, com cuidado.

— Venha, Dimitri — Eleni instou o menino. — Vamos ver se conseguimos levar a vela para casa sem que se apague.

Conseguir chegar em casa com a vela acesa significava boa sorte por um ano inteiro, e naquela noite de ar parado de abril era perfeitamente possível fazê-lo. Em poucos minutos, todas as casas da ilha tinham uma vela acesa na janela.

O último estágio do ritual era acender a fogueira, onde haveria a queima simbólica do traidor Judas Iscariotes. Durante todo o dia as pessoas levaram gravetos e galhos secos arrancados dos arbustos. Então o padre acendeu a pira e ouviram-se novos vivas enquanto o fogo crepitava e finalmente se erguia com um rugido, enquanto os fogos de artifício subiam pelo céu por todos os lados. A verdadeira comemoração havia começado. Em cada povoado, aldeia e cidade, por mais distantes que fossem, de Plaka a Atenas, haveria grande alegria, e aquele ano seria tão animado em Spinalonga quanto em qualquer outro lugar do país. De fato, lá em Plaka, era possível escutar o toque intenso dos bouzouki quando as danças na ilha começaram.

Muitos dos leprosos não dançavam havia anos, mas, a menos que fossem aleijados a ponto de não conseguirem andar, foram incentivados a se levantar e juntar-se ao círculo que girava devagar. De seus baús empoeirados haviam saído peças do traje típico, de modo que entre eles estavam vários homens de turbantes com franjas, calçando botas de cano alto e calças curtas e bufantes, e muitas das mulheres haviam vestido seus coletes bordados e brilhantes lenços de cabeça para aquela noite.

Algumas das danças eram majestosas, mas, quando não era o caso, os mais capazes e ágeis assumiam a vez, girando e rodopiando como se aquela fosse a última dança de suas vidas. Depois vieram as canções, as mantinades. Algumas eram adoráveis, outras, melancólicas; algumas eram baladas contando longas histórias que ninavam velhos e crianças até quase fazê-los adormecer.

Quando o dia raiou, a maioria das pessoas já tinha ido para a cama, mas outras haviam sucumbido ao sono nas fileiras de cadeiras da taberna, cheios não apenas de raki, mas do mais delicioso cordeiro que já haviam provado. Desde os tempos em que os turcos ocupavam Spinalonga, a ilha não presenciava tamanha alegria e hedonismo. Era em nome de Deus que celebravam. Cristo havia ressuscitado, e de certa forma também para eles houvera uma volta dos mortos, uma ressurreição do espírito.



Os últimos dias de abril transformaram-se em um período de intensa atividade. Diversos doentes haviam chegado de Atenas em março, vindo somar-se à meia dúzia vinda de todos os cantos de Creta ao longo dos meses de inverno. Isso significava que seriam necessárias novas obras de restauração, e todos estavam conscientes de que quando a temperatura subisse muitas tarefas seriam interrompidas até o outono. O bairro turco foi finalmente terminado, e os reparos da caixa d'água veneziana foram concluídos.

Portas da frente e persianas exibiam uma nova camada de tinta, e as telhas da igreja foram todas colocadas no lugar.

Enquanto Spinalonga emergia das próprias cinzas, Eleni começava a declinar. Conforme assistia ao processo de restauração da ilha, não podia evitar compará-lo ao seu gradual definhamento. Durante meses, fingira para si mesma que a doença encontrara resistência no seu corpo, que não tinha avançado, mas então começou a perceber mudanças quase diárias. Os calombos lisos em seus pés haviam se multiplicado, e já fazia muitas semanas que ela os sentia.

— Não há nada que o médico possa fazer para ajudar? — perguntou Giorgis baixinho.

— Não — respondeu ela. — Acho que temos de enfrentar isso.

— Como vai Dimitri? — perguntou, tentando mudar de assunto.

— Bem. Está ajudando bastante agora que estou tendo dificuldade para andar, e nos últimos meses cresceu muito e consegue carregar todas as compras. Não consigo evitar pensar que ele é mais feliz aqui do que antes, apesar de não duvidar de que sente a falta dos pais.

— Ele fala muito neles?

— Já faz muitas semanas que não toca no assunto. Sabe de uma coisa? Ele não recebeu sequer uma carta dos pais desde que chegou aqui. Coitadinho do menino.

No final de maio, a vida já havia se acomodado em seu ritmo habitual de verão, com longas sestas e noites de calor opressivo. Moscas zumbiam pelo ar, e uma névoa quente cobria a ilha do meio-dia até o anoitecer. Quase nada se movia durante essas horas de calor escaldante. Agora reinava uma sensação de constância, e embora ninguém dissesse nada a maioria das pessoas sentia que a vida valia a pena ser vivida. Enquanto mancava a caminho da escola em uma manhã qualquer, Eleni inspirava com prazer o forte cheiro de café misturado ao aroma das mimosas na rua; via um homem descendo a encosta, com seu jumento carregado de laranjas; escutava o barulho das peças de marfim do gamão sendo empurradas de um lado para o outro no feltro e o chacoalhar dos dados pontuando um burburinho de conversas no kafenion. Da mesma forma que em qualquer aldeia de Creta, mulheres idosas, sentadas em frente à porta da rua, meneavam a cabeça quando ela passava. Essas mulheres nunca olhavam diretamente uma para a outra ao conversar, para não correr o risco de perder qualquer acontecimento à sua volta.

E havia muita coisa acontecendo em Spinalonga. De vez em quando havia até algum casamento. Esses eventos importantes, indícios de uma vida social emergente na ilha, bem como outras informações relevantes que a população precisava saber, logo criaram a necessidade de um jornal. Yiannis Solomonidis, ex-jornalista em Atenas, encarregou-se da tarefa, e depois de conseguir uma impressora passou a rodar cinquenta exemplares de uma gazeta semanal, a Estrela de Spinalonga. Os exemplares passavam de mão em mão e eram devorados com interesse por todos. No

começo, o jornal informava sobre os eventos corriqueiros da ilha, o título do filme da semana, o horário de funcionamento da farmácia, objetos achados, perdidos e à venda, e, é claro, casamentos e óbitos. Com o passar do tempo, começou também a incluir um apanhado das notícias da Grécia continental, artigos de opinião e até mesmo quadrinhos.

Certo dia de novembro, um fato importante deixou de ser relatado pelo jornal. Nenhuma frase, nenhuma palavra registrou a visita de um misterioso homem de cabelos escuros, cuja aparência elegante lhe teria permitido misturar-se a uma multidão em Iraklion. Em Plaka, porém, várias pessoas o notaram, uma vez que era raro alguém ser visto de terno na aldeia, a menos, é claro, que houvesse algum casamento ou funeral, o que não era o caso naquele dia.

CAPÍTULO 7

O dr. Lapakis informara a Giorgis que esperava um visitante que teria de ser levado até Spinalonga e conduzido de volta a Plaka poucas horas depois. Seu nome era Nikolaos Kyritsis. Com trinta e poucos anos, cabelos grossos e pretos, ele era franzino se comparado à maioria dos cretenses, e um terno bem-cortado acentuava sua estrutura esguia. Sua pele esticava-se por cima de maçãs do rosto proeminentes. Alguns consideraram-no distinto, enquanto outros julgaram-no subnutrido, e nenhuma das duas opiniões estava errada.

Kyritsis era uma visão esdrúxula no cais de Plaka. Não tinha bagagem, nem caixas, nem família chorosa, como a maioria das pessoas que Giorgis conduzia até o outro lado, apenas uma fina pasta de couro que segurava junto ao peito. As únicas pessoas de fora que frequentavam Spinalonga eram Lapakis e, muito de vez em quando, algum representante do governo em uma rápida visita para avaliar solicitações financeiras. Aquele homem era o primeiro visitante de verdade que Giorgis levava até lá, e ele superou sua reticência inicial em puxar conversa com desconhecidos.

— O que o senhor vai fazer na ilha?

— Eu sou médico — respondeu o homem.

— Mas lá já tem um médico — disse Giorgis. — Levei-o hoje de manhã.

— Sim, eu sei. É o dr. Lapakis, que estou indo visitar. Ele é meu amigo e colega há muitos anos.

— O senhor não é leproso, é? — perguntou Giorgis.

— Não — respondeu o desconhecido, com o rosto quase se abrindo em um sorriso. — E vai chegar o dia em que ninguém na ilha tampouco vai ser.

Era uma afirmação ousada, e o coração de Giorgis se acelerou ao pensar nisso. Notícias incompletas — ou seriam apenas boatos? — de vez em quando chegavam à ilha, dizendo que o tio ou o amigo de fulano ouvira alguma coisa sobre o desenvolvimento de uma cura para a lepra. Ouvira-se falar em injeções de ouro, arsênico e veneno

de cobra, por exemplo, mas havia um quê de loucura nesses tratamentos e, mesmo que fossem acessíveis financeiramente, será que funcionariam de verdade? Só mesmo os atenienses, diziam as fofocas, seriam capazes de cogitar pagar por tais remédios de charlatão. Por um instante, Giorgis sonhou acordado enquanto soltava o barco do ancoradouro e se preparava para levar o novo médico até o outro lado. A saúde de Eleni piorara visivelmente nos últimos meses, e ele havia começado a perder as esperanças de que um dia fossem encontrar a cura que lhe permitiria voltar para casa. Mas, pela primeira vez desde que a levava para Spinalonga, um ano e meio antes, seu coração se encheu com um pouquinho de ânimo.

Papadimitriou estava esperando no cais para receber o médico, e Giorgis viu ambos desaparecerem túnel adentro, a figura elegante com sua fina pasta de couro e a poderosa figura do chefe da ilha erguendo-se muito acima dela.

Uma rajada gélida de vento soprou sobre a água, balançando o barco de Giorgis, mas, apesar disso, ele se pegou cantarolando. Não iria se deixar perturbar por nada naquele dia.



Enquanto os dois homens subiam juntos a rua principal, Papadimitriou interrogou Kyritsis. Tinha informações suficientes para saber que perguntas fazer.

— Em que pé estão as últimas pesquisas? Quando vão começar os testes? Quanto tempo vai levar para chegar aqui? Qual o seu envolvimento em tudo isso?

Kyritsis não esperava um interrogatório desses, muito menos encontrar alguém como Papadimitriou.

— Ainda é muito cedo — disse, cauteloso. — Eu faço parte de um grande programa de pesquisa financiado pela Fundação Pasteur,

mas não é apenas a cura que estamos buscando. Novas diretrizes para o tratamento e a prevenção foram expostas na Conferência do Cairo uns dois anos atrás, e esse é o principal interesse da minha visita. Quero me certificar de que estamos fazendo tudo que é necessário... não quero que a cura, se e quando for encontrada, chegue tarde demais para todos aqui.

Perfeito ator, Papadimitriou escondeu com uma risada sua leve decepção pelo fato de a tão esperada cura ainda estar fora de alcance:

— Que pena. Eu tinha prometido à minha família que estaria de volta a Atenas a tempo para o Natal, então estava confiando no senhor para trazer uma poção mágica.

Kyritsis era realista. Sabia que ainda iria demorar alguns anos para aquelas pessoas receberem um tratamento eficaz, e não queria aumentar suas expectativas. A lepra era um mal quase tão antigo quanto aquelas montanhas que os cercavam, e não iria desaparecer do dia para a noite.

Enquanto caminhavam até o hospital, Kyritsis observava a vista e os sons à sua volta com alguma incredulidade. Aquela parecia uma aldeia como as outras, embora estivesse em melhor estado do que muitas na mesma região de Creta. Com exceção do ocasional habitante com um lóbulo da orelha aumentado, ou um pé aleijado — sinais que poderiam passar despercebidos pela maioria —, os moradores ali poderiam perfeitamente ser pessoas comuns levando a vida. Naquela época do ano, poucos rostos estavam visíveis. Os homens usavam as boinas enterradas na cabeça e as golas levantadas e as mulheres tinham xales de lã enrolados bem apertados em volta da cabeça e dos ombros para se proteger do clima, do vento que ia ficando mais forte a cada dia e da chuva torrencial que transformava as ruas em riachos.

Os dois homens passaram pelas vitrines de lojas com persianas de cores brilhantes, e o padeiro, que naquele exato momento sacava uma fornada de pães cor de areia, cruzou olhares com Kyritsis e meneou a cabeça. O médico tocou a aba do chapéu em resposta. Um pouco antes da igreja, saíram da rua principal. Bem alto, acima

deles, erguia-se o hospital. Era uma visão imponente, sobretudo vista de baixo, um prédio bem maior do que qualquer outro na ilha.

Lapakis estava na porta da frente para cumprimentar Kyritsis, e os dois se abraçaram com uma demonstração espontânea de afeto. Por alguns instantes, cumprimentos e perguntas se sobrepuseram em uma confusão de entusiasmo. “Como está você? Há quanto tempo está aqui? O que tem acontecido em Atenas? Conte as suas novidades!” Depois de algum tempo, o deleite mútuo deu lugar às considerações práticas. O tempo estava passando. Lapakis levou Kyritsis para fazer um rápido tour guiado pelo hospital, mostrando-lhe o ambulatório, as enfermarias e, por fim, os leitos.

— Temos muito poucos recursos atualmente. Mais pessoas deveriam vir passar alguns dias aqui, mas simplesmente precisamos tratá-las e mandá-las de volta para casa — disse Lapakis, com a voz cansada.

Na enfermaria havia dez camas, apinhadas, a apenas meio metro de distância uma da outra. Estavam todas ocupadas, algumas por homens, outras por mulheres, embora fosse difícil dizer quem era quem, já que as persianas estavam fechadas e apenas poucos feixes de luz débil entravam pelas frestas. A maioria daqueles pacientes estava em estado terminal. Kyritsis, que passara algum tempo no hospital para leprosos de Atenas, não ficou chocado. As condições, a superlotação e o cheiro ali já tinham sido cem vezes piores. Agora pelo menos havia alguma preocupação com higiene, algo que poderia significar a diferença entre a vida e a morte para alguns pacientes com úlceras infectadas.

— Todos estes pacientes estão em estágio reativo — disse Lapakis em voz baixa, apoiando-se no batente da porta.

Essa era uma fase da lepra em que os sintomas da doença se intensificavam, algumas vezes durante dias ou mesmo semanas. No decorrer desse estágio, os pacientes tinham dores terríveis, febre alta e feridas mais cruciantes do que nunca. A reação leprótica podia deixá-los em pior estado, mas algumas vezes indicava que o corpo estava lutando para eliminar o mal e que, quando o sofrimento diminuísse, poderiam estar curados.

Enquanto os dois homens ficaram ali olhando para o aposento, a maioria dos pacientes não disse nada. Um deles gemia de forma intermitente, e outro, que Kyritsis pensou ser uma mulher mas não teve certeza, grunhia. Lapakis e Kyritsis afastaram-se da soleira da porta. Parecia intrusivo ficar ali.

— Venha até meu escritório — disse Lapakis. — Vamos conversar lá.

Ele conduziu Kyritsis por um corredor escuro até a última porta à esquerda. Ao contrário da enfermaria, aquele cômodo tinha vista. Grandes janelas que iam do meio da parede até quase o teto muito alto davam para Plaka e para as montanhas que se erguiam atrás da aldeia. Preso à parede havia um grande desenho arquitetônico do hospital tal como era e, em vermelho, o contorno de um prédio anexo a ser construído.

Lapakis viu que o desenho atraía a atenção de Kyritsis.

— Esses são meus planos — disse ele. — Precisamos de outro dormitório e de várias novas enfermarias. Homens e mulheres deveriam estar separados... se não podem ter suas vidas, o mínimo que podemos lhes dar é dignidade.

Kyritsis andou até o desenho para examiná-lo. Sabia como o governo dava pouca prioridade à saúde, sobretudo daqueles que considerava doentes terminais, e não pôde evitar demonstrar cinismo.

— Isso vai custar um bom dinheiro — falou.

— Eu sei, eu sei — retrucou Lapakis, com a voz cansada. — Mas agora que os nossos pacientes estão vindo da Grécia continental também, além de Creta, o governo é obrigado a arrumar algum financiamento. E quando você conhecer alguns dos leprosos que estão aqui, vai ver que não são do tipo que aceita não como resposta. Mas o que trouxe você de volta a Creta? Fiquei muito contente ao receber sua carta, você não dizia claramente por que estava vindo para cá.

Os dois homens começaram a conversar com a intimidade espontânea dos que haviam sido estudantes juntos. Ambos estudaram medicina em Atenas e, embora seu último encontro

tivesse sido seis anos antes, conseguiram retomar a amizade como se nunca tivessem se separado.

— Na verdade, é bem simples — disse Kyritsis. — Eu cansei de Atenas, e quando vi um anúncio oferecendo um cargo no departamento de Dermatovenereologia do hospital de Iraklion, candidatei-me. Sabia que poderia continuar minha pesquisa, especialmente com o grande número de leprosos que você agora tem aqui. Spinalonga é um lugar totalmente perfeito para um estudo de caso. Você me deixaria fazer visitas ocasionais... e, mais importante, acha que os pacientes vão concordar?

— Certamente não tenho objeção, e, com certeza, eles também não vão ter.

— Em determinado momento, talvez haja até novos tratamentos a se tentar... embora eu não esteja prometendo nada dramático. Para ser honesto, os resultados dos últimos remédios têm sido particularmente pouco promissores. Mas não podemos ficar parados, não é?

Lapakis estava sentado à sua mesa. Ouvira com atenção cada palavra de Kyritsis, e seu coração se enchera de esperança. Durante cinco longos anos ele tinha sido o único médico disposto a visitar Spinalonga e, em todo esse tempo, tratara de uma fila interminável de doentes e moribundos. Toda noite, quando tirava a roupa para dormir, verificava o corpanzil em busca de sinais da doença. Sabia que aquilo era ridículo, e que a bactéria poderia passar meses ou até anos vivendo em seu sistema antes que se desse conta de sua presença, mas suas profundas preocupações com isso eram um dos motivos que o faziam ir a Spinalonga somente três vezes por semana. Precisava dar a si mesmo uma chance de resistir. Seu papel ali era uma vocação que sentira obrigação de seguir, porém temia que a possibilidade de continuar livre da lepra fosse tão remota quanto a perspectiva de uma vida longa para alguém que praticasse roleta-russa.

Lapakis passava a ter alguma ajuda. Fora justamente quando não podia mais dar conta da lenta procissão de doentes que subiam a colina a cada dia, alguns para ficar semanas e outros simplesmente para trocar ataduras e curativos, que Athina Manakis

chegou. Era médica em Atenas até descobrir que tinha a doença e se internar no leprosário de lá, antes de ser transferida para Spinalonga junto com os outros rebeldes atenienses. Ali, tinha um novo papel. Lapakis mal podia acreditar na própria sorte: ela estava não apenas disposta a morar no hospital, como também tinha um conhecimento enciclopédico da prática da medicina geral; o simples fato de serem leprosos não impedia os moradores de Spinalonga de sofrerem de vários outros males como caxumba, catapora e até dores de ouvido, doenças que muitas vezes não eram tratadas. Os vinte e cinco anos de experiência de Athina Manakis e sua disposição de trabalhar todo o tempo, exceto o que passava dormindo, tornavam seu valor incalculável, e Lapakis não se importava nem um pouco com o fato de ela o tratar como um irmão menor que precisava ser posto no caminho certo. Se acreditasse em Deus, teria agradecido a Ele de todo o coração.

Agora, vindo do nada — ou melhor, vindo do cinza daquele dia de novembro em que mar e céu competiam para ver qual dos dois estava mais desenhado —, Nikolaos Kyritsis chegara perguntando se poderia fazer visitas regulares. Lapakis poderia ter chorado de alívio. Seu trabalho sempre fora solitário e ingrato, e finalmente seu isolamento chegara ao fim. Quando ia embora do hospital no fim de cada dia, lavando-se com uma solução de enxofre no grande arsenal veneziano que agora servia como sala de desinfecção, não haveria mais aquele sentimento de inadequação que se recusava a largá-lo. Havia Athina, e agora, de vez em quando, haveria também Kyritsis.

— Por favor — disse ele. — Venha quantas vezes quiser. Nem consigo lhe dizer como ficarei encantado. Conte-me exatamente o que você tem feito.

— Bom — disse Kyritsis, tirando o casaco e pendurando-o com cuidado no encosto da cadeira —, existem pessoas na área da pesquisa sobre a lepra que têm certeza de estarem chegando perto de uma cura. Eu ainda tenho ligações com o Instituto Pasteur de Atenas, e nosso diretor-geral está bastante disposto a fazer as coisas avançarem o máximo possível. Imagine o que isso iria significar, não apenas para as centenas de pessoas daqui, mas para milhares mundo afora... milhões, chegando até a Índia e a América do Sul. O

impacto de uma cura seria enorme. Na minha cautelosa opinião, ainda estamos bem distantes, mas cada pequeno avanço, cada estudo de caso ajuda a construir um quadro de como podemos evitar que a doença se espalhe.

— Eu gostaria de pensar que você se engana quando diz que a cura está distante — respondeu Lapakis. — Ultimamente, tenho sido muito pressionado para usar remédios de charlatão. Essas pessoas estão tão vulneráveis que se agarram a qualquer migalha, principalmente quando têm recursos para pagar. Então, qual é exatamente seu plano?

— Preciso de alguns casos que possa monitorar bem de perto ao longo dos próximos meses, ou até anos, se for necessário. Em Iraklion, tenho ficado um pouco preso na parte do diagnóstico, e depois perco meus pacientes porque vêm todos para cá! Nada poderia ser melhor para eles do que o que eu vi aqui, mas preciso acompanhar alguns casos.

Lapakis estava sorrindo. Um acordo assim seria bom para os dois. Em uma das paredes de seu escritório, do chão até o teto, havia fileiras de caixas-arquivo. Algumas continham o prontuário de todos os moradores vivos de Spinalonga. Outras guardavam os prontuários dos que morriam. Antes de Lapakis se oferecer para trabalhar na ilha, nenhum documento era guardado. Mal havia algum tratamento digno de nota, e o único avanço fora rumo à degenerescência gradual. Tudo que restava sobre os leprosos que estiveram na ilha nas primeiras décadas de existência da colônia era um grande livro-caixa preto, que listava nomes, data de chegada e data de morte. As vidas eram reduzidas a um único registro em um livro de visitas macabro, e os ossos agora jaziam misturados e inidentificáveis debaixo das lápides de pedra dos túmulos coletivos na ponta mais afastada da ilha.

— Tenho registros de todo mundo que esteve aqui desde que cheguei, em 1934 — disse Lapakis. — Tomo notas detalhadas da condição dos pacientes quando chegam e de cada mudança à medida que ocorre. Estão ordenados por idade... me pareceu uma maneira tão lógica quanto outra qualquer. Por que você não dá uma

olhada e separa os que gostaria de examinar? Em sua próxima visita eu posso marcar uma hora para eles virem conhecê-lo.

Lapakis puxou a pesada gaveta de cima da caixa-arquivo mais próxima para abri-la. Estava abarrotada de papéis, e com um gesto amplo do braço ele convidou Kyritsis a olhar à vontade.

— Vou deixar você aqui — falou. — É melhor eu voltar para o dormitório. Alguns dos pacientes devem estar precisando de atenção.

Uma hora e meia depois, quando Lapakis voltou para seu escritório, havia uma pilha de pastas no chão; o nome na frente da primeira da pilha era “Eleni Petrakis”.

— Você conheceu o marido dela hoje de manhã — comentou Lapakis. — É o barqueiro.

Eles fizeram uma lista de todos os pacientes escolhidos, tiveram uma curta conversa sobre cada um, e então Kyritsis olhou para o relógio na parede. Estava na hora de voltar. Antes de entrar na sala de desinfecção para se pulverizar — embora soubesse que essa medida para tentar limitar o alastramento da bactéria era inútil —, os dois homens apertaram-se as mãos com firmeza. Lapakis conduziu-o de volta até o sopé do morro e o túnel de entrada, e Kyritsis seguiu sozinho para o cais, onde Giorgis estava à sua espera, pronto para conduzi-lo na primeira etapa de sua longa viagem de volta a Iraklion.

Poucas palavras foram trocadas na viagem de volta até o outro lado. Parecia que haviam esgotado tudo que havia a dizer durante a ida. Ao chegarem a Plaka, porém, Kyritsis perguntou a Giorgis se ele poderia estar ali no mesmo dia na semana seguinte para levá-lo até Spinalonga. Por algum motivo que não conseguiu entender muito bem, o barqueiro ficou satisfeito. Não apenas por causa do preço da passagem. Ficou feliz simplesmente em saber que o novo médico, que era como pensava naquele homem, iria voltar.



Durante o intenso frio de dezembro, as temperaturas árticas de janeiro e fevereiro e os ventos uivantes de março Nikolaos Kyritsis continuou a visitar a ilha todas as quartas-feiras. Nem ele nem Giorgis eram homens de muita conversa, mas mantinham diálogos curtos durante a travessia até a colônia de leprosos.

— Como está passando, kyrie Petrakis? — perguntava Kyritsis.

— Bem, graças a Deus — respondia Giorgis, cauteloso.

— E como vai sua mulher? — indagava o médico, pergunta que fazia Giorgis se sentir um homem com uma vida normal de casado. Nenhum dos dois pensava na ironia de que a pessoa que fazia a pergunta conhecia a resposta melhor do que ninguém.

Giorgis ansiava pelas visitas de Kyritsis, assim como Maria, agora com doze anos, uma vez que estas traziam uma pontinha de otimismo e a possibilidade de ver o pai sorrir. Não havia palavras, simplesmente era algo que ela sentia. No final da tarde, ela ia para o cais esperar os dois voltarem. Enrolando o casaco de lã bem apertado em volta do corpo, sentava e ficava olhando o barquinho se aproximar, no crepúsculo cinzento, depois segurava a corda para o pai e a amarrava com competência ao ancoradouro para deixar o barco atracado durante a noite.

Em abril os ventos já haviam perdido o frio cortante, e o clima sofreu uma alteração sutil. A terra estava se aquecendo. Anêmonas roxas de primavera e claras orquídeas cor-de-rosa haviam despontado, e pássaros migratórios sobrevoavam Creta a caminho da África depois do inverno. Todos receberam com alegria a mudança de estação e o tão ansiado calor que agora iria chegar, mas houve também mudanças menos positivas.

A guerra já assolava a Europa havia algum tempo, mas naquele mês a Grécia foi invadida. O povo de Creta agora vivia sob a espada

de Dâmocles; o jornal da colônia, Estrela de Spinalonga, publicava boletins regulares sobre a situação, e os rolos de noticiário que chegavam junto com o filme semanal provocaram na população um estado de ansiedade. O que mais temiam acontecera: os alemães passaram a prestar atenção em Creta.

CAPÍTULO 8

— Maria! Maria! — gritou Anna da rua, embaixo da janela da irmã. — Eles chegaram! Os alemães chegaram! — A voz estava tomada pelo pânico, e enquanto Maria descia os degraus da escada dois a dois, ela realmente esperava ouvir o som de botas de ponteira de aço marchando pela rua central de Plaka.

— Onde? — perguntou, sem fôlego, esbarrando com a irmã na rua. — Onde eles estão? Não estou vendo.

— Não estão aqui, sua idiota — retrucou Anna. — Não ainda, mas estão em Creta e talvez estejam vindo para cá.

Qualquer um que conhecesse Anna teria distinguido uma pontinha de euforia em sua voz. Em sua opinião, qualquer coisa que quebrasse a monotonia de uma existência governada pela previsível sucessão das estações e a perspectiva de passar o resto da vida morando naquela mesma aldeia devia ser recebida com alegria.

Anna viera correndo da casa de Fotini, onde um grupo estivera reunido em volta de um rádio picotado por interferências. Eles mal haviam conseguido compreender que os páraquedistas alemães acabavam de aterrissar a oeste de Creta. As duas meninas saíram correndo para a praça da aldeia onde, em horas como aquela, todos se reuniam. Era final de tarde, mas o bar estava apinhado de homens e, o que era pouco habitual, também de mulheres, todas aos gritos, pedindo para ouvir o rádio, embora evidentemente o barulho causado por elas abafasse boa parte da transmissão.

As notícias eram frias e limitadas. “Por volta das seis horas desta manhã alguns paraquedistas aterrissaram em solo cretense, perto da pista de pouso de Maleme. Acredita-se que todos tenham morrido.”

No final das contas, Anna parecia estar errada. Os alemães na verdade não haviam chegado. Como sempre, pensou Maria, a

reação de sua irmã fora exagerada.

Mesmo assim, o clima estava tenso. O governo de Atenas caíra quatro semanas antes, e a bandeira alemã desde então flutuava acima da Acrópole. Isso por si só já fora bastante perturbador, mas, para Maria, que nunca estivera lá, Atenas parecia um lugar muito distante. Por que o que acontecia lá deveria perturbar os habitantes de Plaka? Além do mais, milhares de soldados aliados haviam acabado de chegar a Creta, vindos da Grécia continental, mas será que isso os deixaria protegidos? Quando Maria escutou os adultos à sua volta discutindo, debatendo e dando opiniões sobre a guerra, sua sensação de segurança foi reforçada pelo que disseram.

— Eles não têm a menor chance! — zombou Vangelis Lidaki, o dono do bar. — O continente é uma coisa, mas Creta é outra. Nem em um milhão de anos! Olhem só para a nossa geografia! Eles não iriam conseguir nem começar a atravessar as montanhas com aqueles tanques!

— Nós não conseguimos repelir os turcos — retrucou Pavlos Angelopoulos, pessimista.

— Nem os venezianos — ergueu-se uma voz da multidão.

— Bom, se essa gente chegar perto daqui, vai encontrar mais dificuldades do que esperava — rosnou alguém, socando a palma da mão com o punho fechado.

Não era uma ameaça vazia, e todos naquela sala sabiam disso. Mesmo que Creta tivesse sido invadida no passado, os moradores sempre tinham demonstrado a mais feroz das resistências. A história de sua ilha era um longo catálogo de lutas, represálias e nacionalismo, e não se podia encontrar uma única casa que não estivesse equipada com bandoleira, fuzil ou pistola. O ritmo da vida podia parecer lento, mas por trás dessa fachada muitas vezes fermentavam brigas entre famílias ou aldeias, e entre os homens acima de quatorze anos eram poucos os que não sabiam usar uma arma mortal.

Savina Angelopoulos, em pé na soleira da porta ao lado de Fotini e das duas meninas Petrakis, sabia muito bem por que desta vez a ameaça era real. O motivo, muito simples, era a velocidade dos aviões. Os aviões alemães que haviam soltado os paraquedistas

eram capazes de percorrer a distância entre a base em Atenas e aquela ilha em pouco mais tempo do que o necessário para as crianças irem a pé até a escola em Elounda. Mas ela nada disse. Até mesmo a presença das dezenas de milhares de soldados aliados evacuados da Grécia continental para Creta fazia com que se sentisse mais vulnerável do que segura. Ela não tinha a mesma confiança dos homens. Eles queriam acreditar que a morte de umas poucas centenas de alemães que saltaram de páraquedas era o final da história. Savina sentia instintivamente que não era este o caso.

Uma semana depois, a situação ficou mais clara. Naquelas noites de maio, que eram as primeiras do ano em que o calor do dia não desaparecia junto com o sol, todos se reuniam diariamente no bar, e também na praça do lado de fora. Como estavam a quase duzentos quilômetros do centro dos acontecimentos, os habitantes de Plaka tinham de confiar em boatos e fragmentos de informação, e a cada dia novos pedaços da história vinham do oeste como sementes de cardo trazidas pelo vento. Parecia que, embora muitos dos homens que haviam caído do céu tivessem morrido, alguns sobreviveram milagrosamente, esconderam-se e, do esconderijo, conseguiram ocupar posições estratégicas. As primeiras histórias falavam em sangue alemão derramado e homens empalados por varas de bambu, estrangulados pelos próprios paraquedas nas oliveiras ou esmagados contra as rochas, mas depois ficou-se sabendo que muitos sobreviveram, que o campo de pouso fora usado para a aterrissagem de milhares de outros e que a maré estava virando a favor dos alemães. Uma semana depois do primeiro desembarque, a Alemanha anunciou que havia ocupado Creta.

Naquela noite, todos foram novamente se reunir no bar. Maria e Fotini estavam do lado de fora brincando de jogo-da-velha, riscando o chão de terra batida com gravetos afiados, mas aguçaram os ouvidos ao escutarem o som de vozes exaltadas.

— Por que não estávamos prontos? — perguntou Antonis Angelopoulos, batendo com seu copo na mesa de metal. — Era evidente que eles iriam chegar pelo ar. — Antonis tinha um temperamento cuja paixão valia por ele e pelo irmão, e mesmo em situação normal bastava pouca coisa para provocá-lo. Debaixo dos

cílios escuros, seus olhos verdes, escondidos pelas sobrancelhas fartas, faiscavam de raiva. Os dois rapazes não se pareciam em nada. Angelos era delicado física e mentalmente, enquanto Antonis era arrebatado, tinha o rosto magro e estava sempre pronto para o ataque.

— Não era, não — respondeu Angelos, com um aceno da mão gorducha que descartava a afirmação. — Essa era a última coisa que qualquer pessoa esperava.

Não foi a primeira vez que Pavlos se perguntou por que seus dois filhos nunca estavam de acordo em nada. Tragou o cigarro e deu seu veredicto.

— Concordo com Angelos — falou. — Ninguém imaginava um ataque aéreo. É uma forma suicida de invadir esta ilha... cair do céu para ser abatido a tiros antes de aterrissar!

Pavlos estava certo. Para muitos, fora praticamente um suicídio, mas os alemães não se importavam em sacrificar alguns milhares de homens para atingir seu objetivo, e antes de os aliados conseguirem se organizar para reagir o importante aeroporto de Maleme, perto de Hania, já havia sido tomado.

Durante os primeiros dias Plaka seguiu sua rotina. Ninguém sabia o que significaria de verdade para eles o fato de haver alemães em solo cretense. Os moradores passaram vários dias em estado de choque pelo simples fato de aquilo ter acontecido. Chegavam notícias de que o quadro era mais sombrio do que jamais podiam imaginar. Em uma semana, os quarenta mil soldados gregos e aliados foram expulsos da ilha, e milhares tiveram de ser evacuados, com muitas baixas e mortes. Os debates no bar se intensificaram, e houve novas discussões sobre como a aldeia deveria se preparar para se defender quando os alemães chegassem ao leste. A vontade de pegar em armas começou a se espalhar como um fervor religioso. Os aldeões não tinham medo de banhos de sangue. Muitos ansiavam pelo momento de empunhar uma arma.

Isso tornou-se realidade para os habitantes de Plaka quando os primeiros soldados alemães marcharam sobre Agios Nikolaos e uma pequena unidade foi despachada de lá até Elounda. As meninas

Petrakis voltavam para casa da escola quando Anna parou e puxou a manga da irmã.

— Olhe, Maria! — falou. — Olhe ali! Descendo a rua!

O coração de Maria parou de bater por uma fração de segundo. Dessa vez, Anna estava certa. Os alemães tinham mesmo chegado. Dois soldados vinham na direção delas com passos decididos. O que fazem os soldados de ocupação depois de invadirem? Ela imaginou que eles saíssem matando todo mundo. Por que outro motivo iriam até lá? Suas pernas começaram a tremer.

— O que devemos fazer? — sussurrou ela.

— Continuar andando — sibilou Anna.

— Será que não devemos correr para o outro lado? — perguntou Maria, implorando.

— Não seja burra. Continue andando e pronto. Quero ver como eles são de perto. — Ela agarrou o braço da irmã, empurrando-a.

Os soldados tinham uma expressão inescrutável, e seus olhos azuis estavam fixos à frente. Vestiam pesados casacos de lã cinza, e suas botas de ponteira de aço estalavam cadenciadamente no chão de pedra. Não pareceram reparar nas meninas ao passar. Era como se elas não existissem.

— Eles nem olharam para nós! — exclamou Anna assim que os soldados se afastaram o suficiente para não escutá-la. Aos quinze anos, ficava ofendida quando qualquer pessoa do sexo oposto não a notava.

Poucos dias depois, Plaka recebeu seu pequeno batalhão de soldados alemães. Na ponta mais afastada da aldeia, uma família foi acordada de forma rude de manhã bem cedo.

— Abram! — gritaram os soldados, batendo na porta com a coronha dos fuzis.

Apesar de não falarem a mesma língua, a família entendeu a ordem, assim como as ordens seguintes. Deveriam deixar a casa até o meio-dia ou enfrentar as consequências. Desse dia em diante, a presença que Anna previra com tanta animação tornou-se uma realidade, e a atmosfera na aldeia ficou mais sombria.

Dia após dia, chegavam menos notícias significativas sobre o que estava acontecendo em outros lugares de Creta, mas os boatos

eram muitos, inclusive rumores de que pequenos grupos de aliados marchavam para o leste, vindos de Sitia. Certa vez, ao entardecer, quatro soldados britânicos bastante camuflados desceram os morros, onde vinham dormindo em uma cabana de pastor abandonada, e entraram na aldeia despreocupados. Não teriam recebido boas-vindas mais acolhedoras caso houvessem aparecido em suas cidadezinhas nos arredores de Londres. Não era apenas a ânsia por notícias em primeira mão que motivou essa atração; era também o desejo natural dos habitantes de serem hospitaleiros e de tratar todos os desconhecidos como se fossem enviados de Deus. Os homens foram excelentes hóspedes. Comeram e beberam tudo que lhes foi oferecido, mas somente depois de um dos integrantes do grupo, que falava um pouco de grego, ter feito um relato dos acontecimentos da semana anterior na costa noroeste.

— A última coisa que esperávamos era que eles chegassem pelo ar... e certamente não esperávamos tantos — disse. — Todos achavam que eles chegariam por mar. Muitos morreram na hora, mas outros aterrissaram em segurança e depois tornaram a se reunir. — O jovem inglês hesitou e, quase a contragosto, arrematou: — Alguns, porém, foram ajudados a morrer.

Ele fez a frase soar quase piedosa mas, quando prosseguiu com a explicação, muitos dos aldeões empalideceram.

— Alguns dos alemães feridos foram esquartejados — disse ele, com os olhos fixos no copo de cerveja — pelos habitantes locais.

Um dos outros soldados tirou então do bolso da frente uma folha de papel dobrada e, alisando-a com cuidado, abriu-a sobre a mesa à sua frente. Embaixo das letras impressas em alemão alguém havia escrito à mão traduções em grego e em inglês.

— Acho que vocês todos deveriam ver isto aqui. O chefe da força aérea alemã, o general Student, emitiu estas ordens alguns dias atrás.

Os aldeões se apinharam em volta da mesa para ler o que estava escrito no papel.

Há indícios de que civis cretenses foram responsáveis pela mutilação e morte de nossos soldados feridos. Represálias e

punições devem ser administradas sem demora nem hesitação.

Autorizo por meio desta quaisquer unidades que tenham sido vítimas de tais atrocidades a tomar as seguintes medidas:

- 1. abate a tiros dos oponentes;*
- 2. destruição total das aldeias;*
- 3. extermínio de toda a população do sexo masculino de qualquer aldeia que abrigue responsáveis por tais crimes.*

Os responsáveis pelo assassinato de nossos soldados não poderão recorrer aos tribunais militares.

"Extermínio de toda a população do sexo masculino."

As palavras saltavam do papel. Os aldeões ficaram paralisados como se estivessem mortos, e o único som que se ouvia era o da sua respiração; mas por quanto mais tempo estariam livres para continuar respirando?

O inglês rompeu o silêncio: — Os alemães nunca encontraram o tipo de resistência que estão enfrentando em Creta. Isso os pegou completamente de surpresa. E não são só os homens, mas as mulheres e as crianças também... até os padres. Eles esperavam uma rendição total e irrestrita, tanto de vocês quanto dos aliados. Mas é justo lhes avisar que eles já se mostraram brutais no tratamento de várias aldeias no oeste. Reduziram-nas a pó... inclusive igrejas e escolas...

Ele não pôde prosseguir. Um burburinho irrompeu no salão.

— Devemos resistir? — rugiu Pavlos Angelopoulos acima da gritaria.

— Sim — gritaram em resposta cerca de quarenta homens presentes.

— Até a morte! — vociferou Angelopoulos.

— Até a morte! — repetiu a multidão.

Muito embora os alemães raramente se aventurassem a sair depois que escurecia, os homens se revezaram para vigiar a porta do bar. Conversaram até o amanhecer, até o ar ficar espesso de tanta fumaça e as mesas serem ocupadas por florestas prateadas de garrafas vazias de raki. Sabendo que seria um erro fatal serem vistos

à luz do dia, os soldados se levantaram e foram embora pouco antes do raiar do sol. A partir de então, deveriam viver escondidos. Dezenas de milhares de soldados aliados haviam sido evacuados para Alexandria alguns dias antes, e os que restavam tinham de evitar a captura pelos alemães caso quisessem executar suas vitais operações de inteligência. Aquele grupo estava a caminho de Sitia, onde os italianos já haviam desembarcado e assumido o controle.

Na opinião do inglês, os adeuses e abraços foram longos e afetuosos para uma relação tão curta, mas os cretenses nunca hesitavam em fazer grandes demonstrações de efusão emocional. Enquanto os homens estavam bebendo, algumas das mulheres chegaram ao bar com embrulhos de provisões tão pesados que os soldados quase não conseguiram carregá-los. Seria o suficiente para duas semanas inteiras, e os soldados não pouparam agradecimentos. "Efharisto, efharisto", repetia um deles sem parar, usando a única palavra em grego que conhecia. "Não é nada", respondiam os aldeões. "Vocês estão nos ajudando. Nós que deveríamos estar agradecendo."

Enquanto todos estavam no bar, Antonis Angelopoulos, o mais velho dos irmãos de Fotini, tinha saído discretamente, esgueirado-se até dentro de casa e juntado alguns pertences: uma faca afiada, um cobertor de lã, uma camisa sobressalente e sua arma, uma pequena pistola que recebera de presente do pai aos dezoito anos. No último minuto, pegou também a flauta de madeira que ficava guardada em cima de uma prateleira junto com a mais querida e rebuscada lira do pai. Era o seu thiaboli, flauta que tocava desde menino, e como não sabia quando voltaria para casa não podia deixar de levá-la.

Quando estava fechando a fivela de sua mala de couro, Savina apareceu na soleira da porta. Ninguém em Plaka conseguia dormir direito nos últimos dias. Todos estavam em estado de alerta, aflitos e preocupados, e de vez em quando eram despertados por bombas inimigas que explodiam em suas aldeias e cidades. Como poderiam dormir tranquilos se esperavam suas casas serem sacudidas pelo impacto da artilharia a qualquer momento, ou mesmo ouvir as vozes estridentes dos soldados alemães que agora viviam no final da rua? Savina só conseguia dormir um sono leve, e foi acordada pelo

barulho de passos no chão duro de terra batida e pelo roçar da pistola na parede áspera ao ser tirada do gancho. Acima de tudo, Antonis não queria que sua mãe o visse. Savina poderia tentar detê-lo.

— O que está fazendo? — perguntou ela.

— Vou ajudá-los. Vou guiar aqueles soldados... eles não vão sobreviver um dia nas montanhas sem alguém que conheça a região. — Antonis começou a fazer uma defesa arrebatada das próprias ações, como um homem que previa uma oposição feroz. Para sua surpresa, porém, percebeu que a mãe estava meneando a cabeça como quem concorda. Seu instinto de protegê-lo era tão grande quanto sempre fora, mas ela sabia que era assim que deveria ser.

— Você tem razão — concordou, e arrematou com um comentário casual. — É nosso dever apoiá-los como pudermos.

Savina abraçou o filho por um breve instante e então ele se foi, ansioso para não perder de vista os quatro desconhecidos que talvez já estivessem saindo da aldeia.

— Cuide-se — murmurou a mãe para a sombra do filho, embora ele já não pudesse mais ouvi-la. — Prometa que vai se cuidar.

Antonis correu de volta até o bar. A essa altura os soldados já estavam na praça e as últimas despedidas já haviam se encerrado. Ele correu até eles.

— Vou ser o guia de vocês — informou-lhes. — Precisam saber onde ficam as cavernas, as fendas rochosas e os desfiladeiros, porque sozinhos poderiam morrer lá nas montanhas. E eu posso ensiná-los a sobreviver... encontrar ovos de pássaros, frutas comestíveis e água em lugares onde não esperariam encontrar.

Houve um murmúrio de aprovação dos soldados, e o que falava um pouco de grego deu um passo à frente.

— Lá é um lugar traiçoeiro. Nós já percebemos isso em muitas ocasiões. Ficamos muito gratos a você.

Pavlos não se intrometeu. Como a mulher, sentia-se enjoado pelo medo ao ver com o que seu primogênito estava se comprometendo, mas também sentia admiração. Criara os dois meninos para que entendessem como funcionava a natureza, e sabia que Antonis tinha

conhecimento para ajudar aqueles homens a sobreviver, como cabras em um terreno aparentemente estéril. Seu filho sabia o que poderia envenená-los e o que poderia nutri-los; sabia até que tipo de arbusto fornecia o melhor tabaco. Orgulhoso da coragem de Antonis e comovido por seu entusiasmo quase ingênuo, Pavlos abraçou o filho, e antes de os cinco homens desaparecerem virou as costas e começou a andar de volta para casa, sabendo que Savina estaria à sua espera.



Giorgis contou isso tudo a Eleni quando foi visitá-la no dia seguinte.

— Pobre Savina! — exclamou ela com a voz rouca. — Vai ficar tão aflita!

— Alguém precisava fazer isso... e aquele rapaz estava louco por uma aventura — retrucou Giorgis, animado, tentando tornar mais descontraída a partida de Antonis.

— Mas quanto tempo ele vai ficar fora?

— Ninguém sabe. É como perguntar quanto tempo vai durar esta guerra.

Os dois olharam para Plaka, do outro lado do canal. Algumas pessoas se moviam próximo à beira-mar, cuidando de seus afazeres diários. Daquela distância, tudo parecia normal. Ninguém teria dito que Creta era uma ilha ocupada por uma força inimiga.

— Os alemães têm causado problemas? — perguntou Eleni.

— Mal dá para perceber a presença deles — respondeu Giorgis. — Ficam patrulhando durante o dia, mas à noite sequer são vistos. É como se estivessemos sendo observados o tempo todo.

A última coisa que Giorgis desejava é que Eleni soubesse da sensação de ameaça que reinava em Plaka. E mudou de assunto.

— Como está se sentindo, Eleni?

A saúde da mulher estava começando a fraquejar. As lesões em seu rosto haviam se espalhado, e sua voz se tornara roufenha.

— Minha garganta está um pouco irritada — reconheceu ela —, mas tenho certeza de que é só um resfriado. Fale-me sobre as meninas.

Giorgis percebeu que ela não queria falar sobre o assunto. Sabia que não devia se demorar na questão da saúde dela.

— Anna parece um pouco mais feliz agora. Está estudando muito na escola, mas não evoluiu muito nas tarefas domésticas. Na verdade, está mais preguiçosa do que nunca. Ela até tira o próprio prato da mesa, mas jamais pensaria em tirar o de Maria. Desisti de reclamar...

— Você não deveria deixá-la sem punição, sabe — interveio Eleni. — Isso só vai tornar seus hábitos cada vez piores. Além disso, põe muita pressão sobre Maria.

— Eu sei. E Maria parece tão retraída ultimamente. Acho que está ainda mais nervosa com a ocupação do que Anna.

— Ela já sofreu mudanças drásticas suficientes na vida, pobre criança — disse Eleni. Em momentos como aquele, sentia-se sufocada pela culpa de as filhas estarem crescendo longe dela. — É muito estranho — continuou. — Nós aqui quase não somos afetados pela guerra. Sinto-me mais isolada do que nunca. Não posso nem compartilhar do perigo que você está correndo. — Sua voz débil falhou, e ela lutou contra a possibilidade de desatar a chorar na frente do marido. Isso não iria ajudar em nada.

— Não estamos correndo perigo, Eleni.

Suas palavras eram uma mentira. Antonis não era o único dos rapazes da aldeia a terem se juntado à resistência, e as histórias do notório comportamento cruel dos alemães diante da mais ínfima suspeita de espionagem deixavam os habitantes de Plaka atemorizados. De alguma forma, porém, a vida parecia prosseguir normalmente. Havia as tarefas diárias e as ditadas pelas estações do ano. Quando chegava o final do verão, as uvas tinham que ser pisadas; no outono, era hora de colher as azeitonas; e ao longo de todo o ano havia cabras a ordenhar, queijo a fabricar, teares a

operar. O sol nascia, a lua enchia o céu noturno com seu brilho prateado e as estrelas luziam, indiferentes aos acontecimentos.

No entanto, havia sempre uma tensão no ar, e uma expectativa de violência. A resistência cretense estava a cada dia mais organizada, e vários outros homens da aldeia desapareceram para desempenhar seu papel na guerra. Isso aumentou a sensação de que a vida mais cedo ou mais tarde poderia mudar de forma radical. Aldeias idênticas a Plaka, onde os homens haviam se tornado andarte, membros da resistência, estavam sendo identificadas pelos alemães e eram alvo de brutais represálias.

Certo dia, no início de 1942, um grupo de crianças que incluía Anna e Maria estava percorrendo o longo caminho da escola até a aldeia pela beira-mar.

— Olhem! — gritou Maria. — Olhem... está nevando!

A neve deixara de cair algumas semanas antes, e seria apenas uma questão de tempo antes de os topos das montanhas começarem a degelar. O que seria então aquela poeira branca?

Maria foi a primeira a perceber o que estava acontecendo. Não era neve que caía do céu. Era papel. Momentos antes, uma pequena aeronave passara zunindo, mas eles mal haviam erguido os olhos, uma vez que era muito comum aviões alemães sobrevoarem aquele trecho do litoral. O avião deixara cair uma tempestade de folhetos, e Anna pegou um que flutuava na sua direção.

— Olhem só para isso — disse ela. — É dos alemães.

E as crianças se aglomeraram para ler o folheto.

AVISO AOS HABITANTES DE CRETA
SE A SUA COMUNIDADE DER ABRIGO OU MANTIMENTOS
A SOLDADOS ALIADOS OU MEMBROS DO MOVIMENTO DE
RESISTÊNCIA, VOCÊS SERÃO SEVERAMENTE PUNIDOS.
SE FOREM JULGADOS CULPADOS, A PUNIÇÃO SERÁ
SEVERA E RÁPIDA PARA TODA A ALDEIA.

O papel continuou a cair do céu, criando um tapete branco que rodopiava ao redor de seus pés antes de se dispersar até o mar e mergulhar nas ondas cheias de espuma. As crianças ficaram paradas, quietas.

— Temos de levar alguns desses papéis para os nossos pais — sugeriu uma delas, recolhendo um punhado de folhetos antes que fossem soprados para longe. — Precisamos avisar a eles.

Seguiram em frente, com os bolsos cheios de papéis e o coração acelerado de medo.

Outras aldeias também já tinham sido alvos daqueles avisos, mas o efeito não era o esperado pelos alemães.

— Você está maluco — disse Anna ao ver o pai ler o folheto e dar de ombros. — Como é que pode ignorar o aviso dessa maneira? Os andarte estão pondo em risco a vida de todos nós. Só por causa das suas aventurazinhas!

Maria se encolheu no canto da sala. Podia sentir que o pai estava prestes a explodir. Giorgis respirou fundo. Esforçava-se para controlar o próprio temperamento, resistindo ao impulso de partir a filha em pedacinhos de tanta raiva.

— Você acha mesmo que eles estão agindo em causa própria? Morrer de frio dentro de cavernas e viver de comer grama como animais! Como se atreve?

Anna se retraiu. Adorava provocar essas situações, mas raramente vira o pai dar vazão a tamanha fúria.

— Você não escutou as histórias deles — prosseguiu Giorgis. — Não os viu chegar ao bar cambaleando no meio da noite, quase mortos de fome, com a sola do sapato gasta e fina como casca de cebola e os ossos quase perfurando suas faces! Eles estão fazendo isso por você, Anna, por mim e pela Maria.

— E pela nossa mãe — disse Maria baixinho no canto.

Tudo que Giorgis dizia era verdade. No inverno, quando as cordilheiras se cobriam de neve e o vento gemia em volta das azinheiras retorcidas, os resistentes quase morriam congelados; encolhidos nas inúmeras cavernas que ficavam bem acima das aldeias, nas montanhas, onde a única bebida era a umidade que pingava das estalactites, muitos chegavam a seu limite de resistência. No verão, quando o tempo era justamente o oposto, eram assolados por toda a força do calor da ilha, e por uma sede que não conseguiam matar nos regatos secos.

Aqueles folhetos só faziam reforçar a determinação cretense de resistir. Render-se estava fora de cogitação, e eles assumiriam os riscos inerentes a essa atitude. Cada vez mais regularmente os alemães apareciam em Plaka para vasculhar as casas em busca de sinais da resistência, como equipamentos de rádio, e para interrogar Vangelis Lidaki, que, como dono do bar, era geralmente o único homem que ficava na aldeia durante o dia. Os outros passavam o dia na montanha ou no mar, trabalhando. Os alemães não apareciam à noite, e essa era uma certeza que os cretenses passaram a valorizar; os estrangeiros tinham medo demais para sair no escuro, desconfiados da geografia difícil e rochosa da ilha e conscientes da própria vulnerabilidade a ataques noturnos.

Certa noite de setembro, Giorgis e Pavlos estavam em seu canto habitual do bar quando três desconhecidos entraram. Os dois homens mais velhos ergueram os olhos por um instante, mas logo retomaram sua conversa e os estalos ritmados de seus komboloi. Antes da ocupação e da criação da resistência, era raro ver forasteiros na cidade, mas agora isso era comum. Um dos desconhecidos foi até eles.

— Pai — disse, em voz baixa.

Pavlos ergueu os olhos, boquiaberto de espanto. Era Antonis. Quase transfigurado, lembrava muito pouco o rapaz de traços infantis que havia partido para o combate com tamanho idealismo no ano anterior. Suas roupas pendiam-lhe do corpo, largas, e seu cinto dava duas voltas na cintura para manter a calça no lugar.

O rosto de Pavlos ainda estava úmido de lágrimas quando Savina, Fotini e Angelos chegaram. O filho de Lidaki havia sido despachado depressa para levá-los até o bar, e o encontro foi exatamente como deve ser o encontro de pessoas que se amam e que, até então, não haviam passado sequer um dia de suas vidas separados. Ver Antonis não lhes causava apenas prazer, causava-lhes dor também: o rapaz parecia esfaimado, emaciado, e não somente um ano, mas uma década inteira mais velho do que na última vez que o tinham visto.

Antonis estava acompanhado por dois ingleses. No entanto, nada na aparência destes traía sua verdadeira nacionalidade. Com a pele escurecida e extravagantes bigodes que haviam aprendido a retorcer

ao estilo local, agora falavam grego o suficiente para conversar com seus anfitriões. Eles contaram histórias de encontros com soldados inimigos e de como, disfarçados de pastores, haviam-nos feito acreditar que eram cretenses. Tinham percorrido a ilha várias vezes no ano que passara, e uma de suas tarefas era observar a movimentação das tropas italianas. O quartel-general italiano ficava em Neapoli, maior cidade da região de Lasithi, e os soldados lá pareciam não fazer outra coisa a não ser comer, beber e se divertir, em especial com as prostitutas locais. Mas havia outros soldados na orla oeste da ilha, e suas manobras eram mais difíceis de monitorar.

Com o estômago reduzido agora cheio de ensopado de cordeiro e a cabeça girando por causa do tsikoudia, os três homens passaram a noite inteira contando histórias.

— Seu filho agora é um excelente cozinheiro — disse um dos ingleses a Savina. — Ninguém sabe fazer pão de bolotas de carvalho como ele.

— Nem guisado de lesma com tomilho! — brincou o outro.

— Não é de espantar que vocês estejam todos tão magros — respondeu Savina. — Antonis mal sabia cozinhar uma batata quando saiu daqui.

— Antonis, conte a eles sobre aquela vez em que enganamos os boches fazendo pensarem que éramos irmãos — disse um dos ingleses.

E assim a noite prosseguiu, enquanto os três rapazes transformavam os momentos de medo e ansiedade vividos por eles em bem-humoradas anedotas para a diversão de todos. As liras foram apanhadas de trás do bar e começou a cantoria. Mantinades foram cantadas, e os ingleses se esforçaram para aprender as letras que falavam de amor e de morte, de luta e de liberdade, os corações e as vozes agora eram quase indiscerníveis das de seus anfitriões cretenses que tanto lhes deviam.

Antonis passou a noite com a família, e os dois ingleses hospedaram-se com outras famílias dispostas a se arrisquem. Em quase um ano, era a primeira vez que eles dormiam sem ser no chão. Como tinham de partir antes do raiar do dia, o luxo dos colchões recheados de palha foi breve. Assim que calçaram as botas

de cano alto e tornaram a amarrar em volta da cabeça os turbantes pretos franjados, eles deixaram a aldeia. Ninguém, nem mesmo um nativo, teria questionado que aqueles eram verdadeiros cretenses. Nada os denunciava. Nada a não ser que alguém se deixasse tentar por um suborno.

Àquela altura, a fome entre os habitantes de Creta era tal que não era impossível que aceitassem o que era conhecido como "dracma alemão" em troca de uma dica sobre a localização de membros da resistência. A escassez e a fome eram capazes de corromper até os honestos, e essas traições conduziram a algumas das piores atrocidades da guerra, com execuções em massa e destruição de aldeias inteiras. Os velhos e os doentes eram incinerados na própria cama, e os homens forçados a entregarem suas armas antes de serem mortos, a sangue-frio, com tiros. Os riscos da traição eram reais, e significavam que Antonis e outros como ele só faziam visitas raras e breves às famílias, sabendo que sua presença poderia pôr em risco aqueles que mais amavam.

Durante toda a guerra, o único lugar que realmente continuou imune aos alemães foi Spinalonga, onde os leprosos estavam protegidos da pior doença de todas: a ocupação. A lepra podia ter destruído famílias e amizades, mas os alemães haviam conseguido ser ainda mais eficientes na tarefa de arruinar tudo em que tocavam.

Em consequência da ocupação, as visitas de Nikolaos Kyritsis a Plaka cessaram imediatamente, uma vez que viagens desnecessárias de ida e volta de Iraklion eram vistas com suspeita pelas tropas de ocupação. Por mais que detestasse fazê-lo, Kyritsis abandonou sua pesquisa por ora; as necessidades dos feridos e moribundos que o cercavam em Iraklion não podiam ser ignoradas. As repercussões daquela invasão insana significavam que qualquer pessoa com qualquer tipo de treinamento médico precisava trabalhar sem descanso para ajudar os doentes e os mutilados, fazendo curativos, colocando talas e tratando sintomas de disenteria, tuberculose e malária, que assolavam os hospitais de campanha. Quando voltava do hospital à noite, Kyritsis estava tão exausto que raramente

pensava nos leprosos que durante um tempo bastante curto haviam sido o foco das suas atenções.

A ausência do dr. Kyritsis talvez tenha sido o pior efeito colateral da guerra para os habitantes de Spinalonga. Durante os meses em que fizera suas visitas semanais, estes haviam acalentado esperanças no futuro. Agora, o presente era mais uma vez sua única certeza.

A rotina de Giorgis de idas e vindas da ilha estava mais estabelecida do que nunca. Ele logo percebeu que os atenienses não tinham dificuldade para continuar comprando os mesmos artigos de luxo de antes da guerra, apesar dos preços exorbitantes que eram obrigados a pagar.

— Olhem aqui — disse aos amigos certa tarde, no cais, enquanto estavam todos sentados remendando suas redes. — Eu seria um bobo se fizesse perguntas demais. Eles têm dinheiro para me pagar, então que direito eu tenho de questionar o fato de conseguirem fazer compras no mercado negro?

— Mas tem gente aqui reduzida ao último punhado de farinha — protestou um dos outros pescadores.

A inveja da riqueza dos atenienses dominava as conversas no bar.

— Por que eles devem comer melhor do que nós? — quis saber Pavlos. — E como é que eles conseguem pagar por chocolate e tabaco de boa qualidade?

— Eles têm dinheiro, é essa a explicação — disse Giorgis. — Mesmo que não tenham liberdade.

— Liberdade! — zombou Lidaki. — Você chama isto aqui de liberdade? Nosso país invadido pelos malditos alemães, nossos jovens brutalizados e os velhos queimados em suas próprias camas? São eles os livres! — disse ele, apontando o dedo na direção de Spinalonga.

Giorgis sabia que era inútil discutir com eles, e não disse mais nada. Até mesmo os amigos que haviam conhecido bem Eleni, de vez em quando, esqueciam que ela estava na ilha. Algumas vezes, Giorgis recebia um pedido balbuciado de desculpas pela falta de tato. Somente ele e o dr. Lapakis conheciam a realidade, e mesmo assim Giorgis tinha consciência de que a conhecia apenas pela

metade. Via pouco mais do que o portão e as altas muralhas, mas ouvia muitas histórias de Eleni.

Em sua última visita, uma nova mudança na saúde dela havia ocorrido. Depois de feios calombos terem se espalhado pelo peito, pelas costas e, o mais aterrorizante de tudo, pelo rosto, agora era sua voz que estava ficando cada vez menos audível. Embora Giorgis achasse que algumas vezes isso podia ser atribuído à emoção, sabia que essa não era a única causa. Ela dizia que sentia a garganta fechada, e prometeu ir consultar o dr. Lapakis para pedir algum remédio. Enquanto isso, se esforçava para permanecer alegre na presença de Giorgis, tentando não fazê-lo voltar com o semblante desanimado para junto das meninas.

Ele sabia que a doença a estava vencendo, e que ela, assim como a maioria dos leprosos da ilha, quer fossem pobres ou donos de uma fortuna, estava perdendo as esperanças.

Aqueles homens na companhia dos quais Giorgis remendava redes e sentava no bar para ver o tempo passar, jogar gamão e cartas eram as mesmas pessoas com quem ele havia sido criado. Aqueles pontos de vista intransigentes, estreitos, teriam sido também os seus, caso ele não houvesse se destacado pela ligação com Spinalonga. Esse elemento de sua vida proporcionara-lhe uma compreensão que os demais nunca teriam. Manteria a calma e desculparia a ignorância deles, pois era tudo que lhe restava fazer.

Giorgis continuou a levar seus pacotes e seus embrulhos para a ilha. De que lhe importava que o conteúdo fosse comprado no mercado negro? Será que todo mundo não teria comprado o melhor se tivesse os mesmos recursos dos atenienses? Ele próprio gostaria de comprar para as filhas os mesmos luxos pelos quais alguns dos habitantes de Spinalonga agora podiam pagar. Por sua vez, ele procurava sempre levar o melhor do que pescava — depois de Anna e Maria terem comido à vontade — para a colônia de leprosos. Por que eles não podiam ficar com seu maior marimbá ou robalo? Aquelas pessoas estavam doentes e excluídas da sociedade, mas não eram criminosas. Isso era algo que os moradores de Plaka muito convenientemente costumavam esquecer.

Os alemães temiam Spinalonga, com suas centenas de leprosos morando logo do outro lado do canal, e permitiam que as entregas continuassem, já que a última coisa que queriam era que algum deles saísse da ilha para ir buscar os próprios mantimentos em Creta. Um, porém, tentou escapar. Foi no final do verão de 1943, e o armistício italiano havia levado a uma presença alemã mais intensa na província de Lasithi.

Em uma tarde já avançada, Fotini, Anna, Maria e um grupo de cinco ou seis outros adolescentes brincavam na praia, como de hábito. Já estavam acostumados com a presença dos soldados alemães, e o fato de haver um deles patrulhando ali perto não chamou atenção.

— Vamos quicar pedras na água — gritou um dos meninos.

— Vamos, ganha o primeiro que chegar a vinte! — retrucou outro.

O que não faltava na praia eram seixos lisos e redondos, e logo as pedras começaram a voar rente à água, ricocheteando de leve sobre a superfície imóvel, enquanto todos tentavam alcançar o cobiçado alvo.

De repente, um dos meninos começou a gritar para todos os outros. “Parem! Parem! Tem alguém ali!”

Ele estava certo: uma pessoa vinha da ilha a nado. O soldado alemão também estava vendo, e observava, com os braços cruzados de desdém. As crianças começaram a pular e gritar para o nadador dar meia-volta, prevendo o terrível desfecho.

— O que ele está fazendo? — gritou Maria. — Não sabe que vai ser morto?

O avanço do leproso era lento, porém incansável. Ou não percebia a presença do soldado, ou então estava simplesmente preparado para correr o risco — por mais suicida que fosse — porque não conseguia mais suportar a vida na colônia. As crianças continuaram a gritar o mais alto que conseguiam, mas, na hora em que o alemão ergueu a arma para atirar, o medo as silenciou. O soldado esperou até o homem chegar a cinquenta metros da praia, e então atirou nele. Foi uma execução a sangue-frio. Um simples treinamento de tiro ao alvo. Naquele estágio da guerra, as histórias de banho de sangue e de execuções eram frequentes, mas aquelas crianças ainda

não tinham visto nada com os próprios olhos. Naquele momento, perceberam a diferença entre as histórias e a realidade. Um único tiro zuniu por cima da água, com o barulho amplificado pelo eco das montanhas mais atrás, e um cobertor vermelho se espalhou devagar pelo mar calmo.

Anna, a mais velha de todos, pôs-se a gritar ofensas para o soldado. “Seu maldito! Seu alemão maldito!”

Algumas das crianças mais novas choravam de medo e de choque. Eram as lágrimas da inocência perdida. A essa altura, dúzias de pessoas já haviam saído correndo de casa e as visto ali amontoadas, soluçando e chorando. Fora somente naquela semana que haviam chegado a Plaka os boatos de que o inimigo adotara uma nova tática: sempre que desconfiavam da possibilidade de um ataque de resistentes, os alemães pegavam todas as jovens de uma aldeia e usavam-nas como reféns. Sabendo que a segurança de seus filhos estava ameaçada, o primeiro pensamento dos aldeões foi que alguma atrocidade havia sido cometida contra um daqueles jovens pelo único soldado que os encarava da praia a poucos metros de distância. Embora desarmados, eles estavam dispostos a destruí-lo em mil pedaços. Mas, com enorme frieza, ele se virou de frente para o mar e fez um gesto de desafio na direção da ilha. O corpo já tinha desaparecido havia bastante tempo, mas a mancha vermelha ainda flutuava, prendendo-se à superfície como uma camada de óleo.

Anna, sempre a mais destemida, afastou-se do grupo aos prantos e gritou para os adultos nervosos: “Um leproso!”

Eles entenderam na mesma hora, e viraram as costas para o soldado alemão. Sua atitude agora havia mudado. Alguns sequer se incomodavam com a morte de um leproso. Ainda restavam muitos. No curto tempo necessário para os pais se certificarem de que seus filhos estavam sãos e salvos, o soldado desapareceu. O mesmo logo aconteceu com a vítima e todos os seus vestígios. Todos podiam esquecê-lo por completo.

Giorgis, porém, não acharia isso tão fácil. Seus sentimentos em relação aos habitantes de Spinalonga estavam longe de ser neutros. Naquela noite, quando cruzou o canal com seu barquinho surrado, Eleni lhe contou que o leproso cuja execução a sangue-frio todos

havam testemunhado era um jovem chamado Nikos. Descobriu-se que ele vinha fazendo visitas regulares à ilha, quando estava bem escuro, para visitar a mulher e o filho. Segundo os boatos, o dia em que ele morrera era aniversário de três anos do menino, e pela primeira vez o pai quisera vê-lo antes do cair da noite.

Os adolescentes na praia de Plaka não haviam sido o único público da execução de Nikos. Uma multidão também se reunira para vê-lo em Spinalonga. Não havia regras nem regulamentos para proteger as pessoas de loucuras desse tipo, e poucas se deixavam influenciar pelos conselhos apaziguadores de marido, mulher ou amante quando sentiam o impulso de cometer um ato de insanidade tão espontâneo quanto aquele. Nikos parecia um homem esfaimado, e sua fome dominava-lhe todos os pensamentos e todos os instantes que passava acordado. Ele ansiava pela companhia da mulher, mas ainda mais por ver o filho, carne da sua carne e sangue do seu sangue, a imagem da sua infância sem cicatrizes nem máculas, um espelho do menino que fora um dia. Pagara com a vida por esse desejo.

A morte de Nikos foi chorada na pequena ilha naquela noite. Orações foram rezadas na igreja e um velório foi organizado, muito embora não houvesse corpo para enterrar. A morte em Spinalonga nunca passava em branco. Era tratada com a mesma dignidade de qualquer outro lugar em Creta.

Depois desse incidente, Fotini, Anna, Maria e todas as outras crianças que brincavam com elas nesse dia passaram a viver sob uma nuvem de ansiedade. Em um único instante, naquela faixa de seixos quentes onde tinham vivido tantos momentos de despreocupada felicidade infantil, tudo havia mudado.

CAPÍTULO 9

Embora o leproso executado a poucos metros da praia tivesse pouco significado pessoal para a maioria, o ódio dos moradores de Plaka pelos alemães cresceu muito após o incidente. Aquilo levava para a porta de suas casas a realidade da guerra, e os fizera perceber que a aldeia era então tão vulnerável quanto qualquer outro lugar naquele conflito de escala mundial. As reações foram variadas. Para muitos, Deus era a única fonte de paz verdadeira, e as igrejas às vezes ficavam abarrotadas de pessoas curvadas, rezando. Alguns dos mais velhos, como por exemplo a avó de Fotini, passavam tanto tempo na companhia do padre que ficavam impregnados de forma permanente com o perfume doce do incenso. “A vovó tem cheiro de cera de vela!”, exclamava Fotini, dançando em volta da velha senhora, que sorria com indulgência para a única neta. Mesmo que Deus não parecesse estar fazendo muita coisa para ajudá-los a ganhar a guerra, a fé lhe dizia que Ele estava do seu lado, e quando as histórias sobre destruição e profanação de igrejas chegaram aos seus ouvidos, isso só fez intensificar sua fé.

Os panegyria, dias santos, continuavam a ser celebrados. Ícones eram tirados de seus lugares seguros e carregados em procissão pelos padres, e a banda da cidade os seguia com uma cacofonia quase profana de metais e percussão. Mesmo que faltassem os régios banquetes e o som dos fogos de artifício, depois de as relíquias serem reconduzidas em segurança até a igreja as pessoas ainda dançavam animadas e cantavam canções dolentes com paixão até maior do que nos dias de paz. A fúria e a frustração diante da ocupação que prosseguia eram levadas embora com os melhores vinhos, mas assim que o dia raiava e a sobriedade retornava tudo voltava a ser como antes. Era nesses momentos que aqueles cuja fé não tinha propriamente a solidez de uma rocha começavam a questionar por que Deus não atendera às suas preces.

Os alemães, sem dúvida, ficavam intrigados com essas demonstrações do sagrado curiosamente misturado ao profano, mas tinham sensatez suficiente para não proibi-las. No entanto, faziam o

possível para intervir, exigindo interrogar o padre no exato instante em que este ia iniciar a missa, ou vasculhar casas justamente quando a dança estava no auge.

Em Spinalonga, diariamente se acendiam velas para aqueles que sofriam em Creta. Os ilhéus sabiam muito bem que os cretenses viviam com medo da atrocidade dos alemães, e rezavam para a ocupação terminar logo.

O dr. Lapakis, que acreditava no poder da medicina, e não em intervenção divina, começou a ficar desiludido. Sabia que as pesquisas e os testes haviam sido praticamente abandonados. Mandara cartas para Kyritsis em Iraklion mas, depois de muitos meses sem resposta, chegou à conclusão de que o colega deveria estar lidando com questões mais urgentes, e resignou-se a uma longa espera antes de tornar a vê-lo. Lapakis aumentou o número de visitas que fazia a Spinalonga de três vezes por semana para seis. Alguns dos leprosos precisavam de atenção constante, e Athina Manakis não conseguia dar conta de tudo sozinha. Um desses pacientes era Eleni.

Giorgis jamais iria se esquecer do dia em que chegara à ilha e vira, em vez da silhueta esguia da mulher, a forma mais atarracada de sua amiga Elpida. Seu coração disparou. O que teria acontecido com Eleni? Era a primeira vez que ela não aparecia para recebê-lo. Elpida foi a primeira a falar.

— Não se preocupe, Giorgis — tranquilizou-o, tentando imprimir à voz um tom reconfortante. — Eleni vai bem.

— Então onde ela está? — Havia em sua voz uma nota inconfundível de pânico.

— Ela teve de passar alguns dias no hospital. O dr. Lapakis a está mantendo em observação por algum tempo, até a garganta melhorar.

— E a garganta dela vai melhorar? — indagou ele.

— Espero que sim — disse Elpida. — Tenho certeza de que os médicos estão fazendo o possível.

A afirmação dela não tinha convicção. Elpida conhecia tão pouco as chances de sobrevivência de Eleni quanto o próprio Giorgis.

Ele deixou os embrulhos que fora entregar e voltou rapidamente para Plaka. Era sábado, e Maria notou que o pai voltara bem mais cedo do que de costume.

— Que visita curta — comentou ela. — Como vai mamãe? Trouxe alguma carta?

— Infelizmente não há nenhuma carta — respondeu Giorgis. — Ela não teve tempo de escrever esta semana.

Essa parte era totalmente verdadeira, mas ele saiu de casa depressa antes que Maria pudesse fazer mais perguntas.

— Volto às quatro — disse ele. — Tenho que remendar minhas redes.

Maria percebeu que havia algo errado, e essa sensação a acompanhou o dia inteiro.

Eleni passou os quatro meses seguintes internada, doente demais para atravessar o túnel e encontrar Giorgis. A cada dia em que levava Lapakis a Spinalonga, ele a procurava em vão, torcendo para vê-la à sua espera debaixo dos pinheiros. Todas as tardes o médico lhe trazia notícias, de início atenuando um pouco a verdade.

— O corpo dela ainda está lutando contra a doença — dizia ele. Ou então: — Acho que a febre dela baixou um pouco hoje.

Mas o médico logo percebeu que estava dando falsas esperanças a Giorgis, e que quanto mais estas fossem reforçadas mais difícil seria quando chegassem os últimos dias, como sabia, bem lá no fundo, que chegariam. Ele não mentia ao dizer que o corpo de Eleni estava lutando. Estava travando uma batalha furiosa, todos os tecidos combatendo as bactérias que lutavam para dominá-los. A febre da lepra tinha dois desfechos possíveis: deterioração ou melhora. As lesões nas pernas, nas costas, no pescoço e no rosto de Eleni agora haviam se multiplicado, e ela sofria dores terríveis, não conseguia ficar confortável em nenhuma posição. Seu corpo era uma massa de feridas que Lapakis fazia o possível para tratar, atendo-se ao princípio básico de que, se elas fossem mantidas limpas e desinfetadas, talvez ele conseguisse minimizar as virulentas bactérias que não paravam de se multiplicar.

Foi durante essa fase que Elpida levou Dimitri para ver Eleni. Ele agora estava morando com os Kontomaris, situação que todos

esperavam que fosse temporária, mas que tudo indicava que seria permanente.

— Olá, Dimitri — disse Eleni, baixinho. Então, virando a cabeça na direção de Elpida, conseguiu articular somente mais uma palavra. — Obrigada.

Sua voz estava muito débil, mas Elpida sabia o que aquela palavra significava: que o menino de treze anos estava agora em suas mãos. Isso, pelo menos, poderia lhe dar alguma paz de espírito.

Eleni fora transferida para um quartinho onde podia ficar sozinha, longe dos olhares dos outros pacientes, de modo a não ser incomodada nem constituir incômodo para eles no meio da noite, quando a agonia piorava, seus lençóis se encharcavam com o suor da febre e seus grunhidos se tornavam constantes. Nessas horas terríveis, quem cuidava dela era Athina Manakis, dando-lhe uma sopa rala por entre os lábios e enxugando sua testa quente. Mas a quantidade de sopa que ela tomava diminuía a cada dia, e houve uma noite em que não conseguiu mais engolir. Nem mesmo água descia por sua garganta.

Quando Lapakis encontrou sua paciente na manhã seguinte, ofegando em busca de ar e incapaz de responder a qualquer uma de suas perguntas habituais, ele percebeu que Eleni havia entrado em um estágio diferente, talvez o último.

— Kyria Petrakis, preciso olhar sua garganta — disse com delicadeza.

Com as novas feridas em volta dos lábios, ele sabia que o simples fato de fazê-la abrir a boca o suficiente para que pudesse examiná-la seria desconfortável. O exame só fez confirmar seus temores. Ele ergueu os olhos para a dra. Manakis, em pé do outro lado da cama.

— Já voltamos — disse ele, segurando a mão de Eleni ao falar. Os dois médicos saíram do quarto e fecharam a porta sem ruído. O dr. Lapakis falou baixinho e depressa.

— Há pelo menos meia dúzia de lesões na garganta dela, e a epiglote está inflamada. Não consigo nem ver o fundo da faringe

para saber se está inchado. Precisamos deixá-la confortável... não acho que vai demorar muito.

Ele voltou para o quarto, sentou-se ao lado de Eleni e segurou sua mão. A falta de ar parecia ter piorado durante os poucos instantes em que o médico se ausentara. Estava no ponto a que já chegara antes com tantos outros pacientes, quando ele sabia não haver mais nada que pudesse fazer, exceto companhia durante as últimas horas. A localização elevada do hospital fazia com que este tivesse a melhor vista de Spinalonga, e sentado à cabeceira de Eleni, escutando sua respiração cada vez mais difícil, ficou olhando pela grande janela que dava para Plaka, do outro lado do canal. Pensou em Giorgis, que mais tarde naquele mesmo dia partiria rumo a Spinalonga para correr com os cavalos brancos da espuma do mar.

A respiração de Eleni agora vinha em arquejos curtos, e seus olhos estavam arregalados, marejados de lágrimas e cheios de medo. Ele pôde ver que não haveria paz no final daquela vida, e segurou as mãos dela com as suas, como para tentar confortá-la. Talvez tenha ficado duas, três horas ali sentado antes de tudo finalmente terminar. O último suspiro de Eleni foi uma luta inútil para sorver um ar que não chegou.

O melhor que qualquer médico podia dizer para uma família em luto era que seu parente querido havia morrido em paz. Era uma inverdade que Lapakis já contara antes, e que tornaria a contar de bom grado. Saiu depressa do hospital. Queria estar no cais quando Giorgis chegasse.

A alguma distância da margem, o barco subia e descia pelas altas ondas do início da primavera. Giorgis achou estranho o dr. Lapakis já estar à sua espera. Não era comum seu passageiro chegar antes dele, mas também havia algo na atitude do médico que deixou Giorgis nervoso.

— Podemos ficar aqui um instante? — perguntou-lhe Lapakis, consciente de que deveria lhe dar a notícia ali mesmo, e dar a Giorgis tempo para se recuperar antes de voltarem para Plaka e de ele ter de enfrentar as filhas. Estendeu-lhe a mão para ajudá-lo a saltar do barco, em seguida cruzou os braços e fixou os olhos no

chão, movendo uma pedra nervosamente de um lado para o outro com a ponta do sapato direito.

Antes mesmo de o médico falar, Giorgis soube que suas esperanças estavam prestes a ser destruídas. Foram se sentar na mureta de pedra baixa construída em volta dos pinheiros, e puseram-se os dois a fitar o mar.

— Ela morreu — disse Giorgis baixinho.

Não eram apenas as rugas de preocupação marcadas por um dia exaustivo no rosto de Lapakis que haviam deixado transparecer a notícia. Um homem simplesmente consegue sentir no ar quando sua mulher já se foi.

— Eu sinto tanto, tanto — disse o médico. — Não pudemos fazer mais nada no final. Ela morreu em paz.

Ele estava com o braço em volta dos ombros de Giorgis, e o homem mais velho, com a cabeça nas mãos, pôs-se a derramar lágrimas tão densas e abundantes que seus sapatos sujos ficaram molhados e a terra em volta de seus pés escureceu. Passaram mais de uma hora sentados assim, e já eram quase sete da noite, o céu já praticamente escuro e o ar cortante e frio, quando as lágrimas pararam de escorrer pela face de Giorgis. Ele estava seco como um pano torcido, e havia chegado ao momento do luto em que a exaustão e uma estranha sensação de alívio se instalam à medida que as primeiras intensas ondas de dor vão passando.

— As meninas vão ficar preocupadas comigo — disse ele. — Precisamos voltar.

Enquanto subiam e desciam pela água na escuridão quase completa em direção às luzes de Plaka, Giorgis confessou para Lapakis que escondera das filhas a gravidade do estado de Eleni.

— Você teve razão em fazer isso — disse Lapakis, tentando reconfortá-lo. — Um mês atrás eu ainda achava que ela poderia ganhar a batalha. Nunca é errado ter esperança.

Giorgis chegou em casa bem mais tarde do que de costume, e as meninas já estavam ansiosas. Na hora em que ele entrou pela porta, elas perceberam que havia algo terrivelmente errado.

— É a nossa mãe, não é? — perguntou Anna. — Aconteceu alguma coisa com ela!

A expressão de Giorgis se desfez. Ele agarrou o encosto de uma cadeira, com os traços contorcidos. Maria se adiantou e abraçou-o.

— Sente-se, pai — disse ela. — Conte o que aconteceu... por favor.

Giorgis sentou-se à mesa, tentando se controlar. Alguns minutos se passaram antes que ele conseguisse falar.

— A sua mãe... ela morreu. — Ele quase engasgou com as palavras.

— Morreu! — gritou Anna. — Mas nós não sabíamos que ela iria morrer!

Anna jamais havia aceitado o fato de que a doença da mãe só poderia ter um desfecho, real e inevitável. A decisão de Giorgis de esconder das filhas as notícias sobre a deterioração do estado de saúde de Eleni significava que aquilo era um grande choque para as duas. Era como se a mãe tivesse morrido duas vezes, e a dor que elas haviam sentido cinco anos antes tivesse de ser vivida toda de novo. Mais velha, porém pouco mais madura do que era aos doze anos, a primeira reação de Anna foi de raiva pelo fato de o pai não lhes ter avisado, e por aquele acontecimento cataclísmico chegar sem mais nem menos.

Durante meia década a fotografia de Giorgis e Eleni pendurada na parede ao lado da lareira havia proporcionado a imagem da mãe que Anna e Maria carregavam na mente. As únicas lembranças que guardavam de Eleni eram genéricas, recordações de carinho materno e do ambiente de uma rotina feliz. Havia muito tempo que já não se lembravam da realidade da mãe, e tinham dela apenas aquela imagem idealizada, vestida com um traje típico: uma longa saia ricamente drapeada, um avental estreito e uma esplêndida saltamarka, uma blusa bordada com as mangas abertas até os cotovelos. Com o rosto sorridente e os longos cabelos pretos, trançados e enrolados em torno da cabeça, ela era o arquétipo da beleza cretense, imortalizado para sempre no instante em que o obturador da câmera havia se aberto. O caráter definitivo da morte da mãe era difícil de compreender. As filhas sempre haviam acalentado a esperança de que ela fosse voltar e, à medida que

aumentavam os boatos sobre uma cura, as esperanças haviam aumentado. E então isso.

Os soluços de Anna, no quarto do andar de cima, podiam ser ouvidos bem mais adiante na rua, e até na praça da aldeia. As lágrimas de Maria não eram tão fáceis. Olhou para o pai e viu um homem fisicamente arrasado pela dor. Para ele, a morte de Eleni não representava apenas o fim de suas esperanças e expectativas, mas o fim de uma amizade. Sua vida tinha sido virada de cabeça para baixo quando ela fora exilada, mas agora havia mudado de maneira irreversível.

— Ela morreu em paz — disse ele a Maria naquela noite, enquanto os dois jantavam.

Um lugar havia sido posto para Anna, mas ela não se deixou convencer sequer a descer a escada, quanto mais a comer.

Nada os havia preparado para o impacto da morte de Eleni. Seu trio familiar deveria ter sido apenas temporário, não é? Durante quarenta dias uma lamparina a óleo ardeu no cômodo da frente, em sinal de respeito, e as portas e as janelas da casa permaneceram fechadas. Eleni fora enterrada em Spinalonga, debaixo de uma das lápides de pedra que constituíam o cemitério comum, mas foi lembrada em Plaka pela luz de uma única vela acesa na igreja de Agia Marina, na ponta mais afastada da aldeia, onde o mar ficava tão próximo que lambia os degraus da igreja.

Depois de alguns meses, Maria e até mesmo Anna superaram os primeiros estágios do luto. Durante algum tempo, a tragédia que as atingia deixara em segundo plano os acontecimentos do restante do mundo, mas quando emergiram de seu casulo de dor tudo continuava a se desenrolar à sua volta da mesma forma que antes.

Em abril, o ousado sequestro do general Kreipe, comandante da Divisão Sebastopol em Creta, aumentou a tensão na ilha. Com a ajuda dos membros da resistência, Kreipe fora pego em uma emboscada por soldados aliados disfarçados de alemães e, apesar de uma caçada maciça, fora levado de seu quartel-general nos arredores de Iraklion até o litoral sul de Creta, pelas montanhas. De lá, fora despachado de barco para o Egito como o mais valioso prisioneiro de guerra dos aliados. Houve temores de que as

represálias por esse ousado sequestro pudessem ser mais bárbaras do que nunca. Os alemães, porém, deixaram claro que o terror que disseminavam teria acontecido de qualquer forma. Uma das piores ondas de violência ocorreu em maio. Vangelis Lidaki estava voltando de Neapoli quando viu as aldeias incendiadas.

— Destruíram tudo — espumava. — Reduziram tudo a pó.

Os homens que estavam no bar ficaram escutando, incrédulos, a descrição da fumaça que ainda saía das cinzas das aldeias devoradas pelas chamas ao sul das montanhas de Lasithi, e seus corações congelaram.

Alguns dias depois desse fato um exemplar de um comunicado publicado pelos alemães chegou a Plaka pelas mãos de Antonis, que fora fazer uma curta visita para tranquilizar os pais e mostrar-lhes que ainda estava vivo. O tom da mensagem era mais ameaçador do que nunca:

As aldeias de Margarikari, Lokhria, Kamares e Saktouria, assim como as regiões próximas da divisão administrativa de Iraklion, foram postas abaixo, e seus habitantes tratados como mereciam.

Essas aldeias deram proteção a bandos de comunistas, e nós consideramos a população inteira culpada de não ter denunciado essas práticas traidoras.

Bandidos percorrem livremente a região de Saktouria com o total apoio da população local, e têm recebido abrigo. Em Margarikari, o traidor Petrakgeorgis celebrou a Páscoa abertamente com os moradores.

Ouçam com atenção, cretenses. Saibam reconhecer os seus verdadeiros inimigos e protejam-se daqueles que os fazem ser alvos de represálias. Nós sempre os alertamos sobre os perigos de colaborar com os britânicos. Agora estamos perdendo a paciência. A espada alemã irá destruir todos que se associarem aos bandidos e aos britânicos.

O papel foi passado de mão em mão, lido e relido até esfarelar de tanto ser manuseado. Aquilo não interferiu na decisão dos aldeões.

— Isso só mostra que eles estão ficando desesperados — disse Lidaki.

— Sim, mas nós também estamos — respondeu sua mulher. — Quanto tempo mais podemos aguentar isso? Se parássemos de ajudar os andarte, poderíamos dormir tranquilos em nossas camas.

As conversas prosseguiram até tarde da noite. Render-se e cooperar ia contra tudo o que havia de mais instintivo para a maioria dos cretenses. Eles deveriam resistir, deveriam lutar. Além disso, gostavam de brigar. De discussões insignificantes a sangrentas brigas de muitas décadas entre famílias, os homens adoravam um conflito. Várias das mulheres, por sua vez, rezavam muito pedindo paz, e pensaram que suas preces houvessem sido atendidas ao ler nas entrelinhas e detectar o moral cada vez mais baixo dos ocupantes.

A impressão e distribuição daquele tipo de ameaça podia até ser um ato de desespero, mas qualquer que fosse a motivação por trás delas a destruição das aldeias era um fato. Todas as casas daqueles lugares ficaram reduzidas a escombros fumegantes, e a paisagem à sua volta agora estava marcada com as silhuetas assustadoras de árvores carbonizadas, retorcidas. Anna insistiu com o pai que deveriam contar aos alemães tudo que sabiam.

— Por que deveríamos correr o risco de ver Plaka ser destruída? — perguntou ela.

— Parte dessas ameaças é só propaganda — interveio Maria.

— Mas não tudo! — retrucou Anna.

Mas a guerra de propaganda não estava sendo travada apenas pelos alemães. Os britânicos orquestravam sua própria campanha, e viam aquilo como uma arma eficaz. Produziam comunicados para dar a impressão de que a posição do inimigo estava se enfraquecendo, espalhavam boatos sobre um desembarque britânico, e exageravam ao falar do sucesso das atividades de resistência. “Kapitulation” era o tema, e os alemães acordavam com grandes “Ks” pintados nas guaritas de sentinela, nas paredes de seus alojamentos, em seus veículos. Mesmo em aldeias como Plaka, mães aguardavam nervosas os filhos voltarem das viagens nas quais perpetravam atos de vandalismo e pichação; os meninos, é claro, ficavam encantados por estarem contribuindo para o esforço de

guerra, sem nunca imaginar, nem por um minuto, que corressem algum perigo.

Essas tentativas de minar os alemães podem ter sido pequenas em si, mas ajudaram a mudar o quadro geral. A situação estava se revertendo por toda a Europa, e surgiam falhas no controle do continente pelos nazistas. Em Creta, o moral estava tão baixo que os soldados alemães começavam a se retirar; alguns até desertavam.

Foi Maria quem percebeu que a pequena guarnição de Plaka fora abandonada. Às seis horas em ponto, havia sempre uma demonstração de força, uma marcha supostamente intimidadora de ida e volta até a rua principal, com o eventual interrogatório de alguém pelo caminho.

— Tem alguma coisa estranha — disse ela para Fotini. — Algo está diferente.

Não demorou muito para descobrirem. Já eram seis e dez e o barulho habitual das botas com ponteira de aço ainda não fora ouvido.

— Tem razão — respondeu Fotini. — Está tudo calmo. A tensão que pairava no ar parecia ter se dissipado.

— Vamos dar uma volta — sugeriu Maria.

Em vez de irem até a praia como costumavam fazer, as duas meninas percorreram a rua principal até o fim. A casa onde a guarnição alemã havia montado seu quartel-general ficava bem ali. A porta da frente e as persianas estavam escancaradas.

— Venha — chamou Fotini. — Vou espiar lá dentro.

Ela ficou na ponta dos pés e olhou pela janela da frente. Pôde ver uma mesa, vazia exceto por um cinzeiro cheio de guimbas de cigarro, e quatro cadeiras, duas delas jogadas no chão de forma descuidada.

— Parece que eles foram embora — disse, animada. — Vou entrar.

— Tem certeza de que não tem ninguém aí dentro? — perguntou Maria.

— Tenho, sim — sussurrou Fotini enquanto atravessava a soleira.

Com exceção de algum lixo espalhado e de um jornal alemão amarelado jogado no chão, a casa estava vazia. As duas meninas

correram para suas casas e contaram a novidade a Pavlos, que foi imediatamente até o bar. Dali a uma hora a notícia havia se espalhado pela aldeia, e naquela noite a praça se encheu de pessoas comemorando a liberação daquele cantinho da ilha.

Dias depois, em 11 de outubro de 1944, Iraklion foi liberada. Surpreendentemente, visto todo o banho de sangue dos anos anteriores, as tropas alemãs foram escoltadas tranquilamente para fora dos portões da cidade sem qualquer morte; o uso da violência se limitou àqueles considerados colaboradores. No entanto, soldados alemães continuaram a ocupar parte do oeste de Creta, e demorou alguns meses para essa situação mudar.



Certa manhã, no início do verão do ano seguinte, Lidaki estava com o rádio ligado em volume máximo no bar. Lavava os copos da noite anterior a seu modo habitual, às pressas, enxaguando-os em uma bacia de água cinza antes de enxugá-los com um pano que já fora usado para secar algumas poças do chão. Ficou um pouco irritado quando a música foi interrompida de repente para um boletim de notícias, mas os seus ouvidos se aguçaram quando ele captou a solenidade do tom.

“Hoje, dia 8 de maio de 1945, os alemães se renderam oficialmente. Daqui a poucos dias todos os soldados inimigos já terão saído da região de Hania, e Creta será novamente livre.”

A música retornou, e Lidaki se perguntou se o anúncio não teria sido apenas imaginação. Passou a cabeça pela porta do bar e viu Giorgis correndo na sua direção.

— Você ouviu? — perguntou Giorgis.

— Ouvi! — respondeu Lidaki.

Então era verdade. A tirania havia terminado. Embora o povo de Creta sempre tivesse acreditado que iria expulsar o inimigo da ilha,

quando a hora chegou sua alegria não teve limites. Seria preciso organizar uma comemoração jamais vista.

PARTE 3



CAPÍTULO 10

Era como se estivessem respirando um gás venenoso, e agora novamente houvesse oxigênio no ar. Integrantes da resistência retornavam às suas aldeias, muitas vezes percorrendo centenas de quilômetros para chegar, e garrafas de raki eram abertas para celebrar cada volta. Quinze dias depois do final da ocupação era a festa de Agios Konstandinos, e a celebração do dia desse santo foi a desculpa de que todos precisavam para abrir mão de qualquer comedimento. Uma nuvem havia se dissipado, e a loucura tomou conta da ilha. Cabras gordas e carneiros bem-nutridos giravam em espetos por toda Creta, e fogos de artifício estouravam no céu da ilha, lembrando algumas pessoas das explosões que tinham destruído suas cidades e iluminado os céus nos primeiros dias da guerra. Porém, ninguém se demorou nessa comparação; todos queriam olhar para a frente, não para trás.

Para a festa de Agios Konstandinos, as moças de Plaka vestiram suas melhores roupas. Tinham ido à igreja, mas suas mentes estavam voltadas para outras preocupações que não a natureza sagrada daquele acontecimento. A vida daquelas adolescentes tinha poucas restrições, pois elas ainda eram consideradas crianças, e tidas como inocentes em tudo que diziam e faziam. Somente mais tarde, quando a feminilidade delas já estava desenvolvida, os pais acordavam para a sexualidade das filhas e começavam a vigiá-las de perto, algumas vezes tarde demais. A essa altura, é claro, muitas dessas meninas já haviam roubado beijos dos rapazes da aldeia e vivido paixões secretas nos olivais ou nos campos no caminho da escola para casa.

Embora nem Maria nem Fotini já tivessem beijado, Anna havia se tornado uma namoradeira experiente. Nunca se mostrava mais contente do que na companhia de meninos, jogava os fartos cabelos e lançava seu sorriso sedutor sabendo que seu público não iria desviar os olhos. Parecia uma gata no cio.

— Esta noite vai ser especial — anunciou Anna. — Posso sentir isso no ar.

— Por que especial? — perguntou Fotini.

— Porque a maioria dos rapazes voltou, só por isso — respondeu ela.

Havia dúzias de rapazes na aldeia, ainda meninos quando foram lutar com os andartes no início da ocupação. Alguns deles agora haviam decidido se juntar aos comunistas, e tinham ido participar da luta contra as forças de direita que se preparava na Grécia continental, causando novas dificuldades e mais derramamento de sangue.

Antonis, irmão de Fotini, foi um dos que voltaram para Plaka. Por mais que se identificasse com os ideais de esquerda e com a nova campanha na Grécia continental, depois de quatro anos estava mais do que pronto para voltar para casa. Era por Creta que havia lutado, e era lá que queria estar. Durante o tempo que passara fora, Antonis se transformara em um homem magro e musculoso, era impossível reconhecer nele a figura emaciada que fora cambaleando visitar a família depois dos primeiros meses na resistência. Agora não apenas tinha um bigode, mas uma barba também, que acrescentava pelo menos cinco anos aos seus vinte e três. Vivera de uma dieta de plantas de montanha, lesmas e todos os animais selvagens que conseguisse capturar, e havia suportado calor e frio extremos, que lhe proporcionaram uma sensação de indestrutibilidade.

Foi na figura romântica de Antonis que Anna concentrou suas atenções naquela noite. Não era a única com essa meta, mas estava confiante de conseguir pelo menos um beijo. Antonis era magro, de quadris estreitos, e quando a dança começou Anna estava decidida a fazer com que prestasse atenção nela. Caso isso não acontecesse, ele seria o primeiro da aldeia a ter esse comportamento. Todos prestavam atenção em Anna, não apenas por ela ser mais alta do que a maioria das outras meninas, mas porque seus cabelos eram mais compridos, mais ondulados e mais brilhantes, e mesmo quando trançados desciam-lhe até os quadris. A parte branca de seus grandes olhos ovalados era tão brilhante quanto as ofuscantes blusas de algodão que todas as meninas usavam, e seus dentes parecidos com pérolas reluziam quando ela ria e conversava com as amigas, inteiramente consciente da própria beleza e dos olhares

atentos dos grupos de rapazes espalhados pela praça, ansiosos pelo instante em que a música iniciaria de fato as festividades. No crepúsculo daquele grande dia de festa, Anna estava quase luminosa. As outras meninas ficavam todas à sua sombra.

Mesas e cadeiras haviam sido espalhadas em três dos quatro lados da praça, e no quarto uma comprida mesa apoiada em cavaletes suportava o peso de uma dúzia de pratos abarrotados de empadões de queijo e linguiças condimentadas, pastéis doces e pirâmides de laranjas de casca grossa e damascos maduros. O cheiro de cordeiro no espeto se espalhava pela praça e levava consigo uma promessa de prazer de dar água na boca. A ordem dos festejos era bem marcada. Os comes e bebes viriam depois, antes haveria a dança.

No início, todos os rapazes e homens ficaram reunidos conversando, e as meninas se mantiveram afastadas, dando risadinhas animadas. A separação não iria durar muito. A banda se pôs a tocar e começaram os rodopios e a batida de pés. Homens e mulheres se levantaram das cadeiras, e moças e rapazes saíram de seus grupinhos. Logo o espaço de terra batida se encheu. Anna sabia que, conforme o círculo interno de mulheres fosse girando, mais cedo ou mais tarde ela iria chegar na frente de Antonis, e que os dois iriam dançar juntos por alguns instantes antes de seguir em frente. Como vou conseguir fazê-lo me ver como mais do que a amiguinha de sua irmã?, pensou ela.

Não precisou sequer se esforçar. Antonis estava em pé na sua frente. O ritmo lento da dança pentozali lhe deu alguns instantes para estudar os olhos insondáveis que a fitavam por trás da franja cheia de borlas de seu tradicional enfeite de cabeça. O sariki era o chapéu dos guerreiros, agora usado por muitos jovens para mostrar que haviam se tornado homens não apenas pela passagem do tempo, mas porque levavam nas mãos o sangue de outro homem. No caso de Antonis, não fora apenas um, mas vários soldados inimigos. Ele rezava para nunca mais ter de ouvir o característico grito de surpresa quando sua lâmina penetrava a carne macia na escápula dos adversários, nem o arquejo engasgado que vinha depois. A sensação que aquilo trazia nunca era de vitória, mas lhe

dava o direito de associar sua imagem à dos destemidos guerreiros do passado de Creta, os pallikaria, com suas calças curtas e botas de cano alto.

Anna abriu seu largo sorriso para aquele menino que havia se tornado homem, mas ele não retribuiu. Em vez disso, os olhos de ébano de Antonis estavam fixos nos seus, até ela ficar quase aliviada ao chegar a hora de trocar de par. Quando a dança terminou, seu coração ainda batia furiosamente, e ela voltou para o grupo de amigas que agora assistiam enquanto alguns dos homens, entre os quais Antonis, rodopiavam na sua frente como giroscópios humanos. Suas botas afastavam-se mais de um metro do chão quando eles saltavam, e a perfeita sincronia entre os acordes da lira de três cordas e o toque do alaúde os animava a continuar, emprestando à dança uma energia ofegante até o final.

As mulheres casadas e as viúvas também assistiam às acrobacias, embora o espetáculo não fosse para elas, mas para as beldades em idade de casar que observavam do canto da praça. Enquanto Antonis girava e a música e as batidas dos tambores se intensificavam em direção ao clímax, Anna teve certeza de que aquele belo guerreiro estava dançando só para ela. O público inteiro bateu palmas e deu vivas quando a dança terminou, e a banda, quase sem marcar nenhum intervalo, emendou a melodia seguinte. Um grupo de homens ligeiramente mais velhos foi ocupar o centro do palco empoeirado.

Anna era atrevida. Afastou-se de seu círculo de amigas e se aproximou de Antonis, que se servia um copo de vinho de uma grande jarra de cerâmica. Embora a tivesse visto muitas vezes em sua casa, mal a havia notado antes daquela noite. Antes da ocupação, Anna parecia apenas uma menininha; agora, havia se transformado em uma mulher curvilínea e voluptuosa.

— Olá, Antonis — cumprimentou, audaciosamente.

— Olá, Anna.

— Você deve ter ensaiado a sua dança enquanto estava fora para conseguir fazer todos esses passos — disse ela.

— Nós só vimos cabras nas montanhas — respondeu ele, rindo.

— Mas são bem ágeis, então talvez tenhamos aprendido uma ou

duas coisas com elas.

— Podemos dançar de novo daqui a pouco? — perguntou, erguendo a voz acima dos acordes ruidosos da lira e da batida dos tambores.

— Sim — respondeu ele, o rosto agora se abrindo em um sorriso.

— Ótimo. Vou esperar ali — disse ela, e voltou para junto das amigas.

Antonis teve a sensação de que Anna havia se oferecido a ele para mais do que um pentozali. Quando começou uma dança adequada, ele foi até ela, pegou-a pela mão e conduziu-a até o círculo. Segurando-a pela cintura, sentiu então o cheiro indescritivelmente sensual de seu suor, um perfume mais doce e inebriante do que qualquer outro que ele já sentira na vida. Lavanda e pétalas de rosa não chegavam aos pés dela. Quando a dança terminou, sentiu na orelha seu hálito quente.

— Me encontre atrás da igreja — sussurrou Anna.

Anna sabia que um passeio até a igreja, mesmo durante uma festança daquelas, era perfeitamente normal em um dia santo, e, além disso, o dia de Agios Konstandinos era também o dia de sua mulher, Agia Eleni, uma ocasião especial para celebrar a memória de sua mãe. Ela se encaminhou depressa para o beco atrás da igreja e dali a poucos minutos Antonis também estava lá, tateando no escuro à sua procura. Seus lábios entreabertos procuraram os dele na mesma hora.

Antonis não era beijado assim desde quando pagara um bom dinheiro. Durante os últimos meses da guerra, fora assíduo frequentador dos bordéis de Rethimnon. As mulheres de lá adoravam os andarte, e faziam-lhes um preço especial, sobretudo quando eram bonitos como Antonis. Seu negócio fora o único a prosperar durante a ocupação, com os homens indo buscar conforto depois de longos períodos afastados de suas mulheres, e os rapazes aproveitando para adquirir uma experiência sexual que jamais seria tolerada sob o olhar atento da comunidade. No entanto, era tudo sem amor. Mas ali, nos seus braços, estava uma mulher que beijava como uma prostituta, mas que provavelmente era virgem, e o mais importante de tudo era que Antonis sentia um desejo verdadeiro.

Não havia como negar. Cada parte de seu corpo ansiava pelo prolongamento daquele beijo lascivo. Sua mente raciocinava depressa. Ali estava ele, definitivamente de volta, com a intenção de se casar e de se instalar na comunidade, e diante dele uma mulher ávida de amor literalmente esperando na porta da sua casa, da mesma forma que estivera esperando desde a infância. Ela havia de ser sua. Estava escrito.

Separaram-se do abraço.

— Precisamos voltar para a praça — disse Anna, sabendo que o pai iria reparar na sua ausência caso demorasse muito. — Mas vamos voltar separados.

Ela saiu das sombras e entrou na igreja, onde passou alguns minutos acendendo uma vela diante de um ícone da Virgem com o Menino, e seus lábios, ainda úmidos por causa dos de Antonis, balbuciavam uma prece silenciosa.

Quando voltou para a praça, havia uma pequena confusão na rua. Um grande sedã chegara, um dos poucos carros existentes na ilha, onde a maioria das pessoas ainda viajava a pé ou no lombo de algum quadrúpede. Anna parou para ver os passageiros descerem. O motorista, um distinto senhor na casa dos sessenta, podia ser reconhecido imediatamente como Alexandros Vandoulakis, chefe de uma rica família de proprietários de terra que vivia em uma grande fazenda perto de Elounda. Era um homem benquisto, e sua mulher Eleftheria também era querida. Os dois empregavam cerca de uma dúzia de homens da aldeia — inclusive Antonis —, vários dos quais tinham acabado de voltar de longos períodos na resistência, e os haviam recebido de volta de braços abertos. Eles eram generosos com o salário daqueles homens, embora houvesse boatos sarcásticos de que podiam se dar a esse luxo. A fonte de sua riqueza não era apenas os milhares de hectares de olivais. Também possuíam uma extensão de terra similar no fértil planalto de Lasithi, onde cultivavam grandes plantações de batatas, cereais e maçãs, o que lhes proporcionava renda durante o ano inteiro, e, além disso, uma renda garantida. O clima fresco do planalto, oitocentos metros acima do nível do mar, raramente deixava de cumprir seu papel, e a umidade da neve que derretia das montanhas ao redor tornava os

campos verdejantes. Alexandros e Eleftheria Vandoulakis, muitas vezes, passavam os meses do auge do verão em Neapoli, a uns vinte quilômetros de distância, onde tinham um casarão, e deixavam a fazenda de Elounda a cargo do filho, Andreas. Era uma fortuna de raras proporções.

No entanto, não era nenhuma surpresa que uma família tão abastada aparecesse para comemorar com os pescadores, pastores e agricultores. Era um hábito comum em toda Creta. Os moradores das aldeias apareciam para dançar e festejar, e as ricas famílias de latifundiários que viviam nas fazendas ou terras próximas iam se juntar a eles. Por maior que fosse sua fortuna, não seriam capazes de fazer uma festa melhor, e queriam compartilhar daquela alegria toda. Tanto ricos como pobres haviam sofrido, e todos tinham os mesmos motivos para celebrar a liberdade. A emoção melancólica dos mantinades e a animação do enérgico pentozali eram as mesmas, quer a família fosse dona de noventa ou de noventa mil oliveiras.

Do banco de trás do carro saíram as duas filhas dos Vandoulakis, e por último o filho mais velho, Andreas. Foram imediatamente recebidos por alguns dos aldeões e conduzidos até uma boa mesa com a melhor vista da dança. Andreas, porém, não passou muito tempo sentado.

— Vamos — disse ele às irmãs. — Vamos entrar na dança.

Ele agarrou as duas e puxou-as para o meio do círculo, onde se misturaram à multidão que dançava, já que estavam vestidas com os mesmos trajes das moças da aldeia. Anna ficou observando. Algumas das suas amigas estavam na roda, e ela pensou que se elas teriam a oportunidade de dar os braços e dançar com Andreas Vandoulakis, ela também podia fazer o mesmo. Entrou na pentozali seguinte e, da mesma forma que fizera com Antonis menos de uma hora antes, prendeu Andreas com seu olhar.

A dança logo terminou. O cordeiro então estava assado e sendo cortado em pedaços grandes, e bandejas cheias de carne eram passadas para todos se deliciarem. Andreas voltou para junto da família, mas sua cabeça estava em outro lugar.

Aos vinte e cinco anos, vinha sendo pressionado pelos pais para se casar. Alexandros e Eleftheria haviam ficado frustrados por ele rejeitar todas as filhas de seus amigos e conhecidos. Algumas eram sisudas, outras chatas, ou ainda simplesmente sem graça, e embora todas tivessem um dote mais do que generoso, Andreas se recusou a ter qualquer relacionamento com elas.

— Quem é aquela moça, aquela com cabelos incríveis? — perguntou ele às irmãs, gesticulando na direção de Anna.

— Como é que vamos saber? — responderam elas em coro. — É só uma das moças da aldeia.

— Ela é linda — disse Andreas. — É assim que eu quero que minha mulher seja.

Quando ele se levantou, Eleftheria lançou para o marido um olhar sagaz. Em sua opinião, como o dote não teria nenhum impacto na vida de Andreas, pouco importava com quem ele iria se casar. A própria Eleftheria tinha uma origem bem mais modesta do que a de Alexandros, mas isso não afetara suas vidas de forma significativa. Ela queria que o filho fosse feliz, e se isso significasse desafiar as convenções, então, que assim fosse.

Andreas havia se encaminhado direto para o grupo de moças que, sentadas em círculo, comiam com as mãos pedaços de carne macia. Não havia nada de especialmente notável em Andreas, que herdara do pai os traços fortes e da mãe a compleição amarelada, mas sua origem familiar lhe emprestava uma altivez que o distinguia de todos os outros homens da festa, com exceção de Alexandros Vandoulakis. As moças ficaram encabuladas ao perceberem que Andreas se aproximava, e limpavam as mãos depressa na saia e lamberam a gordura dos lábios.

— Alguém quer dançar? — perguntou ele casualmente, olhando direto para Anna. Sua atitude era a de um homem confiante de seu status social superior, e havia apenas uma resposta possível: levantar-se da cadeira e tomar a mão que lhe estava sendo oferecida.

As velas sobre as mesas haviam derretido e se apagado, mas a essa altura a lua já tinha nascido e lançava seu forte brilho no céu muito negro. Tanto o raki quanto o vinho haviam sido servidos à

larga, e os músicos, incentivados pelo clima festivo, tocavam cada vez mais depressa, até os dançarinos parecerem novamente voar pelos ares. Andreas segurava Anna colada junto a si. Era aquela hora da noite em que a tradição de trocar de par durante a dança podia ser ignorada, e ele decidiu que não iria trocá-la por nenhuma matrona desdentada que não soubesse dançar. Anna era perfeita. Nenhuma outra serviria.

Alexandros e Eleftheria Vandoulakis ficaram olhando o filho cortejar aquela mulher, mas não foram os únicos. Antonis estava sentado a uma mesa com amigos, bebendo até se embriagar enquanto percebia o que estava acontecendo na sua frente. O homem para quem ele trabalhava estava seduzindo a moça que ele desejava. Quanto mais bebia, mais infeliz ficava. Sentira-se menos rejeitado quando estava dormindo a céu aberto durante a guerra, fustigado pelas tempestades e pelos ventos cortantes. Que esperança poderia ter de conquistar Anna quando estava competindo com o herdeiro de um pedaço considerável de Lasithi?

Do outro lado da praça, Giorgis estava sentado jogando gamão com um grupo de pessoas mais velhas. Seus olhos iam e vinham do tabuleiro para a praça, onde Anna continuava a dançar com o solteiro mais cobiçado daquelas bandas de Agios Nikolaos.

A família Vandoulakis se levantou para ir embora. A mãe de Andreas percebeu instintivamente que o filho não iria querer voltar para casa com eles, mas, em nome da respeitabilidade e da reputação daquela beldade da aldeia de quem ele tanto gostara, era importante que o fizesse. Seu filho não era bobo. Se fosse desprezar a tradição e ter a liberdade de escolher a própria mulher, em vez de ser obrigado a aceitar alguma outra escolhida pelos pais, precisava destes como aliados.

— Olhe aqui — disse ele para Anna. — Eu agora preciso ir, mas quero vê-la de novo. Mando um recado para você amanhã. Nele vai estar escrito onde podemos nos encontrar.

Ele falava como um homem acostumado a dar ordens, e que esperava que fossem obedecidas. Anna não teve objeções quanto a isso, percebendo pela primeira vez que a aquiescência era a

resposta certa. Afinal de contas, aquele poderia ser seu caminho para sair de Plaka.

— Ei! Antonis! Venha aqui um instante!

CAPÍTULO 11

O chamado era indiferente, a voz de um senhor falando com seu criado. Andreas estacionara sua caminhonete um pouco afastada do lugar onde Antonis derrubava algumas oliveiras velhas e já inférteis, e acenava para ele. O rapaz fez uma pausa no trabalho e apoiou-se no machado. Ainda não se acostumara a atender a todos os chamados de seu jovem patrão. As andanças dos últimos anos, embora tivessem sido árduas e desconfortáveis, traziam também a sensação de uma agradável liberdade. E ele estava achando difícil se acostumar tanto à rotina diária quanto à ideia de que precisava bater continência sempre que o patrão dava alguma ordem. Como se não bastasse, havia também uma razão específica de ressentimento entre ele e aquele homem que gritava do banco do motorista de seu veículo. E isso o fazia querer plantar o machado bem no pescoço de Andreas Vandoulakis.

Antonis reluzia de suor. Sua testa estava cheia de gotículas de transpiração, e a camisa, colada nas costas. Era ainda final de maio, mas a temperatura já estava subindo. Ele não podia bater continência, pelo menos não ainda. Despreocupado, tirou a rolha do cantil a seus pés e tomou um gole d'água.

Anna... Antes da semana anterior, Antonis mal havia prestado atenção nela, e certamente não se demorara pensando a respeito, mas na noite da festa ela despertara nele uma paixão que não o deixava dormir. Revivia vezes sem conta o momento de seu abraço. Foram dez minutos apenas, talvez até menos, mas para Antonis cada segundo fora tão longo e duradouro quanto um dia inteiro. E, de repente, tudo havia acabado. Bem na sua frente. A possibilidade do amor lhe fora arrancada. Ele observara Andreas Vandoulakis desde a hora em que tinha chegado, e, depois, quando dançava com Anna. Soubera então, antes mesmo de as linhas de batalha serem

erguidas, quem havia vencido a guerra. A sorte estava inteiramente contra ele.

Antonis foi vagando até Andreas, que não deu a menor atenção às sutilezas do seu comportamento.

— Você mora em Plaka, não mora? — perguntou Andreas. — Quero que entregue isto para mim. Hoje.

Estendeu um envelope, e Antonis não precisou nem olhar para saber o nome que estava escrito.

— Quando der eu levo — disse, fingindo indiferença, depois dobrou a carta ao meio e a enfiou no bolso de trás da calça.

— Eu quero que seja entregue hoje — disse Andreas, severamente. — Não esqueça.

O motor de sua caminhonete rugiu com grande alarde, Andreas deu a ré apressadamente e se afastou, erguendo a terra seca em uma nuvem suja que flutuou no ar e encheu os pulmões de Antonis de poeira.

— Por que eu deveria levar sua maldita carta? — gritou

Antonis, enquanto Andreas sumia de vista. — Maldito seja você!

Sabia que aquela carta iria selar sua própria infelicidade, mas também sabia que não tinha escolha senão entregá-la. Andreas Vandoulakis logo descobriria caso não cumprisse a missão, e o preço seria alto. O envelope rígido passou o dia inteiro dentro de seu bolso. Estalava toda vez que se sentava, e ele se torturava pensando em rasgá-lo, amassá-lo em uma bola bem apertada e jogá-lo em um desfiladeiro, ou vê-lo arder lentamente na pequena fogueira que fizera para queimar um pouco da madeira cortada durante seu dia de trabalho. Mas a única coisa que não se sentira tentado a fazer fora abrir a carta. Não suportaria lê-la. Não precisava disso. Sabia perfeitamente o que a carta dizia.

Anna ficou surpresa ao ver Antonis em pé na soleira de sua porta naquela noite. Ele batera, torcendo para ela ter saído, mas ali estava ela, com o mesmo sorriso largo, que lançava indiscriminadamente para todos que cruzavam seu caminho.

— Tenho uma carta para você — disse Antonis, sem lhe dar tempo para falar. — É de Andreas Vandoulakis. — As palavras se prenderam em sua garganta, mas ele encontrou uma satisfação

perversa em manter o autocontrole e dizê-las sem deixar transparecer a menor emoção. Os olhos de Anna se arregalaram com evidente animação.

— Obrigada — falou, pegando o envelope agora macio e amarfanhado da mão dele, tomando cuidado para não cruzar com seu olhar.

Era como se tivesse esquecido o furor de seu abraço. Será que aquilo não havia significado nada para ela?, perguntou-se Antonis. Na hora, parecera um começo, mas agora ele podia ver que o beijo que para ele fora tão cheio de expectativa e ansiedade para ela não passara de um momento de prazer roubado.

Ela passou o peso do corpo de um pé para o outro, e ele percebeu sua impaciência para abrir a carta e a pressa para que fosse embora. Dando um passo para trás, ela se despediu e fechou a porta. Quando esta bateu, foi como se ele tivesse levado um tapa na cara.

Dentro de casa, Anna sentou-se diante da mesa baixa e com mãos trêmulas abriu o envelope. Queria saborear aquele instante. O que iria descobrir? Uma paixão derramada em frases bem articuladas? Palavras que explodiam na página feito fogos de artifício? Sentimentos tão comoventes quanto a visão de uma estrela cadente em uma noite clara? Como qualquer moça de dezoito anos, ansiosa por esse tipo de poesia, estava fadada a ficar decepcionada com a carta à sua frente sobre a mesa:

*Cara Anna,
Quero vê-la de novo. Por favor, venha almoçar com seu pai no domingo que vem. Minha mãe e meu pai estão ansiosos para conhecer vocês dois.
Meus cumprimentos,
Andreas Vandoulakis*

Embora o conteúdo a deixasse animada, já que representava mais um passo em direção à sua fuga de Plaka, a formalidade da carta foi um banho de água fria. Anna pensava que, como Andreas tivera uma educação refinada, poderia dominar bem as palavras,

mas havia tanta emoção naquele bilhete escrito às pressas quanto nos enfadonhos livros de gramática de grego antigo, que ficara feliz em deixar para trás nos seus dias de estudante.



O almoço transcorreu como previsto, e foi seguido por vários outros. Anna estava sempre acompanhada do pai, como rezava a rígida etiqueta observada tanto por ricos quanto por pobres para esse tipo de situação. Nos primeiros encontros, pai e filha foram buscados ao meio-dia por um criado no carro de Alexandros Vandoulakis, levados ao casarão, com um imponente pórtico, em Neapoli, e de volta para casa às três e meia em ponto. A rotina era sempre a mesma. Ao chegar, eram conduzidos até uma ampla sala de visitas onde cada peça da mobília era coberta por mantas de renda branca intrincada, elaboradamente bordada, e onde uma imensa cômoda reluzia com uma coleção de porcelana fina, quase translúcida. Ali, Eleftheria Vandoulakis lhes oferecia um pratinho de conservas e uma taça de licor, e ficava esperando para recolher pratos e copos vazios em uma bandeja depois de terminarem. Depois todos se encaminhavam para a sombria sala de jantar, onde quadros a óleo de ancestrais bigodudos de ar rigoroso lançavam seu olhar ardente de paredes cobertas de painéis de madeira. Até mesmo ali as formalidades prosseguiam. Alexandros aparecia e, benzendo-se, dizia: "Bem-vindos", ao que os visitantes respondiam em uníssono com as palavras: "Tenho sorte por estar aqui." Era sempre a mesma coisa, até Anna já saber, quase minuto a minuto, o que iria acontecer e quando.

Visita após visita, eles se empoleiravam em ornamentadas cadeiras de espaldar alto, diante da mesa escura muito encerada, aceitando com educação todos os pratos que lhes eram trazidos.

Eleftheria fazia o possível para que seus convidados ficassem à vontade; muitos anos antes, ela própria passara pelo mesmo ordálio enquanto aguardava o aval da família Vandoulakis para ver se seria esposa adequada para Alexandros, e lembrava-se da insuportável rigidez de tudo aquilo como se tivesse sido na véspera. Apesar dos gentis esforços da mulher, as conversas não fluíam com naturalidade, e tanto Giorgis quanto Anna permaneciam dolorosamente conscientes de estarem sendo julgados. Isso não os surpreendia. Se aquilo era uma corte, e ninguém ainda o havia definido como tal, existiam regras que precisavam ser estabelecidas.

No sétimo encontro, a família Vandoulakis havia se mudado para a imensa casa da grande fazenda de Elounda, onde ficavam de setembro a abril. Anna, então, já estava impaciente. Ela e Andreas não ficavam sozinhos desde que haviam dançado em maio, e como ela reclamou certa noite para Fotini e a mãe da amiga:

— Aquilo nem foi ficar sozinhos, a aldeia inteira nos olhava! Por que é que está demorando tanto?

— Porque, se for a coisa certa para vocês dois e para as duas famílias, não há motivo para pressa — respondeu Savina, compreensivamente.

Anna, Maria e Fotini estavam na casa dos Angelopoulos, supostamente tendo aulas de costura. Na realidade, estavam reunidas ali para conversar sobre o “caso Vandoulakis”, como agora diziam. Àquela altura, Anna já se sentia como um bicho à venda sendo avaliado por possíveis compradores. Talvez, no final das contas, devesse ter tido objetivos mais modestos. Mas estava determinada a não deixar seu entusiasmo arrefecer. Já completara dezoito anos, seus tempos de escola estavam muito distantes e tinha uma única ambição na vida: fazer um bom casamento.

— Vou simplesmente tratar os próximos meses como uma espera necessária — sentenciou. — De todo modo, enquanto isso, precisamos cuidar de papai.

Na verdade, quem estava cuidando de Giorgis era Maria, e ela sabia que ainda ficaria mais um tempo em casa, abrindo mão do sonho de se tornar professora. Mas não reclamava. Mesmo na

melhor das circunstâncias, não era uma boa ideia entrar em conflito com Anna.

Foi preciso esperar a primavera do ano seguinte para Alexandros Vandoulakis se convencer de que, apesar das diferenças de riqueza e status social, não seria um erro o filho fazer de Anna sua noiva. Afinal de contas, ela era muito bonita, bastante inteligente e evidentemente dedicada a Andreas. Certo dia, depois de mais um almoço, os dois pais voltaram sozinhos para a sala de visitas. Alexandros Vandoulakis não fez rodeios.

— Todos temos consciência da desigualdade desse possível enlace, mas estamos convencidos de que não haverá perda para nenhum dos lados. Minha mulher me convenceu de que Andreas vai ser mais feliz com sua filha do que com qualquer outra mulher que já tenha conhecido. Portanto, contanto que Anna cumpra os seus deveres de esposa e mãe, não fazemos nenhuma objeção.

— Não posso lhes oferecer praticamente dote algum — disse Giorgis, afirmando o óbvio.

— Temos plena consciência disso — respondeu Alexandros. — O dote de Anna seria sua promessa de ser uma boa esposa e de fazer tudo que puder para ajudar a administrar a fazenda. Não é um trabalho fácil, e é preciso uma boa mulher nas coxias. Vou me aposentar daqui a alguns anos e Andreas vai ter de carregar bastante coisa nos ombros.

— Tenho certeza de que ela irá fazer o melhor — disse Giorgis com simplicidade. Sentia-se deslocado. Ficava intimidado com a escala do poder e da riqueza daquela família, refletida como estava no tamanho de tudo que os cercava: os grandes móveis escuros, os ricos tapetes e tapeçarias e os valiosos ícones pendurados nas paredes demonstravam seu prestígio. Mas pouco importava que ele não se sentisse em casa ali, pensou. O fundamental era se Anna realmente conseguiria se acostumar àquele luxo. Ela não dava indícios de não se sentir perfeitamente à vontade na casa dos Vandoulakis, mesmo que, para ele, aquilo parecesse um país estrangeiro. Anna sabia beber delicadamente de um copo, comer com recato e dizer a coisa certa como se houvesse nascido para

fazê-lo. Ele, é claro, sabia que ela estava apenas representando um papel.

— O mais importante de tudo é que a educação básica foi boa. Sua mulher fez um bom trabalho, kyrie Petrakis.

Ao ouvir a menção a Eleni, Giorgis se manteve calado. A família Vandoulakis sabia que a mãe de Anna havia morrido alguns anos antes, mas ele não tinha a intenção de deixá-los descobrir mais nada.

Quando voltaram para casa naquela tarde, Maria estava à espera da irmã. Era como se ela soubesse que aquele encontro havia sido fundamental.

— Então? — perguntou ela. — Ele pediu você?

— Ainda não — respondeu Anna. — Mas eu sei que vai pedir. Eu simplesmente sei que vai.

Maria sabia que o que a irmã mais queria no mundo era se tornar Anna Vandoulakis, e também desejava isso para ela. Assim ela poderia sair de Plaka para outro mundo com o qual sempre havia sonhado, onde não precisaria cozinhar, limpar, remendar nem fiar.

— Eles não têm ilusão nenhuma — disse Anna. — Sabem em que tipo de casa nós moramos e que eu não vou levar uma fortuna junto comigo, só algumas joias que eram de mamãe, e pronto...

— Então eles sabem sobre mamãe? — interrompeu Maria, incrédula.

— Sabem apenas que papai é viúvo — retorquiu Anna. — E é tudo que vão saber. — A conversa se encerrou, como se fosse de forma definitiva.

— Então, o que vai acontecer agora? — perguntou Maria, guiando ambas para longe do perigo.

— Eu vou esperar — respondeu Anna. — Vou esperar ele me pedir. Mas essa demora parece uma tortura, e eu vou morrer se ele não pedir logo.

— Ele vai pedir, tenho certeza. É óbvio que ele ama você. Todo mundo diz isso.

— Todo mundo quem? — perguntou Anna, incisiva.

— Não sei bem, mas segundo Fotini todo mundo na fazenda parece achar isso.

— E o que Fotini sabe?

Maria entendeu que fora longe demais. Embora no passado existissem poucos segredos entre as duas irmãs, nos últimos meses isso havia mudado. Fotini confidenciara a Maria sobre a paixão do irmão por Anna, e como o irritava ouvir todos na fazenda sem conseguir falar de outra coisa que não o noivado iminente entre o filho do patrão e a moça da aldeia. Pobre Antonis.

Anna pressionou Maria até ela contar.

— É Antonis. Ele está obcecado por você, sabe disso. Conta todos os boatos da fazenda para Fotini, e todo mundo diz que Andreas está prestes a pedi-la em casamento.

Por alguns segundos, Anna deliciou-se com a ideia de ser alvo de conversas e especulações. Adorava ser o centro das atenções, e quis saber mais.

— O que mais estão dizendo? Vamos, Maria, conte!

— Estão dizendo que ele vai se casar com alguém inferior a ele. Não era o que Anna esperava, e com certeza não era o que queria ouvir. Sua reação foi veemente.

— O que importa o que dizem? Por que eu não deveria me casar com Andreas Vandoulakis? Eu, certamente, não teria me casado com alguém como Antonis Angelopoulos. Ele não tem nada além da camisa que veste!

— Isso não é jeito de falar do irmão da sua amiga... e de toda forma, ele só não tem nada porque estava longe, lutando pelo país, enquanto outras pessoas ficavam em casa enchendo os bolsos de dinheiro.

A última palavra de Maria foi um comentário ferino demais para o gosto de Anna. Ela se jogou em cima da irmã, e Maria, como sempre acontecia quando se envolvia em alguma discussão com a temperamental Anna, decidiu não reagir. Saiu correndo de casa, e como corria mais depressa do que a irmã, logo sumiu de vista no emaranhado de ruazinhas da parte mais afastada da aldeia.

Maria era a rainha da prudência. Ao contrário da irmã volúvel, cujos sentimentos, pensamentos e ações se desenrolavam simultaneamente à vista de todos, ela era ponderada. Em geral, guardava os próprios sentimentos e opiniões, sabendo que acessos

de emotividade e palavras impensadas muitas vezes eram motivo de arrependimento. Ao longo dos últimos anos, havia aprendido a controlar mais do que nunca os sentimentos. Assim, preservava a aparência de estar contente com a vida, em grande parte para poupar o pai. Algumas vezes, porém, ela se dava ao luxo de uma explosão espontânea, e quando isso acontecia, podia ter o mesmo impacto de uma trovoadas em um dia de céu claro.

Apesar das opiniões dos empregados da fazenda e das reticências residuais de Alexandros Vandoulakis, o noivado aconteceu em abril. Depois de um jantar ainda mais formal do que de costume, o casal foi deixado a sós na sombria sala de visitas. A expectativa pelo noivado fora tanta que, quando a hora finalmente chegou e Andreas pediu sua mão, Anna sentiu pouca emoção. Havia imaginado a cena tantas vezes que, quando aconteceu de verdade, parecia uma atriz em um palco. Sentia-se anestesiada, vivendo uma ficção.

— Anna — disse Andreas. — Quero perguntar uma coisa a você. — Não houve nada romântico, criativo e nem de longe mágico no pedido, que teve um caráter tão utilitário quanto o das tábuas do chão em que pisavam. — Quer se casar comigo?

Anna havia alcançado seu objetivo, ganhando a aposta feita consigo mesma e dando uma banana para aqueles que porventura houvessem pensado que ela não teria condições de se casar com um rapaz de família rica. Esses foram seus primeiros pensamentos ao aceitar a mão que Andreas lhe estendia e dar-lhe um beijo vigoroso e apaixonado na boca pela primeira vez.

Como era o costume durante um período de noivado, Anna foi coberta de presentes pelos futuros sogros. Lindas roupas, lingerie de seda e berloques caros foram comprados para ela de forma que, embora seu pai pudesse lhe dar muito pouca coisa, nada lhe faltasse até ela finalmente se tornar uma Vandoulakis.

— É como se todo dia fosse meu dia santo — disse Anna para Fotini, que tinha ido admirar a última leva de presentes de luxo que fora entregue de Iraklion. A pequena casa de Plaka transbordava com o aroma da extravagância e, naquele período pós-ocupação, quando um par de meias de seda estava fora do alcance de todas as

mulheres a não ser das mais ricas, o enxoval de Anna era um espetáculo que as outras moças faziam fila para ver. Os corpetes e as camisolas de cetim cor da pele arrumadas em caixas e envoltas em papel de seda farfalhante eram coisa de filme de Hollywood. Quando Anna pegava algumas das peças para mostrar às amigas, o tecido corria-lhe entre os dedos como água que se derrama em um tanque. Para ela também eram muito mais do que já havia sonhado.

Uma semana antes do casamento começaram os preparativos da tradicional coroa de pão em Plaka. Fermentado sete vezes, um grande círculo de massa era decorado com desenhos rebuscados de uma centena de flores e folhagens, e no estágio final da cocção o pão era dourado até adquirir um tom marrom-dourado. O círculo inteiriço simbolizava a intenção da noiva de ficar com o marido até o fim de suas vidas. Enquanto isso, na residência dos Vandoulakis, as irmãs de Andreas começaram a decorar os aposentos nupciais na futura casa dos noivos, usando tecidos de seda e ramos de hera, romã e folhas de louro.

Uma requintada festa havia sido organizada para comemorar o noivado, e para a cerimônia do casamento, em março do ano seguinte, não foram poupadas despesas. Antes da celebração, que iria acontecer em Elounda, os convidados chegaram à residência dos Vandoulakis. Eram uma mistura curiosa. Gente rica de Elounda, Agios Nikolaos e Neapoli se misturava aos trabalhadores da fazenda e a vários moradores de Plaka. Ao verem Anna, os moradores da aldeia ficaram boquiabertos. Em seu peito chacoalhavam moedas de ouro suficientes para encher o cofre de um banco e pesados brincos pendiam de suas orelhas. Ela cintilava à luz da primavera, e o vermelho-sangue do traje típico de noiva fazia dela uma personagem saída das Mil e uma noites.

Giorgis olhava para Anna orgulhoso, um pouco atônito, maravilhado com o fato de aquela ser sua filha. Ela estava quase irreconhecível. Desejou então, mais do que em qualquer outro momento, que Eleni estivesse presente para ver a primogênita assim tão linda. Perguntou-se o que ela teria pensado de Anna entrar para uma família tão importante. Muita coisa em sua filha mais velha lembrava-lhe a mulher, mas havia também um lado que lhe era

totalmente desconhecido. Parecia-lhe impossível que ele, um humilde pescador, pudesse ter qualquer relação com aquela beldade à sua frente.

Maria havia ajudado Anna a se preparar naquela manhã. As mãos da irmã tremiam tanto que ela precisou fechar todos os botões de seu vestido. Ela sabia que era o que Anna queria, e que o seu maior objetivo estava sendo alcançado. Estava certa de que a irmã, que tantas vezes ensaiara o papel de grande dame quando sonhava acordada, não teria nenhum problema em se adaptar à realidade.

— Diga que isto está acontecendo de verdade — pediu Anna. — Não posso acreditar que vou mesmo virar kyria Vandoulakis.

— É tudo verdade — garantiu-lhe Maria, perguntando-se como seria morar em um suntuoso casarão. Esperava que significasse mais do que joias caras e roupas elegantes. Mesmo para Anna, essas coisas poderiam ter seus limites.

A mistura de convidados fez daquele um casamento incomum, mas ainda menos convencional foi o banquete pré-nupcial organizado na casa do noivo, e não na da noiva, como rezava a tradição. Todos entendiam o porquê. Não era preciso dizer nada. Que tipo de banquete poderia ser oferecido na casa de Giorgis Petrakis? As elegantes senhoras de Neapoli ficavam nervosas só de pensar nisso, da mesma forma que ficaram ao saberem que o herdeiro dos Vandoulakis iria se casar com uma pobre filha de pescador. “Mas que diabos a família está pensando?”, haviam zombado. Qualquer que fosse a opinião sobre o casamento, todos apareceram para aproveitar o saboroso almoço de cordeiro assado, queijos e vinho da fazenda dos Vandoulakis, e depois de duzentos comensais se fartarem chegou a hora da cerimônia do casamento. Uma procissão heterogênea de carros, caminhões e jumentos puxando carroças finalmente chegou à Elounda.

Tanto para os ricos quanto para os pobres de Creta os rituais da cerimônia de casamento eram os mesmos. Duas stephana, as simples coroas matrimoniais feitas de flores secas e grama e presas por uma fita, eram colocadas sobre a cabeça do casal pelo padre, e então trocadas três vezes para consolidar sua união. Essas coroas depois seriam emolduradas pela sogra de Anna e penduradas bem

alto acima da cama do casal, de modo que, como no ditado, “ninguém pudesse pisotear o casamento”. Durante a maior parte da cerimônia, as palavras do ritual sagrado se perderam no burburinho dos presentes, mas quando o noivo e a noiva finalmente deram as mãos ao padre, um silêncio se abateu sobre a igreja. Então eles realizaram uma lenta dança em volta do altar, a dança de Isaías, e os convidados souberam que logo estariam do lado de fora, sob o sol.

Atrás do noivo e da noiva, que viajaram em uma carruagem fechada, todos se encaminharam de volta para a casa dos Vandoulakis, onde mesas apoiadas em cavaletes estavam postas para mais um banquete. Comeu-se, bebeu-se e dançou-se a noite inteira, e logo antes de o sol nascer uma saraivada de tiros para o alto marcou o fim dos festejos.



Depois do casamento, Anna praticamente desapareceu de Plaka. Fazia uma visita por semana para ver o pai, mas com o passar do tempo começou em vez disso a mandar buscá-lo de carro, de modo que suas idas a Plaka se tornaram raras e espaçadas. Como mulher do futuro dono da fazenda, viu seu status social mudar radicalmente. Mas isso não lhe causou problema. Era exatamente o que ela queria — uma ruptura com o passado.

Anna entregou-se de corpo e alma ao novo papel, e logo descobriu que suas tarefas de nora eram tão pesadas quanto as de esposa. Passava todos os dias na companhia de Eleftheria e das amigas da sogra, fazendo-lhes visitas ou recebendo-as em casa, e exatamente como ela esperava, todas gozavam de um lazer que beirava o ócio. Sua principal tarefa era ajudar a administrar os aspectos domésticos da residência dos Vandoulakis, o que significava

em grande parte garantir que a empregada servisse comida farta para os homens quando estes chegavam em casa à noite.

Anna ansiava por reformar as duas casas da família, para livrar-se das cortinas escuras e dos móveis opressivos. Importunou Andreas até o marido chamar a mãe de lado para lhe pedir permissão, e Eleftheria, por sua vez, consultou o verdadeiro chefe da família. Era assim que se procedia.

— Não quero modificações demais na casa grande — disse Alexandros Vandoulakis para a mulher, referindo-se à casa de Elounda. — Mas Anna pode dar uma mão de tinta na casa de Neapoli, se quiser.

A recém-casada abraçou a tarefa com dedicação, e logo deixou-se levar por uma onda de entusiasmo por tecidos e papéis de parede, fazendo intermináveis viagens a um importador de artigos franceses e italianos de luxo, que tinha uma loja elegante em Agios Nikolaos. Isso a mantinha ocupada e absorta, e Andreas também colhia os frutos dessa atividade, já que encontrava a mulher animada e entusiasmada ao final de cada dia.

Outra tarefa de Anna era organizar as comemorações dos panegyria que a família Vandoulakis oferecia aos funcionários. Anna era craque nesse tipo de festejo. Durante as celebrações, às vezes sentia os olhos de Antonis Angelopoulos a fitá-la, e erguia os seus para encarar seu olhar frio e raivoso. De vez em quando, ele chegava a falar com ela.

— Kyria Vandoulakis — dizia ele com uma deferência exagerada, curvando-se um pouco demais. — Como vai?

O comportamento de Antonis fazia com que Anna se retraísse, e sua resposta era adequadamente sucinta.

— Bem, obrigada.

Com isso, virava as costas ao rapaz. Tanto o olhar quanto a atitude dele desafiavam o direito dela de estar ali como sua superior. Como é que ele se atrevia a fazer aquilo?

O casamento de Anna não trouxe mudança apenas para seu status; sua saída de casa também modificou a situação de Maria. A caçula agora ocupava claramente o papel de chefe da casa. Maria gastava boa parte da sua energia tentando agradar e acalmar a

irmã, e o fato de Anna não estar mais presente significava que seu fardo se tornara bem mais leve. Ela passou a se dedicar mais à administração do lar dos Petrakis, e muitas vezes acompanhava o pai em suas viagens até Spinalonga.

Para Giorgis, que não podia depositar flores no túmulo da mulher, cada visita à ilha era uma oportunidade para relembrar Eleni. Chovesse ou fizesse sol, ele continuava a levar e trazer o dr. Lapakis, e durante esses trajetos o médico falava do trabalho, confessando a Giorgis quantos leprosos estavam morrendo e o quanto sentia falta das visitas do dr. Kyritsis.

— Ele nos apontou a perspectiva de um futuro melhor — disse Lapakis, demonstrando cansaço. — Eu mesmo não acredito em muita coisa, mas vi como a fé pode ser algo positivo, um objetivo em si. Para alguns dos leprosos, acreditar que o dr. Kyritsis talvez pudesse curá-los bastou para tirar-lhes a vontade de morrer. Muitos agora acham que não têm mais motivo para viver.

Lapakis havia recebido algumas cartas do antigo colega, explicando e lamentando sua ausência. Mas ele ainda estava ocupado em recuperar o hospital danificado de Iraklion, e não tinha tempo para continuar suas pesquisas. Bem lá no fundo, Lapakis começou a se desesperar, e abriu o coração para Giorgis. A maioria das pessoas teria rezado a Deus de joelhos mas, como Lapakis não era religioso, apoiava-se em seu fiel barqueiro, cujo sofrimento sempre seria maior do que o dele.

Embora muitos continuassem a morrer da lepra, para os que sofriam da forma mais branda da doença a vida em Spinalonga ainda era cheia de acontecimentos inesperados. Desde o fim da guerra, dois filmes eram exibidos por semana, o mercado estava melhor do que nunca e o jornal prosperava. Dimitri, agora um rapaz de dezessete anos, já havia começado a dar aulas para as crianças de cinco e seis anos, enquanto uma professora mais experiente se encarregava das mais velhas; ele continuava morando com os Kontomaris, motivo de grande felicidade para ambas as partes. Na medida do possível, uma sensação generalizada de contentamento reinava na ilha. Nem mesmo Theodoros Makridakis tinha mais energia para criar confusão. Ainda gostava de uma boa polêmica no

bar, mas havia muito tempo que desistira da ideia de assumir a posição de autoridade suprema. Nikos Papadimitriou cumpria muito bem esse papel.



Maria e Fotini entraram em uma rotina de tarefas diárias que as fez atravessar os anos seguintes como se estivessem em uma dança, com uma sequência de passos repetida ao infinito. Com três filhos, Savina Angelopoulos precisava da ajuda da filha saudável e capaz para cuidar e alimentar os homens da casa, então Fotini, assim como Maria, tinha afazeres domésticos que a prendiam em Plaka.

Mesmo que Eleni pudesse ter desejado para a filha algo melhor do que ficar na aldeia, não poderia ter querido uma filha mais consciente de seus deveres do que Maria. Não passava pela cabeça da moça que pudesse fazer outra coisa a não ser cuidar do pai, mesmo que outrora tivesse acalentado sonhos de se postar com o giz na mão diante de uma classe de alunos, assim como a mãe. Tal como o desenho estampado nas velhas cortinas de sua casa, qualquer anseio desse tipo já perdera o viço havia muito tempo.

As duas amigas compartilharam por muitos anos as alegrias e as limitações dessa existência, e durante todo o tempo em que cumpriram suas tarefas não lhes ocorreu que tivessem qualquer motivo verdadeiro de reclamação. Havia água a buscar na bomba da aldeia, madeira a catar para os fornos, o chão a ser varrido, a lã para fiar, comida para preparar e tapetes para bater. Maria recolhia regularmente o mel das colmeias nas encostas cobertas de arbustos de tomilho que se erguiam acima de Plaka; as abelhas produziam um mel tão doce que durante muitos anos não precisou comprar sequer um grama de açúcar. Nos quintais atrás das casas, velhos tonéis de azeite transbordavam com pés de manjeriço e hortelã, e

quando se rachavam e não podiam mais ser usadas, as pithoi, grandes urnas usadas antigamente para armazenar água e óleo, proporcionavam um lar perfeito para gerânios e lírios cultivados cuidadosamente.

As meninas eram herdeiras de um milênio de cultura popular transmitida em segredo, e agora considerava-se que tinham idade suficiente para aprender os ofícios e as habilidades que eram passados de geração em geração sem qualquer registro escrito. A avó de Fotini constituía uma fonte inesgotável dessas tradições, e mostrou-lhes como tingir a lã com extratos de pétalas de íris, hibisco e crisântemo, e como tecer capins coloridos para fabricar intrincadas cestas e tapetes. Outras mulheres transmitiram-lhes o conhecimento dos poderes mágicos de ervas cultivadas na região, e elas subiam bem alto as montanhas para colher sálvia, cisto e camomila selvagem, conhecidos por seus poderes de cura. Em um dia de sorte, voltavam com o cesto cheio da erva mais preciosa de todas, o *origanum dictamnus*, reputado por cicatrizar feridas e também curar gargantas inflamadas e problemas gástricos. Maria sempre tinha a poção certa para dar ao pai quando ele ficava doente, e logo seu talento para preparar remédios úteis tornou-se conhecido em toda a aldeia.

Quando faziam longas caminhadas pelas montanhas, as meninas colhiam também as horta, folhas de montanha ricas em ferro, parte indispensável de qualquer dieta. As brincadeiras de criança que costumavam fazer na praia, erguendo montinhos de areia, foram substituídas pelo passatempo mais adulto de preparar tortas de verdade, com farinha e ervas.

Uma das tarefas mais importantes de Maria, entre o final do outono e o início da primavera, era manter a lareira da casa acesa. Esta servia não apenas para fornecer o calor que lhes permitia não enlouquecer com os ventos inverniais que uivavam do lado de fora; mas também para manter vivo o espírito da casa. A *spiti* — os gregos usavam a mesma palavra para dizer “casa” e “lar” — era um símbolo divino de unidade, e a sua, mais do que a maioria das outras, precisava de cuidados constantes.

Por mais árduas que as tarefas domésticas de Maria pudessem ter parecido para qualquer morador da cidade — ou até mesmo para Anna, que agora tinha uma vida de luxo —, sempre lhe sobrava tempo para conversa fiada e fofocas. A casa de Fotini era o centro dessa falação. Como o ócio era considerado um pecado, a seriíssima ocupação de fofocar acontecia no inocente contexto de costuras e bordados. Isso não apenas mantinha as mãos das moças ocupadas, mas também lhes dava a oportunidade de se preparar para o futuro. Cada fronha, cada almofada, cada toalha e cada caminho de mesa da casa de uma mulher casada devia ser tecido ou bordado pela própria, por sua mãe ou pela avó. Anna fora uma exceção. Durante os poucos anos em que se sentara no círculo de costura na companhia de mulheres mais velhas e mais sábias, tudo que conseguira fazer fora um cantinho de fronha. Fora uma demonstração de sua permanente revolta. A teimosia de Anna era sutil. Enquanto as outras meninas ficavam sentadas, conversando e costurando, os seus dedos permaneciam imóveis. Acenava com a agulha para lá e para cá, gesticulando e traçando desenhos no ar com a linha, mas raramente furava o tecido. Melhor mesmo que tivesse se casado e entrado para uma família na qual tudo era feito por terceiros.

Em determinadas épocas do ano, as meninas passavam a se dedicar às tarefas sazonais que precisavam ser feitas ao ar livre. Participavam da colheita da uva e eram as primeiras a pisar as frutas nos tanques para extrair o suco abundante. Pouco antes de o outono se transformar em inverno, juntavam-se ao mutirão para bater nas oliveiras e fazer seus frutos caírem dentro das cestas abertas, estrategicamente posicionadas no chão. Eram dias repletos de risos e flertes, e a execução dessas tarefas comunitárias era marcada por danças e festejos.

Uma a uma, as moças desse grupo despreocupado, porém cheio de deveres, foram partindo. Encontravam um marido, ou então, o que era mais frequente, alguém encontrava um marido para elas. Quase sempre, eram outros rapazes de Plaka ou de uma das aldeias próximas, como Vrouhas ou Selles. Em geral, os pais se conheciam havia muitos anos, e às vezes tinham planejado o casamento dos

filhos antes mesmo de estes saberem contar ou escrever o próprio nome. Quando Fotini anunciou que estava noiva, Maria viu seu mundo desabar. Demonstrou prazer e alegria, porém, penitenciando-se em segredo pela inveja que sentia ao pensar que iria passar o resto da vida em frente à porta de casa com as velhas viúvas, fazendo crochê enquanto o sol se punha.

Assim como Maria, Fotini estava agora com vinte e dois anos. Fazia muitos anos que seu pai fornecia peixe para a taberna que ficava à beira-mar, e o dono desta, Stavros Davaras, era um bom amigo, assim como um cliente confiável. Seu filho, Stephanos, já trabalhava com o pai, e um dia iria assumir a taberna, que recebia um fluxo constante de clientes nos finais de semana e uma enxurrada deles nos dias santos e aos domingos. Pavlos Angelopoulos achava que Stephanos poderia ser um bom marido para a filha, e a já consolidada dependência mútua entre as duas famílias era tida como uma boa base para o casamento. Os dois se conheciam desde a infância, e tinham certeza de que poderiam desenvolver um pelo outro um sentimento que levaria um brilho especial para o que, afinal de contas, não passava de um arranjo conveniente. Um dote modesto foi negociado, e depois do costumeiro noivado o casamento foi celebrado. O que consolava Maria era que Fotini não iria morar mais longe dela do que morava antes. Embora Fotini agora tivesse deveres diferentes, mais responsabilidades — tinha que trabalhar na taberna, além de cuidar da casa e percorrer com cuidado o campo minado que era viver com os sogros —, as duas ainda se viam diariamente.

Determinada a não externar a decepção de ser praticamente a última de um grupo cada vez mais escasso, Maria se entregou com mais entusiasmo do que nunca aos deveres filiais, acompanhando o pai com frequência cada vez maior em suas idas a Spinalonga e garantindo que sua casa estivesse sempre arrumada com perfeição. Estava longe de ser uma vida recompensadora para uma moça jovem. A devoção a Giorgis era admirada na aldeia, mas ao mesmo tempo a falta de marido diminuía seu status. O fato de não ser casada era tido como uma maldição, e ficar solteirona era uma humilhação pública diária em uma aldeia como Plaka. Se

envelhecesse um pouco mais sem arrumar um noivo, o respeito por sua devoção filial logo iria se transformar em desprezo. O problema era que agora havia poucos candidatos a marido em Plaka, e Maria não queria nem ouvir falar dos homens de outras aldeias. Para Giorgis sair de Plaka estava fora de cogitação, e portanto também era impossível para Maria se mudar. Segundo concluiu, havia tanta chance de vir a se casar quanto de ver sua amada mãe entrando pela porta.

1951

CAPÍTULO 12

Anna estava casada havia quatro anos, e seu novo status lhe caía muito bem. Amava Andreas com dedicação, e correspondia de bom grado à paixão que ele nutria por ela. Para todos à sua volta, parecia a esposa perfeita. Ela sabia, no entanto, que a família esperava a notícia de uma gravidez. A falta de um bebê não a incomodava em nada. Haveria muito tempo para filhos, e ela estava adorando aqueles anos despreocupados para desperdiçá-los com a maternidade. Eleftheria abordou o assunto certo dia, quando conversavam sobre a decoração dos quartos de hóspedes em Neapoli.

— Quando as nossas meninas eram pequenas, este quarto costumava ser o berçário — disse ela. — De que cor você gostaria de pintá-lo?

Eleftheria pensou que estivesse dando a deixa perfeita para a nora dizer alguma coisa sobre seus planos e desejo de ser mãe, e ficou decepcionada quando Anna respondeu que gostava de verde-claro.

— Vai combinar com o tecido que encomendei para forrar os móveis — disse a moça.

Ela e Andreas, junto com os pais dele, passavam alguns dos meses de verão no grande casarão neoclássico da família em Neapoli, onde Anna fizera grandes reformas. Eleftheria considerava

seus tecidos refinados e seus móveis frágeis bem pouco práticos, mas aparentemente não era possível impedir aquela moça de fazer o que queria. Em setembro, a família começou a se mudar de volta para a fazenda em Elounda, que Anna também estava transformando aos poucos para adequá-la a seu gosto, apesar da predileção do sogro pelo estilo pesado e escuro adotado por sua geração. Ela muitas vezes ia até Agios Nikolaos para fazer compras e, certo dia, num fim de outono, voltou de uma dessas viagens para encontrar-se com o estofador e verificar como estava indo a confecção de seu último par de cortinas. Entrou correndo na cozinha e plantou um beijo atrás da cabeça do homem sentado à mesa.

— Olá, querido — falou. — Como foi hoje na prensa?

Tinha sido o primeiro dia da prensagem das azeitonas, uma data importante do calendário, quando a máquina era usada pela primeira vez em muitos meses e nunca se sabia ao certo se funcionaria a contento. Havia milhares de litros de azeite para extrair das inúmeras cestas de azeitonas que esperavam para ser prensadas, e era fundamental que tudo corresse sem problemas. O líquido dourado que saía da máquina e era recolhido nas pithoi constituía o esteio da riqueza da família e, do ponto de vista de Anna, cada jarro representava um novo metro de tecido, e mais um vestido feito à mão para se ajustar às suas curvas, com pences e pregas que moldavam o pano sobre seu corpo. Essas roupas, mais do que tudo, eram o símbolo de sua diferença em relação às mulheres da aldeia, cujas saias de cordão sem forma eram as mesmas usadas por suas avós havia uma centena de anos. Nesse dia, para se proteger dos ventos gelados de novembro, Anna usava um casaco verde-esmeralda que lhe cingia os seios e os quadris como um abraço, antes de cair quase até o chão em luxuosas dobras de tecido. Uma gola de pele subia-lhe pelo pescoço para aquecer as orelhas e acariciar-lhe a face.

Ela atravessou a cozinha tagarelando sobre os detalhes do seu dia, com o forro de seda do casaco comprido farfalhando nas pernas. Estava enchendo a chaleira para preparar um café quando o homem à mesa se levantou da cadeira. Anna se virou e deixou escapar um grito de surpresa.

— Quem é você? — perguntou, com a voz engasgada. — Eu... eu achei que fosse o meu marido.

— Foi o que pensei. — O homem sorriu, obviamente achando graça na confusão dela.

Enquanto os dois se encaravam, Anna viu que o homem que cumprimentara com tanto carinho, embora evidentemente não fosse o seu marido, era muito parecido com Andreas. A largura dos ombros, os cabelos e, agora que ele estava em pé, até mesmo sua altura era exatamente igual à do marido. O nariz forte e característico dos Vandoulakis era o mesmo, e os olhos ligeiramente amendoados tinham uma semelhança assustadora. Quando ele falou, a boca de Anna ficou seca. Que truque era aquele?

— Eu sou Manoli Vandoulakis — disse ele, estendendo a mão. — Você deve ser Anna.

Anna sabia da existência de um primo, e ouvira o nome de Manoli ser citado algumas vezes nas conversas, mas nada mais do que isso. Jamais o havia imaginado como réplica perfeita do marido.

— Manoli. — Ela repetiu o nome. Era agradável. Então pareceu recuperar o controle da situação, sentindo-se tola por ter se equivocado assim e beijado por descuido um desconhecido. —

Andreas sabe que você está aqui? — indagou.

— Não, eu cheguei há uma hora e resolvi fazer uma surpresa para todo mundo. Com certeza, funcionou com você! Parece até que viu um fantasma.

— Estou com a impressão de ter visto mesmo — respondeu Anna. — A semelhança entre vocês dois é assustadora.

— Faz dez anos que não vejo Andreas, mas éramos muito parecidos quando crianças. As pessoas achavam que éramos gêmeos.

Anna podia ver isso, mas via também muitas outras coisas que na verdade tornavam aquela versão do seu marido muito diferente do original. Embora tivesse os mesmos ombros largos de Andreas, Manoli na verdade era mais magro, e ela podia discernir sua escápula ossuda por baixo da camisa. Tinha olhos sorridentes, com rugas profundas em volta. Achava o fato de Anna tê-lo confundido com o primo uma piada engraçadíssima, e ela logo percebeu que ele

planejara tudo. A vida existia para ser divertida; era possível perceber isso em seu sorriso.

Nessa hora, Andreas e o pai chegaram em casa e ouviram-se exclamações de alegria e surpresa quando encontraram Manoli ali. Logo os três estavam sentados em volta de uma garrafa de raki, e Anna pediu licença para providenciar o jantar. Quando Eleftheria chegou, mais ou menos uma hora depois, uma segunda garrafa de raki já estava no fim, e tanto ela quanto Manoli choraram de alegria ao se abraçarem. Cartas foram despachadas imediatamente para as irmãs de Andreas e no domingo seguinte houve uma grande festa de reencontro para celebrar a volta de Manoli depois de uma década de ausência.

Manoli Vandoulakis era um rapaz de espírito livre, que passara a maior parte dos dez últimos anos na Grécia continental, gastando uma herança considerável. Sua mãe morrera no parto e o pai falecera cinco anos depois, aos trinta, de enfarte. Manoli crescera ouvindo boatos sombrios sobre como o pai morrera por causa de uma decepção amorosa e, fosse isso verdade ou não, decidiu viver como se cada dia fosse o último. Era uma filosofia que fazia perfeito sentido para ele, e nem mesmo seu tio Alexandros, seu tutor desde a morte de Yiannis Vandoulakis, foi capaz de dissuadi-lo. Quando criança, Manoli percebera que todos à sua volta viviam cumprindo intermináveis tarefas e deveres, e aparentemente só se divertiam quando recebiam permissão para tal, nos dias santos e aos domingos. Ele queria prazer em todos os dias de sua vida.

Embora a lembrança que tinha deles ficasse mais difusa a cada dia, muitas vezes escutava que seus pais tinham levado vidas boas e corretas. Mas de que lhes adiantara o comportamento exemplar? Não bastara para evitar a morte, bastara? O destino os levara embora como uma águia que colhe sua presa indefesa de um rochedo desprotegido. Ao inferno com tudo aquilo, pensou Manoli; se o destino não podia ser vencido, ele pelo menos iria procurar o que mais a vida tinha a lhe oferecer que não algumas décadas vivendo em uma encosta de montanha de Creta antes de ser enterrado debaixo dela.

Dez anos antes, ele saíra de casa. Com exceção de ocasionais cartas para a tia e o tio — algumas da Itália, outras da Iugoslávia, mas a maioria de Atenas —, para garantir-lhes que continuava vivo, tivera pouco contato com a família. Alexandros sabia que, caso seu irmão mais velho não tivesse morrido tão cedo, agora o herdeiro da fazenda dos Vandoulakis seria Manoli, e não o próprio filho. Mas esses pensamentos eram hipotéticos. Em vez da promessa de terras, ao completar dezoito anos Manoli recebera uma pequena fortuna em dinheiro. Era esse dinheiro que ele havia desperdiçado quase todo em Roma, Belgrado e Atenas.

— A alta-roda teve um preço alto — confidenciou a Andreas pouco depois de voltar. — As melhores mulheres eram como o bom vinho: custavam caro, mas valiam cada dracma. — Agora, porém, elas haviam lhe tirado tudo que possuía, e só o que lhe restava eram as moedas que trazia no bolso e uma promessa do tio de lhe dar um emprego na fazenda.

A volta de Manoli causou grande alvoroço, não apenas no tio e na tia, mas também em Andreas. Com uma diferença de idade de apenas seis meses, os dois eram praticamente irmãos gêmeos. Em criança, eram quase capazes de adivinhar os pensamentos e de sentir a dor do outro, mas, depois de completarem dezoito anos, suas vidas haviam tomado caminhos tão diferentes que era difícil imaginar como as coisas iriam ficar agora que Manoli estava de volta.

De qualquer modo, chegava em boa hora. Alexandros Vandoulakis iria se aposentar no ano seguinte, e Andreas estava mesmo precisando de alguém para ajudá-lo na administração da fazenda. Todos achavam que seria melhor Manoli assumir esse papel do que empregar alguém de fora e, mesmo que Alexandros tivesse dúvidas quanto à competência do sobrinho, as deixaria de lado. Afinal de contas, Manoli era da família.

O rapaz passou vários meses morando na casa da fazenda de Elounda. Havia muitos quartos que nunca eram usados, e assim sua presença não incomodava ninguém, mas em dezembro Alexandros providenciou uma casa só para ele. Manoli havia sentido o gosto da vida em família e de fazer parte da dinastia da qual escolhera se

afastar dez anos antes, mas o tio esperava que no futuro ele se casasse, e por esse motivo insistiu para que tivesse seu próprio lar.

— Você seria sortudo se encontrasse uma mulher disposta a viver em uma casa que já tem duas donas — disse ele ao sobrinho. — Mas pôr uma terceira mulher dentro de casa é pedir para ter problemas.

A casa que agora era de Manoli pertencera ao administrador da fazenda na época em que Alexandros contratava uma pessoa de fora para desempenhar esse papel. Ficava no final de uma estradinha, a um quilômetro da sede principal e, com quatro quartos e uma grande sala íntima, era considerada uma casa grande para um homem solteiro. Ele, porém, continuou a visitar regularmente a casa-grande. Queria ser alimentado e paparicado, da mesma forma que Alexandros e Andreas, e lá havia duas mulheres para fazer exatamente isso por ele. Todos adoravam suas conversas animadas e recebiam-no com prazer, mas Alexandros insistia para que, no final de tudo, ele voltasse para casa.

Manoli estava acostumado a viver em um perpétuo estado de impermanência, voejando qual uma borboleta de um lugar para o outro. E por onde passava deixava um rastro de promessas não-cumpridas. Mesmo quando era criança, levava as coisas ao limite. Só para mostrar que era capaz, certa vez manteve a mão encostada em uma chama até a pele começar a queimar, e em outra ocasião pulou da pedra mais alta do litoral de Elounda, ferindo tanto as costas que o mar ao seu redor se tingiu de vermelho. Nas capitais estrangeiras da Europa, ele jogava até não lhe restar mais nada a não ser a camisa, e depois reaparecia espetacularmente. Ele era assim. Mesmo sem querer, pegava-se jogando o mesmo jogo ali em Elounda, mas a diferença era que ele agora era obrigado a ficar. Não podia mais se dar ao luxo de ir embora, mesmo que quisesse.

Para surpresa de Alexandros, Manoli trabalhava com afinco, embora não tivesse o mesmo comprometimento do filho. Andreas sempre levava seu almoço para o campo, para não gastar tempo indo comer em casa, mas Manoli preferia sair do sol forte por algumas horas e havia adquirido o hábito de almoçar na espaçosa

mesa da cozinha dos Vandoulakis. Anna não fazia objeções. A presença dele dentro de casa a agradava.

A interação entre os dois não era feita tanto de conversas, mas mais de flertes. Manoli a fazia rir, algumas vezes até as lágrimas escorrerem pelo rosto, e o apreço que ela demonstrava pelo humor provocante dele, assim como o jeito que as grandes pupilas de seus olhos tinham de cintilar quando ela o fitava, bastavam para mantê-lo afastado dos olivais até a tarde estar bem adiantada.

Algumas vezes, Eleftheria estava em casa, em vez de em Neapoli, e temia que seu sobrinho não estivesse de fato se esforçando na fazenda. “Os homens não devem ficar em casa durante o dia”, comentou certa vez com Anna. “É território das mulheres. O deles é lá fora.”

Anna decidiu ignorar o comentário desaprovador da sogra, e passou a acolher Manoli de forma ainda mais efusiva do que antes. Em sua opinião, a proximidade de parentesco entre os dois tornava impossível criticar sua amizade. Era costumeiro para uma mulher gozar de muito mais liberdade depois de casada do que quando solteira, então, de início, ninguém questionou o fato de Anna ficar uma hora por dia, às vezes até mais, na companhia do “primo”. Mas algumas pessoas passaram a criticar as constantes visitas de Manoli, e o falatório começou.

Durante um almoço naquela primavera, Manoli se demorou mais do que de costume. Anna percebeu que ele estava inquieto, e pela primeira vez estremeceu ao pensar no perigo que estava correndo. Agora, quando ia embora, ele segurava sua mão e a beijava de forma absurdamente exagerada. Ela teria descartado isso como um gesto frívolo, mas a forma como ele pressionava o dedo do meio bem no centro de sua palma e mantinha-o ali lhe dava calafrios. E ele fez algo ainda mais sugestivo: tocou-lhe os cabelos. “Eles são matéria morta”, disse ele, brincando, e de toda forma fora ela quem havia começado ao beijar um total desconhecido... nos cabelos. E assim a situação prosseguia. Naquele dia ele tinha colhido flores silvestres, e deu-lhe um buquê de papoulas claras, embora já um pouco murchas. Foi um gesto romântico, e ela gostou, sobretudo quando ele tirou uma flor do buquê e pregou-a com cuidado na

frente da sua blusa. Seu toque foi sutil, e houve um momento em que ela não teve certeza se o contato de sua mão áspera na pele macia de seu colo havia sido acidental ou se ele havia deliberadamente roçado os dedos em seu seio. Um segundo depois, quando ele a tocou suavemente no pescoço, a dúvida se desfez.

Anna era uma jovem bastante impetuosa, mas alguma coisa a deteve. Meu Deus, pensou, estou à beira da insanidade. O que estou fazendo? E se viu em pé naquela imensa cozinha, de rosto quase colado com um homem que embora se parecesse muito com seu marido não era ele. Imaginou como a situação iria se apresentar para alguém que visse a cena pela janela aberta; por mais que a pessoa tentasse se convencer do contrário, sabia que ela não teria dúvida do que estava acontecendo. Anna estava a um segundo de ser beijada. Ainda tinha escolha.

Não lhe faltava nada no casamento com Andreas. Ele era afetuoso, atencioso, e dava-lhe total liberdade para fazer as mudanças que quisesse em suas casas; até o relacionamento com os sogros era tolerável. No entanto, eles haviam se acomodado em uma rotina, como geralmente acontecia em casamentos assim, e a vida passou a ter uma previsibilidade que tornava improvável haver qualquer surpresa de verdade no próximo meio século. Depois de toda a expectativa e animação de começar uma nova vida, Anna estava descobrindo que esta podia ser tão maçante quanto a que tinha antigamente. O que faltava era a empolgação do proibido, o frisson da transgressão. Ela ainda não sabia muito bem se valia a pena arriscar tudo que tinha em nome dessas duas coisas.

Preciso parar com isso ou então poderei perder tudo, pensou. Dirigiu-se a Manoli com sua altivez habitual. Esse era seu joguinho, era assim que Anna sempre falava com ele. Quando ele se mostrava extravagantemente sedutor, ela o tratava como seu inferior.

— Olhe aqui, rapaz — disse. — Como você sabe, eu sou comprometida. Pode levar as suas flores para outro lugar.

— Posso mesmo? — retrucou Manoli. — E para onde exatamente devo levá-las?

— Bom, minha irmã ainda não está comprometida. Você poderia levá-las para ela. — Como se a verdadeira Anna estivesse em algum

lugar bem longe, ela ouviu uma voz dizendo: — Vou convidá-la para almoçar no domingo que vem. Você vai gostar dela.

O domingo seguinte era dia da festa de Agios Giorgis, desculpa perfeita para convidar Maria e o pai para uma visita. Tratava-se de um dever, mais do que um prazer verdadeiro em ver os dois; ela sentia não ter nada em comum com a enfadonha irmã caçula, e pouco assunto com o pai. Durante o restante da semana, Anna sonhou com o toque demorado de Manoli, e ansiou pela próxima vez em que ficariam a sós, mas antes de isso se concretizar, pensou, o tedioso almoço de família precisava acontecer.

Naquela época, ainda havia racionamento de vários alimentos em Creta, mas isso parecia não afetar a casa dos Vandoulakis, especialmente nos dias santos, quando se banquetear era considerado um dever religioso. Giorgis ficou encantado ao receber o convite.

— Maria, olhe! Anna nos convidou para almoçar.

— Que gentileza de vossa senhoria — disse Maria, com um sarcasmo pouco característico. — Quando?

— No domingo. Daqui a dois dias.

Maria não demonstrou, mas estava feliz por ter sido convidada. Ansiava por reforçar os laços com a irmã, sabendo que essa teria sido a vontade da mãe, mas mesmo assim, conforme o dia foi se aproximando, sentiu certo nervosismo. Giorgis, porém, que finalmente estava saindo de seu demorado luto, ficou feliz com a ideia de ver a filha mais velha.

Anna se retraiu ao ouvir o resfolego da recém-comprada caminhonete do pai em frente à casa e, com pouco entusiasmo, foi descendo a grande escadaria para recebê-lo. Manoli, que já estava lá, chegou à porta da frente bem antes dela e a escancarou.

Maria não se parecia em nada com o que ele esperava. Tinha os maiores olhos castanhos que ele já vira, e estes o encararam arregalados de surpresa.

— Eu sou Manoli — disse ele, e foi até ela com passos largos e a mão estendida. — Primo de Andreas — completou.

Anna era tão negligente em sua correspondência que Maria e Giorgis não sabiam nada sobre a chegada do parente que passara

tantos anos afastado.

Manoli estava sempre à vontade na presença de uma moça bonita, ainda mais uma moça como aquela, que além de bonita parecia tão inocente. Ele prestou atenção em cada detalhe dela: a cintura fina, o seio bem-formado e os braços musculosos esculpidos por anos de grande esforço físico. Ela era ao mesmo tempo frágil e forte.

À uma da tarde, sentaram-se todos à mesa para comer. Com Alexandros, Eleftheria, suas duas filhas e as respectivas famílias, eram pelo menos umas doze pessoas. A conversa foi barulhenta e animada.

Manoli havia decidido de antemão que iria flertar com a irmã caçula de Anna. Um conquistador experiente como ele fazia isso por hábito. O que não esperava era que Maria fosse tão bonita e fácil de provocar. Durante todo o almoço, ele a dominou com sua conversa brincalhona, e embora ela não estivesse acostumada com tanta ousadia, reagiu bem a seus comentários espirituosos. Sua personalidade sem afetação a tornava muito diferente da maioria das mulheres com quem estava acostumado a conviver, e, fato muito raro, ele acabou baixando o tom das brincadeiras e fazendo-lhe perguntas particulares. Descobriu que ela sabia muito sobre as ervas das montanhas e seus poderes de cura, e conversaram animadamente sobre seu lugar em um mundo em que as fronteiras da ciência estavam sendo ampliadas a cada dia. Maria e Anna eram tão diferentes quanto uma pérola bruta e um diamante lapidado. Uma tinha um brilho natural e sua própria forma única e irregular, a outra havia sido cortada e polida para alcançar sua beleza reluzente. Manoli amava igualmente essas duas joias, e aquela moça suave, de olhos mansos, tão obviamente dedicada ao pai, agradava-lhe muito. Era desprovida de artifícios, e tinha uma ingenuidade que ele julgava surpreendentemente sedutora.

Anna ficou olhando Manoli atrair Maria para seu campo magnético, contando-lhe histórias e fazendo-a rir. Viu a irmã se derreter no seu calor. Antes do fim da refeição, Anna percebeu o que havia feito. Entregara Manoli de bandeja, havia-o oferecido à irmã embrulhado para presente, e agora o queria de volta.

CAPÍTULO 13

Manoli passou a semana seguinte preocupado. Era raro isso lhe acontecer. Como poderia cortejar Maria? Ela não se parecia em nada com a maioria das mulheres que conhecera durante suas viagens. Além disso, os padrões e costumes de comportamento amplamente aceitos entre mulheres e homens em Plaka eram muito diferentes dos que regiam tais relacionamentos nas cidades onde havia morado. Ali, na Creta rural, cada movimento, cada palavra, eram alvo de intenso escrutínio. Ele sabia perfeitamente disso quando fizera todas aquelas visitas a Anna, e embora sempre tivesse tomado cuidado para garantir que determinados limites nunca fossem ultrapassados, sabia que estava brincando com fogo. Em Anna, vira uma mulher entediada, isolada, que rompera com o passado para alcançar suas ambições de ocupar uma posição social na qual outras pessoas eram pagas para realizar as tarefas que, de outra forma, a teriam mantido absorta e ocupada. Havia melhorado seu status, mas agora flutuava em um vazio social desprovido de amizades — vazio no qual Manoli tivera prazer em ir lhe fazer companhia. Uma mulher com olhos que buscavam os seus com tanta ânsia e com lábios que se abriam em um sorriso tão generoso que teria sido uma grosseria ignorá-la.

Maria era bem diferente. Não apenas faltava-lhe a ambição da irmã de casar-se com alguém de fora da aldeia, mas ela parecia não ter a menor vontade de se casar. Vivia em uma casinha com o pai viúvo, aparentemente satisfeita, e ainda assim tão excepcionalmente casadoura. Manoli não teria admitido isso para si mesmo, porém em grande parte o que o atraía era justamente a falta de interesse dela. Tinha todo o tempo do mundo, e seria paciente, certo de que, mais cedo ou mais tarde, iria conquistá-la. Não faltava autoconfiança aos homens da família Vandoulakis. Raramente lhes ocorria que poderiam não conseguir o que queriam. Manoli tinha várias coisas a seu favor. Talvez a mais importante fosse Fotini ter protegido Maria das fofocas sobre Manoli e Anna. A fonte inesgotável das histórias

era Antonis, irmão de Fotini. Fazia mais de cinco anos desde aquele beijo que não quisera dizer nada para Anna e significara muito para Antonis, mas a sensação de ter sido descartado ainda o incomodava. Ele desprezava Anna, e assistia com maliciosa satisfação às idas e vindas do primo de Andreas, cuja regularidade havia aumentado desde que Eleftheria e Alexandros Vandoulakis passaram a ficar mais tempo em Neapoli e menos em Elounda. Antonis fazia relatos para Fotini sempre que ia jantar na taberna à beira-mar onde ela agora morava.

— Ele ficou lá pelo menos duas horas durante um almoço na semana passada — disse ele certa vez, de forma cruel.

— Eu não quero ouvir suas histórias — respondeu Fotini a Antonis, bruscamente, enquanto lhe servia um raki. — E, acima de tudo, não quero que Maria as ouça.

— Por que não? A irmã dela é uma vadia. Você não acha que ela já sabe disso? — disparou Antonis.

— É claro que não sabe. Nem você sabe. E daí se o primo do marido vai visitar Anna? Ele é da família, por que não poderia fazer isso?

— Uma visitinha ocasional seria uma coisa, mas não praticamente todo dia. Nem mesmo pessoas da família se visitam com tanta frequência.

— Bem, não importa o que você pensa, Maria não deve saber... nem Giorgis. Ele já sofreu bastante. Ver Anna casada com um homem rico foi a melhor coisa que lhe poderia ter acontecido... então fique de bico calado. Estou falando sério, Antonis.

Fotini estava mesmo falando sério. Bateu com a garrafa na mesa em frente ao irmão com violência, e o olhou com raiva. Protegia Giorgis e Maria Petrakis como se eles fossem seu próprio sangue, e queria manter aqueles boatos maliciosos e nocivos longe dos ouvidos deles. De certa forma, sequer conseguia acreditar naquilo. Por que Anna, cuja vida dera uma reviravolta no dia em que conhecera Andreas, iria arriscar jogar tudo pela janela? Essa simples ideia era incompreensível, ridícula até, e, além disso, Fotini nutria esperanças de que Manoli, motivo das fofocas maledicentes de Antonis, um dia pudesse reparar em Maria. Desde o almoço no dia

da festa de Agios Giorgis Maria não parava de falar no primo de Andreas, repetindo cada detalhe de seu encontro na casa dos Vandoulakis.

Manoli aparecera algumas vezes na aldeia. Graças a seu relacionamento com Giorgis, fora recebido calorosamente pelos homens de Plaka, e logo se tornou freguês assíduo do bar; podendo ser visto lá com a mesma frequência dos outros, jogando gamão, passando cigarros fortes de mão em mão e conversando sobre a política da ilha sob uma espessa nuvem de fumaça. Até mesmo em uma aldeia pequena como aquela, localizada em uma estrada que só conduzia a aldeias ainda menores, as questões mais importantes de política internacional tinham grande prioridade. Apesar de distantes, os acontecimentos na Grécia continental muitas vezes despertavam tanto paixão quanto fúria.

— A culpa é dos comunistas! — exclamava Lidaki, batendo com o punho no balcão.

— Como você pode dizer isso? — respondia uma outra voz. — Se não fosse pela monarquia, o continente não teria metade dos problemas que tem.

E assim prosseguiam, algumas vezes até de madrugada. “Dois gregos, uma discussão”, dizia o ditado, e ali, em quase todas as noites da semana, havia vinte e poucos aldeões e tantas discussões quanto azeitonas em um pote.

Manoli tinha uma visão de mundo mais abrangente do que outros frequentadores do bar — muitos nunca tinham ido mais longe do que Iraklion, e a maioria jamais pusera os pés em Hania —, e levou um novo ponto de vista para as discussões e conversas. Embora tomasse cuidado para não se gabar das conquistas casuais, tema recorrente de suas viagens, divertia a todos com histórias de italianos, iugoslavos e dos conterrâneos na Grécia continental. Seu estilo era leve; todos gostavam dele e tiravam proveito da alegria que ele levava para o bar. Sempre que havia uma pausa na discussão, Manoli tinha alguma anedota para contar, e os frequentadores ficavam alegres em escutá-la. Suas histórias sobre o velho bairro turco de Atenas, sobre a Escada Espanhola em Roma e sobre os bares de Belgrado eram fascinantes, e enquanto ele falava

reinava um silêncio quebrado apenas pelo estalo ocasional dos komboloi. Ele não precisava embelezar os fatos para torná-los divertidos. Os relatos de sua breve temporada na prisão, de ter ficado à deriva em um navio no meio do Mediterrâneo e de ter travado um duelo nas ruelas de um porto iugoslavo eram todos verdadeiros. Eram histórias de um homem que viajara sem nenhuma responsabilidade, e, inicialmente, sem preocupações. Os aldeões faziam dele uma imagem de homem desregrado, mas não insensível, e no entanto, à medida que falava, Manoli tinha consciência de que não queria ser visto como um partido inadequado para a filha de Giorgis, portanto, baixou um pouco o tom das histórias.

Até mesmo Antonis, que ficava emburrado no canto sempre que o exuberante primo de seu patrão aparecia, agora cumprimentava-o com efusividade. O elo entre os dois era a música, além do fato de ambos terem passado alguns anos longe daquela região; embora fossem décadas mais jovens do que os homens grisalhos com os quais bebiam, eram, de certa forma, mais vividos do que aqueles jamais seriam. Quando criança, Manoli havia aprendido a tocar lira, e durante suas viagens o instrumento fora ao mesmo tempo um companheiro e uma segurança, às vezes a única coisa que o impedia de passar fome. Em muitas ocasiões ele se vira cantando e tocando para pagar o jantar; sua lira era o único objeto de valor que ele não perdera no jogo. O precioso instrumento agora ficava pendurado na parede atrás do bar, e quando o raki chegava ao fundo da garrafa ele o tirava do gancho e tocava, espalhando pelo ar os sons trêmulos e vibrantes produzidos pelo arco.

Da mesma forma, a flauta de madeira de Antonis, sua thiaboli, fora companhia constante durante os anos que passara longe de casa. Seus sons pungentes haviam enchido uma infinidade de cavernas e cabanas de pastor, e suas notas haviam apaziguado o coração e a mente de seus companheiros e, de forma mais prosaica, ajudado-os a passar todas aquelas horas de vigília e espera. Por mais diferentes que fossem Manoli e Antonis, a música era um espaço neutro em que riqueza e hierarquia nada significavam. Os dois ficavam tocando no bar por uma hora inteira, e suas melodias

hipnotizantes enfeitiçavam os espectadores e aqueles cujas janelas abertas captavam a música que saía flutuando pelo ar parado.

Embora todos soubessem como os pais de Manoli haviam sido ricos, e como ele próprio havia esbanjado a fortuna, a maioria dos aldeões agora o via como igual, alguém que precisava trabalhar duro para viver e que, naturalmente, ansiava por uma esposa e uma família. Para Manoli, a simplicidade dessa vida mais pacata tinha lá suas recompensas. Mesmo sem a possibilidade de ver Maria, sua verdadeira motivação para visitar Plaka, ele encontrava ali muitas coisas que o agradavam. Os laços entre amigos de infância, a lealdade à família, uma forma de vida que não precisara ser mudada por muitos séculos — tudo isso exercia um grande fascínio sobre ele. Se conseguisse conquistar Maria, ou talvez até alguma outra bela jovem da aldeia, sua sensação de pertencimento seria completa. No entanto, com exceção dos dias das festas santas na aldeia, eram poucas as ocasiões que tinha para encontrá-la.

As formalidades ainda observadas em aldeias como Plaka deixavam-no louco. Embora considerasse que as tradições duradouras fizessem parte dos atrativos do lugar, o caráter incompreensível dos rituais de corte lhe parecia inteiramente ridículo. Sabia que não podia falar com Anna sobre suas intenções e, de toda forma, não a vinha visitando muito ultimamente. Esse era um hábito com o qual sabia que tinha de romper caso quisesse ter sucesso em seus planos de conquistar Maria. Anna fora previsivelmente ríspida com ele em sua última visita.

— Bem, obrigada por vir me visitar — disse ela, de maneira áspera.

— Olhe aqui — disse Manoli. — Eu acho que não devo mais vir aqui na hora do almoço. As pessoas estão começando a comentar que eu não trabalho o suficiente.

— Como quiser — disparou ela, com os olhos marejados de lágrimas raivosas. — Está claro que você já acabou o joguinho que estava fazendo comigo. Imagino que agora esteja brincando com outra pessoa.

Com isso, saiu da sala batendo os pés, e a porta se fechou atrás dela fazendo um estrondo.

Manoli sentiria falta da intimidade que tinham e do brilho nos olhos de Anna, mas era um preço que ele estava disposto a pagar.

Como não havia ninguém em casa para preparar suas refeições, ele muitas vezes comia em uma das tabernas de Elounda ou de Plaka. Toda sexta-feira ia à taberna de Fotini, onde ela e Stephanos agora haviam assumido o lugar dos pais dele. Em uma visita, no mês de julho, ficou ali sentado olhando para Spinalonga do outro lado do canal. A ilha, com sua forma de grande ovo semi-submerso, havia se tornado tão familiar para ele que mal merecia sua atenção. Como todos os outros, ele de vez em quando se perguntava como deveria ser morar lá, mas não pensava nisso por muito tempo. Spinalonga simplesmente estava ali, um monte de pedra habitado por leprosos.

Um prato de pequeninos peixes chamados picarel estava posto na mesa diante de Manoli, e enquanto espetava cada um deles com o garfo, algo atraiu sua atenção. À meia-luz do crepúsculo, um barquinho vinha com o motor roncando da ilha, criando uma ampla marola triangular enquanto cortava as águas densas. Havia duas pessoas a bordo, e quando a embarcação entrou no porto ele viu que uma delas se parecia com Maria.

— Stephanos! — chamou. — Aquela moça ali com Giorgis é Maria? É muito raro uma mulher sair para pescar, não é?

— Eles não foram pescar — respondeu Stephanos. — Foram fazer uma entrega na colônia de leprosos.

— Ah! — disse Manoli, mastigando lenta e pensativamente. — Bom, alguém tem que fazer isso.

— Giorgis vem fazendo isso há anos. Dá mais dinheiro do que a pesca... e é mais garantido — disse Stephanos, depositando um prato de batatas fritas sobre a mesa de Manoli. — Mas ele faz isso principalmente porque...

Fotini, que estava por perto, viu onde essa conversa poderia dar. Mesmo que não tivesse intenção de fazê-lo, ela sabia que Stephanos provavelmente iria se esquecer do desejo de Giorgis de não deixar a família Vandoulakis saber da forma trágica como Eleni havia morrido de lepra.

— Você por aqui, Manoli! — Ela se precipitou para a frente com uma travessa de berinjelas fatiadas. — Acabaram de sair. Com alho. Espero que goste. Pode nos dar licença um minutinho?

Ela agarrou o braço do marido e conduziu-o de volta para dentro da cozinha.

— Você tem que tomar cuidado! — exclamou. — Todos nós precisamos esquecer que a mãe de Anna e Maria esteve em Spinalonga. É o único jeito. Sabemos que não é nada de que elas devam se envergonhar, mas talvez Alexandros Vandoulakis não veja as coisas assim.

Stephanos fez cara de arrependido.

— Eu sei, eu sei. É que de vez em quando esqueço. Foi burrice minha — murmurou. — Manoli vem tanto aqui que esqueço que ele é parente de Anna.

— Não estou pensando só em Anna — admitiu Fotini. — Maria gosta de Manoli. Eles só se encontraram uma vez, na casa de Anna, mas ela não parou de falar nele, pelo menos comigo.

— É mesmo? Coitada dessa moça, ela precisa mesmo de um marido, mas ele me parece um pouco escroque — respondeu Stephanos. — Mas acho que por estas bandas não se tem muita escolha, não é?

Stephanos só via as coisas em preto-e-branco. Entendia o que a mulher estava querendo dizer, e percebeu que ele e Fotini tinham um papel a desempenhar na união daqueles dois.

Foi justamente uma semana depois que a oportunidade de arquitetar um encontro entre Maria e Manoli se apresentou. Quando Manoli apareceu na sexta-feira, Fotini saiu por uma porta lateral e correu até a casa dos Petrakis. Giorgis já havia jantado e fora para o bar jogar gamão, e Maria estava sentada sob uma luz cada vez mais fraca, esforçando-se para ler.

— Maria, ele está lá — disse Fotini, ofegante. — Manoli está na taberna. Por que não vai até lá encontrá-lo?

— Não posso — disse Maria. — O que meu pai iria pensar?

— Pelo amor de Deus — retrucou Fotini. — Você está com vinte e três anos. Seja corajosa. O seu pai nem precisa saber.

Ela agarrou a amiga pelo braço. Maria resistiu, mas pouco; no fundo do coração, queria ir.

— O que eu vou dizer a ele? — perguntou, ansiosa.

— Não se preocupe — disse Fotini, reconfortando-a. — Homens como Manoli nunca deixam isso ao encargo de uma mulher, pelo menos não por muito tempo. Ele vai ter muita coisa a dizer.

Fotini estava certa. Quando chegaram à taberna, Manoli imediatamente tomou as rédeas da situação. Não perguntou por que Maria estava ali, mas a convidou para se sentar à sua mesa, perguntando-lhe o que vinha fazendo desde seu último encontro e como estava passando seu pai. Então, mais ousado do que um homem normalmente se mostrava nesse tipo de situação, ele disse:

— Abriu um cinema novo em Agios Nikolaos. Quer ir lá comigo? Maria, já corada por causa da empolgação de tornar a ver Manoli, enrubescou ainda mais. Baixou os olhos para o próprio colo e mal conseguiu responder.

— Seria ótimo — disse por fim. — Mas não é exatamente uma coisa que se faz por aqui... ir ao cinema com alguém que não se conhece bem.

— Vamos fazer o seguinte: vou convidar Fotini e Stephanos para irem também. Eles podem ser nossos acompanhantes. Vamos na segunda-feira. É o dia em que a taberna fica fechada, não é?

Assim, antes que Maria percebesse e tivesse tempo para ficar ansiosa e pensar em todos os motivos para não aceitá-lo, o encontro ficou combinado. Dali a três dias, iriam todos a Agios Nikolaos.

Os modos de Manoli eram impecáveis, e as saídas passaram a ser semanais. Toda segunda-feira os quatro partiam por volta das sete da noite para assistirem ao último filme e depois jantarem.

Giorgis ficou encantado ao ver a filha ser cortejada por aquele homem bonito e charmoso, alguém de quem ele já gostava, antes mesmo de Maria tê-lo conhecido. Embora fosse um comportamento bem ousado — todas aquelas saídas sem ter sido feito qualquer tipo de acordo formal —, estavam, afinal de contas, entrando em uma época mais moderna, e o fato de Maria estar sempre com dois acompanhantes amenizava os comentários maliciosos das senhoras mais velhas da aldeia.

Os quatro gostavam da companhia um do outro, e as saídas de Plaka mudaram a essência e o padrão de suas vidas rotineiras. O tempo que passavam juntos era permeado de divertimento, e muitas vezes eles se dobravam de tanto rir das piadas e dos trejeitos de Manoli. Maria começou a se dar ao luxo de sonhar e imaginar que um dia poderia passar o resto da vida olhando para aquele rosto bonito, cheio de rugas, envelhecido pela vida e pelo riso. Algumas vezes, quando ele a olhava bem nos olhos, sentia os cabelos escondidos de sua nuca se eriçarem e a palma de suas mãos ficava suada. Mesmo em uma noite quente ela se arrepiava, era involuntário. Ser cortejada e provocada assim era uma experiência nova para ela. Que alívio Manoli representava em comparação ao aspecto sem graça do resto de sua vida! Havia momentos em que ela se perguntava se ele de fato seria capaz de levar a sério o que quer que fosse. Os efeitos da efervescência dele atingiam todos à volta. Maria nunca vivera uma felicidade tão despreocupada, e começou a pensar que essa euforia fosse amor.

No entanto, pensar no que iria acontecer com o pai se ela casasse era um peso constante na sua consciência. Na maioria dos arranjos matrimoniais, a moça mudava-se para a casa dos sogros. Certamente isso não iria acontecer com Manoli, uma vez que ele era órfão, mas a ideia de ele se mudar para sua casinha em Plaka era igualmente inadmissível. Visto o passado dele, era mesmo inconcebível. Essa angústia não lhe saía da cabeça, e o fato de Manoli ainda não tê-la beijado não lhe pareceu absurdo sequer uma vez.

Seu comportamento era perfeito, e ele havia decidido logo no início que a única forma de conquistar Maria seria se portando de forma impecável. Parecia-lhe absurdo às vezes pensar que em outro país ele poderia ter levado uma moça para a cama depois de mal terem se apresentado, e que, no entanto, ali ele havia passado várias horas com Maria sem sequer tocá-la. O desejo que sentia por ela era intenso, mas a espera tinha um delicioso caráter de novidade. Estava certo de que sua paciência seria recompensada, e a demora só o fazia querê-la ainda mais. Durante os primeiros meses daquela corte, quando ele olhava para seu rosto pálido e oval

emoldurado pelo halo de cabelos castanho-escuros trançados, ela baixava os olhos, envergonhada, com medo de encará-lo. Com o passar do tempo, porém, ele a viu ficar mais ousada e retribuir seu olhar. Se tivesse olhado com atenção, teria tido a satisfação de ver as veias latejarem em seu belo pescoço antes de seus lindos traços se abrirem em um sorriso. Caso possuísse aquela virgem agora, sabia que seria obrigado a nunca mais pisar em Plaka. Embora já houvesse deflorado dúzias de moças, nem mesmo ele seria capaz de desgraçar a adorável Maria, e, mais importante ainda, uma voz interior lhe dizia para se conter. Estava na hora de mudar de vida.

De longe, Anna fumegava de ciúme e ressentimento. Manoli mal fora visitá-la desde que Giorgis e Maria tinham ido almoçar na fazenda, e em determinadas ocasiões, durante eventos de família, mantivera distância. Como ele se atrevia a tratá-la daquela forma? Logo ela ficou sabendo pelo pai que Manoli estava cortejando Maria. Seria apenas para provocá-la? Se ao menos ela pudesse lhe mostrar que na verdade estava pouco ligando. Mas não houve oportunidade para isso, portanto, não houve nenhuma catarse. Ela tentava desesperadamente não pensar nos dois juntos e para se distrair dedicava-se com voracidade a projetos de decoração cada vez mais extravagantes. Sabia que durante esse tempo os acontecimentos em Plaka se desenrolavam de forma inexorável, mas não havia ninguém em quem pudesse confiar, e sua fúria ia aumentando como vapor em uma panela de pressão.

Andreas, desolado com o estranho humor da mulher, perguntava-lhe repetidamente qual era o problema, e ouvia como resposta que devia deixá-la em paz. Ele acabou desistindo. Vinha sentindo havia algum tempo que os dias tranquilos do início do casamento, de olhares amorosos e palavras gentis, tinham terminado, e passou a se dedicar cada vez mais à fazenda. Eleftheria também percebeu a mudança. Poucos meses antes, a nora parecia tão feliz e animada, e agora dava a impressão de estar sempre zangada. Para Anna, esconder as emoções daquela forma era a antítese de todos os seus impulsos naturais. Sentia vontade de berrar, de gritar, de arrancar os cabelos aos montes, mas quando o pai e Maria iam visitá-la, de vez em quando, o nome de Manoli sequer era mencionado.

Por algum tipo de intuição, Maria sentia que sua amizade com Manoli talvez houvesse invadido o território da irmã, e que provavelmente Anna considerasse a família Vandoulakis só sua. De que adiantava piorar as coisas falando no assunto? Ela não fazia ideia do nível de angústia de Anna, e imaginava que o ar distante da irmã tivesse alguma coisa a ver com o fato de até agora ela não ter conseguido engravidar.

Em uma noite de fevereiro, seis meses depois do início das saídas semanais, Manoli foi procurar Giorgis no bar. O velho estava sentado sozinho, lendo o jornal da região, e ergueu os olhos quando o rapaz se aproximou, com uma voluta de fumaça se enroscando acima de sua cabeça.

— Giorgis, posso me sentar? — perguntou Manoli, educadamente.

— Pode — respondeu Giorgis, voltando a ler o jornal. — Não sou dono deste bar, não é?

— Quero lhe perguntar uma coisa. Vou direto ao assunto. Gostaria de me casar com a sua filha. Você consente?

Giorgis dobrou o jornal com cuidado e colocou-o sobre a mesa. Manoli teve a impressão de que ele demorou um século para responder.

— Se eu consinto? É claro que sim! Você está cortejando a moça mais linda da aldeia há mais de seis meses... e eu pensei que nunca fosse pedir. Já não era sem tempo!

A resposta rabugenta de Giorgis escondia sua imensa alegria com o pedido. Não apenas uma, mas agora suas duas filhas iriam entrar para a família mais poderosa da região. Não era um sentimento esnobe, mas um simples alívio, e prazer pelo fato de o futuro de ambas estar então garantido. Era o melhor que um pai poderia esperar para as filhas, sobretudo ele que era um mero pescador. Por trás da cabeça de Manoli ele pôde ver as luzes de Spinalonga piscando através das persianas semicerradas da janela do bar. Se ao menos Eleni pudesse compartilhar aquele instante.

Então, ele estendeu a mão para segurar a de Manoli, momentaneamente sem palavras. Sua expressão já dizia o bastante.

— Obrigado. Eu vou cuidar dela, mas nós dois também vamos cuidar de você — disse Manoli, muito consciente da situação solitária em que o casamento de Maria iria deixá-lo. — Ei! Precisamos do seu melhor tsikoudia! — gritou para Lidaki. — Temos uma coisa para comemorar aqui. É um milagre. Eu deixei de ser órfão!

— Do que você está falando? — indagou Lidaki, aproximando-se depressa com uma garrafa e dois copos, agora já acostumado às extravagâncias verbais de Manoli.

— Giorgis aceitou ser meu sogro. Vou me casar com Maria!

Havia alguns outros fregueses no bar naquela noite, e mesmo antes de Maria ficar sabendo os homens da aldeia já estavam brindando ao seu futuro com Manoli.

Mais tarde, na mesma noite, quando Giorgis voltou para casa, Maria estava se preparando para dormir. Quando seu pai entrou pela porta, fechando-a depressa para evitar a entrada do vento de fevereiro e conservar o calor dentro de casa, a filha percebeu uma expressão pouco comum no rosto dele. Seu semblante era todo animação e deleite.

— Maria — disse ele, estendendo as mãos para segurar os dois braços da filha. — Manoli pediu sua mão em casamento.

Por um instante, ela manteve a cabeça baixa, sentindo prazer e dor na mesma proporção. Sua garganta se contraiu.

— O que o senhor respondeu? — perguntou ela, com um sussurro.

— O que você queria que eu respondesse. Que sim, é claro!

Em toda sua vida, Maria nunca havia experimentado aquela mistura desconhecida de emoções. Seu coração parecia um caldeirão de ingredientes que não conseguiam se misturar. Seu peito se contraiu de ansiedade. O que seria aquilo? Será que a felicidade causava tamanha náusea? Assim como era incapaz de imaginar a dor de outra pessoa, Maria também não sabia como era o amor para os outros. Tinha bastante certeza de amar Manoli. Com o charme e a inteligência, não era difícil amá-lo. Mas passar a vida inteira com ele? Uma infinidade de angústias começou a afligi-la. O que iria acontecer com seu pai? Ela formulou imediatamente suas preocupações.

— Que maravilha, pai. É mesmo maravilhoso, mas e o senhor? Eu não posso deixar o senhor aqui sozinho.

— Não se preocupe comigo. Eu posso ficar aqui... não iria querer sair de Plaka. Ainda tenho muita coisa a fazer aqui.

— Como assim? — perguntou ela, embora soubesse exatamente do que ele estava falando.

— Spinalonga. A ilha ainda precisa de mim... e enquanto eu tiver condições de levar meu barco até lá, vou continuar levando. O dr. Lapakis confia em mim, assim como todos os moradores da ilha.

As viagens de ida e volta da colônia de leprosos estavam mais frequentes do que nunca. A cada mês havia novos carregamentos e novas mercadorias a serem entregues, bem como material de construção para as reformas, financiadas pelo governo, que estavam em andamento. Giorgis era parte essencial de toda essa operação. Maria entendia a ligação do pai com a ilha. Raramente falavam sobre isso, mas o fato de que aquela era sua vocação e sua forma de manter uma conexão com Eleni era tacitamente aceito.

Tanto pai quanto filha tiveram um sono agitado, e a manhã demorou a chegar. Naquele dia Giorgis deveria levar Maria até a casa de Manoli na fazenda dos Vandoulakis. Era domingo, e o rapaz estava na soleira da porta para recebê-los. Era a primeira vez que Maria ia à casa que agora iria se tornar seu lar. Ela levou algum tempo para calcular que o lugar era quatro vezes maior do que a casa que dividia com o pai em Plaka, e a ideia de morar ali deixou-a intimidada.

— Bem-vindos — disse Manoli, fazendo-a se sentir à vontade com essa única palavra. — Entrem, vocês dois. Saiam desse frio.

Era de fato o dia mais frio do ano. Uma tempestade se preparava, e os ventos pareciam vir de várias direções, formando redemoinhos de folhas secas e fazendo-as rodopiar ao redor de seus tornozelos. A primeira impressão de Maria quando entraram foi a falta de luz e uma desarrumação generalizada, o que não a surpreendeu, pois a casa podia ter uma empregada, mas não tinha uma dona. Manoli conduziu-os até uma sala de visitas um pouco mais arrumada e mais bem-cuidada, com tecidos de renda bordada e algumas fotografias na parede.

— Minha tia e meu tio vão chegar daqui a pouco — explicou ele, quase nervoso, e em seguida continuou, dirigindo-se a Maria: — O seu pai consentiu que eu pedisse sua mão. Quer se casar comigo?

Ela fez uma pausa antes de responder. Para ambos, pareceu uma eternidade. Ele a olhava com olhos de súplica, estava momentaneamente tomado pela dúvida.

— Quero — respondeu ela por fim.

— Ela disse sim! — rugiu Manoli, recuperando subitamente a autoconfiança. Abraçou-a e beijou-lhe as mãos, fazendo-a girar até ela pedir clemência. Sempre haveria surpresas com Manoli, e sua exuberância a deixava sem ar. Aquele homem era um pentozali humano. — Você vai ser minha mulher! — disse ele, animado. — Meu tio e minha tia estão ansiosos para encontrá-la de novo, Maria.

Mas antes de eles chegarem precisamos conversar sobre um assunto importante: você, Giorgis. Quer vir morar nesta casa conosco?

Como de hábito, Manoli fora direto ao assunto. Convidar Giorgis para morar com eles era o mais próximo que podiam chegar de restabelecer um padrão tradicional, em que os pais ficavam sob os cuidados dos filhos no fim da vida. Manoli não havia conversado a respeito com Maria e não tinha noção das possíveis suscetibilidades, embora soubesse que ela iria querer ter o pai por perto.

— É muita gentileza sua. Mas eu não poderia sair da aldeia. Maria entende, não é, Maria? — indagou Giorgis, recorrendo à filha.

— É claro que eu entendo, pai. Não me importo, contanto que você venha nos visitar sempre que puder... e, de toda forma, iremos visitá-lo em Plaka quase todos os dias.

Giorgis sabia que Maria cumpriria a palavra, e que poderia contar com suas visitas sem medo de ficar desapontado. Ela não seria como Anna, cujas cartas e visitas haviam praticamente cessado.

Manoli não conseguia entender muito bem o apego do futuro sogro àquela velha casa na aldeia, mas resolveu não insistir. Nessa hora, ouviu-se o som de pneus no caminho de cascalho do lado de fora, e portas batendo. Alexandros e Eleftheria estavam na porta, e Manoli os fez entrar. Os apertos de mãos foram calorosos. Embora o caminho dos Vandoulakis e dos Petrakis não se cruzasse havia

muitos meses, ficaram contentes em se reencontrar. Alexandros, como chefe da família, tinha o dever de se pronunciar.

— Giorgis e Maria. Vai ser um prazer, mais uma vez, recebê-los na família. Meu irmão e sua mulher, os saudosos pais de Manoli, também teriam achado tanto quanto nós que Maria irá fazer nosso sobrinho muito feliz.

As palavras vinham do coração, e Maria corou de vergonha e prazer. Alexandros e Eleftheria estavam tão conscientes quanto no caso de Anna de que aquela noiva viria sem dote, com exceção de um enxoval de bordados e renda para suavizar a sisudez da casa espartana do sobrinho. Mas não se importavam com isso, já que havia mais vantagens do que desvantagens no fato de Manoli sossegar e casar-se com uma moça da região. O enlace cumpriria a promessa que haviam feito ao pai de Manoli de garantir o bem-estar do filho. Quando o rapaz se embrenhara pela Europa, Alexandros experimentara uma terrível sensação de fracasso. Tudo que prometera a Yiannis fora por água abaixo. Durante a maior parte da ausência do sobrinho, Alexandros sequer soubera se ele estava vivo ou morto, e raramente conhecia seu paradeiro, mas depois que Manoli se casasse com Maria ficaria preso a Elounda, e sempre estaria ali para ajudar Andreas na administração da imensa fazenda dos Vandoulakis.

Os cinco beberam à saúde uns dos outros.

— Iassas! — entoaram em coro enquanto brindavam.

Logo começaram as conversas sobre quando seria o casamento.

— Vamos nos casar na semana que vem — disse Manoli.

— Não seja ridículo! — retorquiu Eleftheria. — Você nem sabe o trabalho que dá preparar um bom casamento! Vai levar pelo menos seis meses.

Naturalmente, Manoli estava brincando, mas continuou a provocar a tia.

— Com certeza, conseguimos nos casar antes disso. Vamos falar com o padre. Venha, vamos falar com ele agora e ver se ele consegue nos casar hoje mesmo!

Em parte, estava falando sério. Agora estava ansioso como um tigre ávido por sua presa. Deu asas à imaginação. Maria, linda,

pálida e firme, com os cabelos espalhados sobre o travesseiro e um raio de luar caindo sobre a cama para iluminar seu corpo perfeito. À sua espera. Seis meses inteiros. Meu Deus, como é que ele seria capaz de esperar tanto assim?

— Temos que fazer tudo como os seus pais desejariam — disse Alexandros. — Do jeito certo! — arrematou, inteiramente consciente da impetuosidade do sobrinho.

Manoli lançou-lhe um olhar. Sabia que o tio pensava que ele precisava ser mantido nos eixos com mão firme, e embora nutrisse grande afeto por Alexandros, adorava provocá-lo em relação às ansiedades que este sentia a seu respeito.

— É claro que vamos fazer tudo do jeito certo — disse, agora com uma sinceridade genuína. — Vamos fazer tudo como manda a tradição. Prometo.



Assim que pôde, Maria correu para contar a novidade a Fotini.

— Só tem uma coisa que me preocupa — disse. — Meu pai.

— Mas nós vamos estar aqui para ficar de olho nele, e os meus pais também — assegurou-lhe Fotini. — Vamos, Maria. Já está na hora de você se casar. O seu pai entende isso, eu sei que entende.

Maria tentou controlar o nervosismo, mas a preocupação com Giorgis sempre parecia se interpor entre ela e a sensação de alegria absoluta.

CAPÍTULO 14

O noivado de Manoli e Maria foi celebrado com uma festa para a qual todos os moradores de Plaka foram convidados. Foi exatamente um mês depois do pedido de Manoli. Ambos sentiam que tinham sido abençoados pela boa sorte. Muitas das amigas de infância de

Maria haviam sido casadas pelos pais com homens que não amavam, e pelos quais esperava-se que fossem desenvolver algum tipo de afeto, como se estivessem cultivando gerânios. Naquela época, os enlaces em geral aconteciam por conveniência, de modo que Maria estava surpresa e grata por estar se casando por amor. Sentia por isso certa gratidão para com a irmã, mas o momento e a oportunidade exatos para expressar tal sentimento nunca se apresentaram, uma vez que as duas raramente se viam. Para espanto e preocupação de todos, Anna sequer compareceu à festa de noivado. Mandou suas desculpas por Andreas, que foi se juntar aos festejos com os pais.

Manoli estava adorando a ideia de se casar. Sentia que sua vida de libertino nômade havia realmente chegado ao fim, e agora imaginava com deleite a probabilidade de ser paparicado e até mesmo, quem sabe, de ter filhos. Ao contrário de Maria, que agradecia ao Deus a quem rezava na igreja toda semana, ele atribuía sua sorte a deuses diversos, principalmente a Afrodite, que havia lhe entregado aquela linda moça sobre uma bandeja dourada. Ele preferia ter ficado solteiro a se casar sem amor ou beleza, e estava aliviado por ter encontrado ambos em igual medida.

A festa de noivado estava animada e a praça da aldeia apinhada de convidados. Stephanos carregava travessas de comida para lá e para cá, e Maria e Manoli misturavam-se à multidão.

Manoli chamou o primo de lado.

— Andreas — começou, quase gritando para se fazer ouvir acima do estrondo da banda e dos cantos —, você aceita ser nosso padrinho de casamento?

O padrinho, ou koumbaros, era uma figura central do casamento. Na cerimônia, seu papel era quase tão importante quanto o do padre e, Deus ajudando, na ocasião devida ele seria também o padrinho do primeiro filho do casal.

Andreas já esperava o convite. Teria ficado magoado se não o tivessem convidado, pois era um candidato óbvio. Manoli e ele eram mais do que irmãos, mais próximos do que gêmeos, e ele era a pessoa perfeita para ajudar a unir aqueles dois em matrimônio, sobretudo quando se considerava que ele já era cunhado de Maria.

No entanto, sua expectativa de ser convidado não diminuiu seu prazer.

— Nada me deixaria mais encantado, primo! Será uma honra — falou.

Andreas tinha uma estranha inclinação de proteger Manoli. Lembrava-se bem da morte do tio e do período que se seguira, quando Manoli fora levado para morar em sua casa. Andreas, sempre uma criança calma e bastante séria, e Manoli, um menino mais selvagem, menos disciplinado, não poderiam ter sido mais diferentes. Apesar disso, raramente brigavam quando pequenos, e, ao contrário da maioria dos irmãos, nunca houvera nenhum ciúme entre eles. Aos cinco anos de idade eles receberam um ao outro de presente, um irmão e companheiro de brincadeiras prontinho. Andreas se beneficiou da influência aventureira, menos responsável do primo, e não havia muita dúvida de que Manoli precisava da condução firme de seu tio e de sua tia. Andreas, seis meses mais velho, assumiu naturalmente o papel de protetor, embora tivesse sido Manoli quem desencaminhara o primo mais velho e quem o instigara a ser mais ousado e mais atrevido em suas escapadas pela fazenda à medida que entravam na adolescência.

Maria recebeu o primeiro dos muitos presentes para seu enxoval, e os festejos prosseguiram até de madrugada, quando a aldeia se tornou o lugar mais silencioso de Creta. Até mesmo os cães estavam cansados demais para latir até o sol ter se erguido bem acima do horizonte.

Quando Andreas chegou em casa, todos dormiam. Alexandros e Eleftheria haviam voltado antes dele, e a casa estava silenciosa e escura, sinistra. Ele entrou no quarto pé ante pé e ouviu Anna se mexer.

— Olá, Anna — sussurrou baixinho, caso ela ainda estivesse dormindo.

A verdade era que Anna não havia pregado o olho durante a noite. Ficara se revirando e se remexendo, enlouquecida de raiva ao pensar nos festejos que aconteciam em Plaka. Podia visualizar o sorriso radiante da irmã e os olhos escuros de Manoli fixos nela, e

talvez suas mãos em volta da cintura dela enquanto recebiam os cumprimentos de todos os convidados.

Quando Andreas acendeu a luz da cabeceira, ela se virou de frente para ele.

— Então, foi divertido? — perguntou.

— Foi uma grande festa — respondeu ele, sem olhar para a mulher enquanto se despiá, e portanto sem ver a expressão em seu rosto manchado de lágrimas. — E Manoli me pediu para ser koumbaros!

O convite era inevitável, mas mesmo assim Anna não estava realmente preparada para o choque. Andreas agora teria um papel importante nas vidas de Manoli e Maria, e isso deixaria todos ligados uns aos outros, condenando-a a ver eternamente a felicidade da irmã esfregada em seu nariz. No escuro, seus olhos arderam quando ela se virou para enterrar o rosto no travesseiro.

— Boa noite, Anna. Durma bem — Andreas deitou e dali a poucos segundos a cama começou a vibrar com seus roncos.



Os dias de ar gelado de março passaram depressa, a primavera chegou com uma explosão de brotos e botões, e quando o verão começou, os preparativos para o casamento já estavam adiantados. A data foi marcada para outubro, e as núpcias seriam brindadas com os primeiros vinhos das colheitas da temporada. Maria e Manoli continuaram com suas saídas semanais, sempre na companhia de Stephanos e Fotini. A virgindade da noiva era um pré-requisito tácito para o contrato de casamento, e os poderes da tentação eram amplamente reconhecidos; era conveniente para todos que uma moça não ficasse a sós com o noivo até a noite de núpcias.

Em uma noite de maio, quando os quatro estavam sentados em torno de uma bebida em Agios Nikolaos, Maria percebeu que Fotini

estava ligeiramente corada. Podia ver que a amiga queria dizer alguma coisa.

— O que foi, Fotini? Você está com cara de quem o gato comeu a língua!

— É exatamente assim que estou me sentindo... Nós vamos ter um bebê! — revelou ela.

— Você está grávida! Que notícia maravilhosa — disse Maria, segurando as mãos da amiga. — Para quando é?

— Acho que para daqui a uns sete meses... está bem no comecinho.

— Poucos meses depois do nosso casamento... vou ter que voltar para visitar você em Plaka dia sim, dia não — falou Maria, toda animada.

Todos brindaram à boa notícia. Para as duas moças, parecia que ainda na véspera estavam construindo castelos de areia na praia e agora estavam ali conversando sobre casamento e maternidade.

Mais tarde naquele verão, preocupada, pois fazia muito tempo desde a última vez que vira Anna, e um pouco intrigada com a total falta de interesse da irmã em suas núpcias iminentes, Maria resolveu que deveriam visitá-la. Tinha sido um dos dias mais quentes de agosto, quando nem a noite era capaz de aliviar o calor escaldante, e em vez de ir a Agios Nikolaos com Fotini e Stephanos como de costume, Manoli e Maria decidiram ir sozinhos à casa de Anna. Foi uma atitude ousada. Não fora feito nenhum convite, nem eles haviam recebido nenhum recado de que a muito altiva e esquiva Anna queria vê-los. Para Maria, o recado estava claro. Por que outro motivo a irmã estaria se comportando daquela forma a não ser para tentar manifestar sua desaprovação? Maria queria esclarecer tudo aquilo. Várias das suas cartas — uma contando sobre a festa de noivado à qual Anna havia faltado, supostamente por estar doente, e outra falando da belíssima roupa íntima que ganhara de presente para o seu enxoval — haviam ficado sem resposta. A irmã tinha telefone, mas ela e Giorgis não, e a comunicação entre as duas cessara por completo.

Enquanto Manoli subia a estradinha logo depois de Elounda, que conduzia à imponente residência dos Vandoulakis, fazendo as curvas

como qualquer rapaz que já as conhecesse de cor, Maria estava nervosa. Coragem, disse a si mesma. É só sua irmã. Não conseguia entender o motivo de tamanha ansiedade em relação a visitar alguém que era um parente tão próximo.

Quando chegaram, Maria foi a primeira a descer do carro. Manoli parecia lento, demorando-se em tirar a chave da ignição, depois penteando os cabelos no retrovisor. Maria ficou esperando por ele, impaciente por aquele encontro. Manoli girou a grande maçaneta redonda da porta — afinal de contas, aquela casa era um pouco sua —, mas esta não se mexeu, então, ele segurou a aldraba e bateu três vezes com força. Depois de algum tempo, a porta foi aberta. Não por Anna, mas por Eleftheria.

Esta ficou surpresa ao ver o sobrinho e Maria. Era raro alguém chegar sem avisar, mas todos sabiam que Manoli não era do tipo que ligava para etiqueta, e ela o abraçou calorosamente.

— Entrem, entrem — chamou. — Que prazer ver vocês. Quem dera eu tivesse sabido que viriam, nesse caso, poderíamos ter jantado juntos, mas vou providenciar alguma coisa para comer e algumas bebidas...

— Na verdade, nós viemos ver Anna — disse Manoli, interrompendo-a. — Como ela está? Ela anda bastante incomunicável... há meses.

— É mesmo? Ah, entendo. Não imaginei. Vou subir e avisá-la de que vocês estão aqui. — Eleftheria saiu da sala apressada.

Da janela de seu quarto, Anna vira chegar o carro conhecido. O que deveria fazer? Conseguira evitar aquele encontro pelo máximo de tempo possível, acreditando que se ficasse longe de Manoli seus sentimentos em relação a ele acabariam por se dissipar. No entanto, ela o via todos os dias da semana. Via seu reflexo no marido quando este chegava da fazenda e nas noites em que Andreas fazia amor com ela era fácil imaginar Manoli semicerrando os olhos. A intensidade de sua paixão por aquela versão mais vivaz do marido estava tão forte quanto no dia em que ele colocara uma flor entre seus seios, e o simples fato de pensar nele bastava para deixá-la excitada. Ansiava por ver seu sorriso brilhante, que despertava seu desejo e fazia calafrios percorrerem sua espinha, mas qualquer

encontro desse tipo agora incluiria também Maria, e isso seria uma constatação de que Manoli jamais poderia ser seu.

Ela fingira estar no controle da situação. Até aquela noite. Agora, estava acuada. As duas pessoas que mais amava e odiava no mundo estavam lá embaixo esperando por ela.

Eleftheria bateu de leve na porta do quarto.

— Anna, sua irmã e o noivo dela estão aqui! — chamou, sem entrar. — Você vai descer para vê-los?

Sem nunca ter sido alvo das confidências da nora, Eleftheria tinha lá suas suspeitas em relação aos sentimentos de Anna por Manoli. Era a única pessoa que realmente soubera das constantes visitas dele, e a única a saber que Anna não estava doente no dia da festa de noivado da irmã. Mesmo agora, ainda podia sentir a relutância da nora em descer. Não era possível que atravessar o quarto pudesse levar tanto tempo. Tudo estava começando a fazer sentido. Ela esperou pacientemente mais alguns segundos antes de tornar a bater, dessa vez com mais insistência.

— Anna? Você está vindo?

De trás da porta fechada, Anna respondeu com rispidez.

— Sim, eu estou indo. Vou descer quando estiver pronta. Alguns instantes depois, com o batom vermelho recém-aplicado e os cabelos lustrosos brilhando como vidro, Anna abriu a porta do quarto e desceu. Respirou fundo e empurrou a porta da sala de visitas. Parecendo uma perfeita grande dame, muito embora a verdadeira dona da casa fosse Eleftheria, deslizou pela sala para cumprimentar a irmã e deu-lhe um beijo educado na bochecha. Então virou-se para Manoli, estendendo a mão pálida e flácida para apertar a dele.

— Olá — disse, sorrindo. — Mas que surpresa. Que surpresa boa.

Anna sempre soubera representar. E sob muitos aspectos era mesmo bom ver aquele homem, aquela sua obsessão, em carne e osso; mas havia muito mais. Ela pensara nele todos os dias durante meses e agora ele estava ali na sua frente, ainda mais másculo, mais desejável do que ela lembrava. No que pareceu a Anna ser minutos mais tarde — mas na verdade foram apenas um ou dois segundos

—, ela percebeu que ainda estava segurando a mão dele, enquanto a sua estava úmida de suor. Afastou-se.

— Achei que fazia tanto tempo que não nos víamos — disse Maria. — O tempo está passando muito depressa e você sabe que vamos nos casar em outubro, não sabe?

— Sei, sei, que notícia maravilhosa. Maravilhosa mesmo. Eleftheria estava atarefada com uma bandeja de copos e uma fileira de pratinhos cheios de azeitonas, cubos de queijo feta, amêndoas e salgadinhos quentes de espinafre. Era um milagre ter conseguido produzir aquela coleção de meze em questão de minutos, mas mesmo assim ela se desculpou por não poder recebê-los com uma refeição mais elaborada. E continuou a fazer as honras da casa, removendo um rebuscado decantador de ouzo do aparador e servindo uma dose para cada um.

Todos se sentaram. Anna acomodou-se na pontinha do assento; Manoli recostou-se, confortável, totalmente à vontade. A sala estava iluminada pela luz cálida e alaranjada que o poente lançava através das cortinas de renda e, embora a conversa fosse rígida e formal, Anna conseguiu estabelecer algum diálogo. Sabia que era seu papel em uma situação como aquela.

— Fale-me sobre papai. Como vai ele?

Era difícil saber se Anna de fato se importava, mas com certeza jamais ocorrera a Maria que ela pudesse não se importar.

— Vai bem. Está muito contente com nosso casamento. Nós o convidamos para morar conosco, mas ele faz questão de ficar onde está, em Plaka — respondeu Maria.

Ela sempre havia encontrado várias desculpas para a aparente falta de interesse da irmã: o fato de morar longe de Plaka, seu novo papel de esposa e outros deveres que Maria imaginava que ela devesse ter em uma propriedade como aquela. Sabia agora que mudanças parecidas iriam afetá-la também. Seria uma grande ajuda se Anna começasse a ser mais presente na vida do pai, ou pelo menos tentasse visitá-lo com mais frequência. Estava a ponto de abordar o assunto quando ouviram-se vozes no hall.

Alexandros e Andreas voltavam de uma visita às terras que tinham no planalto de Lasithi, e embora os primos se encontrassem

regularmente para discutir os assuntos da fazenda, abraçaram-se como amigos que não se viam havia tempos. Mais bebidas foram servidas, e os dois homens da casa se sentaram.

Maria percebeu certa tensão, mas não conseguiu identificar a causa. Anna parecia perfeitamente feliz ao conversar, mas Maria não pôde deixar de notar que a maioria dos comentários da irmã eram dirigidos a Manoli, não a ela. Talvez fosse apenas pela posição em que estavam sentados. Manoli estava na frente de Anna, enquanto Andreas e Maria estavam de lado, sentados em um comprido banco estofado, com Eleftheria no meio.

Manoli tinha esquecido a intensidade da atração que sentira por Anna. Havia algo gloriosamente coquete naquela moça, e ele se lembrou dos flertes durante o almoço com certa nostalgia. Embora agora fosse um homem oficialmente noivo, o velho escroque que havia em Manoli estava enterrado bem próximo à superfície.

Eleftheria percebia claramente uma diferença em Anna. A nora podia muitas vezes ser carrancuda e monossilábica, mas naquele fim de tarde estava animada, com a face corada, e até mesmo naquela meia-luz a sogra podia distinguir seu largo sorriso. Sua admiração por tudo que Manoli dizia beirava a adoração.

Como de hábito, Manoli monopolizou a conversa. Anna tentava não se enfurecer ao ouvi-lo se referir a Maria repetidamente como sua "linda noiva", e concluiu que ele o fazia de propósito, para deixá-la irritada. Ele ainda a provocava, pensou, ainda estava brincando com ela como fizera tantos meses antes, e estava deixando óbvio que não esquecera o flerte entre eles. A forma como a olhava, inclinando-se para a frente para falar-lhe como se não houvesse ninguém mais na sala, deixava isso bem claro. Se ao menos não houvesse mesmo ninguém mais na sala. Aquela hora que passou com Manoli foi para Anna ao mesmo tempo o céu e o inferno.

O casamento foi praticamente o único assunto. Quando seria a cerimônia, quem seria convidado e o papel de Andreas como koumbaros. Já estava quase escuro quando Manoli e Maria se levantaram para ir embora. Seus olhos haviam se ajustado ao crepúsculo, e só então Eleftheria acendeu os fracos abajures de

mesa para que pudessem sair da sala sem tropeçar nos tapetes nem esbarrar nas mesinhas de canto.

— Só mais uma coisa, Anna — disse Maria, determinada a não ir embora sem cumprir sua missão. — Você poderia ir visitar papai em breve? Sei que você é muito ocupada, mas acho que ele iria realmente gostar.

— Sim, sim, vou visitá-lo — disse Anna, com uma deferência pouco habitual à irmã caçula. — Tenho sido negligente. Muito feio da minha parte. Irei a Plaka daqui a algumas semanas. Que tal a terceira quarta-feira de setembro? Seria conveniente?

Foi uma pergunta comum, lançada a esmo, mas de certa forma repleta de malícia. Anna sabia perfeitamente que para Maria uma quarta-feira de setembro não era diferente de uma quarta-feira de abril, junho ou agosto, muito menos de uma segunda ou terça-feira. Ela fazia as mesmas tarefas domésticas durante seis dias por semana e, com exceção dos domingos, pouco importava quando Anna fosse lá. Além disso, Maria esperava que a irmã sugerisse uma data mais próxima. No entanto, foi impecável em sua resposta.

— Seria ótimo. Vou avisar papai — disse ela. — E sei que ele vai esperar ansiosamente. Em geral, às cinco da tarde ele já voltou de Spinalonga com o dr. Lapakis.

Maldita seja ela por mencionar a ilha!, pensou Anna. Ela sabia que todos haviam cumprido bem seu papel durante os últimos anos para se certificar de que o nível de seu envolvimento com a colônia de leprosos não chegasse aos ouvidos da família Vandoulakis. Sabia também que agora Maria tinha tanto interesse quanto ela em guardar segredo sobre o passado. Por que todos não podiam simplesmente esquecer aquilo tudo? Todos sabiam que Giorgis fazia suas entregas em Spinalonga e transportava o médico da ilha. Já não era vergonha suficiente sem precisar de referências constantes?

Fizeram as últimas despedidas, e Manoli e Maria foram embora. Mesmo que Anna pudesse parecer nervosa às vezes, Maria sentia que talvez o gelo houvesse começado a derreter. Sempre tentava não julgar a irmã e refrear as próprias críticas, mas não era nenhuma santa.

— Já é hora de Anna começar a ir a Plaka — comentou com Manoli. — Se eu vou deixar papai lá sozinho, ela vai precisar visitá-lo com mais frequência.

— Ficarei surpreso se ela fizer isso — disse Manoli. — Ela só faz o que quer. E, com certeza, não gosta quando as coisas não acontecem do seu jeito.

O conhecimento de Manoli a respeito de Anna deixou Maria intrigada. Ele falava da irmã como se a entendesse. Anna não era uma pessoa complexa, mas mesmo assim Maria ficou surpresa com a observação acurada do noivo.



Maria agora contava os dias para o seu casamento. Faltavam apenas quatro semanas. Ela queria que passassem depressa, mas o fato de que iria deixar o pai sozinho ainda lhe pesava muito, e decidiu fazer todo o possível para facilitar a transição. O passo mais prático que podia dar seria arrumar a casa para quando Giorgis ficasse sozinho. Havia adiado essa tarefa durante os meses de verão, quando o ar tanto do lado de fora quanto do lado de dentro tremeluzia com a altíssima temperatura. Agora estava bem mais fresco, dia perfeito para uma faxina.

Esse também era o dia em que Anna prometera visitá-los. Ainda havia algumas coisas dela na casa, quem sabe quisesse levá-las quando voltasse para a fazenda. Algumas dessas coisas eram seus brinquedos de criança. Talvez Anna logo fosse precisar deles, pensou Maria. Com certeza, haveria um bebê na casa dos Vandoulakis dali a pouco tempo.

Uma faxina de primavera no outono. A pequena casa era bastante arrumada — Maria garantia que sempre estivesse assim —, mas havia um velho guarda-roupa cheio de tigelas e travessas

raramente usadas para as quais uma lavagem cairia bem, móveis que precisavam ser encerados, castiçais que estavam escurecidos e muitas molduras de quadros que ela não espanava havia meses.

Enquanto trabalhava, Maria escutava rádio, cantarolando junto com a música que chegava acompanhada de interferências. Eram três da tarde.

Uma de suas canções preferidas de Mikis Theodorakis estava tocando. Seu bouzouki acelerado era um acompanhamento perfeito para a faxina, então ela pôs o volume no máximo. A música abafou o som da porta sendo aberta e, como estava de costas, Maria não viu Anna entrar e se sentar.

Anna permaneceu ali durante uns dez minutos, vendo a irmã trabalhar. Não tinha intenção de ajudá-la, uma vez que usava um vestido de algodão branco da melhor qualidade, bordado com florezinhas azuis. Que satisfação perversa ela sentia ao ver Maria se esforçando daquele jeito, mas não entendia como ela podia parecer tão feliz e descontraída, cantando enquanto esfregava as prateleiras. Quando pensava no homem com quem Maria estava prestes a se casar, porém, entendia perfeitamente. Sua irmã devia ser a mulher mais feliz do mundo. Como ela odiava isso. Então, remexeu-se na cadeira, e Maria teve um sobressalto ao ouvir de repente o barulho de madeira sendo arrastada no chão de pedra.

— Anna! — exclamou. — Há quanto tempo está sentada aí? Por que não me avisou que tinha chegado?

— Eu estou aqui há horas — respondeu Anna, lânguida. Sabia que Maria iria ficar incomodada ao perceber que ela a estivera observando.

Maria desceu da cadeira e tirou o avental.

— Quer que eu faça uma limonada? — perguntou, perdoando na mesma hora o comportamento da irmã.

— Quero, por favor — respondeu Anna. — Está quente para setembro, não está?

Maria rapidamente cortou alguns limões ao meio, espremendo-os com força em uma jarra, e diluiu o suco com água ao mesmo tempo em que acrescentava açúcar e mexia com vigor. Ambas beberam dois copos antes de tornarem a falar.

— O que está fazendo? — perguntou Anna. — Você nunca pára de trabalhar?

— Estou preparando a casa para quando papai ficar sozinho — respondeu Maria. — Separei umas coisas de que você talvez vá precisar. — Ela apontou para uma pequena pilha de brinquedos: bonecas, uma flauta e até um tear infantil.

— É provável que você vá precisar disso tão brevemente quanto eu — disparou Anna, na defensiva. — Com certeza, você e

Manoli têm a intenção de perpetuar o nome dos Vandoulakis depois de se casarem.

Ela mal conseguiu esconder a inveja que sentia de Maria, e essa única frase transmitia todo seu ressentimento. Nem mesmo ela estava mais achando graça no fato de não ter filhos. As cascas descartadas dos limões que jaziam esmagadas e secas sobre a mesa à sua frente eram tão estéreis e amargas quanto ela.

— Anna, qual é o problema? — Maria não teve como evitar a pergunta, mesmo que isso significasse chegar mais perto da irmã do que achava que deveria. — Tem alguma coisa errada. Você pode me contar, sabe?

Anna não tinha intenção de ter Maria como confidente. Era a última coisa que pretendia fazer. Fora até ali visitar o pai, não ter uma conversa íntima com a irmã.

— Não tem nada errado — disparou ela. — Olhe, acho que vou fazer uma visita a Savina e volto depois, quando papai já estiver em casa.

Quando Anna se virou para sair, Maria percebeu que as costas da irmã estavam molhadas, e que o fino tecido de seu vestido justo estava transparente de suor. O fato de que alguma coisa a estava incomodando era tão cristalino quanto a água de uma nascente na montanha, mas Maria percebeu que não iria descobrir o que era. Talvez Anna se abrisse com Savina e Maria pudesse descobrir indiretamente qual era o problema. Durante muitos anos, tinha sido fácil interpretar as emoções da irmã; estas pareciam cartazes pregados nas árvores e nos prédios anunciando horário e data de algum espetáculo. Nada ficava escondido. Agora, tudo parecia muito camuflado, muito escuso e secreto.

Maria continuou limpando e encerando por mais ou menos uma hora, até Giorgis chegar. Talvez pela primeira vez não sentia angústia com a ideia de deixá-lo. Ele parecia forte para um homem da sua idade, e ela estava certa de que o pai iria sobreviver sem a sua presença. Nos últimos tempos, ele não parecia tão angustiado com preocupações, e ela sabia que a companhia dos amigos da aldeia significava que as noites de solidão seriam raras.

— Anna passou aqui mais cedo — disse ela, de forma jovial. — Vai voltar daqui a pouco.

— Para onde ela foi? — perguntou Giorgis.

— Visitar Savina, acho.

Nessa hora, Anna entrou. Deu um abraço caloroso no pai, e os dois sentaram-se para conversar enquanto Maria preparava refrescos para ambos. A conversa atinha-se a lugares-comuns. O que Anna vinha fazendo? Já havia terminado as reformas das duas casas? Como estava Andreas? As perguntas que Maria queria ouvir o pai fazer — Anna era feliz? Por que suas visitas a Plaka eram tão raras? — não foram feitas. Não foi dita uma só palavra sobre o casamento iminente de Maria, nem uma referência mínima. A hora passou depressa, e então Anna se levantou para ir embora. Despediram-se, e Giorgis aceitou o convite para ir almoçar na casa de Elounda no domingo, dali a pouco mais de uma semana.

Depois do jantar, quando Giorgis havia saído para o kafenion, Maria decidiu cumprir uma última tarefa. Tirou os sapatos para subir em uma cadeira bamba e alcançar a parte de cima de um armário alto, e quando subiu, reparou em uma estranha marca no pé. Seu coração parou de bater por um segundo. Dependendo da luz, a marca poderia passar despercebida. Parecia uma sombra ao contrário, um pedaço de pele ressecada ligeiramente mais claro do que o resto. A impressão era de que havia queimado o pé no sol e a pele havia descascado, revelando a camada inferior menos pigmentada. Talvez não fosse nada com que se preocupar, mas ficou muito aflita. Maria geralmente tomava banho à noite, e, na penumbra, teria levado vários meses sem reparar naquela mancha. Iria desabafar com Fotini mais tarde, mas não planejava deixar o pai

preocupado com aquilo por enquanto. Eles todos já tinham coisas suficientes em que pensar.

Foi a noite mais agitada que Maria já tivera até então. Ela ficou acordada quase até de madrugada. Não podia ter certeza, mas restavam-lhe poucas dúvidas em relação àquela mancha. As horas passaram com uma lentidão dolorosa enquanto ela se remexia e se revirava, morrendo de medo. Quando finalmente caiu em um sono breve e nervoso, sonhou com a mãe e com mares revoltos que arrasavam Spinalonga como se a ilha fosse um imenso navio. O raiar do dia foi um alívio. Visitaria Fotini o mais cedo possível. A amiga acordava sempre antes das seis para arrumar os pratos da noite anterior e começar a preparar a comida da noite seguinte. Parecia que Fotini trabalhava mais do que qualquer outra pessoa na aldeia, o que era especialmente difícil para ela, uma vez que já estava no terceiro trimestre de gravidez.

— Maria! O que está fazendo aqui tão cedo? — exclamou Fotini. Ela podia ver que a amiga estava preocupada com alguma coisa. — Vamos tomar um café.

Ela parou de trabalhar, e as duas foram se sentar à mesa grande da cozinha.

— O que houve? — perguntou Fotini. — Você parece que não pregou o olho. Está ficando nervosa por causa do casamento, alguma coisa assim?

Maria ergueu os olhos para Fotini e as olheiras estavam tão escuras quanto o café que ela não bebeu. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Maria, o que aconteceu? — Fotini estendeu a mão e cobriu a da amiga. — Você tem que me contar.

— Aconteceu isto aqui — disse Maria. Ela se levantou e pôs o pé em cima da cadeira, apontando para a mancha mais clara de pele ressecada. — Está vendo?

Fotini inclinou-se para a frente. Agora entendia por que a amiga parecia tão angustiada. Por causa dos folhetos distribuídos regularmente em Plaka, todo mundo na aldeia conhecia os primeiros sintomas visíveis da lepra, e aquilo se parecia muito com um deles.

— O que eu faço? — perguntou Maria baixinho, agora com lágrimas escorrendo pela face. — Não sei o que fazer.

Fotini manteve a calma.

— Para começar, você não deve deixar ninguém por aqui ficar sabendo. Pode não ser nada, e você não vai querer que tirem conclusões precipitadas, principalmente a família Vandoulakis. Você precisa de um diagnóstico de verdade. Seu pai traz aquele médico da ilha quase todo dia, não é? Por que você não pede para ele dar uma olhada?

— O dr. Lapakis é um bom amigo de papai, mas é íntimo demais, e alguém poderia ficar sabendo. Havia um outro médico. Ele costumava vir antes da guerra. Não consigo me lembrar do nome dele, mas acho que ele trabalhava em Iraklion. Papai pode saber.

— Por que não tenta uma consulta com ele, então? Você tem muitas desculpas para ir a Iraklion, com o casamento tão próximo.

— Mas isso significa contar para o meu pai — soluçou Maria. Tentou enxugar as lágrimas, que teimavam em continuar. Não havia como evitar. Mesmo que o segredo pudesse ser guardado de todos os outros. Giorgis precisava saber, e era ele quem a filha mais gostaria de proteger.

Maria voltou para casa. Eram ainda oito horas, mas Giorgis já havia saído, e ela sabia que teria de esperar até a noite para falar com ele. Tentaria se distrair continuando o trabalho que havia começado na véspera, e embarcou nele com vigor e energia redobrados, encerando móveis até ficarem reluzentes e recolhendo com a unha a poeira dos recantos mais remotos de cada armário e de cada gaveta.

Por volta das onze horas, ouviu alguém bater na porta. Era Anna. Maria já estava acordada havia sete horas. Estava exausta.

— Olá, Anna — disse, com a voz miúda. — Você de novo por aqui?

— Esqueci uma coisa — respondeu Anna. — Minha bolsa. Deve ter ficado imprensada atrás da almofada.

Ela atravessou a sala e, de fato, escondida atrás de uma almofada, estava uma pequena bolsa do mesmo tecido do vestido que ela usava no dia anterior.

— Pronto, eu sabia que estaria aqui.

Maria precisava descansar.

— Quer um refresco? — perguntou do alto do banco onde estava trepada.

Anna estava parada olhando para ela atônita. Maria se remexeu, pouco à vontade, e desceu do banco. Os olhos da irmã a seguiram, mas estavam fixos em seus pés descalços. Ela havia reparado na marca sinistra, e era tarde demais para Maria escondê-la.

— Que mancha é essa no seu pé? — perguntou Anna.

— Não sei — respondeu Maria, na defensiva. — Provavelmente nada.

— Deixe-me ver, vamos! — pediu Anna.

Maria não ia brigar com a irmã, que agora já estava se curvando para olhar seu pé mais de perto.

— Acho que não é nada, mas vou mandar examinar — disse com decisão, mantendo-se firme.

— Você contou para papai? E Manoli viu isso? — perguntou Anna.

— Nenhum dos dois sabe ainda — respondeu Maria.

— Bom, e quando é que eles vão saber? Porque, se você não contar, conto eu. Isso está me parecendo lepra — disse Anna. Ela sabia tão bem quanto Maria o que significava um diagnóstico de lepra.

— Olhe aqui — disse Maria —, vou contar a papai hoje à noite. Mas ninguém mais deve saber. Pode não ser nada.

— Você vai se casar daqui a menos de um mês, então não demore muito para descobrir. Assim que souber do que se trata, vá me avisar.

O tom de Anna era evidentemente agressivo, e Maria chegou a achar que a irmã estava gostando de pensar nela como leprosa.

— Se eu não tiver notícias suas em umas duas semanas, volto aqui.

Com isso, Anna se foi. A porta bateu atrás dela. Com exceção do coração acelerado de Maria, um discreto cheiro de perfume francês era o único indício de que a irmã estivera ali.

Naquela noite, Maria mostrou o pé a Giorgis.

— É o dr. Kyritsis quem nós devemos consultar — falou o pai. — Ele trabalha no hospital grande de Iraklion. Vou escrever para ele agora mesmo.

Giorgis disse pouco mais do que isso, mas seu estômago se contraiu de medo.

1945

CAPÍTULO 15

Uma semana depois de escrever, Giorgis já havia recebido resposta do dr. Kyritsis:

*Caro kyrie Petrakis,
Muito obrigado por me escrever. Sinto muito sobre sua preocupação com a sua filha; terei prazer em recebê-los para uma consulta. Eu os espero na segunda-feira, 17 de setembro, ao meio-dia.*

Também gostaria de expressar meu pesar com a morte de sua adorável esposa Eleni. Sei que já faz alguns anos, mas só recentemente recebi a notícia pelo dr. Lapakis, com quem retomei contato.

Com meus cumprimentos. Sinceramente,

Nikolaos Kyritsis

Faltavam apenas alguns dias para a consulta, o que foi um alívio tanto para o pai quanto para a filha, que a essa altura não conseguiam pensar em quase mais nada a não ser na marca no pé de Maria.

Depois do café na manhã da segunda-feira marcada, partiram na viagem de três horas até Iraklion. Ninguém achou estranho que os dois fizessem um percurso tão longo assim juntos, e imaginaram que fosse algo relacionado ao casamento próximo. Futuras noivas precisavam comprar vestidos e todo tipo de artigo fino, e que lugar mais elegante para ir do que Iraklion?, tagarelavam as mulheres nas soleiras das portas naquela tarde.

A viagem pela costa era comprida e, geralmente, com muito vento. Quando se aproximaram da cidade e o imponente porto veneziano apareceu, Maria desejou mais do que tudo que não

tivessem motivo para estar ali. Nunca em toda sua vida tinha visto tanta poeira e tanto caos, e o barulho dos caminhões e das obras a deixou surda. Giorgis não visitava a cidade desde a guerra, e com exceção das altas muralhas, que haviam resistido teimosamente aos bombardeios alemães, a maior parte desta havia mudado a ponto de ficar irreconhecível. Ficaram bastante confusos ao dirigir a caminhonete pelas ruas, vislumbrando praças amplas com chafarizes no centro somente para tornar a passar pelo mesmo lugar algum tempo depois e perceber, com irritação, que estavam andando em círculos. Enfim, encontraram o hospital recém-construído, e Giorgis estacionou do lado de fora.

Faltavam dez minutos para o meio-dia, e quando finalmente conseguiram atravessar o emaranhado de corredores do hospital e encontrar o departamento do dr. Kyritsis, já estavam atrasados para a consulta. Giorgis, em especial, estava alvoroçado.

— Deveríamos ter saído mais cedo — resmungou ele.

— Não se preocupe, tenho certeza de que ele vai entender. Não é nossa culpa esta cidade ter se transformado em um labirinto... nem eles terem construído um hospital assim — disse Maria.

Uma enfermeira estava lá para recepcioná-los e anotou alguns detalhes enquanto eles ficaram sentados num corredor abafado. O dr. Kyritsis logo iria recebê-los. Os dois ficaram em silêncio, respirando os cheiros estranhos de anti-séptico que caracterizavam os hospitais. Tinham pouco assunto para conversar, mas havia muita coisa para observar enquanto as enfermeiras se afobavam pelo corredor, e de vez em quando um paciente passava empurrado em uma cadeira de rodas.

Se a guerra transformara o aspecto de Iraklion, havia marcado ainda mais o dr. Kyritsis. Embora seu corpo esguio continuasse o mesmo, os grossos cabelos pretos haviam ficado grisalhos, e o rosto outrora sem rugas agora mostrava sinais claros de envelhecimento e cansaço. Ele exibia na pele cada um dos seus quarenta e dois anos.

— Kyrie Petrakis — disse, saindo de trás da escrivaninha e segurando a mão de Giorgis.

— Esta é minha filha Maria — disse Giorgis.

— Despineda Petrakis. Faz dez anos que não a vejo, mas lembro-me da senhorita quando menina — disse o dr. Kyritsis, apertando-lhe a mão. — Por favor, sentem-se e digam-me por que estão aqui.

Inicialmente nervosa, Maria começou a descrever seus sintomas.

— Duas semanas atrás, reparei em uma mancha clara no meu pé esquerdo. Está ligeiramente ressecada e um pouco dormente. Com o histórico da minha mãe, não pude ignorá-la, então é esse o motivo da nossa visita.

— E é só nessa área? Ou há outras manchas?

Maria desviou os olhos para o pai. Desde a descoberta da primeira mancha, ela havia notado várias outras. Ninguém nunca a via despida, e ela teve grande dificuldade para esticar o pescoço e examinar as próprias costas no pequeno espelho do quarto, mas mesmo à luz difusa pôde distinguir várias outras lesões. A mancha em seu pé não era mais a única.

— Não — respondeu ela. — Há algumas outras.

— Vou precisar examiná-la e, se achar necessário, vamos ter de coletar algumas amostras de pele.

O dr. Kyritsis se levantou e Maria acompanhou-o até o consultório, deixando Giorgis sozinho no escritório contemplando os desenhos anatômicos que enfeitavam as paredes. Em primeiro lugar, Kyritsis examinou a lesão do pé, depois, as das costas. Então, testou a sensibilidade local, primeiro usando uma pena, depois uma agulha. Não havia dúvida de que as terminações nervosas estavam comprometidas, mas ele não podia ter certeza absoluta de que aquilo era lepra. Tomou notas detalhadas e indicou, em um diagrama do corpo, o lugar onde as manchas haviam sido encontradas.

— Desculpe, despineda Petrakis, vou ter que colher umas amostras aqui. Não vai demorar muito, mas infelizmente sua pele vai ficar um pouco inflamada depois.

Maria ficou sentada em silêncio enquanto o médico e uma enfermeira preparavam lâminas e reuniam os instrumentos necessários. Apenas um mês antes, havia mostrado os últimos itens do enxoval para as amigas, umas meias de seda que flutuavam em suas mãos, mais leves do que o ar, transparentes como as asas de

uma libélula. Havia experimentado as meias, que deslizaram sobre sua pele, tão finas que parecia que suas pernas esguias ainda estavam nuas; a costura preta que marcava a parte de trás da perna era o único sinal de que existiam. Havia então experimentado os sapatos que usaria no dia do casamento, e agora o mesmo pé que havia calçado aquele delicado sapato estava prestes a ser talhado com uma incisão.

— Despineda Petrakis, preciso que se deite na maca, por favor.

— As palavras do dr. Kyritsis interromperam seu pensamento.

O bisturi era afiado como uma navalha. Penetrou na pele não mais de dois milímetros, mas em sua mente a incisão foi muito maior. Enquanto o médico colhia uma quantidade suficiente de tecido abaixo da superfície para pôr sobre a lâmina e examinar sob o microscópio, pareceu-lhe que estava sendo dilacerada como carne de açougue. Ela se retraiu, e os olhos marejaram de lágrimas de dor e medo. Kyritsis então coletou uma amostra de suas costas, e a enfermeira aplicou depressa uma pomada antisséptica e um algodão.

Uma vez o sangramento estancado, a enfermeira ajudou Maria a se levantar da maca, e todos voltaram para o escritório do dr. Kyritsis.

— Bem — disse o médico. — Terei o resultado dessas amostras daqui a poucos dias. Vou examiná-las para verificar a presença do bacilo de Hansen, que é a única prova definitiva da lepra. Posso escrever para vocês ou, se preferirem, podem vir me ver de novo para eu lhes dar o resultado. Em minha opinião, é melhor para todos os envolvidos que o diagnóstico seja dado pessoalmente.

Apesar da longa viagem, tanto pai quanto filha sabiam que não queriam receber uma notícia daquela pelo correio.

— Nós voltaremos aqui — disse Giorgis em nome dos dois. Antes de irem embora do hospital, marcaram outra consulta.

O dr. Kyritsis os estaria aguardando no mesmo horário da semana seguinte. Seu profissionalismo era total, e ele não criara expectativa alguma sobre o resultado. Certamente, não queria deixá-los preocupados sem necessidade, mas tampouco queria lhes

dar falsas esperanças, e portanto seu comportamento foi neutro, quase indiferente.

Foi a semana mais longa da vida de Maria. Apenas Fotini sabia que a amiga estava vivendo à beira de um precipício. Ela tentou se manter ocupada com o maior número possível de tarefas práticas, mas nada conseguia distraí-la do que poderia acontecer na segunda-feira seguinte.

Na sexta-feira antes da data marcada para voltarem a Iraklion, Anna foi visitá-la. Estava ansiosa para saber: Maria fora fazer os exames? Qual o resultado? Por que ela não sabia? Quando iriam saber? Não havia em suas perguntas nenhum indício de empatia ou preocupação. Maria respondeu à irmã com monossílabos, e depois de algum tempo Anna foi embora.

Assim que a irmã partiu, Maria correu para falar com Fotini. Ficara perturbada com o tom de júbilo quase vingativo que percebeu no comportamento de Anna.

— Imagino que ela esteja ansiosa por informações porque isso poderia afetá-la de uma forma ou de outra — disse Fotini, apertando com força a mão da amiga. — Mas não devemos pensar nisso. Precisamos ser otimistas.

Maria havia passado alguns dias escondida. Mandara um recado para Manoli dizendo que não estava passando bem e que não poderia vê-lo antes da semana seguinte. Felizmente, ele não criou problemas, e quando o encontrou no bar de Plaka, Giorgis confirmou a história e garantiu a Manoli que a filha logo estaria recuperada. Não poder ver Manoli deixou-a arrasada. Sentia falta da alegria dele, e também sentia-se abatida sob o peso da infelicidade e da possibilidade de seu casamento estar ameaçado.

A segunda-feira finalmente chegou. Maria e Giorgis repetiram a viagem até Iraklion, mas dessa vez encontraram o hospital com mais facilidade, e logo estavam sentados novamente do lado de fora do consultório de Kyritsis. Dessa vez, quem chegou atrasado foi ele. A enfermeira saiu para avisá-los e desculpar-se. O dr. Kyritsis tivera um imprevisto, mas chegaria em meia hora. Maria estava à beira da loucura. Até então, conseguira conter sua ansiedade, mas os trinta minutos que agora precisava esperar levaram-na além dos limites da

resistência, e ela ficou andando de um lado para o outro do corredor para tentar se acalmar.

O médico enfim chegou, desculpando-se muito por tê-los feito esperar, e os conduziu imediatamente para dentro do consultório. Sua atitude parecia completamente diferente da última vez. O prontuário de Maria estava sobre sua mesa, e ele o abriu e tornou a fechá-lo, como se houvesse alguma coisa que precisasse verificar. É claro que não havia. Sabia exatamente o que precisava dizer, e não havia motivo para deixar aquelas pessoas esperando mais tempo. Foi direto ao ponto.

— Despineda Petrakis, infelizmente existem bactérias nas lesões da sua pele que indicam que a lepra está presente em seu corpo. Sinto muito, mas as notícias são ruins.

Ele não soube dizer para quem a notícia foi mais devastadora, se para a filha ou para o pai. A moça era o retrato da falecida mãe, e ele tinha perfeita consciência da cruel repetição da história. Detestava aqueles momentos. É claro que poderia usar eufemismos para amenizar o golpe, tais como: “A doença não está muito avançada, então talvez consigamos ajudá-la” ou “Acho que descobrimos no começo”. Mas uma notícia tão negativa assim, não importava como fosse anunciada, continuava sendo apenas isso: algo ruim, bárbaro e cruel.

Pai e filha ficaram sentados em silêncio, com os piores temores transformados em realidade. Na mente de ambos imaginaram Spinalonga, sabendo com certeza que aquele seria o paradeiro final de Maria, seu destino. Embora inicialmente tivesse ficado preocupadíssima, ao longo dos últimos dias Maria tentara se convencer de que tudo iria ficar bem. Imaginar o pior teria sido insuportável.

Kyritsis sabia que precisava preencher o silêncio sepulcral que se abatera sobre o aposento, e enquanto a terrível notícia era digerida, tentou confortá-los um pouco.

— Esta é uma notícia muito difícil para vocês, e lamento profundamente ter de dá-la. Mas precisam saber que houve grande progresso no estudo da lepra. Quando sua mulher adoeceu, kyrie Petrakis, os únicos métodos de alívio e tratamento ainda eram, a

meu ver, extremamente primitivos. Avanços consideráveis foram feitos nos últimos anos, e espero realmente que a senhorita possa se beneficiar deles, despineda Petrakis.

Maria olhava fixamente para o chão. Podia ouvir o médico falando, mas ele parecia estar muito longe. Foi só quando ouviu o próprio nome que ela ergueu os olhos.

— Em minha opinião — dizia ele —, sua doença poderá levar de oito a dez anos para evoluir. O seu tipo de lepra atualmente é neural, e se a sua saúde se mantiver boa não deverá progredir para o tipo lepromatoso.

O que ele está dizendo?, pensou Maria. Que eu estou efetivamente condenada à morte, mas que vou levar muito tempo para morrer?

— Então, o que vai acontecer agora? — A voz dela era quase um sussurro.

Pela primeira vez desde que entrara ali Maria encarou o dr. Kyritsis nos olhos. Podia constatar, pelo olhar direto do médico, que ele não temia a verdade, e que não deixaria de lhe dizer tudo que precisasse ser dito. Pelo bem de seu pai, senão pelo seu próprio, ela precisava ser corajosa. Não deveria chorar.

— Vou escrever uma carta para o dr. Lapakis explicando a situação, e daqui a mais ou menos uma semana a senhorita terá de se mudar para a colônia de Spinalonga. Provavelmente, nem preciso dizer isso, mas aconselho-a a dizer o mínimo possível para qualquer um, exceto para os mais próximos. As pessoas ainda têm ideias muito preconceituosas sobre a lepra, e acham que se pode pegar o mal simplesmente estando no mesmo quarto com um doente.

Nessa hora, Giorgis interveio.

— Nós sabemos disso — disse ele. — Não se pode morar em frente a Spinalonga por muito tempo sem saber o que a maioria das pessoas pensa dos leprosos.

— O preconceito delas não tem nenhum embasamento científico — garantiu-lhe Kyritsis. — Sua filha poderia ter pegado lepra em qualquer lugar e a qualquer momento... mas a maioria das pessoas, infelizmente, é ignorante demais para saber disso.

— Acho que deveríamos ir agora — disse Giorgis a Maria. — O médico já nos disse o que precisávamos saber.

— Sim, obrigada. — Maria agora estava completamente controlada. Sabia o que precisava fazer, e onde iria passar o resto da vida. Não com Manoli perto de Elounda, mas sozinha em Spinalonga. Por um instante, sentiu uma vontade imensa de apressar tudo aquilo. Tinha passado a última semana vivendo em um limbo, mas agora sabia o que iria acontecer. Era tudo muito previsível.

Kyritsis abriu-lhes a porta.

— Só mais uma coisa — falou. — Tenho me correspondido regularmente com o dr. Lapakis, e vou retomar minhas visitas a Spinalonga futuramente em algum momento. Portanto, vou participar do seu tratamento.

Ambos escutaram as palavras de conforto do médico. Era gentil da parte dele se mostrar tão solícito, mas de nada adiantou.

Maria e Giorgis saíram do hospital para o sol forte do meio da tarde. Em volta deles, as pessoas cuidavam de seus afazeres, alheias à dor do pai e da filha que ali estavam. A vida de todos aqueles que iam e vinham naquele momento estava igual a quando haviam acordado naquela manhã. Aquele era apenas mais um dia normal. Como Maria invejava as tarefas triviais de sua rotina, que dali a poucos dias não existiriam mais. No intervalo de uma hora, sua vida e a do pai se alteraram de forma radical. Eles haviam chegado ao hospital com uma centelha de esperança, e partido sem nenhuma.

O silêncio parecia o lugar mais fácil de se refugiar. Pelo menos durante algum tempo. Mais ou menos uma hora depois do início da viagem, porém, Maria falou.

— Para quem contamos primeiro?

— Precisamos contar para Manoli, depois para Anna e, em seguida, para a família Vandoulakis. Depois, não haverá necessidade de contar a mais ninguém. Todos saberão.

Conversaram sobre o que precisava ser feito antes de Maria partir. Havia pouca coisa. Com o casamento iminente, tudo já havia sido preparado para sua partida.

Quando chegaram em Plaka, o carro de Anna estava estacionado em frente à casa. A irmã era a última pessoa no mundo que Maria

queria ver naquele momento. Teria preferido mil vezes buscar conforto com Fotini. Anna, porém, ainda tinha a chave, e já havia entrado. Estava praticamente escuro, e ela ficara sentada no lusco-fusco esperando-os. Não havia como não perceber que a notícia era ruim. Seus rostos abatidos ao entrarem pela porta já diziam tudo, mas Anna, insensível como sempre, quebrou o silêncio.

— Então? — perguntou. — Qual foi o resultado?

— O resultado foi positivo.

Anna ficou confusa por alguns instantes. Positivo? Aquilo parecia bom, então por que as caras tristes? Ela estava perplexa, e percebeu que mal sabia qual seria o melhor resultado. Caso sua irmã não estivesse com lepra, iria se casar com Manoli. Para Anna, esse seria um desfecho desagradável. Caso Maria estivesse com lepra, isso iria afetar imediatamente seu status na família Vandoulakis. Eles iriam inevitavelmente descobrir que Maria não era a primeira Petrakis a morar na ilha de Spinalonga. Nenhum dos dois resultados era desejável, mas ela não conseguia decidir qual seria o menor dos dois males.

— O que isso quer dizer? — Anna pegou-se perguntando.

— Que eu estou com lepra — respondeu a irmã.

As palavras foram duras. Depois delas, até mesmo Anna deixou o silêncio se prolongar. Os três, ali naquela sala, sabiam exatamente o que isso significava, e não havia necessidade de mais perguntas.

— Vou falar com Manoli hoje à noite — disse Giorgis, decidido. — E com Alexandros e Eleftheria Vandoulakis amanhã. Todos eles precisam saber o quanto antes.

Com isso, ele saiu da casa. As irmãs passaram algum tempo sentadas juntas, embora tivessem pouca coisa a dizer uma à outra. Anna veria os sogros naquela noite, e estava nervosa pensando se deveria lhes dizer alguma coisa antes de Giorgis ter oportunidade de falar. Será que o fato de ela própria lhes dar a notícia poderia suavizar o impacto?

Embora já estivesse tarde, Giorgis sabia que Manoli estaria no bar da aldeia. Entrou sem hesitar e falou de forma direta, insensível até.

— Preciso conversar com você, Manoli. A sós.

Retiraram-se para uma mesa no canto do bar, onde ninguém mais poderia ouvi-los.

— Infelizmente, trago más notícias. Maria não poderá se casar com você.

— O que houve? Por que não? Me diga! — A voz de Manoli era de pura incredulidade. Sabia que Maria não vinha passando bem havia alguns dias, mas imaginara que fosse algo sem gravidade. — O senhor precisa me dizer o que há de errado!

— Ela está com lepra.

— Lepra! — urrou Manoli.

A palavra ecoou pelo salão, silenciando todos os presentes. Era uma palavra à qual a maioria estava acostumada, e dali a poucos minutos as conversas foram retomadas.

— Lepra — repetiu ele, dessa vez mais baixo.

— Sim, lepra. Vou levá-la para Spinalonga depois de amanhã.

— Como ela pegou? — perguntou Manoli, imediatamente preocupado com a própria saúde.

O que Giorgis deveria lhe dizer? Os sintomas da lepra podiam levar muitos anos para se manifestar, e era muito possível que Maria tivesse sido contagiada pela mãe muito tempo antes. Pensou em Anna, e nas implicações que isso poderia ter para ela. As chances de a sua primogênita também ter lepra eram infinitesimais, mas ele sabia que os Vandoulakis poderiam precisar ser convencidos disso.

— Não sei. Mas é improvável ela ter contagiado alguém — respondeu.

— Não sei o que dizer. Que notícia terrível.

Manoli afastou de Giorgis a cadeira em que estava sentado. Foi um gesto inconsciente, mas cheio de significado. Aquele não era um homem prestes a reconfortar um amigo, nem um homem que precisasse ser confortado. Giorgis olhou-o e ficou surpreso com o que viu. Não era o semblante arrasado de um homem de coração partido que acabara de receber a notícia de que não poderia se casar com a mulher dos seus sonhos. Manoli estava chocado, mas de forma alguma destruído.

Estava muito triste por Maria, mas não era o fim do mundo para ele. Embora a tivesse amado, também amara loucamente muitas

outras mulheres ao longo da vida, e era realista. Seu afeto mais cedo ou mais tarde encontraria outro alvo; Maria não fora seu único e verdadeiro amor. Ele não acreditava nisso. Em sua experiência, o amor era uma mercadoria, e, caso o homem nascesse com um amplo estoque, sempre sobrava bastante para a mulher seguinte. Pobre Maria. Até onde Manoli sabia, a lepra era o destino mais terrível que um ser humano poderia ter, mas, pelo amor de Deus, ele poderia ter pegado a mesma doença caso ela houvesse demorado um pouco mais para descobrir. Deus o livrasse daquilo.

Os dois homens ainda conversaram mais um pouco antes de Giorgis pedir licença. Precisava acordar bem cedo para procurar Alexandros e Eleftheria. Na manhã seguinte, ao chegar à casa dos Vandoulakis, viu que já estavam esperando por ele. Uma empregada com ar nervoso conduziu Giorgis até a sala de visitas escura onde Alexandros, Eleftheria, Andreas e Anna estavam todos sentados como estátuas de cera, frios, calados, com os olhos vidrados.

Sabendo que era apenas uma questão de tempo para a verdade sobre a história de sua família ser revelada, Anna confessara a Andreas que sua mãe havia morrido em Spinalonga. Calculara que sua honestidade pudesse ser considerada uma virtude naquela situação. Ficou decepcionada. Muito embora Alexandros Vandoulakis fosse um homem inteligente, suas opiniões sobre a lepra eram as mesmas de um camponês ignorante. Apesar dos protestos de Anna de que a lepra só podia ser transmitida por contato humano estreito, e de que mesmo assim eram pequenas as chances de se contrair a doença, ele parecia acreditar no mito ancestral de que o mal era hereditário, e sua presença em uma família era uma maldição. Nada era capaz de demovê-lo dessa ideia.

— Por que vocês guardaram segredo sobre a lepra de Maria até agora? — indagou ele, fervendo de raiva. — Vocês trouxeram vergonha para a nossa família!

Eleftheria tentou conter o marido, mas ele estava determinado a prosseguir.

— Para o bem da nossa dignidade e do nome dos Vandoulakis, vamos manter Anna na família, mas nunca perdoaremos o fato de vocês nos terem enganado. Agora ficamos sabendo que não há

apenas uma leprosa na família, mas duas. Somente uma coisa poderia ter tornado esta situação mais séria: se o nosso sobrinho Manoli já tivesse se casado com sua filha. De agora em diante, ficaremos gratos se você nunca mais chegar perto da nossa casa. Anna irá visitá-lo em Plaka, mas você não é mais bem-vindo aqui, Giorgis.

Não houve uma única palavra de preocupação em relação a Maria, nem um segundo para imaginar sua difícil situação. Os Vandoulakis haviam cerrado suas fileiras, e até mesmo a gentil Eleftheria ficou sentada em silêncio, com medo de que o marido voltasse para ela sua fúria caso interviesse a favor da família Petrakis. Estava na hora de Giorgis ir embora, e ele partiu da casa da filha pela última vez, em silêncio. No caminho de volta a Plaka, no carro, seu peito se arqueou de soluços enquanto ele pranteava a derradeira fragmentação de sua família, agora, praticamente uma ruína.

CAPÍTULO 16

Quando Giorgis chegou em casa, viu que Fotini estava lá com Maria. Ambas ergueram os olhos quando ele entrou, e souberam, sem ter de perguntar, que o encontro com os Vandoulakis fora difícil. Giorgis estava ainda mais pálido e abatido do que elas esperavam.

— Será que eles não têm piedade?! — exclamou Maria, precipitando-se para confortar o pai.

— Tente não ficar brava com eles, Maria. Na posição em que estão, eles têm muito a perder.

— Sim, mas o que foi que eles disseram?

— Disseram que sentem muito que o casamento não vá se realizar.

À sua maneira, o que Giorgis dizia era verdade, apenas deixava parte do que ocorrera de fora. De que adiantava contar a Maria que eles nunca mais queriam vê-lo na vida, que iriam se dignar a manter Anna na família mas que no que lhes dizia respeito seu pai não fazia mais parte dela? Até mesmo Giorgis compreendia a importância da

dignidade e do renome, e se Alexandros Vandoulakis achava que a família Petrakis corria o risco de prejudicar a sua, que alternativa ele tinha?

As palavras neutras de Giorgis se encaixaram quase perfeitamente com o estado de espírito de Maria. Ela passara os últimos dias quase letárgica, como se tudo aquilo não estivesse de fato ocorrendo com ela, mas com outra pessoa. Seu pai lhe descreveu a reação de Manoli à notícia, e ela não teve dificuldade para ler nas entrelinhas: ele estava triste, mas não estava enlouquecido de dor.

Giorgis deixou as duas moças continuarem com os preparativos para a partida de Maria, embora houvesse pouco a fazer. Poucas semanas antes, ela estava preparando o enxoval, então já havia no canto da sala caixas cheias com seus pertences. Ela tomara cuidado para não levar nada de que Giorgis fosse precisar, mas havia previsto que a casa em que Manoli morava carecia de muitas coisas que poderiam transformá-la em um lar, e havia muitos itens domésticos cuidadosamente embalados nas caixas: tigelas, colheres de pau, balança de cozinha, uma tesoura e um ferro de passar.

Precisava agora decidir o que retirar das caixas. Parecia injusto levar o que recebera de presente se estava indo para uma colônia de leprosos e não para seu lar de mulher casada no meio de um olival; e de que serviriam em Spinalonga presentes como camisolas e roupa de baixo, que lhe haviam sido dados para fazer parte do enxoval? À medida que os tirava da caixa, todos aqueles objetos luxuosos e frívolos pareciam pertencer a uma outra vida, da mesma forma que as toalhas e as fronhas bordadas que ela passara tanto tempo preparando. Maria segurou as peças no colo, e suas lágrimas caíram sobre o tecido finamente costurado. Todos aqueles meses de empolgação haviam chegado ao fim, e a crueldade dessa reviravolta a magoava profundamente.

— Por que não leva tudo isso? — indagou Fotini, passando o braço em volta da amiga. — Não há motivo para você não ter coisas bonitas em Spinalonga.

— Acho que você tem razão; elas podem tornar a vida mais suportável. — Maria tornou a guardar as coisas e fechou a caixa. —

O que mais você acha que eu devo levar? — perguntou, corajosa, como se estivesse se preparando para fazer uma longa e agradável viagem.

— Bom, seu pai faz várias entregas por semana em Spinalonga, então ele sempre poderá levar qualquer coisa que você necessitar. Mas por que não algumas de suas ervas? É improvável que as encontre na ilha, e com certeza deve ter alguém que vá se beneficiar delas.

Elas passaram o dia conversando sobre tudo de que Maria poderia precisar em Spinalonga. Foi um paliativo diante da catástrofe iminente da sua partida. Fotini manteve a conversa em um ritmo constante e agradável até o dia escurecer. Nenhuma das duas havia saído de casa durante todo o dia, mas agora chegara a hora de Fotini ir embora. Precisariam dela na taberna e, além do mais, sentia que Maria e o pai deveriam ficar a sós naquela noite.

— Não vou dizer adeus — falou ela. — Não só porque me dói, mas porque isso não é um adeus. Vou tornar a ver você na semana que vem, e também na semana seguinte.

— Como assim? — perguntou Maria, olhando alarmada para a amiga. Por um instante fugidio, perguntou-se se Fotini também estaria com lepra. Não poderia ser, pensou.

— Vou acompanhar seu pai nas entregas de vez em quando — disse Fotini, naturalmente.

— Mas e o bebê?

— O bebê só vai nascer em dezembro, e de qualquer forma Stephanos pode cuidar dele quando eu fizer a travessia.

— É maravilhoso pensar que você irá me visitar — disse Maria, sentindo uma súbita onda de coragem. Muita gente na ilha passava anos sem ver um parente. Ela, pelo menos, teria uma oportunidade regular de ver o pai e também a melhor amiga.

— Então é isso. Nada de adeus — disse Fotini, de forma corajosa. — Só um “Até a semana que vem”, então. — Não abraçou a amiga, pois até mesmo ela se preocupava com tamanha proximidade, sobretudo por causa do bebê que tinha na barriga. Ninguém, nem Fotini, podia deixar de lado por completo o medo de

a lepra poder ser transmitida até mesmo por meio do mais superficial dos contatos humanos.

Depois de Fotini sair, Maria ficou sozinha pela primeira vez em muitos dias. Passou as horas seguintes relendo as cartas da mãe, olhando pela janela de vez em quando e vendo Spinalonga ao longe. A ilha estava à sua espera. Em breve, todas as suas perguntas sobre como era a vida na colônia de leprosos seriam respondidas. Não faltava muito agora, não faltava muito. Seu devaneio foi interrompido por uma batida decidida na porta. Ela não estava esperando ninguém, muito menos que fosse bater com tamanha disposição.

Era Manoli.

— Maria — disse sem fôlego, como se tivesse dado uma corrida. — Eu só queria me despedir. Lamento profundamente que tudo tivesse que acabar assim.

Ele não estendeu as mãos nem a abraçou. Não que ela esperasse qualquer uma dessas duas coisas. O que ela esperava era uma expressão maior de dor. O comportamento dele confirmou para Maria o que ela já suspeitava: que a grande paixão de Manoli logo iria encontrar outro objeto. Sua garganta se contraiu. Teve a sensação de que havia engolido vidro quebrado, e não conseguiu nem falar, nem chorar. Os olhos dele não encaravam os seus.

— Adeus, Maria — balbuciou ele. — Adeus.

Em instantes, ele já havia saído, e novamente a porta se fechou. Maria se sentiu tão vazia quanto o silêncio que tornou a encher a casa.

Giorgis ainda não tinha voltado. Passara o último dia de liberdade da filha atarefado com as atividades normais, corriqueiras, remendando suas redes, lavando o barco e transportando o dr.

Lapakis. Foi na viagem de volta com o médico que lhe deu a notícia. Falou de forma tão casual que no início Lapakis não entendeu.

— Vou levar minha filha para Spinalonga amanhã — disse Giorgis. — Como paciente.

Era totalmente natural Maria acompanhar o pai de vez em quando nas entregas que este fazia, portanto o dr. Lapakis de início

não reagiu, e as últimas palavras se perderam no vento.

— Fomos ver o dr. Kyritsis — acrescentou Giorgis. — Ele vai escrever para o senhor.

— Por quê? — perguntou Lapakis, agora prestando mais atenção.

— Minha filha está com lepra.

Embora tenha tentado esconder, Lapakis ficou sem palavras.

— Sua filha está com lepra? Maria? Meu Deus! Não imaginei... É por isso que vai levá-la para Spinalonga amanhã?

Giorgis aquiesceu, concentrando-se em guiar o barco até o pequeno porto de Plaka. Lapakis desembarcou. Havia encontrado a linda Maria muitas vezes, e estava chocado com a notícia. Sentia que precisava dizer alguma coisa.

— Ela vai receber o melhor tratamento possível em Spinalonga — falou. — Você é uma das poucas pessoas que de fato sabem como é a vida lá. Não é tão ruim quanto se pensa, mesmo assim eu sinto muitíssimo que isso tenha acontecido.

— Obrigado — disse Giorgis, amarrando o barco. — Vejo o doutor amanhã de manhã, talvez eu chegue um pouco atrasado. Prometi levar Maria bem cedo, mas vou fazer o máximo para estar de volta no horário de sempre.

A voz do velho pescador soava incrivelmente calma, como se ele estivesse tomando as providências para mais um dia como os outros. Era dessa maneira que as pessoas se comportavam nos primeiros dias da dor, pensou Lapakis. Talvez fosse melhor assim.

Maria tinha preparado o jantar, e por volta das sete da noite os dois se sentaram um de frente para o outro. Naquela noite, o que importava era o ritual da refeição, não a comida, uma vez que nenhum dos dois estava com fome. Aquele seria o último jantar. Sobre o que conversaram? Falaram de assuntos triviais, como o que Maria havia empacotado nas caixas, bem como de outros mais importantes como a próxima vez em que ela veria o pai na ilha e a frequência semanal com que Savina poderia esperá-lo para jantar na casa dos Angelopoulos. Qualquer um que houvesse escutado teria pensado que Maria estava simplesmente se mudando para outra casa. Às nove da noite, os dois foram se deitar, ambos exaustos.

Às seis e meia da manhã seguinte Giorgis já havia levado todas as caixas de Maria até o cais e colocado em seu barco. Voltou para casa para buscar a filha. A partida de Eleni ainda estava tão viva em sua memória como se tivesse acontecido na véspera. Lembrou-se daquele dia de maio em que o sol havia iluminado a multidão de amigos e alunos enquanto sua esposa lhes acenava adeus. Nessa manhã, porém, um silêncio de morte reinava sobre a aldeia. Maria iria simplesmente desaparecer.

Um vento gelado fustigava as ruas estreitas de Plaka, e o frio do ar de outono rodeava a mulher, paralisando seu corpo e sua mente com uma dormência que quase lhe aniquilava os sentidos, mas não aliviava em nada sua tristeza. Ao atravessar cambaleando os últimos poucos metros que a separavam do embarcadouro, ela se apoiou pesadamente no pai, e seu andar lembrava o de uma velha, para quem cada passo causava uma pontada de dor. No entanto, a dor não era física. Seu corpo era tão forte quanto o de qualquer outra moça que houvesse passado a vida respirando o ar puro de Creta, e a pele era tão jovial e os olhos de um castanho tão intenso e brilhante quanto os de qualquer garota da ilha.

O pequeno barco oscilava e balançava no mar, desequilibrado pelo carregamento de pacotes de tamanhos diversos, amarrados uns aos outros com barbante. O homem mais velho embarcou com cuidado, e enquanto tentava com uma das mãos manter o barco firme, estendeu a outra para ajudar a filha. Depois que ela estava em segurança a bordo, envolveu-a de forma protetora com um cobertor para protegê-la do frio e do vento. A única indicação visível de que ela não era apenas mais um item do seu carregamento eram as longas madeixas de cabelo castanho-escuro que esvoaçavam e dançavam livremente ao sabor do vento. Ele soltou com cuidado as amarras que prendiam a embarcação — não havia mais nada a dizer nem a fazer — e começaram a viagem. Não era o início de uma travessia curta para entregar mantimentos. Era o início de uma jornada sem volta para começar uma vida nova. A vida em uma colônia de leprosos. A vida em Spinalonga.

CAPÍTULO 17

No momento em que Maria desejou que o tempo ficasse imóvel, este pareceu passar mais depressa do que nunca, e logo ela seria abandonada em um lugar frio onde as ondas quebravam na costa. Pela primeira vez, quis que o motor do barco morresse, mas a distância entre Plaka e a ilha foi percorrida em poucos instantes, e não havia como voltar. Queria se agarrar ao pai, implorar-lhe para não deixá-la ali, sozinha, exceto pelos dois caixotes nos quais sua vida estava agora empacotada. Mas não lhe restavam mais lágrimas. Encharcara o ombro de Fotini muitas vezes desde que descobrira a marca no pé, e seu travesseiro estava ensopado com as lágrimas derramadas nas duas últimas noites infelizes. Agora não era hora de chorar.

Durante alguns minutos os dois ficaram ali parados em pé. Giorgis não iria deixá-la sozinha. Já conhecia a rotina dos recém-chegados tanto quanto os próprios ilhéus, e sabia que dali a pouco chegaria alguém.

— Maria, seja forte — disse Giorgis em voz baixa. — Vou voltar amanhã. Venha me ver, se puder.

Segurou as duas mãos da filha com as suas. Demonstrava coragem ultimamente, sobretudo com ela. Que se dane se pegasse lepra. Talvez essa fosse até a melhor solução, pois dessa forma poderia morar com Maria. O verdadeiro problema, caso isso acontecesse, eram as entregas em Spinalonga. Seria difícil encontrar alguém para fazê-las, e isso causaria dificuldades e tristeza inéditas à ilha.

— É claro que venho, se me autorizarem — respondeu ela.

— É claro que vão autorizar. Olhe — disse Giorgis, apontando para a figura que agora surgia pelo túnel comprido que atravessava a muralha da velha fortaleza. — Aquele é Nikos Papadimitriou, chefe da ilha. Mande um recado para ele ontem dizendo que iria trazê-la hoje. É ele a quem você deve pedir autorização.

— Bem-vinda a Spinalonga — disse Papadimitriou, dirigindo-se a Maria, que ficou pasma com a descontração de seu tom de voz, mas isso a distraiu por um instante. — Seu pai me mandou um recado avisando sobre sua chegada. As caixas logo serão levadas até sua casa. Vamos?

Indicou que ela deveria segui-lo e subir os poucos degraus que conduziam ao túnel. Poucas semanas antes, em Agios Nikolaos, ela assistira a um filme de Hollywood em que a heroína chegava de limusine e era conduzida por um tapete vermelho até um hotel suntuoso, onde um porteiro carregava suas bagagens. Maria tentou se imaginar nessa mesma cena.

— Antes de irmos — disse ela, apressada —, posso pedir permissão para vir ver meu pai quando ele trouxer o dr. Lapakis e vier fazer suas entregas?

— Ora, mas é claro! — bradou Papadimitriou. — Imaginei que fosse ser assim. Sei que a senhorita não vai tentar fugir. Houve um tempo em que precisávamos impedir as pessoas de se aproximarem do cais para evitar que fugissem, mas hoje em dia a maioria não quer ir embora da ilha.

Giorgis queria passar logo pela hora da despedida.

— Sei que eles vão tratá-la bem. — Estas foram as palavras reconfortantes que ele se ouviu dizer para a filha. — Sei que serão generosos.

Um deles tinha de virar as costas primeiro, e Giorgis esperou a filha fazê-lo. Ele havia se arrependido de sua partida rápida quando Eleni chegara na ilha quatorze anos antes. Sua tristeza fora tamanha que ele partira no barco antes mesmo de se despedirem. Precisava ter mais coragem, pelo bem da filha. Giorgis sabia muito sobre a ilha, considerando todos aqueles anos em que suas visitas eram apenas um trabalho, uma viagem funcional uma ou duas vezes por semana para depositar caixas no cais e em seguida se retirar depressa. Ao longo do tempo, sua visão daquele lugar adquirira uma dimensão humana, e ele acompanhara os avanços da ilha como ninguém de fora jamais fizera.

Nikos Papadimitriou era chefe da ilha desde a eleição de 1940, quando Petros Kontomaris finalmente cedera o cargo, e agora já

ocupava essa posição havia mais tempo que seu predecessor. Conseguira grandes feitos em Spinalonga, e ilha seguira ganhando força, de modo que poucas pessoas ficavam surpresas com sua reeleição quase unânime a cada primavera. Maria recordava o dia em que seu pai havia levado os atenienses até Spinalonga. Fora um dos episódios mais dramáticos da época, em uma existência raramente pontuada por qualquer acontecimento significativo. Sua mãe escrevera muito sobre o atraente chefe da ilha, com seus cabelos escuros, e tudo que fazia para modificar a colônia. Agora seus cabelos estavam grisalhos, mas ele ainda ostentava o mesmo bigode curvo descrito por Eleni.

Maria seguiu Papadimitriou pelo túnel. O homem caminhava devagar, apoiando-se pesadamente na bengala, até que depois de algum tempo viram a luz na outra ponta. Quando Maria emergiu da escuridão do túnel para seu novo mundo foi tão surpreendente para ela quanto para qualquer recém-chegado. Apesar das cartas da mãe, cheias de descrições e detalhes, nada a havia preparado para o que via naquele momento. Uma rua comprida com uma fileira de lojas, todas com as persianas recém-pintadas, casas com sacadas e vasos cheios de gerânios de floração tardia e uma ou duas residências mais luxuosas com varandas de madeira talhada. Embora ainda estivesse cedo para a maioria das pessoas estar de pé, havia um madrugador. O padeiro. O aroma de pão e de pastéis recém-saídos do forno enchia a rua.

— Despineda Petrakis, antes de eu lhe mostrar sua nova casa, venha conhecer minha mulher — disse Papadimitriou. — Ela preparou um café da manhã para a senhorita.

Eles viraram à esquerda em uma pequena rua lateral, que por sua vez conduziu até um pátio para o qual davam algumas casas. Papadimitriou abriu a porta de uma delas e abaixou-se para entrar. As casas haviam sido construídas pelos turcos, e alguém da altura de Papadimitriou tinha mais de uma cabeça de vantagem em relação aos habitantes originais.

O interior da casa era claro e bem-arrumado. Da sala principal entrava-se em uma cozinha, e uma escada levava para outro piso. Maria chegou até a ver, de relance, um banheiro depois da cozinha.

— Permita-me apresentar minha mulher. Katerina, esta é Maria.

As duas mulheres apertaram-se as mãos. Apesar de todas as informações em sentido contrário nas muitas cartas de Eleni, ela ainda esperava que aquele lugar fosse habitado por aleijados e deformados, e ficou surpresa com a beleza e a elegância daquela mulher. Katerina era mais jovem do que o marido, e Maria calculou que tivesse pouco menos de cinquenta anos. Os cabelos ainda eram escuros, e a pele, clara, quase sem rugas.

A mesa estava posta com uma toalha bordada de linho branco e uma louça fina estampada. Depois de se sentarem, Katerina ergueu um lindo bule de prata e um jorro de café preto quente encheu as xícaras.

— Uma pequena casa vizinha à nossa vagou recentemente — disse Papadimitriou. — Achamos que talvez você pudesse gostar dela, mas se preferir há um quarto livre em um apartamento coletivo no alto do morro.

— Acho que prefiro ficar sozinha — disse Maria. — Se vocês não se importarem.

Havia uma travessa de pastéis fresquinhos sobre a mesa, e Maria devorou um deles avidamente. Fazia muitos dias que vinha comendo pouquíssimo. Além de comida, também estava ávida por informações.

— Vocês se lembram da minha mãe, Eleni Petrakis? — perguntou.

— Claro que sim! Era uma senhora maravilhosa, e também uma professora incrível — respondeu Katerina. — Todos pensavam o mesmo. Quase todos, pelo menos.

— Quem não pensava assim? Katerina fez uma pausa.

— Havia uma mulher que lecionava na escola antes da chegada de sua mãe, e que a considerava uma inimiga. Ela ainda está viva e mora em uma casa no alto do morro. Alguns dizem que sua amargura com o que lhe aconteceu é quase o que lhe dá energia para seguir em frente — disse Katerina. — O nome dela é Kristina Kroustalakis, e você precisa tomar cuidado... ela inevitavelmente vai descobrir que Eleni era sua mãe.

— Mas, Katerina, vamos começar do começo — disse Papadimitriou, contrariado pelo fato de a mulher deixar sua hóspede preocupada. — O que a senhorita precisa antes de mais nada é de um tour pela ilha. Minha mulher vai levá-la, e hoje à tarde o dr. Lapakis estará esperando para vê-la. Ele faz a avaliação preliminar de todos os recém-chegados.

Papadimitriou se levantou. Agora já passavam das oito da manhã, e estava na hora de o chefe da ilha ir para seu escritório.

— Com certeza, tornarei a vê-la em breve, despineda Petrakis. Vou deixá-la nas mãos competentes de Katerina.

— Até logo, e obrigada por fazer com que eu me sinta tão bem-vinda — respondeu Maria.

— Vamos terminar nosso café e começar o tour — disse Katerina, animada, depois de Papadimitriou sair. — Não sei o quanto você conhece de Spinalonga... provavelmente mais do que a maioria das pessoas... mas aqui não é um lugar ruim de viver. Os únicos problemas vêm de se ter de conviver com as mesmas pessoas durante toda a vida. Como sou de Atenas, no início achei difícil de me acostumar.

— Eu passei a minha vida inteira em Plaka — disse Maria —, então estou bastante acostumada com isso. Há quanto tempo a senhora está aqui?

— Cheguei no mesmo barco de Nikos, quatorze anos atrás. Éramos quatro mulheres e dezenove homens. Das quatro mulheres, somos duas agora. E, dos homens, quinze ainda estão vivos.

Maria apertou o xale em volta dos ombros enquanto saíam da casa. Quando entraram na rua principal, a cena era bem diferente da primeira com a qual ela havia deparado. Pessoas circulavam cuidando de seus afazeres, a pé, montadas em mulas ou em jumentos puxando carroças. Todas pareciam ocupadas e ativas. Algumas ergueram os olhos e menearam a cabeça na direção de Katerina e Maria, e alguns homens levantaram o chapéu. Como mulher do chefe da ilha, Katerina merecia uma deferência especial.

A essa altura as lojas já estavam abertas. Katerina apontou para cada uma delas e seguiu conversando animadamente sobre seus proprietários. Era difícil que Maria conseguisse se lembrar de todas

aquelas informações, mas Katerina adorava os detalhes de suas vidas, e deliciava-se com as intrigas e as fofocas que circulavam pela ilha. Havia o pantopoleion, a mercearia que vendia todos os artigos de casa, de vassouras a lamparinas a óleo, e tinha muitas de suas mercadorias exibidas em frente à fachada; uma venda cujas vitrines tinham pilhas bem altas de latões de azeite; o mahairopoeion, o cuteleiro; o vendedor de raki e o padeiro, cujas fileiras de pães dourados recém-saídos do forno e pilhas de broas cretenses, as paximithia, atraíam os passantes. Cada loja tinha seu próprio letreiro pintado à mão informando o nome do proprietário e os artigos em oferta. O comércio mais importante de todos, pelo menos para os homens da ilha, era o bar, administrado pelo jovial e benquisto Gerasimo Mandakis. Já havia alguns clientes sentados em grupos, tomando café, enquanto um emaranhado de guimbas de cigarro fumegava no cinzeiro.

Logo antes de chegarem à igreja, passaram por um prédio de um andar só, o qual Katerina disse ser a escola. Espiaram pela janela e viram várias fileiras de alunos. Em frente à turma, um rapaz dava aula.

— Mas quem é o professor? — perguntou Maria. — Aquela mulher que a senhora mencionou não recuperou a escola depois que minha mãe morreu?

Katerina riu.

— Não, ela não teria feito isso nem por cima do cadáver de São Pantaleão. As crianças não a queriam de volta, tampouco a maioria dos mais velhos. Durante algum tempo, um dos meus colegas atenienses assumiu o posto, mas depois ele morreu. Acontece que sua mãe havia treinado um sucessor, ele era muito jovem quando começou, mas as crianças o adoram e devoram cada palavra que sai de sua boca.

— Qual o nome dele?

— Dimitri Limonias.

— Dimitri Limonias! Eu me lembro desse nome. Era o menino que veio para cá junto com minha mãe. Disseram-nos que tinha sido ele quem passara lepra para ela... e ele ainda está aqui. Ainda vivo!

Como acontecia às vezes com a lepra, os sintomas de Dimitri mal haviam se desenvolvido depois do primeiro diagnóstico, e agora ali estava ele, encarregado da escola. Maria sentiu uma pontada momentânea de ressentimento pelo fato de o destino ter sido tão cruel com sua mãe.

Elas não podiam interromper a aula. Katerina sabia que haveria outra oportunidade para Maria conhecer Dimitri.

— Parece haver muitas crianças aqui — comentou Maria. — De onde vêm todas elas? Os pais também estão aqui?

— A maioria não tem pais aqui. São crianças que pegaram lepra no continente e foram mandadas para cá. Depois de virem para Spinalonga, as pessoas tentam não ter filhos. Quando uma criança nasce saudável, é tirada dos pais para ser adotada fora daqui. Tivemos um ou dois casos trágicos recentemente.

— Que tristeza. Mas quem cuida dessas crianças que vêm para cá? — perguntou Maria.

— A maioria é adotada. Nikos e eu ficamos com um menino até ele ter idade suficiente para se mudar e morar sozinho. As outras vivem juntas em uma casa administrada pela comunidade, mas são muito bem-cuidadas.

As duas continuaram a subir a rua principal. Lá no alto, bem acima delas, erguia-se o hospital, o maior prédio de todos.

— Vou levá-la até lá depois — disse Katerina.

— De Plaka é possível ver esse prédio — disse Maria. — Mas ele parece ainda maior visto de perto.

— Foi ampliado recentemente, e está maior do que antes. Deram a volta até o lado norte da ilha, onde as casas rareavam e as águias voavam. Ali, Spinalonga recebia o vento nordeste com toda força, e o mar estourava nas rochas lá embaixo, fazendo a espuma voar bem alto. A textura da água ali era diferente: não tinha a calma habitual do canal que separava Spinalonga de Plaka, mas os cavalos brancos a galope da espuma do mar aberto. Centenas de quilômetros distante ficava a Grécia continental e, entre as duas, centenas de pequenas ilhas, porém dali não se via nada. Apenas ar, céu e aves de rapina. Maria não era a primeira a olhar o precipício e pensar, apenas por um instante, como seria se jogar dali. Será que ela

bateria no mar primeiro ou seria lançada contra as beiradas afiadas das pedras?

Uma chuva fina começou a cair, e o caminho se tornou escorregadio.

— Venha — disse Katerina. — Vamos voltar. Suas caixas já devem ter sido trazidas. Vou lhe mostrar sua nova casa e, se quiser, posso ajudá-la a desempacotar a bagagem.

Enquanto desciam a trilha, Maria reparou em dezenas de trechos separados de terra cultivada onde, apesar das dificuldades do ambiente, as pessoas haviam plantado verduras e legumes. Cebolas, alhos, batatas e cenouras brotavam daquela colina castigada pelo vento, e suas fileiras livres de ervas daninhas eram uma indicação da quantidade de cuidado e atenção dada ao processo de extraí-las daquela paisagem rochosa. Cada lote era um sinal reconfortante de esperança, e mostrava que a vida na ilha era tolerável.

Passaram por uma pequena capela com vista para a imensidão do mar e finalmente, chegaram ao cemitério murado.

— Sua mãe foi enterrada aqui — disse Katerina para Maria. — É onde todos em Spinalonga vêm parar.

Katerina não tinha a intenção de que suas palavras soassem duras, mas de toda forma Maria não reagiu. Estava procurando manter as emoções sob controle. Naquele momento, era outra pessoa que estava passeando pela ilha. A verdadeira Maria estava muito longe, absorta em pensamentos.

Nenhum dos túmulos tinha lápide, pelo simples motivo de que eram compartilhados. Havia mortes demais ali para que qualquer um pudesse se dar ao luxo da solidão na vida eterna. Diferentemente da maioria dos cemitérios, que ficam em volta da igreja para os fiéis se lembrarem constantemente de que um dia irão morrer, aquele era isolado, secreto. Ninguém em Spinalonga precisava de um memento mori. Todos sabiam muito bem que estavam com os dias contados.

Pouco antes de terminarem o passeio, elas depararam com a casa mais suntuosa que Maria até então vira em toda a ilha. Tinha uma enorme varanda e um pórtico na porta da frente. Katerina parou para indicá-la.

— Oficialmente, esta seria a casa do chefe da ilha, mas quando Nikos assumiu, não quis desalojar o antecessor e a mulher, então eles permaneceram onde estavam e Nikos também. O marido já morreu há muitos anos, mas Elpida Kontomaris ainda mora aí.

Maria reconheceu o nome no mesmo instante. Elpida Kontomaris tinha sido a melhor amiga de sua mãe. A dura verdade era que todos que haviam convivido com Eleni pareciam ter durado mais do que ela.

— É uma boa mulher — acrescentou Katerina.

— Eu sei — disse Maria.

— Como você sabe?

— Minha mãe costumava escrever sobre ela. Era sua melhor amiga.

— Mas você sabia que ela e o marido adotaram Dimitri depois que sua mãe morreu?

— Não, eu não sabia. Quando ela morreu, não quis mais saber os detalhes da vida aqui; não havia necessidade.

Houvera um longo período depois da morte de Eleni em que até mesmo Maria se ressentia da quantidade de tempo que o pai passava em seus trajetos até a colônia; depois de perder a mãe, ela não via motivo para ter interesse naquele lugar. Agora, é claro, sentia certo remorso.

De quase todos os pontos por onde passaram a aldeia de Plaka podia ser avistada, e Maria sabia que teria de começar a se disciplinar para não ficar olhando para lá. De que adiantaria ver a que atividades os moradores estavam se dedicando do outro lado do canal? Dali em diante, nada mais lá lhe dizia respeito, e quanto mais rápido se acostumasse com isso, melhor.

A essa altura as duas já estavam no pequeno aglomerado de casas onde iniciaram a visita. Katerina conduziu Maria até uma porta cor de ferrugem e tirou uma chave do bolso. O lado de dentro parecia tão escuro quanto o de fora, mas bastou acionar um interruptor para o aposento ganhar um pouco de vida. O lugar estava um pouco úmido, como se estivesse desocupado há algum tempo. O fato era que o antigo morador havia definhado no hospital durante vários meses sem nunca se restabelecer, mas, devido à

recuperação às vezes drástica que podia sobrevir depois da mais virulenta febre leprosa, era uma prática na ilha manter intactas as casas das pessoas até não haver mesmo mais nenhuma esperança.

O aposento tinha pouca mobília: uma mesa escura, duas cadeiras e um “sofá” feito de concreto, apoiado em uma das paredes e coberto com uma colcha de lã pesada. Restavam outros poucos indícios do antigo morador, com exceção de um vaso de vidro contendo um punhado de flores de plástico empoeiradas e de um suporte para pratos, vazio, na parede. Uma cabana de pastor nas montanhas teria sido mais hospitaleira.

— Vou ficar para ajudá-la a desfazer as malas — disse Katerina, determinada.

Maria estava decidida a esconder seus sentimentos em relação àquela casa arruinada, mas só poderia fazer isso ficando sozinha. Teria de ser firme.

— É muita gentileza sua, mas eu não quero abusar mais do seu tempo.

— Está bem — disse Katerina. — De todo jeito, vou passar aqui mais tarde para ver se há algo que possa fazer. Se precisar de mim, você sabe onde moro.

Com isso, a mulher se foi, e Maria sentiu-se grata por ficar sozinha com os próprios pensamentos. Katerina era bem-intencionada, mas a moça detectara nela um jeito de ser um pouco intrometido, e começara a achar sua voz aguda ligeiramente irritante. A última coisa que Maria queria era que alguém lhe dissesse como arrumar a própria casa. Iria transformar aquele lugar desgraçado em um lar, e faria isso sozinha.

A primeira coisa que fez foi pegar o horrível vaso de rosas de plástico e esvaziá-lo na lixeira. Foi então que a depressão a atingiu com força. Estava em uma sala que cheirava a decomposição e umidade dos pertences de um morto. Ela havia se contido até ali, mas não conseguiu mais se segurar. Todas aquelas horas de autocontrole e falso bom humor em nome do pai, em nome do casal Papadimitriou e em nome de si própria tinham sido um grande esforço, e a terrível crueldade do que havia acontecido com ela a baqueou. A viagem que marcara o fim de sua vida em Plaka fora

muito curta, mas ao mesmo tempo fora a maior distância que ela já havia percorrido. Sentia-se muito longe de casa, de tudo que conhecia. Sentia saudades do pai, dos amigos, e lamentava mais do que tudo o fato de seu futuro promissor ao lado de Manoli lhe ter sido roubado. Naquele cômodo escuro, desejou estar morta. Por alguns instantes, ocorreu-lhe que talvez estivesse mesmo morta, pois era impossível o inferno ser mais sombrio ou menos acolhedor do que o lugar onde estava.

Subiu a escada até o quarto. Uma cama dura e um colchão de palha com o forro manchado eram tudo que o aposento continha, com exceção do pequeno ícone de madeira da Virgem pregado de forma rudimentar à parede áspera. Maria se deitou, com os joelhos dobrados junto ao peito, e soluçou. Não saberia dizer ao certo quanto tempo ficou assim, pois acabou caindo em um sono agitado, cheio de pesadelos.

Em algum lugar na profunda escuridão submersa de seu sonho ouviu o som distante de tambores tocando, e sentiu-se puxada em direção à superfície. Então pôde ouvir que as batidas de percussão não eram tambores, mas sim o barulho insistente de alguém batendo à sua porta. Seus olhos se abriram, e durante vários instantes seu corpo pareceu pouco disposto a se mexer. Todos os membros estavam rígidos, e foi preciso muita força de vontade para se levantar da cama e ficar em pé. O sono fora tão profundo que sua face esquerda guardava a marca nítida de dois botões do colchão, e nada a teria acordado não fosse o que ela agora percebia ser o barulho de alguém quase derrubando sua porta.

Desceu a escada estreita, e quando puxou o trinco e abriu a porta, ainda em um estado de semiconsciência, viu duas mulheres em pé à luz do crepúsculo. Uma era Katerina; a outra, uma mulher mais velha.

— Maria! Você está bem? — exclamou Katerina. — Estávamos tão preocupadas com você. Estamos batendo na porta há quase uma hora. Achamos que talvez você... que talvez... você tivesse feito mal a si mesma.

Estas últimas palavras foram ditas de forma quase involuntária, mas tinham bastante fundamento. No passado, alguns recém-

chegados já haviam tentado se matar, e às vezes haviam conseguido.

— Sim, estou bem. Estou mesmo... mas obrigada por se preocuparem comigo. Devo ter pegado no sono... Entrem, saiam da chuva.

A moça abriu a porta e afastou-se para deixar as duas mulheres passarem.

— Deixem-me apresentá-las. Maria, esta é Elpida Kontomaris.

— Kyria Kontomaris. Conheço muito seu nome. A senhora era a melhor amiga de minha mãe.

As duas seguraram as mãos uma da outra.

— Vejo tanto de sua mãe em você — disse Elpida. — Você não é muito diferente das fotos que ela guardava, embora isso já faça muito tempo. Eu amava sua mãe, ela foi uma das melhores amigas que já tive.

Katerina passeou os olhos pela sala. Estava exatamente igual a horas antes. As caixas ainda fechadas, e era óbvio que Maria sequer tentara abri-las. Ainda tratava-se da casa de um morto. Quanto a Elpida Kontomaris, tudo que estava vendo era uma moça atordoada em um aposento vazio e gelado, exatamente na hora do dia em que a maioria das pessoas estava saboreando uma refeição quente e se preparando para o conforto conhecido da própria cama.

— Olhe, por que não vem ficar comigo esta noite? — convidou, gentilmente. — Tenho um quarto de hóspedes, então não vai ser incômodo nenhum.

Sem querer, Maria estremeceu. Assustada com a própria situação e com a umidade daquele aposento, aceitou sem pestanejar. Lembrou-se de ter passado pela casa de Elpida mais cedo e, com seu olhar feminino para detalhes, recordou as delicadas cortinas de renda que cobriam as janelas. Sim, era lá que gostaria de passar a noite.



Maria dormiu as noites seguintes na casa de Elpida Kontomaris, e durante o dia voltava para o lugar que iria se tornar sua casa. Deu duro para transformá-la, caiando as paredes e cobrindo a velha porta da frente com uma tinta verde vívida que lhe lembrava o início da primavera, não o finalzinho do outono. Desembalou seus livros, fotografias e uma coleção de quadrinhos que pendurou nas paredes, e passou a ferro seus tecidos de algodão bordado, estendendo-os sobre a mesa e as confortáveis cadeiras que Elpida lhe dera de presente. Montou uma estante e organizou nela seus jarros de ervas secas, e transformou a cozinha, antes imunda, em um lugar hostil para os germes, esfregando-a até brilhar.

Aquele primeiro dia de desânimo e desespero ficou para trás, e embora tenha passado muitas semanas pensando no que havia perdido, começou a vislumbrar um futuro. Imaginava como teria sido a vida com Manoli, e se questionava sobre qual teria sido a reação dele em momentos difíceis. Embora sentisse falta da descontração do noivo e de seu talento para fazer piada em qualquer situação, não conseguia pensar em como ele teria suportado qualquer adversidade que porventura houvesse cruzado o caminho deles. Maria só havia provado champanhe uma vez, no casamento da irmã. Depois do primeiro gole borbulhante, as bolhas haviam desaparecido, e ela imaginou se seu casamento com Manoli não seria mais ou menos assim. Agora jamais saberia, e aos poucos foi pensando cada vez menos nele, quase decepcionada consigo mesma pelo fato de o seu amor parecer evaporar mais um pouco a cada dia. Ele não fazia parte do mundo em que estava agora.

Ela contou a Elpida sobre como fora sua vida desde o dia em que a mãe partira: como havia cuidado do pai, como sua irmã havia se casado com um rapaz de família rica e como ela própria havia sido

cortejada e ficado noiva de Manoli. Conversava com Elpida como se ela fosse sua mãe, e a mulher mais velha afeiçoou-se àquela menina que já conhecia das descrições de Eleni.

Depois que dormiu demais e perdeu a hora na primeira tarde, Maria finalmente foi se consultar com Lapakis alguns dias mais tarde. O médico anotou seus sintomas e desenhou a localização das lesões em um esboço de seu corpo, e comparando suas observações com as que o dr. Kyritsis lhe enviara percebeu que havia uma nova lesão nas costas. Isso o deixou alarmado. O estado de saúde atual de Maria era bom mas, se algo acontecesse para mudar isso, sua esperança de que ela pudesse ter boas chances de sobrevivência poderia se desfazer.

Três dias depois, Maria foi encontrar o pai. Sabia que ele teria saído de Plaka pontualmente às dez para as nove da manhã para levar Lapakis, e cinco minutos depois já conseguia avistá-lo. Pôde perceber que havia três homens a bordo, o que era estranho. Por um momento fugidio, imaginou se seria Manoli, rompendo todas as regras para visitá-la. No entanto, assim que conseguiu distinguir a figura no barco, viu que era Kyritsis. Seu coração deu um pulo, pois ela associava o médico magro, de cabelos grisalhos, à possibilidade de uma cura.

Quando o barco bateu de leve na bóia do atracadouro, Giorgis lançou a corda para Maria, que a amarrou de maneira experiente como já fizera milhares de vezes. Embora estivesse preocupado com a filha, ele tomou cuidado para esconder isso.

— Maria... Estou tão contente por vê-la... Olhe quem está aqui. O dr. Kyritsis.

— Estou vendo, pai — disse Maria, bem-humorada.

— Como vai, Maria? — perguntou o médico, descendo do barco com agilidade.

— Estou me sentindo cem por cento, doutor. Nunca me senti melhor — respondeu.

Ele fez uma pausa para examiná-la. Aquela moça parecia deslocada naquele lugar. Tão perfeita e tão incongruente.

Nikos Papadimitriou fora até o cais receber os dois médicos, e enquanto Maria conversava com o pai, os três homens

desapareceram túnel adentro. A última visita de Kyritsis fora quatorze anos antes, e a transformação da ilha deixou-o espantado. A reforma dos prédios antigos já havia começado naquela época, mas o resultado ultrapassava suas expectativas. Quando chegaram ao hospital, ficou ainda mais surpreso. O prédio original estava exatamente do mesmo jeito, porém uma grande ala nova havia sido construída, do mesmo tamanho da parte antiga. Kyritsis lembrou-se das plantas que, anos antes, estavam na parede do escritório de Lapakis, e percebeu no mesmo instante que ele havia concretizado suas ambições.

— Incrível! — exclamou. — Está tudo aqui. Exatamente como você queria.

— Só depois de muito sangue, suor e lágrimas, posso garantir... e a maior parte desses fluidos veio deste homem aqui — disse, meneando a cabeça na direção de Papadimitriou.

O chefe então deixou-os a sós, e Lapakis, orgulhoso, levou Kyritsis para visitar seu novo hospital. Os quartos da ala nova eram espaçosos, com janelas que iam do chão até o teto. No inverno, as persianas resistentes e as grossas paredes abrigavam os pacientes das chuvas de vento e das tempestades, e no verão as janelas eram escancaradas para acolher a brisa refrescante que soprava do mar lá embaixo. Havia apenas dois ou três leitos em cada quarto, que abrigava apenas homens ou apenas mulheres. Tudo estava imaculadamente limpo, e Kyritsis percebeu que cada quarto tinha chuveiro e lavabo. A maioria dos leitos estava ocupada, mas a atmosfera no hospital estava em grande parte tranquila. Somente alguns pacientes se agitavam e se reviravam, e um deles gemia baixinho de dor.

— Finalmente temos um hospital onde os pacientes podem ser tratados como devem — disse Lapakis, enquanto voltavam para seu escritório. — E, além disso, é um lugar no qual podem ter alguma dignidade.

— Muito impressionante, Christos — disse Kyritsis. — Você deve ter dado muito duro para conseguir tudo isso. Impressionante como está limpo e confortável... e muito diferente do que eu me lembrava.

— Sim, mas boas condições não são tudo que eles desejam. Mais do que qualquer coisa, querem se curar e sair daqui. Meu Deus, como querem sair daqui — Lapakis falou com voz cansada.

A maioria dos ilhéus sabia que estavam sendo desenvolvidos tratamentos à base de remédios, mas nada relevante chegou até eles. Alguns tinham certeza de que a cura seria descoberta durante sua vida, embora para a maioria daqueles cujos membros e rostos haviam sido deformados pela doença isso parecesse não passar de um sonho. Alguns fizeram pequenas intervenções cirúrgicas para melhorar os efeitos da paralisia nos pés, ou para remover as lesões maiores, porém, mais do que isso, não se atreviam a esperar.

— Olhe, temos de ser otimistas — disse Kyritsis. — Atualmente existem alguns tratamentos com remédios sendo testados. Não funcionam da noite para o dia, mas você acha que alguns dos pacientes aqui estariam preparados para testá-los?

— Tenho certeza de que sim, Nikolaos. Acho que alguns deles se submeteriam a qualquer coisa. Alguns dos mais ricos ainda insistem em tomar doses de óleo de chaulmogra, apesar do preço e da dor causada pelas injeções. O que eles têm a perder tentando algo novo?

— Na verdade, bastante coisa neste estágio... — respondeu Kyritsis, pensativo. — Como provavelmente sabe, o tratamento é à base de enxofre e, a menos que o paciente esteja em boa saúde, os efeitos colaterais podem ser desastrosos.

— Como assim?

— Bom, pode ir da anemia à hepatite... e até à psicose. No congresso sobre lepra do qual acabei de participar, em Madri, houve relatos de suicídios atribuídos a esse novo tratamento.

— Vamos ter de pensar com muito cuidado quais dos nossos pacientes poderão ser testados, se é que algum deles poderá. Se a premissa para iniciar o tratamento é estar forte, muitos não estarão em condições de fazê-lo.

— Nada tem que ser feito imediatamente. Talvez pudéssemos começar preparando uma lista dos candidatos possíveis, depois disso, posso conversar com eles. Não é um projeto de curto prazo...

provavelmente só começaremos as injeções daqui a meses. O que acha?

— Acho que é a melhor forma de proceder. O simples fato de ter um plano vai parecer um avanço. Você se lembra da última vez em que fizemos uma lista de nomes aqui? Faz tanto tempo, e a maioria das pessoas da lista já morreu — disse Lapakis, sombrio.

— Mas as coisas hoje estão diferentes. Naquela época, nós não estávamos falando de uma possibilidade de cura real, tangível; estávamos simplesmente tentando melhorar nossos métodos de evitar o contágio.

— Sim, eu sei. Só tenho a impressão de estar remando sem chegar a lugar nenhum, apenas isso.

— É perfeitamente compreensível, mas acho que existe futuro para algumas dessas pessoas. De qualquer forma, vou retornar daqui a uma semana, e então poderemos olhar alguns nomes, que tal?

Kyritsis voltou para o cais. Já era meio-dia, e Giorgis estaria lá para buscá-lo conforme o combinado. Algumas pessoas se viraram para olhar o médico enquanto ele descia a rua, passava pela igreja, pelas lojas e pelo kafenion. Os únicos desconhecidos que aquelas pessoas viam eram os recém-chegados à ilha, e nenhum deles caminhava com o passo decidido daquele homem. Quando saiu do túnel e pôde ver o mar agitado do final de outubro, o médico avistou o barquinho de Giorgis subindo e descendo n'água a uns cem metros da costa, e uma mulher em pé no cais. Ela estava olhando para o mar, mas ouviu seus passos e se virou. Quando o fez, os longos cabelos se levantaram em um halo ao redor de seu rosto, e dois grandes olhos ovais o fitaram com esperança.

Muito tempo atrás, antes da guerra, Kyritsis visitara Florença e vira o cativante quadro de Botticelli retratando o nascimento de Vênus. Com o mar verde-acinzentado atrás, e os longos cabelos remexidos pelo vento, Maria lembrava muito aquele quadro. Kyritsis tinha uma reprodução emoldurada na parede de casa em Iraklion, e via naquela moça o mesmo meio-sorriso tímido, a mesma inclinação quase interrogativa da cabeça, a mesma inocência de quem acaba de nascer. Ele nunca tinha visto tamanha beleza na vida real. Parou

onde estava. Nessa hora, não a olhava como paciente, mas como mulher, e achou-a mais linda do que qualquer outra que já tivesse visto.

— Dr. Kyritsis — disse ela, despertando-o daquele transe com o som de seu nome. — Dr. Kyritsis, meu pai está aqui.

— Sim, sim, obrigado — gaguejou ele, repentinamente consciente de que devia estar encarando Maria.

Ela segurou o barco por um instante, enquanto o médico embarcava, então soltou-o e lançou a corda. Enquanto a pegava no ar, Kyritsis encarou a moça. Precisava olhá-la mais para ter certeza de que não havia sonhado. Não. O rosto da própria Vênus não poderia ser mais perfeito.

CAPÍTULO 18

O outono foi imperceptivelmente se transformando em inverno, e o cheiro úmido de fumaça de madeira permeava o ar de Spinalonga. Para se proteger do frio, as pessoas cuidavam de seus afazeres diários enroladas dos pés à cabeça com todas as peças de lã que possuíam, pois qualquer que fosse a direção do vento aquela pequena ilha o recebia com força total.

Na casa de Maria, os espíritos dos antigos habitantes já haviam sido banidos. Cada quadro, tecido e peça de mobília era agora seu, e um prato de vidro cheio de lavanda e pétalas de rosa no centro da mesa perfumava o ar com sua doce fragrância.

Para surpresa de Maria, suas primeiras semanas na ilha passaram depressa. Somente em um único momento sentiu-se de fato incomodada. Acabara de se mudar da casa quente e bem mobiliada de Elpida para seu próprio lar, e quando estava dobrando a esquina do pequeno beco para a rua principal, para fazer umas compras, esbarrou em uma mulher. Ela era muito mais baixa do que Maria, e enquanto se afastavam, viu que era também consideravelmente mais velha. Seu rosto estava marcado por rugas profundas, e era tão magro que os lóbulos de suas orelhas, muito aumentados por causa da lepra, sobressaíam de forma monstruosa. A bengala da velha fora parar do outro lado da rua.

— Mil desculpas — disse Maria, ofegante, segurando o braço da mulher e ajudando-a a recuperar o equilíbrio.

Seus olhos negros e pequeninos fitaram Maria com raiva.

— É só tomar mais cuidado — disparou a mulher, agarrando a bengala. — Mas, afinal, quem é você? Nunca a vi antes.

— Sou Maria Petrakis.

— Petrakis! — Ela cuspiu o nome como se tivesse a mesma amargura de uma azeitona colhida diretamente da árvore. — Eu conheci uma mulher chamada Petrakis. Ela já morreu.

Sua voz tinha um quê de vitória, e Maria imediatamente percebeu que aquela megera corcunda era a velha inimiga de sua

mãe.

Então, cada uma seguiu seu caminho. Maria continuou subindo o morro até a padaria, e quando olhou para trás para ver em que direção kyria Kroustalakis tinha ido, viu-a em pé no começo da rua, perto de uma antiga bica pública, encarando-a. Maria tornou a desviar o olhar depressa. E estremeceu.

— Não se preocupe — disse uma voz atrás dela. — Na verdade ela é inofensiva.

Era Katerina, que presenciara o esbarrão entre Maria e a mulher.

— Ela é só uma bruxa velha que cultiva a própria amargura, uma víbora que perdeu o veneno.

— Tenho certeza de que você tem razão, mas ela passa a impressão de uma cobra que ainda é capaz de morder — disse Maria, com o coração batendo um pouco mais depressa do que o normal.

— Bem, acredite, ela não é assim. Mas passa má impressão... e certamente conseguiu isso com você.

As duas continuaram a subir a rua juntas, e Maria decidiu que iria tirar Kristina Kroustalakis da cabeça. Já vira que muitas pessoas em Spinalonga aceitavam a situação, e a última coisa de que qualquer uma delas precisava era de alguém que estragasse isso.

Um encontro mais agradável com parte do passado de Eleni aconteceu quando Maria foi apresentada a Dimitri Limonias. Elpida os convidou para jantar certa noite, e ambos ficaram um pouco ansiosos com a possibilidade de se conhecerem.

— Sua mãe era muito boa para mim — disse Dimitri, depois das bebidas servidas e de estarem sentados. — Ela me tratava como filho.

— Ela o amava como um filho — falou Maria. — Era por isso que o tratava assim.

— De certa forma, sinto que devo pedir desculpas. Sei que todos pensavam que eu tinha sido responsável por infectar Eleni — disse Dimitri, hesitante. — Mas conversei muito sobre isso com o dr. Lapakis e ele acha pouco provável as bactérias terem sido transmitidas por mim para sua mãe. Os meus sintomas estão se

desenvolvendo de forma tão lenta que ele acredita que nós dois pegamos a doença de maneiras bastante diferentes.

— Eu acredito que nada disso tem importância agora — disse Maria. — Não estou aqui para culpar você. Só pensei que seria uma boa ideia nos conhecermos. Afinal, é praticamente meu irmão.

— É muita generosidade sua dizer isso — retrucou Dimitri. — Tenho a sensação de que quase não tenho mais família. Meus pais morreram e meus irmãos e irmãs nunca tiveram o hábito de me escrever. Com certeza, todos sentem vergonha. Deus sabe que eu entendo isso.

Muitas horas se passaram e os dois conversaram sobre a ilha, a escola e Eleni. Dimitri era um rapaz de sorte. Durante todos os anos em Spinalonga recebera os cuidados de Eleni, depois de Elpida. Uma tinha experiência como mãe e a outra o havia tratado como o filho querido pelo qual sempre ansiara, dando-lhe tanto amor e atenção que quase o sufocavam. Maria ficou feliz por ter conhecido aquele meio-irmão, e os dois muitas vezes se encontrariam para tomar um café ou mesmo para o jantar, que ela preparava enquanto Dimitri falava animadamente sobre seu trabalho. A escola tinha então quatorze alunos, e seu objetivo era que soubessem ler aos sete anos de idade. A convivência com alguém tão envolvido pela vida profissional fez Maria decidir que não deixaria o fato de ser leprosa dominar cada instante que passasse acordada. Uma consulta quinzenal no hospital, um casebre para manter arrumado e limpo, uma pequena plantação para cuidar. Somadas aos encontros com o pai, eram essas as principais atividades de sua existência solteira e sem filhos.

No começo, Maria ficou com medo de contar ao pai que havia feito amizade com Dimitri. Ele poderia considerar aquilo uma traição, já que a lenda familiar sempre rezara que fora aquele menino quem infectara Eleni. Giorgis já convivera tempo suficiente com Lapakis para saber que não fora necessariamente assim, e quando a filha contou que agora era amiga de Dimitri, a reação do pai foi inesperada.

— Como ele é, afinal? — perguntou Giorgis.

— Tão dedicado quanto mamãe — respondeu Maria. — E também é boa companhia. Já leu todos os livros da biblioteca.

Não era um feito qualquer. A biblioteca agora tinha mais de quinhentos livros, a maioria enviados de Atenas, mas Giorgis não se deixou impressionar por esse fato.

— Ele fala na sua mãe?

— Não muito. Provavelmente acha que seria inconveniente. Ele me disse uma vez que a vida dele era melhor aqui do que jamais seria caso ele não tivesse vindo para Spinalonga.

— Que coisa mais estranha de se dizer — exclamou Giorgis.

— Tenho a impressão de que a vida dos pais dele era bem difícil, e de que ele certamente nunca teria se tornado professor... Mas, enfim, como está Anna?

— Na verdade eu não sei. Imagino que esteja bem. Deveria ter ido me visitar na festa de Agios Grigorios, mas mandou um recado dizendo que não estava passando bem. Para ser sincero, não sei o que há de errado com ela.

Sempre a mesma história, pensou Maria. Visitas prometidas e canceladas na última hora. Giorgis já esperava que fosse assim, mas Maria, mesmo estando longe, continuava incomodada com o descaso da irmã pelo homem que dera tanto duro para criá-las.

*

Dali a um mês, Maria percebeu que precisava de alguma coisa para se manter ocupada, e tirou da prateleira um caderno surrado, que continha todas as suas instruções manuscritas sobre o uso das ervas. Para tratamento e cura, escrevera ela na folha de rosto com sua caligrafia caprichada de menina. No contexto da lepra, tais palavras pareciam demasiado ingênuas, otimistas, distantes. No entanto, as pessoas em Spinalonga sofriam de muitas outras mazelas, de problemas estomacais a tosse, e se ela pudesse curá-las desses males como fazia com sucesso em Plaka, seria uma contribuição válida.

Maria estava animada com seus planos quando Fotini foi visitá-la um dia, e contou-lhe como planejava percorrer a parte desabitada e rochosa da ilha em busca de ervas assim que a primavera chegasse.

— Até mesmo nessas colinas de calcário borrifadas pela água do mar aparentemente há muita sálvia, esteva, orégano, alecrim e tomilho. Essas ervas vão me proporcionar recursos básicos para fornecer remédios que curam males corriqueiros, e vou tentar cultivar outras plantas úteis no meu lote de terra. Terei de pedir autorização para o dr. Lapakis mas, uma vez feito isso, poderei anunciar meus serviços na Estrela de Spinalonga — contou ela a Fotini que nesse dia gelado sentiu-se aquecida ao ver a amiga querida tão cheia de energia e entusiasmo. — Mas me conte o que anda acontecendo em Plaka — pediu Maria, que nunca costumava deixar a conversa fluir em apenas um sentido.

— Na verdade, nada demais. Minha mãe diz que Antonis tem andado mais reclamão do que nunca, e que já passou da hora de ele arrumar uma mulher para casar, já Angelos conheceu uma moça semana passada, em Elounda, por quem parece bem entusiasmado. Então, quem sabe, talvez um dos meus irmãos solteiros se case em breve.

— E Manoli? — perguntou Maria baixinho. — Ele tem visitado Plaka?

— Bem, Antonis quase não o tem visto na fazenda... Está triste por causa dele, Maria?

— Provavelmente vai parecer horrível o que eu vou dizer, mas não sinto tanta falta dele quanto achei que sentiria. Na verdade, só penso nele quando estamos sentadas aqui conversando sobre Plaka. Quase me sinto culpada por não ter mais saudade. Acha isso estranho?

— Não acho, não. Provavelmente é uma boa coisa.

Desde que Fotini começara a escutar as fofocas de Antonis sobre o noivo de Maria, muito tempo antes, nunca chegara realmente a confiar em Manoli, e sabia que seria melhor se Maria pudesse esquecê-lo. Afinal, já não havia a menor chance de se casarem.

Já estava na hora de Fotini ir embora. Maria baixou os olhos para o ventre inchado da amiga.

— Está chutando? — perguntou.

— Está — respondeu Fotini. — O tempo inteiro agora.

Fotini estava chegando ao final da gravidez e começando a ficar preocupada com o mar agitado que precisava cruzar para visitar a amiga.

— Talvez você não devesse mais fazer a travessia — disse Maria.
— Se não tomar cuidado, vai acabar dando à luz no barco de papai.

— Eu volto assim que tiver o bebê — assegurou-lhe Fotini. — E vou escrever. Prometo.

A essa altura, Giorgis já estabelecera uma rotina de visitas à filha em Spinalonga. Embora Maria ficasse reconfortada com a ideia de o pai às vezes fazer a travessia várias vezes por dia, não via sentido em ir ao seu encontro sempre. Ela sabia que não seria bom para ambos encontrarem-se tanto; seria fingir que a vida continuava do mesmo jeito que antes, porém em outro lugar. Assim decidiram se limitar a três encontros: segundas, quartas e sextas-feiras. Esses dias eram o ponto alto de sua semana. A segunda-feira seria o dia de

Fotini quando esta retomasse as visitas. As quartas eram o dia da visita do dr. Kyritsis e às sextas ela encontrava o pai sozinha.

Em meados de janeiro, Giorgis trouxe a ótima notícia de que Fotini dera à luz um menino. Maria quis saber todos os detalhes.

— Qual é o nome dele? Como ele é? Quanto ele pesa? — perguntou, animada.

— Mattheos — respondeu Giorgis. — Ele é como todos os outros bebês, e não faço ideia de quanto pesa. Mais ou menos a mesma coisa que um saco de farinha, imagino.

Na semana seguinte, Maria já havia bordado uma pequena fronha com o nome e a data de nascimento do bebê, e recheado com lavanda seca. Ponha isto no berço dele, escreveu em um bilhete para Fotini. Vai ajudá-lo a dormir.

Em abril, Fotini sentiu-se disposta o suficiente para retomar as visitas à amiga. Mesmo com as novas responsabilidades de mãe, ainda sabia nos mínimos detalhes tudo que acontecia em Plaka, e estava perfeitamente sintonizada com as idas e vindas dos habitantes da cidade. Maria adorava escutar as fofocas, mas também ouvia com atenção a amiga descrever as dificuldades e alegrias de sua nova condição de mãe. Por sua vez, ela contava o

que acontecia em Spinalonga; as conversas sempre duravam bem mais de uma hora, e as duas mal paravam para tomar fôlego.

Os encontros das quartas-feiras com o dr. Kyritsis eram inteiramente diferentes. Maria achava o médico um pouco desconcertante. Era difícil desassociar sua imagem do momento em que havia recebido o diagnóstico, e as palavras dele ainda ecoavam em sua mente: "(...) a lepra está presente no seu corpo." Ele a havia condenado a uma morte em vida, e, apesar disso, era também o homem que agora lhe acenava com a tênue possibilidade de ela um dia ficar livre da doença. Era confuso associá-lo à pior de todas as coisas e, talvez, à melhor.

— Ele é bem distante — disse Maria para Fotini, certo dia, numa conversa, quando estavam sentadas na mureta baixa de pedra que rodeava uma das árvores que faziam sombra ao lado do cais. — É um pouco frio... frio como o aço evocado pelo grisalho dos cabelos.

— Ouvindo você, parece que não gosta dele — comentou Fotini.

— Não tenho certeza se gosto — respondeu Maria. — Ele parece estar sempre me encarando, e, no entanto, tenho a sensação de que ele olha através de mim, como se eu não estivesse realmente presente. De todo jeito, ele deixa meu pai alegre, e isso é uma coisa boa.

Era estranho Maria estar sempre incluindo aquele homem na conversa, pensou Fotini, sobretudo se não gostava realmente dele.



Algumas semanas depois da primeira visita de Kyritsis, os dois médicos já haviam listado os casos que iriam monitorar para avaliar se estavam aptos ao tratamento. O nome de Maria estava entre eles. Ela era jovem, saudável, acabara de chegar e, sob todos os aspectos, uma candidata ideal, mas, por motivos que Kyritsis não

conseguia explicar nem para si mesmo, não quis que ela fizesse parte do primeiro grupo em que começariam a aplicar as injeções dali a vários meses. O médico esforçou-se para lutar contra essa irracionalidade. Depois de anos comunicando diagnósticos ruins a pessoas que mereciam o bem, policiava-se para limitar qualquer tipo de envolvimento emocional. Essa objetividade o tornava imperturbável, às vezes até inexpressivo. Embora ele se preocupasse com a humanidade de maneira geral, as pessoas tinham tendência a considerá-lo frio.

Kyritsis decidiu reduzir a lista a quinze pessoas, cujos casos seriam monitorados de perto ao longo de vários meses, de modo a determinar a dose e a adequação dos medicamentos. Omitiu o nome de Maria da listagem final. Não precisava justificar tal decisão para ninguém, mas sabia que talvez fosse a primeira atitude de toda a sua carreira não ditada pela razão. Disse a si mesmo que era para o bem da moça. Os efeitos colaterais de algumas daquelas doses de remédios não eram suficientemente conhecidos, e ele não a queria na linha de frente de uma experiência. Talvez ela mesma não se mostrasse disposta.

Em uma manhã do início do verão, durante a travessia até Spinalonga, Kyritsis perguntou a Giorgis se ele já tinha passado do grande portão de Spinalonga.

— Claro que não — respondeu o homem, um pouco surpreso. — Nunca nem pensei nisso. Não seria permitido.

— Mas o senhor poderia visitar Maria na casa dela praticamente sem correr risco — disse o médico.

Kyritsis, já familiarizado com os sintomas de Maria, sabia que as chances de Giorgis Petrakis pegar lepra da filha eram de uma em um milhão. Não havia bactérias na superfície das manchas planas na pele da moça e, a menos que ele tivesse contato com alguma ferida aberta, não havia chance de contrair a doença.

Giorgis pareceu pensativo. Jamais ocorrera nem a ele nem a Maria que pudessem passar algum tempo juntos na casa dela. Seria infinitamente melhor do que conversarem no cais, tendo que resistir ao vento no inverno e suportar o sol no verão. Nada poderia ser mais gratificante.

— Vou falar com Nikos Papadimitriou a respeito e pedir a opinião do dr. Lapakis, no entanto não vejo nenhum empecilho.

— Mas o que as pessoas de Plaka iriam pensar se soubessem que eu entrei na colônia, em vez de simplesmente entregar as mercadorias no cais?

— Se eu fosse você, guardaria segredo. O senhor conhece tão bem quanto eu a impressão que as pessoas de lá têm da vida aqui. Todas pensam que a lepra se espalha por um aperto de mão ou pelo simples fato de estar no mesmo aposento com um doente. Se descobrirem que o senhor está tomando café na casa de um leproso, imagino que saiba as consequências que isso teria.

Giorgis sabia melhor do que ninguém que Kyritsis tinha razão. Conhecia muito bem os preconceitos contra leprosos, e durante muitos anos fora obrigado a ouvir opiniões absurdas sobre o assunto — até mesmo de homens que se diziam seus amigos. Mas que sonho aquele, sentar-se e compartilhar mais uma vez um bule de café ou um copo de ouzo com sua linda filha. Seria mesmo possível?

Naquele dia, Kyritsis conversou com o chefe da ilha e pediu a opinião de Lapakis. Ao ver Giorgis, à noite, pôde lhe dar autorização oficial para suas visitas.

— Se quiser passar por aquele túnel, o senhor já pode — disse. Giorgis mal conseguiu acreditar no que ouvia. Não se lembrava de ter sentido tamanha alegria em muito tempo, e estava impaciente para ver Maria e poder lhe falar sobre a sugestão de Kyritsis. Na manhã de sexta-feira, assim que desceu do barco, Maria percebeu que havia alguma novidade no ar. A voz do pai o traiu.

— Vou poder ir à sua casa! — exclamou. — Você vai poder me fazer café.

— O quê? Como? Não acredito... tem certeza? — perguntou Maria, incrédula.

Foi uma coisa muito simples, mas preciosa. Como a mulher e a filha haviam feito antes dele, Giorgis adentrou com o coração aos pulos o túnel escuro que atravessava a larga muralha fortificada. Quando saiu para a luz brilhante da colônia de leprosos, aquilo lhe pareceu uma revelação da mesma forma que parecera para elas. O dia do início de junho estava quente, e embora a luz clara mais tarde

fosse se dissolver em bruma, as cores nítidas da cena à sua frente quase o cegaram. Uma profusão de gerânios cor de carmim cascadeava de grandes vasos, um oleado cor-de-rosa abrigava uma ninhada de gatinhos malhados e uma palmeira de um verde brilhante ondulava ao lado da porta cor de safira da loja de ferragens. Panelas prateadas pendiam de um barbante e reluziam ao sol. Havia grandes vasos de manjeriço verde vivo na frente de quase todas as portas, prontos para dar sabor até mesmo aos pratos mais insossos. Não, definitivamente não era o que ele havia imaginado.

Maria estava tão animada quanto o pai, mas ao mesmo tempo um pouco nervosa com sua presença. Não queria que ele se aventurasse muito para dentro da colônia, não apenas porque iria atrair olhares curiosos, mas porque sua presença iria causar inveja e ressentimento entre os leprosos. Queria guardá-lo só para ela.

— É por aqui, pai — indicou, conduzindo-o para fora da rua principal até a pequena praça onde ficava sua casa. Destrancou a porta da frente e entrou primeiro. Logo o aroma do café fresco que borbulhava através do filtro sobre o fogão flutuava pela casa, e um prato de baklavas foi posto sobre a mesa.

— Bem-vindo — disse Maria.

Giorgis não sabia muito bem o que esperava, mas não era aquilo. A casa era uma réplica daquela em que ele morava, em Plaka. Reconheceu fotografias, imagens e objetos de porcelana iguais aos que tinha em casa. Lembrou-se vagamente de que Eleni pedira alguns pratos e xícaras do serviço de jantar da família, para comer na mesma louça que o marido e as filhas. A louça fora herdada por Elpida, e agora pertencia a Maria. Viu também os tecidos e mantas que Maria passara tantos meses bordando, e uma onda de tristeza o invadiu quando pensou na casa de Manoli no olival, onde ela deveria estar morando caso as coisas tivessem corrido como o planejado.

Eles se sentaram à mesa e começaram a beber o café.

— Nunca pensei que fosse tornar a me sentar em uma mesa com você, Maria — disse Giorgis.

— Nem eu — respondeu a filha.

— Temos de agradecer ao dr. Kyritsis por isso — disse o pai.
— Ele tem algumas opiniões bem modernas, mas desta eu gostei.

— O que os seus amigos de Plaka vão dizer quando o senhor contar que entrou na colônia?

— Não vou contar. Você sabe o que diriam. A visão deles sobre Spinalonga permanece tão estreita quanto sempre foi. Embora um trecho de água os separe daqui, estão convencidos de que a lepra poderia viajar pelo ar para contaminá-los. Se soubessem que estou visitando sua casa, provavelmente iriam me banir do bar!

O último comentário do pai podia até ter sido irônico, mas ainda assim Maria mostrou-se apreensiva.

— Então provavelmente é melhor o senhor guardar segredo. Com certeza, eles já estão preocupados o suficiente com o fato de o senhor vir aqui com tanta frequência.

— Tem razão. Sabe, alguns deles até pensam que eu de alguma forma levei germes daqui para infectar você em Plaka.

Maria ficou horrorizada com a ideia de a sua condição de leprosa poder ser usada para alimentar tanto medo do outro lado do canal, e alarmada com o fato de o pai ter de enfrentar tamanho preconceito até mesmo de seus amigos mais antigos, homens com os quais havia sido criado. Se ao menos pudessem vê-los ali agora: pai e filha sentados diante de uma mesa, comendo os doces mais deliciosos que o dinheiro era capaz de comprar. Nada poderia estar mais distante da imagem convencional de uma colônia de leprosos. E nem mesmo sua irritação ao pensar em toda a ignorância daquela conversa em Plaka conseguiu estragar o momento.

Depois de terminarem o café, chegou a hora de Giorgis ir embora.

— Pai, o senhor acha que Fotini iria querer vir aqui um dia?

— Tenho certeza de que sim, mas você pode perguntar a ela, na próxima segunda-feira.

— É só que... isso é tão parecido com a vida normal. Tomar café na companhia de alguém... Não posso nem dizer o quanto isso significa para mim.

Maria, geralmente tão capaz de controlar as próprias emoções, estava com a voz embargada. Giorgis se levantou para sair.

— Não se preocupe, Maria — disse ele. — Tenho certeza de que ela virá... e eu também.

Os dois caminharam de volta até o barco e ela acenou-lhe adeus.

Assim que chegou em Plaka, Giorgis não perdeu tempo e foi contar a Fotini que estivera na casa de Maria e, sem a menor hesitação, a amiga mais antiga de sua filha perguntou-lhe se poderia fazer a mesma coisa. Algumas pessoas teriam considerado isso temerário, mas Fotini era mais esclarecida do que a maioria em relação às formas de contágio da lepra e, na visita seguinte, assim que desceu do barco, segurou o braço de Maria.

— Vamos — disse. — Quero ver sua casa.

Um largo sorriso espalhou-se pelo rosto de Maria. As duas moças atravessaram o túnel passeando, e logo se viram diante da porta da casa. O frescor do interior foi um bálsamo e, em vez de café forte, as duas beberam kanelada, a bebida gelada de canela de que tanto gostavam quando crianças.

— Que gentileza a sua vir me visitar — disse Maria. — Sabe, nunca imaginei que aqui houvesse outra coisa a não ser a solidão. Faz tanta diferença receber visitas.

— Bem, é muito melhor do que ficar sentada na mureta no calor — disse Fotini. — E agora posso realmente saber como você vive.

— Então, quais as novidades? Como vai o pequeno Mattheos?

— Ele é maravilhoso, o que mais posso dizer? Está comendo muito e ficando bem grande.

— Que bom que gosta de comer. Afinal de contas, ele mora em um restaurante — comentou Maria com um sorriso. — E o que anda acontecendo em Plaka? Tem visto minha irmã?

— Não. Faz tempo que não a vejo — respondeu Fotini, pensativa.

Giorgis dissera a Maria que Anna vinha visitá-lo com bastante regularidade, mas agora ela se perguntava se isso seria mesmo verdade. Se Anna tivesse aparecido em seu carro lustroso, Fotini saberia. A família Vandoulakis tinha ficado muito brava ao saber sobre a lepra de Maria, e não era nenhuma surpresa para ela que Anna não tivesse escrito desde sua chegada em Spinalonga. Tampouco ficaria surpresa se o pai mentisse a respeito das visitas da irmã.

As duas passaram alguns instantes em silêncio.

— Mas Antonis a vê de vez em quando, no trabalho — disse Fotini por fim.

— Ele comenta como ela está?

— Está bem, acho.

Fotini sabia o que Maria estava perguntando na realidade. Sua irmã estava grávida? Depois de tantos anos de casamento, já era hora de Anna ter um filho. Se isso não acontecesse, havia algum problema. Ela não estava esperando bebê, mas havia outra coisa acontecendo em sua vida que Fotini pensou muito antes de contar a Maria.

— Olhe, eu provavelmente não deveria lhe contar isso, mas Antonis viu Manoli entrando e saindo da casa de Anna.

— É permitido, não? Ele é da família.

— Sim, é da família, mas mesmo membros da família não precisam fazer visitas quase diárias.

— Talvez seja para conversar com Andreas sobre os assuntos da fazenda — disse Maria, em tom casual.

— Mas ele não vai quando Andreas está — disse Fotini. — Vai durante o dia, quando o primo sai.

Maria pegou-se adotando uma atitude defensiva.

— Bom, me parece que Antonis está espionando.

— Ele não está espionando, Maria. Eu acho que sua irmã e Manoli se tornaram bastante próximos.

— Bem, se isso é verdade, por que Andreas não faz algo a respeito?

— Porque ele não faz a menor ideia do que está acontecendo — disse Fotini. — Isso nem sequer passa pela cabeça dele. E sobre aquilo que não vê, ou aquilo em que não pensa, nunca precisará saber

As duas passaram algum tempo sentadas em silêncio até Maria se levantar. Fingiu estar atarefada lavando os copos, mas nada a fazia parar de pensar no que Fotini acabara de lhe contar. Ficou muito agitada ao se lembrar, de repente, do comportamento um tanto irritadiço da irmã meses atrás, quando ela e Manoli tinham ido

visitá-la. Era perfeitamente possível haver algo entre os dois. Sabia que Anna era mais do que capaz de uma infidelidade assim.

Aflita, girou o pano de prato inúmeras vezes dentro dos copos até estes chiarem. Mais do que nunca, pensou no pai. Sentiu com intensidade, mesmo que fosse antecipadamente, a profunda vergonha que ele sentiria. Quanto a Anna, ela não era a única das três mulheres da família Petrakis que ainda tinha a possibilidade de uma vida normal, feliz? Mas parecia que estava fazendo o possível para jogar isso fora. Lágrimas de raiva e frustração fizeram arder os olhos de Maria. Detestaria que Fotini pensasse que ela estava com ciúmes. Sabia que Manoli jamais seria seu, mesmo assim era difícil suportar a ideia de ele estar com sua irmã.

— Sabe, não quero que você pense nem se preocupe mais com Manoli, porque eu não ligo para ele, mas me importo com o comportamento da minha irmã. O que vai acontecer com ela? Será que acha mesmo que Andreas nunca vai descobrir?

— Está óbvio que ela acha isso. Ou então não está preocupada. Tenho certeza de que isso tudo vai passar.

— Você provavelmente está sendo otimista, Fotini — disse Maria. — Mas não podemos fazer nada a respeito, não é?

Elas passaram mais alguns instantes sentadas em silêncio antes de Maria mudar de assunto.

— Comecei a usar minhas ervas de novo — disse ela —, com algum sucesso. As pessoas agora estão começando a me procurar, e o dictamus funcionou quase na mesma hora para um senhor com dor de estômago.

Continuaram a conversar, embora a revelação de Fotini sobre Anna fosse um peso em suas mentes.



O relacionamento entre Anna e Manoli não arrefeceu como Fotini previra. Pelo contrário: a atração que havia entre eles reacendeu, e logo se transformou em um fogo ardente. Manoli tinha sido inteiramente fiel a Maria enquanto estavam noivos. Ela era perfeita, virgem, sua Agia Maria, e sem dúvida teria feito dele um homem feliz, mas agora era uma saudosa lembrança. As primeiras semanas depois da ida de Maria para Spinalonga haviam sido de ansiedade e tristeza, no entanto o período de luto pela perda da noiva logo passou. A vida precisava continuar, pensara ele.

Como uma mariposa é atraída pela chama, ele fora atraído de volta para Anna. Ela continuava lá, na mesma casa, tão próxima, tão carente, e ao mesmo tempo muito bem embalada para presente em seus vestidos justos debruados com fitas.

Certo dia, por volta da hora do almoço, horário habitual de suas antigas visitas, Manoli entrou na cozinha do casarão da fazenda.

— Olá, Manoli. — Anna cumprimentou-o sem surpresa, e de forma calorosa o suficiente para derreter a neve do monte Dhikti.

A certeza dele de que Anna ficaria feliz em vê-lo era tão grande quanto a arrogância dela. Ela sabia que mais cedo ou mais tarde ele chegaria.

Alexandros Vandoulakis havia recentemente entregado toda a propriedade aos cuidados do filho. Isso deixava Andreas com uma grande responsabilidade nas costas e cada vez menos tempo para ficar em casa, e logo Manoli passou a ser visto na casa do primo com frequência maior do que dia sim, dia não. Ia lá todos os dias. Antonis não era o único a saber disso. Muitos dos funcionários da fazenda também tinham conhecimento. Anna e Manoli confiavam em uma dupla rede de segurança: Andreas era ocupado demais para perceber qualquer coisa por conta própria e nenhum homem iria arriscar o emprego contando ao patrão histórias sobre a mulher dele. Por esses motivos, podiam aproveitar sem medo a companhia um do outro.

Não havia nada que Maria pudesse fazer, e a única influência que Fotini tinha era instar o irmão a guardar segredo sobre aquilo. Se Antonis comentasse com o pai, Pavlos, a notícia iria chegar aos ouvidos de Giorgis, pois os dois eram muito amigos.

Entre as visitas de Fotini, Maria tentava não pensar na irmã. Sua incapacidade de intervir na situação não era ditada apenas pela distância entre as duas. Ela sabia que mesmo se estivesse em Plaka Anna estaria fazendo exatamente o que queria.

Maria começou a ansiar pelos dias das visitas de Kyritsis, e sempre fazia questão de estar no cais para receber o pai e o médico grisalho. Em um belo dia de verão, Kyritsis parou para conversar com ela. Ouvira o dr. Lapakis comentar sobre as habilidades dela com remédios e tinturas de ervas. Um adepto convicto da medicina moderna, fazia tempo que ele era cético em relação ao poder das florezinhas belas e inofensivas que brotavam nas encostas. Que força poderiam ter quando comparadas aos remédios do século XX? Muitos dos pacientes que ele atendia em Spinalonga, porém, falavam do alívio que experimentavam com algumas das poções de Maria. Ele estava disposto a deixar de lado o ceticismo e disse isso a ela.

— Sei reconhecer quando alguém tem muita certeza de alguma coisa — afirmou o médico. — Também vi mostras reais nesta ilha de que esse tipo de coisa pode funcionar. Não posso continuar sendo cético, não é?

— Não, não pode. Fico feliz que reconheça isso — disse Maria em tom de vitória. Dava-lhe grande satisfação perceber que conseguira convencer aquele homem a mudar de opinião. Maior satisfação ainda sentiu ao olhar para ele e ver seu rosto se abrir em um sorriso. Ele parecia outra pessoa.

CAPÍTULO 19

O sorriso do médico modificou a atmosfera ao seu redor. No passado, Kyritsis não era dado a sorrisos. As tristezas e as preocupações dos outros eram a base de sua vida, e raramente lhe davam motivo para descontração e prazer. Vivia sozinho em Iraklion, tinha longas jornadas de trabalho no hospital e as poucas horas que lhe restavam eram passadas lendo e dormindo. Agora pelo menos havia outra coisa em sua vida: a beleza de um rosto de mulher. Para os funcionários do hospital em Iraklion, para Lapakis e para os leprosos que agora eram seus pacientes regulares, ele era exatamente o mesmo de antes: um cientista dedicado, determinado e perturbadoramente sério — alguns diriam até taciturno. Mas, para Maria, tornara-se uma pessoa diferente. Ela não sabia se aquele homem poderia ser sua salvação a longo prazo, mas ele a salvava um pouquinho toda vez que fazia a travessia, fazendo sua pulsação acelerar. Sentia-se novamente mulher, e não apenas uma paciente esperando a morte.

Embora a temperatura tenha começado a cair durante aqueles primeiros dias de outono, Maria sentia que Nikolaos Kyritsis ficava cada vez mais caloroso. Todas as quartas-feiras, ao chegar na ilha, parava para conversar com ela. Primeiro era apenas por cinco minutos, mas com o passar do tempo as conversas foram se tornando mais longas. Como era meticoloso em relação à pontualidade e precisava chegar no hospital a tempo para suas consultas, ele acabou passando a chegar mais cedo à ilha para ter tempo suficiente para conversar com Maria. Giorgis, que sempre se levantava às seis da manhã, não via problema nenhum em levar Kyritsis às oito e meia em vez de às nove, e observou que a época em que Maria vinha conversar com ele às quartas-feiras havia terminado. Ela ainda ia esperar o barco, mas não para ver o pai.

Em geral homem de poucas palavras, Kyritsis falou a Maria sobre seu trabalho em Iraklion e explicou-lhe a pesquisa na qual estava envolvido. Descreveu como a guerra havia interrompido tudo e

contou-lhe o que fizera durante os anos do conflito, pintando-lhe um quadro vívido de uma cidade castigada pela guerra, onde absolutamente todos que tinham treinamento médico precisavam trabalhar quase vinte e quatro horas por dia para cuidar dos doentes e feridos. Falou-lhe sobre suas viagens para assistir a conferências internacionais no Egito e na Espanha, onde os especialistas mundiais em tratamento contra a lepra se reuniam para compartilhar ideias e dar palestras sobre as suas mais recentes descobertas. Relatou-lhe as diversas curas que estavam sendo testadas, e o que pensava realmente a respeito disso. De vez em quando, precisava lembrar a si mesmo que aquela mulher era uma paciente, e poderia um dia vir a tomar os remédios que estavam sendo testados em Spinalonga. Que estranho, pensava às vezes, ter encontrado tanta amizade naquela pequena ilha. Não apenas o velho amigo Christos Lapakis, mas aquela moça também.

Por sua vez, Maria olhava-o e escutava, mas pouco lhe contava sobre a própria vida. Sentia que não tinha muito para compartilhar. Sua existência se tornara muito pequena, limitada, estreita.

Na opinião de Kyritsis, os habitantes de Spinalonga tinham uma vida que ele quase invejava. Viviam cuidando de seus afazeres, sentavam-se no kafenion, assistiam aos mais recentes filmes, iam à igreja e tinham amizades. Moravam em uma comunidade onde todos se conheciam e tinham um vínculo em comum. Em Iraklion, ele podia percorrer uma rua movimentada de cima a baixo diariamente durante uma semana sem ver sequer um rosto conhecido.

Para Maria, tão vitais quanto suas conversas com o dr. Kyritsis eram os encontros semanais com Fotini, mas ultimamente os aguardava com certa apreensão.

— Então, ele foi visto saindo da casa esta semana? — perguntava assim que Giorgis se afastava o suficiente para não escutá-las.

— Uma ou duas vezes — respondia Fotini. — Mas só quando Andreas também estava presente. A colheita de azeitonas começou, agora ele passa mais tempo em casa. Manoli e Andreas estão supervisionando as prensas, e aparentemente os dois voltam para jantar na casa-grande.

— Talvez tudo não tenha passado de imaginação do seu irmão. Com certeza, se Manoli e Anna fossem amantes, ele não iria jantar lá com Andreas, não é?

— Por que não? Seria mais provável despertar suspeitas se ele parasse de frequentar a casa.

Fotini tinha razão. Anna vinha passando muitas noites perfeitamente penteada, com as unhas feitas e usando vestidos de corte impecável, desempenhando o duplo papel de boa esposa para o marido e anfitriã acolhedora para Manoli. Era justamente o que Andreas esperava dela. Ela trafegava com desenvoltura pela situação, e as chances de ultrapassar um limite ou lançar um olhar denunciador eram quase inexistentes. Para Anna, essa subcorrente só fazia aumentar a excitação de estar em cima de um palco imaginário e, nos dias em que os sogros estavam presentes, havia ainda mais tensão, aumentando sua empolgação e o delicioso frisson do segredo.

— Gostou da sua noite? — perguntava ela depois a Andreas, na escuridão vazia de sua grande cama.

— Gostei, por quê?

— Estava só perguntando — respondia ela, e ao começarem a fazer amor, sentia o peso do corpo de Manoli e ouvia seus gemidos graves. Por que Andreas questionaria tal prazer? Quando terminavam, ele ficava deitado, calado e ofegante no quarto escuro e fechado, vítima inconsciente da paixão da mulher por outro homem, um homem com quem ela só havia feito amor à luz do dia.

Para Anna, não existia conflito nessa situação. Como não tinha escolha no que dizia respeito ao que sentia por Manoli, sua infidelidade era quase justificada. Ele aparecera na vida dela sem avisar, e a reação fora espontânea. O livre-arbítrio não fazia parte da resposta a ele, e nunca lhe ocorrera que pudesse fazer. A presença de Manoli a deixava eletrizada, arrepiava todos os pelos de seu corpo e fazia cada centímetro de sua pele macia e pálida ansiar por ser tocado. Jamais poderia ser de outra maneira. Não posso evitar, dizia a si mesma quando escovava os cabelos na manhã dos dias em que Andreas saía para visitar os lugares mais afastados da fazenda e ela esperava Manoli aparecer na cozinha na hora do almoço. Não

posso fazer nada, pensava. Manoli era parente de sangue de seu marido. Nem com toda a força de vontade do mundo poderia tê-lo rechaçado. Era uma vítima encurralada, mas dócil, e embora tudo isso estivesse acontecendo debaixo de seu próprio teto, Andreas sequer desconfiava que Anna o estivesse traindo em sua cama, com as stephana na parede, as coroas de casamento emolduradas, servindo de testemunha para o seu ato de perfídia.

Andreas não desperdiçava muito tempo pensando em Manoli. Estava contente que o primo tivesse voltado de suas viagens, mas deixava a tarefa de se preocupar com ele a cargo da mãe, que reclamava que o sobrinho já estava com mais de trinta anos e ainda não havia se casado. Andreas lamentava que o casamento com a irmã de Anna tivesse esbarrado em um obstáculo tão intransponível, mas imaginava que mais cedo ou mais tarde o primo iria encontrar outra mulher adequada para apresentar à família. Eleftheria, por sua vez, também lamentava que a adorável noiva do sobrinho houvesse sido levada embora, mas lamentava ainda mais a desconfiança insistente de que existia alguma afinidade maior entre Manoli e a nora. Não conseguia defini-la de fato, e às vezes chegava a dizer a si mesma que isso era fruto de sua imaginação. Sua suspeita era inconstante como uma nuvem.

Maria estremeceu ao pensar em como Anna podia estar se comportando. A irmã nunca fora cautelosa, e nada iria mudar isso agora. Sua verdadeira preocupação, porém, não era com Anna, mas sim com o impacto que suas atitudes poderiam ter sobre o pai. Não havia mesmo nada garantido na vida daquele pobre homem, pensou.

— Será que ela não tem vergonha? — murmurou.

— Não estou certa de que tenha — respondeu Fotini.

As duas amigas tentavam falar sobre outras coisas, mas as conversas sempre começavam e terminavam com o tema da infidelidade de Anna e a especulação de quanto tempo iria demorar até ela lançar um olhar descuidado na direção de Manoli que pudesse fazer Andréas desconfiar. Aos poucos, qualquer resíduo do sentimento que Maria tivesse nutrido por Manoli evaporou. A única

certeza que tinha agora era não haver absolutamente nada que pudesse fazer a respeito daquela situação.

Era final de outubro. Os ventos de inverno estavam ganhando força e logo iriam penetrar até os mais grossos dos casacos e o mais pesado dos xales. Maria achava pouco confortável ficar ali no cais, em pé e no frio, conversando com o dr. Kyritsis, mas a ideia de abrir mão daqueles encontros era insuportável. Adorava conversar com ele. Os assuntos pareciam nunca se esgotar, mesmo que ela sentisse ter tão pouca coisa interessante para lhe contar. Não podia evitar comparar o jeito como ele falava com ela com os modos de Manoli. Cada frase de seu noivo era cheia de intenções, mas com Kyritsis não havia nenhum indício de flerte.

— Quero saber como é viver aqui — disse-lhe ele certo dia enquanto o vento soprava à sua volta.

— Mas o senhor vê a ilha toda semana. Deve estar tão acostumado com ela quanto eu — respondeu Maria, um pouco intrigada pela afirmação dele.

— Eu a vejo, mas sem vê-la de verdade — disse ele. — Vejo-a como um forasteiro de passagem. É bem diferente.

— Gostaria de ir à minha casa tomar um café? — Maria vinha treinando esta pergunta havia algum tempo mas, quando finalmente a fez, mal reconheceu a própria voz.

— Café — Kyritsis a havia escutado perfeitamente, mas repetiu a palavra por não saber que resposta lhe dar.

— Gostaria?

Era como se ela o tivesse tirado de um devaneio.

— Sim, acho que gostaria.

Juntos os dois atravessaram o túnel. Embora ele fosse o médico e ela a paciente, caminhavam lado a lado, como iguais. Ambos já haviam cruzado uma centena de vezes as muralhas venezianas, mas aquela era uma viagem diferente. Fazia anos que Kyritsis não percorria uma rua assim, na companhia de uma mulher, e Maria, andando ao lado de um homem que não era seu pai, sentia-se encabulada de uma forma que pensava ter deixado para trás com a infância. Alguém poderia vê-la e tirar conclusões apressadas. “É o doutor!”, queria gritar, desesperada para se proteger das fofocas.

Ela o conduziu depressa até o pequeno beco junto ao final do túnel, e entraram em sua casa. Maria começou a preparar o café. Sabia que Kyritsis não tinha muito tempo e iria querer chegar na hora para sua primeira consulta.

Enquanto Maria se preocupava em encontrar o açúcar, xícaras e pires, o médico olhou para a sala à sua volta. Era muito mais aconchegante e colorida do que seu pequeno apartamento em Iraklion. Reparou nos tecidos bordados, no retrato na parede da jovem kyria Petrakis ao lado de Maria e de outra menina. Viu uma fileira bem arrumada de livros, uma jarra com ramos folhosos de oliveira e buquês de lavanda e ervas pendurados no teto para secar. Viu ordem e harmonia doméstica, e sentiu-se reconfortado por ambas.

Agora que estava no território de Maria, sentiu que poderia fazê-la falar sobre si. Havia uma pergunta urgente que queria fazer. Sabia tantas coisas sobre a doença, seus sintomas, sua epidemiologia, sua patologia, mas é claro que não conhecia de fato a sensação de ter lepra, e até então nunca pensara em perguntar isso a nenhum de seus pacientes.

— Qual é a sensação... — começou ele — de ter lepra?

A pergunta parecia muito pessoal, mas Maria não hesitou em responder.

— Sob certos aspectos, eu me sinto igualzinha a um ano atrás, mas eu sou diferente pelo fato de ter sido mandada para cá — disse. — Para uma pessoa como eu, que não é afetada pela doença no dia a dia, é um pouco como estar presa. Só que não existem trancas nem grades na porta.

Ao dizer isso, ela se lembrou da fria manhã de outono em que saíra de Plaka rumo a Spinalonga. A vida em uma colônia de leprosos certamente não era o que havia desejado, mas parou por um instante para pensar em como teria sido estar casada com Manoli. Seria um outro tipo de prisão? Que tipo de homem seria capaz de trair a própria família? Que judas seria capaz de abusar da gentileza e da hospitalidade que havia recebido? Ela se deixara seduzir por seu charme, mas percebia agora que as circunstâncias talvez tivessem-na poupado. Tratava-se de um homem com quem

ela jamais tivera uma conversa sobre assuntos mais profundos ou abrangentes do que a colheita de azeitonas, a música de Mikis Theodorakis ou o fato de comparecer ou não às celebrações de um dia santo em Elounda. Essa joie de vivre a atraía no início, no entanto percebeu que talvez ele fosse apenas isso. A vida com Manoli, certamente, seria apenas outra espécie de pena perpétua, pouco melhor do que a que estava condenada a cumprir em Spinalonga.

— Mas há muitas coisas boas — acrescentou. — Pessoas maravilhosas como Elpida Kontomaris, o casal Papadimitriou, Dimitri. Eles são tão cheios de vida, e sabe de uma coisa? Embora estejam aqui há bem mais tempo do que eu, nunca, nunca reclamam.

Quando terminou de falar, Maria serviu o café em uma xícara e passou-a para Kyritsis. Percebeu, tarde demais, que a mão dele tremia violentamente, e quando ele aceitou o café a xícara se espatifou no chão. Uma poça escura espalhou-se pelo chão de pedra, e houve um silêncio constrangedor antes de Maria correr para buscar um pano na pia. Percebeu o profundo embaraço dele e apressou-se em amenizá-lo.

— Não se preocupe, está tudo bem — disse, enxugando o chão enquanto juntava os pedacinhos de louça quebrada em uma pá. — Contanto que não tenha se queimado.

— Sinto muitíssimo — disse ele. — Sinto muitíssimo ter quebrado sua xícara. Que desajeitado eu sou.

— Não se preocupe. Que importância tem uma xícara?

Na verdade, tratava-se de uma xícara especial, parte do serviço que sua mãe trouxera de Plaka, mas Maria percebeu que não estava ligando nem um pouco para isso. Era quase um alívio Kyritsis não ser tão perfeito, tão impecável sob todos os aspectos quanto parecia ser.

— Talvez eu não devesse ter vindo — balbuciou Kyritsis. Em sua cabeça, aquilo era um sinal de que não deveria ter violado as regras da ética profissional, nas quais tanto acreditava. Ao visitar a casa de Maria por motivos sociais, havia ultrapassado a fronteira com um paciente.

— É claro que deveria ter vindo. Eu o convidei e teria ficado muito triste se não aceitasse.

O desabafo de Maria foi espontâneo, e mais entusiasmado do que ela na verdade pretendia. Deixou o dr. Kyritsis surpreso, mas também surpreendeu a ela própria. Agora estavam quites. Ambos haviam perdido a compostura.

— Por favor, fique e tome mais um café.

Os olhos de Maria fitaram os do médico com tamanha expressão de súplica que ele não pôde fazer nada senão aceitar. Ela pegou outra xícara na prateleira e, desta vez, depois de servir o café, deixou-a em cima da mesa para ele pegar sem derrubar.

Ambos tomaram o café sem dizer nada. Há ocasiões em que o silêncio constrange, mas não daquela vez. Depois de algum tempo, Maria rompeu o encantamento.

— Ouvi dizer que algumas pessoas começaram um tratamento à base de remédios. Vai funcionar? Era uma pergunta que havia tempos queria fazer.

— Ainda está bem no começo, Maria — respondeu ele. — Porém temos de dar alguma esperança. Temos consciência de algumas das contra-indicações ao tratamento, e é por isso que precisamos tomar cuidado por enquanto.

— Que tipo de remédio é?

— O nome completo é difenilsulfona, mas é mais conhecido como dapsona. Tem por base o enxofre e é potencialmente tóxico. Mas o principal é que qualquer melhora em geral se dá muito a longo prazo.

— Então não é nenhuma poção mágica — disse Maria, tentando não parecer decepcionada.

— Não, infelizmente não — afirmou Kyritsis. — Ainda vai demorar um pouco para sabermos realmente se alguém um dia ficará curado por completo. Infelizmente, ninguém vai embora daqui amanhã.

— Então isso quer dizer que talvez volte para tomar outro café?

— Espero que sim. Seu café é ótimo.

O dr. Kyritsis sabia que sua resposta tinha sido um pouco desajeitada, e sugeriu que ele só estava interessado em voltar por causa da qualidade do café. Não era em absoluto o que queria dizer.

— Bom, é melhor eu ir andando — disse, tentando esconder o constrangimento. — Obrigado.

Com essa despedida um tanto rígida, Kyritsis se foi.

Enquanto lavava as xícaras e varria o chão para remover os últimos cacos da xícara quebrada, Maria pegou-se cantarolando. A sensação só poderia ser descrita como leveza d'alma, um sentimento incomum naquele lugar cinzento, mas ela iria aproveitá-lo e desejar, mesmo contra todas as probabilidades, que continuasse a senti-lo. Durante o dia inteiro sentiu como se seus pés não estivessem tocando inteiramente o chão. Tinha muito a fazer, mas cada tarefa era um prazer. Assim que terminou de ajeitar tudo, pôs alguns de seus jarros de ervas dentro de um cesto e foi visitar Elpida Kontomaris.

A mulher idosa raramente trancava a porta, e Maria entrou sem bater. Encontrou Elpida na cama, pálida, mas recostada nos travesseiros.

— Elpida, como está passando hoje?

— Na verdade estou me sentindo bem melhor — disse ela. — Graças a você.

— Graças à natureza, não a mim — emendou Maria. — Vou preparar outra infusão para você. Vejo que está funcionando. Você deve tomar uma xícara disto aqui agora, outra daqui a umas três horas e depois voltarei à noite para lhe dar uma terceira.

Pela primeira vez em semanas Elpida Kontomaris estava começando a se sentir melhor. As fortes dores de estômago finalmente pareciam estar passando, e ela não duvidava de que a melhora se devia aos remédios naturais que Maria lhe preparava. Embora a pele de seu velho rosto estivesse flácida e suas roupas lhe pendessem do corpo como trapos molengos, seu apetite começava a voltar e ela agora podia vislumbrar o dia em que tornaria a comer direito.

Assim que se certificou de que Elpida estava confortável, Maria saiu. Voltaria à noite para garantir que a paciente tomasse a dose seguinte, mas enquanto isso passaria o dia no "bloco", apelido pouco carinhoso do grande prédio de apartamentos situado no final da rua principal, que continuava impopular. Lá no alto da colina tinha-se

uma impressão de solidão e desolação. As pessoas preferiam o aconchego das pequenas casas turcas e italianas. As construções antigas, próximas umas das outras, ajudavam a criar uma sensação de comunidade, que era mais importante do que lâmpadas fluorescentes e persianas modernas.

Naquele dia Maria estava indo até lá porque quatro dos apartamentos abrigavam leprosos que não conseguiam mais se virar sozinhos. Eram casos cujas úlceras nos pés haviam levado à amputação, cujas mãos parecendo garras tornavam-nos incapazes de executar as mais simples tarefas domésticas e cujos rostos estavam deformados a ponto de se tornarem irreconhecíveis. Em qualquer outra situação, a vida daqueles indivíduos desfigurados teria sido abjeta e miserável. Alguns ainda viviam à beira do desespero, mas a ajuda de Maria e de algumas outras mulheres nunca lhes permitia perder completamente as esperanças.

Privacidade era o que essas pessoas mais valorizavam. Para uma jovem, que teve o nariz destruído pela lepra e cujos olhos ficavam permanentemente abertos por causa de uma paralisia facial, os olhares dos outros moradores da colônia eram insuportáveis. De vez em quando, ela saía à noite e se esgueirava até a igreja, para ficar sozinha na escuridão com os ícones e o cheiro reconfortante de cera derretida. Fora isso, não saía nunca, a não ser para a caminhada mensal muito curta até o hospital, onde Lapakis monitorava quaisquer mudanças em suas lesões e receitava medicamentos para ajudar sua mente e seu corpo a passarem de um estado de vigília quase permanente a um sono curto, porém tranquilo. Outra mulher um pouco mais velha perdera uma das mãos. Estava pagando o mais alto dos preços pelas graves queimaduras que infligira a si mesma cozinhando para a família poucos meses antes de ser removida para a ilha. O dr. Lapakis fizera todo o possível para tentar curar as feridas ulceradas, mas a infecção havia derrotado a ambos e sua única alternativa fora a amputação. A mão que lhe restava era uma garra imóvel. Ela mal conseguia segurar um garfo, e era incapaz de abrir uma lata ou fechar um botão.

Dos cerca de doze casos extremos que moravam ali, todos, sem exceção, exibiam deformações medonhas. A maioria havia chegado

a Spinalonga em um estado de decrepitude avançado, e apesar de todos os esforços do hospital para garantir que o efeito anestésico da doença não lhes causasse danos permanentes, nem sempre era possível controlar isso. Eles correspondiam à imagem bíblica do leproso, e estavam tão adiantados no caminho infernal rumo à desfiguração quanto poderia estar uma pessoa que ainda guardasse algum semblante de aspecto humano.

Maria fazia compras e cozinhava para esses pacientes terminais. Mal reparava em suas deformidades enquanto lhes servia o almoço e, em alguns casos, ajudava-os a comer. Sempre pensava que sua mãe talvez tivesse ficado assim. Ninguém chegara a lhe contar de fato, mas enquanto levava colheradas de arroz à boca dos doentes torcia para que Eleni nunca tivesse sofrido como aquelas pessoas. Considerava-se com sorte. Independentemente de o novo tratamento com medicamentos funcionar ou não, o corpo destruído daquelas pessoas jamais poderia ser reconstruído.

A maioria dos habitantes da Grécia continental imaginava que todos os leprosos estivessem tão destruídos pela doença quanto aqueles casos extremos, e a simples ideia de tê-los por perto os repugnava. Temiam por si próprios e pelos filhos, e não tinham dúvida de que o bacilo que infectara as pessoas da ilha podia ser levado pelo ar até suas casas. Até mesmo em Plaka havia quem acreditasse nessas ideias equivocadas. Ao longo dos últimos anos havia surgido um motivo secundário de ressentimento em relação à colônia. Histórias muito exageradas sobre a riqueza dos atenienses haviam gerado nas pessoas um rancor cada vez maior, em especial nas comunidades de montanha mais pobres de Selles e Vrouhas, que não se beneficiavam da renda estável de aldeias pesqueiras como Plaka. Num instante, temiam a ideia de também acabar tendo de ir morar em Spinalonga; no instante seguinte, roíam-se de inveja pensando que talvez os habitantes da colônia estivessem levando vidas mais confortáveis do que eles. Seus temores eram ao mesmo tempo injustificados e arraigados.

Certo dia de fevereiro um boato começou a circular. Originou-se no comentário descuidado de um homem, e como um incêndio na floresta causado por um único fósforo lançado no chão sem querer

espalhou-se com uma velocidade assustadora e logo alastrou-se por todas as aldeias próximas, de Elounda, no sul, até Vilhadia, na costa norte. Comentava-se que o prefeito de Selles levara o filho de dez anos ao hospital em Iraklion. O menino seria examinado por suspeita de lepra. Talvez a doença tivesse se alastrado da ilha até o outro lado. Em um dia, a reação exagerada da multidão despontou como nuvens carregadas no céu. Um incitador em cada aldeia e os sentimentos enraizados de medo e ódio foram suficientes para a raiva se intensificar e as pessoas descerem até Plaka com intenção de destruir a ilha. Sua motivação era irracional. Se Spinalonga fosse saqueada, pensavam, nenhum leproso poderia ser mandado para lá, e o governo grego seria forçado a transferir a colônia. Também imaginavam que, uma vez ameaçados, os influentes atenienses insistiriam para serem levados para algum lugar mais seguro. Em qualquer dos casos, ficariam livres daquela imundície em sua paisagem.

A turba planejava pegar todos os barcos de pesca que pudesse encontrar e desembarcar à noite, sem ser vista. Às cinco da tarde daquela quarta-feira duzentas pessoas, em sua maioria homens, reuniram-se no cais de Plaka. Giorgis viu as primeiras caminhonetes chegarem, e ouviu a confusão enquanto as pessoas desciam e encaminhavam-se para o cais. Assim como os outros moradores de Plaka, ele estava chocado. Já estava na hora de buscar Kyritsis, mas primeiro precisava abrir caminho entre a multidão para encontrar seu barco. Enquanto o fazia, escutou trechos de conversas.

— Quantos cabem em cada barco?

— Quem está com a gasolina?

Um dos líderes viu o velho subindo no barco e dirigiu-se a ele de forma agressiva.

— Aonde você acha que vai?

— Vou até a ilha buscar o médico — respondeu Giorgis.

— Que médico?

— Um dos médicos que trabalham lá — explicou ele.

— De que adiantam médicos para leprosos? — zombou o líder, dirigindo-se à multidão.

Enquanto o grupo ria e fazia troça, Giorgis empurrou o barco para longe do cais. Todo o seu corpo tremia de medo e sua mão não conseguia segurar a cana do leme. O barco tinha de fazer força contra o mar agitado e a travessia nunca pareceu tão longa. Já de longe, ele pôde distinguir a silhueta escura de Kyritsis, e depois de algum tempo aproximou o barco da muralha de pedra.

O médico não se deu ao trabalho de amarrar o barco, mas pulou logo para dentro. Fora um dia difícil, e estava ansioso para voltar para casa. À meia-luz, mal podia ver o rosto de Giorgis debaixo do chapéu, mas a voz do velho tinha uma nitidez incomum.

— Dr. Kyritsis — disse ele, quase engasgando. — Tem uma multidão do outro lado. Acho que estão planejando atacar Spinalonga!

— Como assim?

— Eles chegaram às centenas. Não sei de onde vieram, mas estão juntando barcos e galões de gasolina. Podem zarpar a qualquer momento.

Kyritsis ficou abismado, tanto com a estupidez daquela gente quanto com o medo que sentiu pelos ilhéus. Havia pouco tempo. Precisava tomar uma decisão muito rápida. Tornar a cruzar a grande muralha para avisar aos leprosos seria perder minutos preciosos. Tinha de voltar para o outro lado para convencer aqueles loucos a desistirem do plano.

— Precisamos voltar... rápido — instou o barqueiro.

Giorgis deu meia-volta com o barco. Dessa vez, o vento estava atrás dele, e a embarcação cobriu a distância em pouquíssimo tempo. A essa altura a multidão no cais já havia acendido suas tochas, e quando os dois se aproximaram, mais uma caminhonete cheia de homens vinha chegando. Quando Giorgis aportou, uma onda de animação percorreu a turba, e quando Kyritsis desembarcou, a multidão se abriu para dar caminho a um homem alto, de ombros largos, evidentemente seu porta-voz.

— Então, quem é você? — zombou o homem. — Quem é você para entrar e sair da colônia de leprosos quando quer?

O grupo ruidoso se calou para escutar o diálogo.

— Meu nome é dr. Kyritsis. Estou atualmente tratando de vários pacientes na ilha com uma nova terapia à base de medicamentos. Há sinais de que isso pode levar a uma cura.

— Ah! — O homem riu, sarcástico. — Escutem só, pessoal! Estão ouvindo isso? Os leprosos vão sarar.

— Há fortes chances de isso acontecer.

— Bom, e se não acreditarmos?

— Pouco me importa se você não acredita. — A ênfase de Kyritsis foi dramática. Ele se focou no líder. Sabia que aquele homem agressivo não seria nada sem sua turba.

— E por quê? — perguntou o homem com sarcasmo, passando os olhos pela multidão inquieta no cais, os rostos iluminados pela luz tremeluzente das tochas. Agora ele tentava incitar os outros.

Avaliara mal aquele homem magro que parecia estar conseguindo atrair mais atenção do que ele teria imaginado no caso de alguém com sua estatura.

— Se você encostar um dedo sequer em qualquer um dos leprosos daquela ilha — disse Kyritsis —, vai parar em uma cela mais escura e mais funda do que os seus piores pesadelos. Se um único leproso morrer, você vai ser julgado e condenado por assassinato. Eu mesmo vou garantir que isso aconteça.

Um burburinho percorreu a multidão, que depois tornou a se calar. O líder sentiu que havia perdido. A voz firme de Kyritsis varou o silêncio.

— Então, o que você planeja fazer? Voltar para casa sem fazer alarde ou cometer o pior ato de que pode ser capaz?

As pessoas se entreolharam, e pequenos grupos começaram a se formar. Uma a uma, as tochas foram apagadas, mergulhando o cais em um breu quase total. As pessoas voltaram aos poucos para seus veículos. Toda sua motivação para destruir Spinalonga havia evaporado.

Enquanto o líder andava calado em direção à rua principal, olhou para o médico por cima do ombro.

— Vamos ficar de olho nessa tal cura — gritou. — E se ela não acontecer, vamos voltar. Pode escrever o que estou dizendo.

Giorgis Petrakis permanecera no barco durante todo o confronto, observando com medo e depois com admiração o dr. Kyritsis dispersar a multidão. Parecia-lhe muito improvável um único indivíduo conseguir deter a força daquele bando de arruaceiros decidido a destruir a colônia.

Kyritsis parecera estar totalmente no controle da situação, mas, lá no fundo, havia temido pela própria vida. E não só isso. Havia temido pela vida de todos os leprosos da ilha. Quando seu coração parou de bater como se fosse explodir para fora do peito, percebeu que fora um fato específico que lhe dera coragem para enfrentar a multidão: a possibilidade de a mulher que amava estar correndo perigo. Não podia negar para si mesmo. Era Maria que estivera desesperado para salvar.

CAPÍTULO 20

A notícia de que uma invasão à ilha fora contida não demorou a se espalhar por Spinalonga. Todos logo ficaram sabendo que o dr. Kyritsis dispersara sozinho uma turba de desordeiros, e isso fez dele o herói da vez. Na quarta-feira seguinte, ele voltou à ilha como de hábito, e sua ansiedade para ver Maria estava mais intensa do que nunca. A revelação de que nutria por ela sentimentos tão fortes pegara-o de surpresa, e mal pensara em outra coisa ao longo da semana. Ela o esperava no cais, a silhueta familiar de casaco verde, e naquele dia um largo sorriso se abriu em seu rosto.

— Obrigada, dr. Kyritsis — disse ela antes mesmo de o médico descer do barco. — Meu pai me contou como o senhor enfrentou aqueles homens. Todos aqui estão muito gratos pelo que fez.

A essa altura, Kyritsis já estava em terra firme. Cada partícula do seu corpo desejava tomá-la nos braços e declarar seu amor, mas um comportamento espontâneo assim contrariava toda uma vida de reticência, e ele sabia que seria incapaz de fazê-lo.

— Qualquer pessoa teria feito a mesma coisa. Não foi nada — disse ele baixinho. — Fiz isso pela senhorita.

Foram palavras muito pouco resguardadas. Ele sabia que deveria tomar mais cuidado.

— E por todas as outras pessoas desta ilha — acrescentou depressa.

Maria não disse nada, e Kyritsis não soube se ela o havia escutado. Como sempre, atravessaram juntos o túnel, fazendo barulho com os pés no chão de cascalho, e nenhum dos dois disse nada. Havia um entendimento tácito de que Kyritsis iria tomar um café na casa dela antes de ir para o hospital, mas quando chegaram à curva do túnel ele viu no mesmo instante que naquele dia havia algo diferente. Estava escuro na saída, e a imagem habitual da rua principal de Spinalonga estava escondida. O motivo disso logo foi revelado. Uma enorme multidão de talvez duzentas pessoas havia se reunido ali. Praticamente todos os moradores da ilha capazes de sair

de casa haviam ido cumprimentá-lo. Crianças, jovens, velhos com suas bengalas e muletas, todos apareceram naquela manhã gelada, de chapéus na cabeça e golas erguidas, para expressar sua gratidão. Quando Kyritsis surgiu, palmas soaram à sua volta e ele parou, espantado por ser o centro das atenções. Quando os aplausos silenciaram, Papadimitriou se adiantou.

— Dr. Kyritsis, em nome de todos os moradores desta ilha gostaria de agradecer pelo que fez na semana passada. Ficamos sabendo que nos salvou de uma invasão, e provavelmente de ferimentos ou mesmo da morte. Todos aqui serão eternamente gratos por isso.

Olhos ansiosos o fitavam. Queriam ouvir sua voz.

— Vocês têm tanto direito à vida quanto qualquer um fora daqui. Enquanto eu estiver aqui, ninguém vai destruir este lugar.

As palmas irromperam outra vez, e então os ilhéus foram se dispersando aos poucos para cuidar de seus afazeres. Kyritsis ficara sem palavras diante daquela ovação, e sentiu alívio quando deixou de ser o centro das atenções. Papadimitriou agora estava junto dele, andando a seu lado.

— Deixe-me acompanhá-lo até o hospital — falou, sem saber que isso privava o médico de momentos especiais com Maria. Com toda aquela multidão, ela já sabia que não podia esperar que Kyritsis fosse à sua casa. Seria totalmente impróprio. Viu a figura dele se afastar e voltou para casa. Duas xícaras estavam arrumadas no centro da pequena mesa, e enquanto ela enchia uma e sentava-se para tomar o café que deixara coando em cima do fogão, dirigiu-se a um personagem imaginário do outro lado da mesa.

— Bem, dr. Kyritsis — disse ela. — O senhor agora é um herói. Enquanto isso, Kyritsis pensava nela. Como seria possível esperar a quarta-feira seguinte para vê-la? Sete dias. Cento e sessenta e oito horas. No entanto, havia várias coisas para distraí-lo. O hospital estava agitado. Diversos leprosos precisavam de cuidados urgentes, e com apenas duas pessoas para administrar o lugar, Lapakis e Manakis ficaram mais aliviados do que nunca ao vê-lo chegar.

— Bom dia, Nikolaos! — exclamou Lapakis em tom de provocação. — Melhor médico de Creta e agora santo de

Spinalonga!

— Ah, por favor, Christos — retrucou Kyritsis, ligeiramente desconcertado. — Você sabe que teria feito a mesma coisa.

— Não tenho certeza. Parece que eles eram bem agressivos.

— Bom, isso foi semana passada — disse Kyritsis, deixando de lado o episódio. — Precisamos cuidar dos assuntos de hoje. Como vão nossos pacientes em teste?

— Venha até meu escritório para eu lhe dar as últimas notícias.

Sobre a mesa de Lapakis havia uma pilha de pastas. Ele as pegou uma a uma e fez para o colega uma breve descrição do estado de cada paciente tratado com os remédios. A maioria dos quinze dava sinais de reação positiva, mas não todos.

— Dois estão em estágio reativo severo — disse Lapakis. — Um deles está com febre de quarenta graus desde a última visita, e Athina acabou de me avisar que a outra não deixou ninguém na ilha dormir ontem à noite por causa de seus gritos. Ela não pára de me perguntar como pode não ter nenhuma sensação nos braços e nas pernas e, ao mesmo tempo, sentir uma dor tão terrível. Não tenho essa resposta.

— Irei dar uma olhada nela já, já, mas acho que o melhor agora é suspender o tratamento. Há uma boa probabilidade de ter havido cura espontânea, e nesse caso a sulfona poderia causar danos.

Depois de repassarem rapidamente as anotações, chegou a hora de os dois médicos fazerem a ronda dos leitos. Não era uma tarefa fácil. Um dos pacientes, coberto de inchaços cheios de pus, chorou de agonia enquanto Lapakis aplicava-lhe uma solução de ácido tricloracético para secar as lesões. Outro escutou em silêncio Kyritsis sugerir que a melhor forma de lidar com os ossos mortos de seus dedos seria a amputação, uma operação simples que podia ser feita sem anestesia, tamanha a ausência de sensação física naquela parte do corpo. Para um terceiro, houve um ímpeto visível de otimismo quando Lapakis descreveu o transplante de tendão que planejava fazer em seu pé para lhe permitir voltar a andar. Na cabeceira de cada leito, os médicos decidiam junto aos pacientes qual seria o próximo estágio. Para alguns eram injeções analgésicas, para outros, a excisão das lesões.

Os primeiros pacientes externos começaram a chegar. Alguns precisavam apenas de curativos para os pés ulcerados, mas para outros o tratamento era mais penoso, particularmente para uma mulher que necessitava da excisão de tecido lepromatoso no nariz e da aplicação de uma dúzia de compressas de adrenalina para estancar o sangramento.

Tudo isso durou até o meio da tarde, e então chegou a hora dos pacientes que estavam recebendo o novo tratamento. Uma coisa estava clara: com vários meses de testes, as novas doses dos remédios produziam resultados animadores, e os efeitos colaterais que o dr. Kyritsis temia não haviam surgido na maioria dos casos. A cada semana, ele procurava por sintomas de anemia, hepatite e psicose, todos relatados por outros médicos envolvidos na administração da dapsona, mas ficava aliviado quando nada disso era encontrado.

— Já aumentamos a dose das nossas cobaias de vinte e cinco para trezentos miligramas de dapsona duas vezes por semana — disse Lapakis. — É a dose máxima, não é?

— Eu seguramente não recomendaria mais do que isso, e se essa dose estiver produzindo os resultados atuais, acho que devemos considerá-la o limite máximo, sobretudo levando em conta o intervalo de tempo em que todos precisarão tomar as injeções. A instrução mais recente é continuarmos a receitar dapsona por vários anos depois que a doença deixar de ser ativa — disse Kyritsis. — É um prazo bem longo mas, se conduzir à cura, não acho que nenhum deles vá reclamar — acrescentou, depois de uma pausa.

— E quanto a iniciar o tratamento com o próximo grupo? Lapakis estava animado e impaciente. Ninguém teria a ousadia de afirmar que aqueles leprosos estavam curados, e ainda faltavam alguns meses para fazerem os testes que de fato diriam se o bacilo da lepra fora eliminado de seus sistemas. Mas ele tinha a sensação de que, depois de todos aqueles anos de discussões, falsas promessas e pouca fé em uma cura, haviam chegado a um momento decisivo. A resignação ou mesmo o desespero agora podiam ser substituídos pela esperança.

— Sim, não há por que esperar. Acho que devemos escolher os próximos quinze assim que possível. Como a primeira leva, eles precisam apresentar um bom estado de saúde geral — disse Kyritsis.

Cada célula do seu ser desejava se certificar de que Maria fizesse parte dessa lista, mas ele sabia que não seria ético exercer tal influência. Sua mente foi se afastando da conversa sobre o novo tratamento, para pensar em quando tornaria a ver Maria. Cada dia iria parecer uma eternidade.

Na segunda-feira seguinte, Fotini chegou à ilha como de hábito. Maria queria lhe contar sobre a recepção de herói que Kyritsis recebera na semana anterior, mas pôde ver que Fotini tinha notícias importantes. Mal havia passado da porta da casa de Maria quando começou a falar.

— Anna está grávida!

— Finalmente — disse Maria, sem saber se a notícia era boa ou ruim. — Meu pai já sabe?

— Decerto não, caso contrário teria comentado alguma coisa com você, não?

— Imagino que sim — respondeu Maria, pensativa. — Como soube?

— Por Antonis, claro. Parece que a fazenda inteira passou várias semanas especulando loucamente!

— Então me conte. Diga o que andam falando — pediu Maria, impaciente para saber os detalhes.

— Bem, há muitas semanas Anna não era vista do lado de fora da casa, e havia boatos sobre alguma doença, então na semana passada ela finalmente reapareceu em público... e tinha engordado visivelmente!

— Mas isso não quer necessariamente dizer que ela está grávida — comentou Maria.

— Ah, quer sim, porque eles já anunciaram. Está com três meses e meio.

Durante os primeiros meses da gravidez Anna fora torturada por enjoos. Todas as manhãs e ao longo do dia inteiro tinha ânsias e vomitava. Nada que comia parava em seu estômago e durante várias semanas o médico duvidou que o bebê pudesse sobreviver.

Nunca vira uma mulher tão doente, tão debilitada pela gravidez, e depois que os vômitos cessaram apareceu outro problema. Ela começou a ter hemorragias. A única forma de salvar aquele bebê seria repouso absoluto. No entanto, parecia que a criança estava determinada a vingar, e na décima quarta semana da gravidez tudo se normalizou. Para grande alívio de Andreas, Anna saiu da cama.

O rosto emaciado que um mês antes Anna via refletido no espelho agora estava novamente rechonchudo, e virando-se de lado ela podia notar uma perceptível barriguinha. Os casacos justos que eram sua marca registrada foram guardados no fundo do armário, e ela passou a usar roupas mais largas, debaixo das quais seu ventre ia crescendo devagar.

A notícia serviu de pretexto para celebrações por toda a fazenda. Andreas abriu as portas de sua adega e em um início de noite todos os funcionários foram beber os melhores vinhos dos anos anteriores à sombra das árvores em frente à casa. Manoli também compareceu, e sua voz era a mais alta entre as que brindavam à criança que estava por chegar.

Maria ficou escutando, incrédula, enquanto Fotini descrevia os acontecimentos recentes.

— Não acredito que ela não se dignou a visitar papai — comentou. — Ela só pensa nela mesma, não é? Será que devo contar a ele, ou esperar que ela conte?

— Se eu fosse você, contaria. Senão ele corre o risco de ficar sabendo por outra pessoa.

As duas amigas passaram algum tempo sentadas em silêncio. A chegada de um bebê normalmente era motivo de grande animação, sobretudo para as mulheres e os parentes próximos. Mas não dessa vez.

— Você acha que o filho é de Andreas? Maria havia acabado de dizer o indizível.

— Não sei. Meu palpite é que nem mesmo a própria Anna sabe, mas Antonis diz que há uma profusão de boatos. Todos ficaram felizes em beber à chegada do bebê com saúde, mas pelas costas de Andreas ainda há muito cochicho e especulação.

— Não é de espantar, é?

As duas moças conversaram mais um pouco. Aquela importante notícia familiar pusera de lado os outros acontecimentos, e desviara por algum tempo os pensamentos de Maria de Kyritsis e de seu comportamento galante na semana anterior. Pela primeira vez em muitos encontros Fotini reparou que não estava ouvindo a habitual conversa de Maria sobre o médico. “Dr. Kyritsis isso, dr. Kyritsis aquilo!”, dizia ela provocando a amiga, cujo rosto ficava da cor de uma papoula quando Fotini comentava sobre aquela obsessão crescente.

— Vou contar a papai sobre Anna assim que puder — disse Maria. — Vou falar como se fosse a melhor notícia do mundo, e dizer que ela estava passando mal demais para visitá-lo. De certa forma, isso é verdade.

Quando voltaram para o cais, Giorgis já havia desembarcado todas as caixas que tinha de entregar, e estava sentado na mureta debaixo da árvore, fumando um cigarro tranquilamente e admirando a vista.

Embora já tivesse sentado ali mil vezes, o tempo e a luz se combinavam para produzir uma imagem diferente a cada dia. Algumas vezes, as montanhas áridas que se erguiam atrás de Plaka eram azuis, outras, eram amarelo-claras e, ocasionalmente, eram cinzentas. Naquele dia, com as nuvens baixas que dominavam a paisagem, não era possível sequer vê-las. Trechos da superfície do mar eram agitados pelo vento, criando pontos de espuma leve que rodopiavam por cima d’água como vapor. O oceano estava disfarçado como um caldeirão de água fervente, mas na realidade estava frio como gelo.

O barulho da voz das mulheres o tirou de seu enleio, e ele se levantou para preparar o barco para partir. A filha apressou o passo.

— Papai, não saia correndo. Tenho notícias. Notícias muito boas — disse ela, fazendo o que podia para parecer empolgada. Giorgis parou o que estava fazendo. A única boa notícia que esperava na vida era que Maria um dia dissesse que estava voltando para casa. Era a única coisa no mundo pela qual ele rezava. — Anna está esperando neném — disse simplesmente.

— Anna? — respondeu ele, vagamente, como se quase tivesse esquecido quem era. — Anna — repetiu, fitando o chão. A verdade era que fazia mais de um ano que não via a filha mais velha. Desde o dia em que Maria partira para viver em Spinalonga, ela não fora visitá-lo uma vez sequer, e como Giorgis era persona non grata na residência dos Vandoulakis, não houve mais qualquer contato. No início, isso fora motivo de grande tristeza para ele, mas com o passar do tempo, embora soubesse que o laço paterno nunca fosse se romper, começou a esquecer a filha. De vez em quando, perguntava-se como duas meninas nascidas da mesma mãe e do mesmo pai, tratadas da mesma forma desde o primeiro dia de vida, podiam se transformar em pessoas tão diferentes, e esse fora seu único pensamento sobre Anna ultimamente.

— Que bom — falou, esforçando-se para dizer algo. — Para quando é?

— Achamos que é para agosto — respondeu Maria. — Por que não escreve para ela?

— Talvez escreva. Seria um bom pretexto para retomar contato. Que reação ele deveria ter ao saber da chegada iminente do primeiro neto? Já tinha visto vários amigos seus em um estado de grande animação ao se tornarem avôs. No ano anterior mesmo, Pavlos Angelopoulos havia festejado o nascimento do filho de Fotini com uma festa improvisada de bebedeira e danças, e parecia que a população inteira de Plaka havia ido até o bar para comemorar com ele. Giorgis não se imaginava levemente embriagado com tsikoudia para celebrar a chegada do bebê de Anna, mas a situação era pretexto para uma carta. Pediria a ajuda de Maria para escrevê-la mais para o final da semana, mas não havia pressa.

Dois dias depois, chegou a vez da visita de Kyritsis. Quando ia a Spinalonga, precisava acordar às cinco da manhã, e depois da longa viagem desde Iraklion os últimos quilômetros eram tomados pela pressa de sentir nos lábios o sabor do café forte. Podia imaginar Maria à sua espera, e naquele dia ensaiou em silêncio as palavras que iria lhe dizer. Em sua mente, via uma versão sua articulada e cheia de paixão, e ao mesmo tempo calma e dominada pela emoção, mas, ao descer do barco e deparar com o rosto da linda

mulher que amava, percebeu que não deveria se precipitar. Embora ela o encarasse com os olhos de uma amiga, falava-lhe com a voz de uma paciente, e, como seu médico, percebeu que seu sonho de lhe confessar o amor que sentia não passava disso. Um sonho. Transpor a barreira criada por seu trabalho estava fora de cogitação.

Atravessaram o túnel como sempre, mas dessa vez, para seu alívio, não havia ninguém para aplaudi-lo do outro lado. Como de costume, as xícaras estavam sobre a mesa, e Maria ganhara tempo preparando o café antes de sua chegada.

— As pessoas ainda estão comentando como você nos salvou — disse ela, tirando o bule de cima do fogão.

— É muita gentileza delas se mostrarem tão gratas, mas tenho certeza de que logo irão esquecer tudo isso. Só espero que esses agitadores fiquem longe daqui no futuro.

— Ah, acho que vão ficar. Fotini me disse que tudo aconteceu por causa do boato de que um menino fora até Iraklion fazer exames para ver se estava com lepra. Bem, ele e o pai voltaram no fim de semana passado. Tinham feito uma viagem para visitar a avó do garoto em Hania, e decidiram passar alguns dias lá. Ele não estava doente.

Enquanto escutava com atenção as palavras de Maria, Kyritsis decidiu manter seus sentimentos sob controle. Ter outra atitude seria um equívoco, seria abusar de sua posição.

— Tivemos alguns resultados animadores nos testes com medicamentos — disse, mudando de assunto. — Alguns dos pacientes estão de fato apresentando melhora.

— Eu sei — falou ela. — Dimitri Limonias é um desses pacientes, e nós conversamos ontem. Ele diz que já está sentindo uma mudança.

— Boa parte disso pode ser psicológica — disse Kyritsis. — Fazer esse tipo de tratamento tende a melhorar muito o moral do paciente. O dr. Lapakis está compilando uma lista de pessoas que vamos selecionar para o próximo grupo. No final, esperamos que quase todos os moradores de Spinalonga recebam o novo remédio.

Quis dizer que esperava que ela estivesse na lista. Quis dizer que todos aqueles anos de pesquisas e testes teriam valido a pena se ela

fosse salva. Quis dizer que a amava. Porém, nenhuma dessas palavras foi pronunciada.

Por mais que tivesse adorado ficar mais tempo na encantadora casinha de Maria, ele tinha que ir embora. Era difícil esperar mais sete dias para tornar a vê-la, mas não tolerava atrasos nem dele nem dos outros, e sabia o que o esperava no hospital. As quartas-feiras eram como um raio de sol na escuridão de uma semana exaustiva e sobrecarregada para o dr. Lapakis e para a dra. Manakis, e isso tornava a pontualidade de Kyritsis ainda mais importante. A sobrecarga de trabalho que recaía sobre os dois médicos com a administração dos novos remédios estava pondo à prova a resistência deles. Não somente precisavam tratar os pacientes em reação leprótica, mas também tinham agora pessoas que sofriam com os efeitos colaterais dos remédios. Em muitas noites, Lapakis só ia embora da ilha às dez horas, retornando às vezes às sete da manhã. Em breve Kyritsis teria de começar a pensar em aumentar a frequência de suas visitas a Spinalonga para duas ou até três vezes por semana.

Em duas semanas, o dr. Lapakis já dispunha da lista definitiva do próximo grupo de candidatos ao tratamento. Maria estava entre eles. Em uma quarta-feira de meados de março, quando as flores silvestres estavam começando a se espalhar pelas encostas do lado norte de Spinalonga e os brotos fechados das amendoeiras estavam despontando, Kyritsis foi procurá-la em casa. Eram seis da tarde, e ela ficou surpresa ao ouvir uma batida na porta. O espanto foi maior ainda quando viu o médico ali em pé, num horário em que ele em geral estaria correndo ao encontro de seu pai para começar a longa viagem de volta a Iraklion.

— Dr. Kyritsis. Entre... Posso lhe oferecer alguma coisa?

A luz vespertina cor de âmbar entrava pelas cortinas de renda. Era como se a aldeia lá fora estivesse em chamas e, pelo dr. Kyritsis, isso poderia muito bem estar realmente acontecendo. Para surpresa de Maria, ele segurou-lhe as duas mãos.

— Você vai começar o tratamento na semana que vem — disse, olhando-a bem nos olhos. — Um dia vai sair desta ilha — acrescentou com absoluta certeza.

Ele havia ensaiado muitas palavras, mas quando o momento chegou, declarou seu amor com um gesto silencioso. Para Maria, o toque dos dedos frios que seguraram os seus e apertaram-nos de leve foi mais íntimo e mais articulado do que quaisquer palavras de amor. A sensação de ganhar vida com a pele dele sobre a sua quase a deixou sem ar.

Durante todas aquelas horas de conversas que ela e Kyritsis passavam sentados, falando sobre coisas abstratas, ela percebia que, mesmo nos intervalos em que o silêncio predominava, sentia-se completa e feliz. Era exatamente a mesma sensação que tinha quando encontrava uma chave ou uma carteira perdidas. Depois de uma busca frenética, ao final da qual as encontrava, vinha-lhe uma sensação de paz e totalidade. Estar com o dr. Kyritsis era assim.

Não podia evitar compará-lo com Manoli, cuja falação exuberante e o comportamento sedutor fluíam de dentro dele sem limites, como a água de um cano furado. Em seu primeiro encontro na casa dos Vandoulakis, ele segurara suas mãos e as beijara como se estivesse perdidamente apaixonado. Sim, era exatamente isso: ela sabia com absoluta certeza que Manoli não estava perdidamente apaixonado por ela, mas sim pela ideia de estar perdidamente apaixonado. E ali estava Kyritsis, dando todos os indícios de não reconhecer seus sentimentos. Estivera ocupado e aflito demais com seu trabalho para reconhecer seus próprios sinais e sintomas.

Maria ergueu os olhos. Seus olhares e suas mãos estavam agora presos uns aos outros. A expressão dele transbordava gentileza e compaixão. Nenhum dos dois saberia dizer quanto tempo ficaram assim, embora tenha sido bastante tempo para uma época de suas vidas terminar e outra começar.

— Vejo você na semana que vem — disse Kyritsis por fim. — Até lá, espero que o dr. Lapakis já tenha lhe dado uma data para o início do seu tratamento. Até logo, Maria.

Enquanto o médico se afastava da casa, ela ficou olhando a silhueta magra que dobrava a esquina e desaparecia de seu campo de visão. Sentia que o conhecia desde sempre. Na verdade, fazia mais da metade de sua idade desde a primeira vez em que pousara os olhos nele, quando ele fora visitar Spinalonga nos dias anteriores

à ocupação alemã. Embora na época ele não a houvesse impressionado, ela achava difícil se lembrar de como era não amá-lo. O que existia antes naquele grande espaço que Kyritsis agora ocupava?

Apesar de nenhuma palavra de amor reconhecível ter sido trocada entre Maria e o médico, mesmo assim havia muita coisa para contar a Fotini. Quando esta chegou, na manhã de segunda-feira, viu que algo obviamente acontecera com sua amiga mais antiga. A amizade delas era do tipo capaz de detectar os mais sutis sinais de mudança de humor; a mais ínfima sugestão de infelicidade ou doença sempre se traía nos cabelos sem vida, na pele amarelada ou nos olhos sem o brilho costumeiro. As mulheres percebiam essas coisas umas nas outras, da mesma forma que percebiam um brilho nos olhos ou um sorriso mais demorado. Nesse dia, Maria estava radiante.

— Você parece que foi curada — brincou Fotini, pondo a bolsa em cima da mesa. — Vamos, conte. O que houve?

— O dr. Kyritsis... — começou Maria.

— Como se eu não pudesse ter adivinhado — provocou Fotini. — Continue...

— Na verdade não sei o que contar. Ele nem disse nada.

— Mas ele fez alguma coisa? — incentivou Fotini com o ardor de uma amiga ansiosa para saber os detalhes.

— Ele segurou minhas mãos, só isso, mas o gesto significou algo mais. Tenho certeza.

Maria tinha consciência de que o fato de se dar as mãos podia parecer insignificante para alguém que ainda fazia parte do mundo lá fora, mas mesmo em Creta certa formalidade entre homens e mulheres ainda era a norma entre os solteiros.

— Ele disse que eu logo iria começar o tratamento e que um dia talvez fosse sair desta ilha... e falou como se isso fosse importante para ele.

Esses fatos poderiam sugerir pequenos indícios de amor. Fotini nunca fora devidamente apresentada a Kyritsis, então quem era ela para julgar? Na sua frente, porém, tinha a visão da melhor amiga cheia de felicidade. Essa parte era bem real.

— O que as pessoas iriam pensar se soubessem que existe alguma coisa entre você e o doutor? — Fotini era prática. Sabia como os habitantes de cidades pequenas tinham a língua afiada, e Spinalonga não era diferente de Plaka, onde um relacionamento entre um médico e sua paciente teria alimentado as fofocas em frente às casas até de madrugada.

— Ninguém pode saber. Tenho certeza de que algumas pessoas o vêem saindo da minha casa nas quartas-feiras pela manhã, mas ninguém diz nada. Pelo menos não na minha frente.

Ela estava certa. Algumas pessoas de língua ferina haviam tentado espalhar o boato, mas Maria era muito querida na ilha, e as maledicências só surtiam efeito quando a pessoa era impopular. O que a preocupava mais do que tudo era o fato de as pessoas pensarem que ela estava tendo tratamento preferencial: o primeiro lugar na fila das injeções, por exemplo, ou algum outro tipo de vantagem, por mais insignificante que fosse, bastava para gerar inveja. Isso teria consequências ruins para Kyritsis, e ela estava decidida a garantir que nenhum tipo de crítica o atingisse. Pessoas como Katerina Papadimitriou, que havia se mostrado um tanto enxerida, tinham visto o médico sair de sua casa muitas vezes, e para alguém que queria controlar tudo à sua volta isso era preocupante. A mulher do chefe fizera o possível para arrancar de Maria os motivos das visitas de Kyritsis, mas esta se mostrava deliberadamente discreta. Tinha direito à privacidade. A outra fonte de problemas era Kristina Kroustalakis, arauto informal da cidade, cujas tentativas de desacreditar Maria de uma forma ou de outra haviam continuado sem descanso ao longo do último ano. Ela ia ao kafenion toda noite e sem nenhum indício concreto sugeria a todos que achava que Maria Petrakis não era digna de confiança.

— Ela está de caso com o médico especialista, sabiam? — dizia ela com um cochicho teatral. — Pode escrever o que estou dizendo: ela vai ficar curada e vai sair daqui antes de todos nós.

Aquilo a mantinha viva: a missão de gerar raiva e ressentimento. Havia tentado — sem sucesso — fazer o mesmo com a mãe de Maria; agora fazia o possível para desestabilizar a paz de espírito da filha. Maria, porém, era bastante forte para suportar esse tipo de

pressão, e estava suficientemente apaixonada pelo médico para que sua felicidade não fosse atingida.

O tratamento de Maria começou naquele mesmo mês. O avanço de seus sintomas desde a chegada na ilha fora lento, e as manchas insensíveis em sua pele só haviam aumentado bem pouco ao longo do último ano e meio. Ao contrário de muitos de seus companheiros na ilha, ela não tivera dormência na sola dos pés nem na palma das mãos, o que significava que era pouco provável que estivesse propensa a desenvolver as feridas e úlceras que haviam custado a tantos outros leprosos a capacidade de andar e de se virar sozinhos. Caso uma pedrinha afiada entrasse no seu sapato, ela logo sabia, e suas mãos ágeis se fechavam em volta das alças das grandes panelas que ela usava no “bloco” com a mesma agilidade de sempre. Isso a tornava uma das afortunadas, mas mesmo assim havia um alívio extraordinário na sensação de que finalmente algo estava sendo feito para combater a doença. Embora esta ainda não tivesse destruído seu corpo, já causara grandes danos à sua vida.



O sokoros, vento da primavera, soprava do norte e abria caminho entre as montanhas do golfo de Mirabello, onde batia no mar até transformá-lo em uma agitação toda branca. Enquanto isso, em terra firme, as árvores agora cheias de folhas em botão começavam a farfalhar. Era um som muito melhor do que o estalar de galhos secos e pelados. Agora, quase em maio, o sol brilhava com força a cada dia, colorindo toda a paisagem. O céu e as pedras monocromáticos haviam desaparecido, e o mundo ostentava seus azuis, dourados, verdes, amarelos e roxos. Até o início do verão, o canto dos pássaros era forte e exuberante, e então vinham os meses em que a natureza se imobilizava no ar parado e o cheiro das rosas

e dos hibiscos dominava tudo. Folhas e flores faziam força para brotar das árvores e das plantas adormecidas pelo inverno, e permaneciam perfeitas ao longo dos meses de junho e julho antes de se encarquilharem, queimadas e secas, sob o calor do sol.

O dr. Kyritsis continuava a visitar Maria em casa uma vez por semana. E eles continuavam a não dizer nada sobre o que sentiam um pelo outro, mas havia um quê de mágica em seu silêncio. Este tinha a fragilidade perfeita de uma bolha de sabão a caminho do céu, tão visível, tão multicolorida. No entanto, era melhor deixá-la em paz. Certo dia, Maria se pegou questionando o quanto sua mãe e seu pai haviam conversado sobre o amor. Imaginava que isso tivesse sido raro, e estava certa; durante seu casamento feliz, não parecera haver necessidade de falar de uma coisa tão certa, tão inequívoca.

Ao longo dos meses de verão, Maria, junto com mais da metade da população de Spinalonga, prosseguiu o tratamento com dapsona. Todos sabiam que isso não significava uma cura da noite para o dia — ou, como os mais sardônicos dentre eles diziam, “uma salvação das galés” —, mas pelo menos lhes dava esperança, e mesmo aqueles que ainda aguardavam o tratamento eram contagiados pelo otimismo. Porém, nem todos iam bem. Em julho, apenas duas semanas depois de iniciar o tratamento, Elpida Kontomaris entrou em reação leprótica. Os médicos não tinham certeza se aquilo era ou não consequência do tratamento, mas pararam de lhe aplicar as injeções na mesma hora, e fizeram o possível para aliviar sua agonia. Sua febre fugiu ao controle, e durante dez dias não caiu abaixo de quarenta graus e meio. Seu corpo estava então coberto de feridas ulceradas, e todos os nervos doíam; parecia não haver posição em que ela se sentisse confortável. Maria insistiu em visitá-la e contrariando todas as regras do hospital o dr. Lapakis permitiu que ela entrasse na pequena ala em que a velha senhora estava acamada, alternando soluços e transpiração.

Com os olhos semicerrados, ela reconheceu Maria.

— Maria — sussurrou com a voz rouca —, eles não podem fazer mais nada por mim.

— Seu corpo está lutando contra a doença. A senhora não pode desistir agora — instou Maria. — Especialmente agora! Pela primeira

vez eles estão confiantes de que encontraram uma cura.

— Não, escute — através de uma parede escaldante e incontrolável de dor, Elpida implorou a Maria. — Estou doente há tanto tempo. Agora só quero ir embora. Quero ficar com Petros... Por favor, diga a eles para me deixarem ir.

Sentada em uma velha cadeira de madeira ao lado da cama, Maria segurou a mão inerte de Elpida. Seria aquela, perguntou-se, a mesma morte que sua mãe havia suportado? A mesma violenta batalha na qual um corpo cansado se via atacado sem ter como se defender? Não estivera presente para se despedir da mãe, mas iria ficar com Elpida até o fim.

Em determinado momento durante aquela noite de calor Athina Manakis foi rendê-la.

— Vá descansar um pouco — disse. — Não vai lhe fazer nenhum bem ficar aqui a noite inteira sem comer nem beber nada. Eu fico com Elpida um pouco.

Àquela altura a respiração de Elpida já estava entrecortada. Pela primeira vez, parecia que ela não estava sentindo dor. Maria sabia que talvez ela não fosse durar muito, e não queria perder o instante de sua partida.

— Vou ficar — disse com firmeza. — Tenho que ficar.

A intuição de Maria estava certa. Pouco depois, na hora mais silenciosa da noite, entre os últimos instantes de atividade humana e os primeiros cantos dos pássaros, Elpida deu um último suspiro e se foi. Finalmente, libertou-se de seu corpo em frangalhos. Maria chorou até não lhe restarem mais lágrimas nem energia. Sua dor não era apenas pela velha senhora que lhe demonstrara tanta amizade desde sua chegada na ilha, mas pela própria mãe, cujos últimos dias talvez tivessem sido tão cruciantes quanto os de Elpida.

O funeral foi um evento que fez todos os habitantes da ilha descerem até a igreja de São Pantaleão. O padre encomendou o corpo na soleira da igreja, de modo que as cerca de cem pessoas do lado de fora, sob o calor inclemente do sol, pudessem compartilhar a missa com os que estavam apinhados no interior mais fresco. Quando os cânticos e as preces terminaram, o caixão coberto de flores foi carregado à frente de uma longa procissão, que subiu

lentamente a colina, passou pelo hospital e pelo “bloco” e deu a volta pelo lado desocupado da ilha, onde desciam rochas abruptamente em águas escuras como as do rio Styx. Alguns dos mais velhos percorriam o longo caminho montados em seus jumentos com sela de madeira; outros davam cada passo lenta e cuidadosamente, e chegaram ao cemitério muito depois de o caixão ter baixado à sepultura.

Era a última semana de julho, e a festa de São Pantaleão seria no dia 27. Parecia ao mesmo tempo uma hora boa e ruim para uma celebração daquela. Por um lado, com um dos moradores mais queridos da comunidade recém-falecido, o patrono da cura parecia não estar fazendo o seu trabalho. Por outro, muitos dos moradores de Spinalonga que vinham recebendo o tratamento à base de remédios estavam dando os primeiros sinais de recuperação. Para alguns, as lesões não pareciam mais estar se espalhando; para outros, à medida que o sangue voltava aos tecidos, a paralisia parecia se reverter. Pelo menos para uns poucos, a impressão era de que um milagre estava prestes a acontecer. A festa de São Pantaleão devia acontecer, mesmo que alguns achassem que todos devessem estar de luto pela perda da amiga.

Pães e doces especiais foram preparados de véspera, e no dia todos passaram pela igreja para acender suas velas e fazer uma prece. À noite houve danças e canto de matinades, e a falta de animação que caracterizara algumas festas recentes havia desaparecido. Quando o vento soprava na sua direção, os habitantes de Plaka às vezes escutavam os acordes da lira e do bouzouki carregados por cima da água.

— As pessoas precisam de um futuro — comentou Maria com Kyritsis quando estavam sentados à mesa de sua casa na semana seguinte. — Mesmo que não saibam ao certo o que esse futuro vai trazer.

— O que você tem escutado? — perguntou ele. Ela era seu canal de comunicação com o mundo real da colônia de leprosos.

— Ninguém ainda está falando em ir embora — disse ela. — Acho que todos sabemos que é apenas o começo. Mas a atmosfera

já mudou. Quem não começou o tratamento está ficando aflito. Todos sabem que faz diferença.

— Faz, sim. Pode parecer lento, mas eu prometo a você que realmente vai fazer diferença.

— Quanto tempo vai demorar? — perguntou ela. A pergunta sobre a duração do tratamento nunca havia sido de fato abordada.

— Mesmo depois que a doença não estiver mais ativa, vamos precisar continuar o tratamento por mais um ou dois anos, dependendo da gravidade do caso — respondeu ele.

Na escala temporal dessa doença milenar, a mais antiga que a humanidade conhecia, um ou dois anos era um piscar de olhos. Mas, olhando para Maria, Kyritsis percebeu que esse tempo lhe parecia uma eternidade. Para ela também, embora nenhum dos dois estivesse disposto a tocar no assunto.

Como se fosse para equilibrar a morte com um nascimento, no final de agosto chegou a notícia de que o bebê de Anna havia nascido. Em uma manhã de sexta-feira, Giorgis veio avisar Maria. Ainda não vira a criança, uma menina, mas Antonis fora correndo até Plaka na véspera para lhe contar. Não tinha sido um parto fácil. Anna passara algumas semanas doente no final da gestação, e o trabalho de parto fora difícil e demorado. Embora ainda estivesse fraca, o médico lhe garantiu que logo iria se recuperar e estar pronta para outro. Nada poderia ser mais distante de seus planos. O bebê, felizmente, tinha saúde e agora passava bem.

O nascimento de uma criança na família havia amainado a raiva que Alexandros Vandoulakis guardava de Giorgis Petrakis, e ele sentia que era um momento propício para uma reconciliação. O velho já ficara no ostracismo tempo suficiente. Dali a poucos dias, Giorgis recebeu um convite para comparecer ao batizado, que seria realizado na próxima semana, seguido por um lauto banquete e uma festa, coisa para a qual os cretenses precisavam de pouco pretexto. A chegada de um bebê na família Vandoulakis depois de quase uma década de espera era motivo de muitos agradecimentos e comemorações, tanto na família quanto na comunidade que a cercava. Ninguém gostava da ruptura da ordem que ocorria quando os proprietários da terra e geradores de emprego não produziam

herdeiros. Agora que Anna Vandoulakis dera à luz uma criança, ninguém duvidava de que iria gerar outra, e que da próxima vez seria um menino. Isso iria garantir, de uma vez por todas, a continuidade dos antigos arranjos na geração seguinte.

O batizado aconteceu na mesma igreja de Elounda onde Anna e Andreas haviam se casado, nove anos antes. Quanta coisa mudara desde então, pensou Giorgis, sentado em um banco de madeira dura nos fundos da igreja, enquanto esperava, ao lado de dúzias de outras pessoas, a chegada da filha e do genro com o bebê. Havia chegado o mais tarde possível, e agora sentava-se curvado dentro do casaco, querendo evitar conversa com os outros membros da família Vandoulakis, que não via havia quase dois anos. Alexandros e Eleftheria já estavam na frente da igreja quando ele chegou, e a seu lado estava Manoli, conversando animadamente com as pessoas na fila de trás, agitando as mãos enquanto contava alguma anedota que fazia seu público se esbaldar de rir. Estava mais bonito do que nunca, com os cabelos escuros um pouco mais compridos do que Giorgis se lembrava, e os dentes reluzindo de tão brancos em contraste com a pele bronzeada. Ele deve sentir falta de Maria, ponderou Giorgis, para ainda não ter encontrado outra moça com quem se casar. Então todos os presentes se levantaram. O padre havia entrado, e estava percorrendo a nave da igreja seguido por Andreas e Anna. Esta última carregava nos braços uma trouxa de renda branca.

Giorgis ficou impressionado com a aparência da filha. Esperava ver o fulgor da maternidade, mas, em vez disso, a silhueta que passou por ele estava praticamente emaciada. Pensou em como Eleni tinha ficado após o nascimento das duas filhas, e lembrou-se de como ela conservara uma robustez saudável, natural de alguém que passara tantos meses carregando um filho na barriga. Anna, porém, estava magra como um varapau e parecia bastante frágil. Fazia muito tempo que não a via, mas seu físico não era o que ele esperava. Andreas parecia igualzinho, pensou, um tanto rígido e reto, e como sempre muito consciente do lugar que ocupava no mundo.

O burburinho das conversas animadas cessou, e um silêncio abateu-se sobre os presentes, como se ninguém quisesse acordar o bebê. Embora ela não tivesse noção de nada a não ser do calor dos braços da mãe à sua volta, para a menina aquele era um momento importante. Antes de ser batizada, Sofia, como seria chamada, estava vulnerável ao “mau-olhado”, mas depois do ritual sua segurança espiritual estaria garantida.

Enquanto os convidados tornavam a se sentar, Manoli deu um passo à frente. Além do padre e da neném, ele era o personagem-chave do batizado: seria o nonos, o padrinho. Segundo a tradição de Creta, uma criança recebia um só padrinho, que era a pessoa mais importante na sua vida depois da mãe e do pai. Enquanto todos assistiam, escutavam as palavras do padre e viam as águas lavando os pecados inexistentes do bebê, criou-se o laço espiritual entre Manoli e Sofia. Ele recebeu a neném no colo e beijou-lhe a testa. Quando o fez, o aroma indescritivelmente delicioso de recém-nascido o envolveu. Nada lhe parecia mais natural do que amar aquele pequeno ser quase sem peso.

No último estágio do ritual, uma fita branca imaculada foi passada pelo padre em torno dos ombros de Manoli e amarrada para criar um círculo simbólico que incluía o homem e a menina. Manoli baixou os olhos para o lindo rostinho da neném e sorriu. Ela agora estava acordada, e seus olhos escuros e inocentes fitavam os dele com um olhar vago. No rosto dele, Sofia teria visto uma expressão de pura adoração, e ninguém duvidou por um só instante que ele iria amar e proteger para sempre a sua afilhada, sua preciosa filiotsa.

CAPÍTULO 21

Depois do batizado, Giorgis se demorou enquanto a multidão saía pelas grandes portas duplas da igreja em direção ao sol lá fora. Queria ver a neta de perto, mas também queria falar com a mãe da menina. Até então, Anna não sabia que o pai estava ali, mas, quando se virou para sair da igreja, reparou na sua presença e

acenou com entusiasmo por cima do mar de gente que agora passava na frente do velho, retomando as conversas iniciadas antes da celebração. Pareceu-lhe que a filha levou anos para chegar até onde ele estava.

— Pai — disse ela, animada. — Estou tão feliz por o senhor ter vindo.

Falou como se ele fosse um velho amigo, ou então algum parente distante com quem perdera contato havia muito tempo, mas com quem ficava bastante feliz em retomar relações.

— Se você está mesmo tão feliz por eu ter vindo, por que não vai me visitar há mais de um ano? Eu não fui a lugar nenhum — disse ele. — Só a Spinalonga — acrescentou, enfático.

— Desculpe, pai, mas eu não passei bem nem no início nem no final da gravidez, e esses meses de verão foram muito quentes e desconfortáveis.

De nada adiantava criticar Anna. Nunca adiantara. Ela sempre dava um jeito de reverter a crítica e fazer o acusador se sentir culpado; a insinceridade de seu comportamento não era nenhuma surpresa para Giorgis.

— Posso conhecer minha neta?

Manoli havia permanecido na parte da frente da igreja enquanto um grupo se reunia à sua volta para admirar a afilhada. Esta continuava presa a ele pela fita branca, e ele não parecia ter a menor intenção de soltá-la. Aquele jeito de segurá-la tão junto de si era adorável, mas era também um gesto de posse. Por fim, ele percorreu a nave na direção do homem que por pouco não se tornara seu sogro. Eles se cumprimentaram, e Giorgis examinou o pouco que podia ver de sua netinha, encoberta de várias camadas de renda, e novamente imersa em um sono profundo.

— Ela é linda, não é? — disse Manoli, sorrindo.

— Pelo pouco que posso ver, é sim — respondeu Giorgis.

— Igualzinha à mãe! — continuou Manoli, erguendo para Anna os olhos brincalhões.

Havia meses que ele não pensava em Maria, mas sentiu que devia perguntar por ela.

— Como vai Maria? — interrogou, com a voz suficientemente carregada de preocupação e interesse para enganar qualquer um que pudesse estar ouvindo, dando a entender que ainda se importava com ela. Era a pergunta que Anna deveria ter feito, e ela ficou parada esperando a resposta, imaginando se, no final das contas, Manoli ainda nutria sentimentos por sua irmã. Giorgis ficou felicíssimo em poder falar na caçula.

— Vai muito bem, e os sintomas na verdade não pioraram desde que ela se mudou para lá — respondeu. — Passa a maior parte do tempo ajudando os leprosos que não conseguem se virar sozinhos. Se precisam de auxílio com as compras ou com a comida, ela os ajuda, e também continua fazendo muitas coisas com seus remédios de ervas.

O que ele não mencionou foi que boa parte dos ilhéus agora estava sob tratamento. Não havia motivo para alarde, porque nem mesmo ele sabia o que aquilo significava realmente. Entendia que as injeções que recebiam conseguiam amenizar os sintomas, mas não sabia mais do que isso. Certamente, não acreditava em uma cura para a lepra. Era puro delírio imaginar que a doença mais antiga do mundo pudesse ser erradicada, e não iria alimentar tal sonho.

Quando ele terminou de falar, Andreas se aproximou.

— Kalispera, Giorgis. Como vai? — perguntou, um tanto formal. Trocaram as gentilezas de praxe, e então chegou a hora de todos saírem da igreja. Alexandros e Eleftheria Vandoulakis ficaram para trás. Ela ainda tinha vergonha do abismo que se fizera entre eles e Giorgis Petrakis, e no seu íntimo nutria muita pena do velho. Mas não tinha coragem de dizer isso em voz alta. Teria significado desafiar o marido, que sentia com mais intensidade do que nunca a humilhação e o estigma de ter uma ligação tão próxima com a colônia de leprosos.

A família foi a última a deixar a igreja. O padre barbudo, esplêndido em suas vestes vermelhas debruadas de dourado e seu alto chapéu preto, estava em pé, rindo, junto a um grupo de homens. Ao redor, mulheres usando vestidos floridos de cores vivas tagarelavam, e crianças corriam, esquivando-se dos adultos e dando gritinhos enquanto perseguiam umas às outras. Naquela noite

haveria uma festa, e a sensação de expectativa pairava no ar como uma corrente elétrica.

O muro de calor tremeluzente que acolheu Giorgis quando ele emergiu do frescor de mármore da igreja de Agios Grigorios deixou-o tonto. Ele piscou os olhos por causa do sol forte, e gotas de suor escorreram por seu rosto como lágrimas frias. A gola do casaco de lã pinicava-lhe o pescoço de forma desagradável. Será que deveria ficar no meio daquela multidão e festejar a noite inteira? Ou deveria voltar para a aldeia, onde a familiaridade de cada rua sinuosa e de cada porta da frente envelhecida o reconfortava? Estava quase saindo de fininho, sem ninguém notar, quando Anna surgiu a seu lado.

— Pai, o senhor precisa beber alguma coisa conosco. Eu faço questão — disse ela. — Se não vier, o bebê vai ter má sorte.

Giorgis acreditava tanto na influência do destino e na importância de tentar manter afastados os maus espíritos e seu poder maligno quanto acreditava em Deus e todos os santos, e como não queria causar nenhum mal àquele bebê inocente, não pôde recusar o convite da filha.

A festa já estava a todo vapor quando ele estacionou a caminhonete debaixo de um limoeiro ao lado da estrada comprida que conduzia à residência dos Vandoulakis. Na varanda do lado de fora, uma banda de música tocava. Os sons do alaúde, da lira, do bandolim e da gaita de foles cretense se misturavam, e embora a dança ainda não tivesse começado, a atmosfera era de grande animação. Uma longa mesa apoiada em cavaletes estava posta com fileiras de copos, e as pessoas se serviam de tonéis de vinho e pegavam pratos de meze, cubinhos de queijo feta, azeitonas carnudas e dolmades fresquinhos. Giorgis ficou parado durante algum tempo antes de se servir de um pouco de comida. Conhecia uma ou duas pessoas, e educadamente conversou com elas um pouco.

Quando a dança começou, quem quis entrou na roda, enquanto os outros assistiam em volta. De copo na mão, o velho ficou observando Manoli dançar. Sua silhueta esguia e seus passos enérgicos faziam dele o centro das atenções, bem como seu sorriso

e a forma como gritava instruções e palavras de incentivo. Na primeira dança, fez sua parceira rodopiar tanto que as pessoas que assistiam ficaram tontas. As batidas ritmadas dos tambores e o som pungente da lira tinham um poder encantatório, mas o que mantinha os espectadores fascinados era o espetáculo de alguém inteiramente tomado pelo compasso da música. Viam à sua frente um homem com a rara capacidade de viver intensamente o presente, e seu total despojamento lhes mostrava que ele não dava a mínima importância para o que os outros pensavam.

Giorgis percebeu a presença da filha a seu lado. Pôde sentir o calor de seu corpo mesmo antes de ver que ela estava ali, mas não havia motivo para dizer nada antes de a música silenciar. O barulho era intenso. Anna não parava de cruzar e descruzar os braços, e Giorgis podia sentir sua aflição. Parecia desesperada para dançar, e quando a música parou e algumas pessoas entraram na roda enquanto outras saíam, ela foi rapidamente tomar seu lugar. Ao lado de Manoli.

Uma nova música começou a tocar. Essa era mais lenta, mais formal, e os dançarinos mantinham a cabeça erguida e se balançavam para a frente e para trás, para a direita e para a esquerda. Giorgis passou alguns instantes assistindo. Quando viu Anna de relance no meio da floresta de braços e corpos girando, percebeu que ela havia relaxado. Estava sorrindo e fazendo comentários com seu par.

Com a filha entretida na dança, Giorgis aproveitou a oportunidade para ir embora. Muito depois de a sua pequena caminhonete ter descido aos solavancos a estrada de terra e entrado na estrada principal, ainda podia ouvir os acordes da música no ar. De volta a Plaka, parou no bar. Era ali que iria encontrar a companhia descontraída dos velhos amigos, e um lugar tranquilo para se sentar e refletir sobre o dia.

Não foi Giorgis quem descreveu o batizado a Maria no dia seguinte, mas sim Fotini, que escutara um relato detalhado da boca do irmão Antonis.

— Parece que ele mal largou a neném um minuto! — indignou-se Fotini, chocada com a audácia de Manoli.

— Você acha que isso incomodou Andreas?

— Por que deveria ter incomodado? — indagou Fotini. — Ele obviamente não desconfia de nada. De toda forma, assim ele ficou livre para circular com os amigos e os outros convidados. Você sabe como ele dá importância a tudo que tenha a ver com a fazenda... não há nada de que goste mais do que conversar sobre rendimento de colheitas e pesagem de azeitonas.

— Mas você não acha que Anna queria segurar a neném?

— Sinceramente, não acho que ela seja do tipo maternal. Quando Mattheos nasceu, eu não podia suportar que ele saísse do meu colo. Mas cada pessoa é diferente, e na verdade isso não parece incomodá-la.

— E imagino que Manoli tivesse a desculpa perfeita para monopolizar a criança. Todos esperam isso do padrinho — disse Maria. — Se Sofia for mesmo filha dele, esse vai ter sido o único dia de toda sua vida em que ele pôde dar a ela toda a atenção do mundo sem ninguém dizer nada.

Ambas se calaram por alguns instantes enquanto bebiam o café. Finalmente Maria falou:

— Você acha mesmo que Sofia é filha de Manoli?

— Não faço a mínima ideia — respondeu Fotini. — Mas ele com certeza se sente muito ligado à criança.

Andreas ficara encantado com o nascimento de Sofia, no entanto, ao longo dos meses seguintes passou a ficar nervoso em relação à mulher. Anna tinha um aspecto doentio e cansado, mas parecia se animar sempre que Manoli fazia uma visita. Na época do batizado, Andreas ainda não reparara na forte ligação entre a mulher e o primo, depois, porém, começou a questionar o tempo que Manoli passava em sua casa. A condição de parente e agora nonos de Sofia era uma coisa, já sua presença constante era outra. Andreas passou a observar como o humor de Anna mudava no instante em que Manoli ia embora, passando de frívolo a emburrado, de alegre a rabugento, e percebeu como seus mais calorosos sorrisos eram reservados para o primo. Tentava afastar essas ideias da cabeça, mas havia outras coisas que despertavam suas suspeitas. Certa tarde, ele voltou para casa e encontrou a cama desfeita. Isso

aconteceu várias outras vezes, e em duas ocasiões percebeu que os lençóis haviam apenas sido esticados rapidamente.

— Qual o problema com a empregada? — perguntou. — Se ela estiver deixando de cumprir as obrigações, temos que mandá-la embora.

Anna prometeu conversar com ela e durante algum tempo não houve mais motivos para reclamação.



A vida em Spinalonga continuava a mesma. O dr. Lapakis ia e vinha diariamente e o dr. Kyritsis recebeu autorização do hospital de Iraklion para aumentar suas visitas de uma para três vezes por semana. Em um fim de tarde de outono, durante a travessia de Spinalonga a Plaka, algo chamou sua atenção. Já havia anoitecido; o sol caíra por trás das montanhas, privando toda a linha costeira de luz e mergulhando-a em uma escuridão quase completa. Quando olhou para trás, porém, viu que Spinalonga continuava banhada pela luz dourada dos últimos raios de sol. Kyritsis pensou que aquilo parecia ser o correto.

Era Plaka que exibia muitas das características que se poderia esperar de uma ilha — insular, fechada e imune ao mundo exterior —, enquanto Spinalonga era cheia de vida e energia. Seu jornal, a Estrela de Spinalonga, ainda editado por Yiannis Solomonidis, tinha resumos das notícias internacionais, bem como comentários e artigos de opinião. Havia também críticas de filmes que seriam exibidos nos meses seguintes e trechos de escritos de Nikos Kazantzakis. Seu romance visionário, Liberdade e morte, era publicado na forma de folhetim, e os habitantes da colônia devoravam cada palavra, esperando a cada semana pelo capítulo seguinte, que depois discutiam no kafenion. Quando o escritor

cretense recebeu o Prêmio Mundial da Paz em junho daquele ano, o jornal chegou até a reproduzir seu discurso de aceitação. “Se não quisermos permitir que o mundo mergulhe no caos, devemos libertar o amor preso no coração de todos os seres humanos”, dissera Kazantzakis. As palavras repercutiram entre os leitores de Spinalonga, que tinham profunda consciência da destruição e do sofrimento, tanto na Grécia quanto mais além, dos quais haviam sido protegidos pelo fato de terem estado presos na ilha por tanto tempo. Muitos acolhiam com alegria a oportunidade de exercitar o intelecto, e passavam horas sentados debatendo as últimas declarações daquele portento literário e político, bem como de outros autores contemporâneos. Vários dos atenienses recebiam mensalmente pacotes de livros para aumentar a já considerável biblioteca da ilha, que todos podiam usar de graça. Talvez porque sonhassem em ir embora, estivessem sempre olhando para fora, para longe do lugar onde viviam.

À noite, o kafenion e a taberna ficavam abarrotados de gente, e agora havia até um concorrente: uma segunda taberna, menor. Os lotes cultivados na parte de trás da ilha pareciam que iriam dar boas colheitas naquele verão, e havia muito a comprar e vender no mercado, duas vezes por semana. A ilha nunca estivera tão próspera; nem mesmo quando os turcos haviam construído as primeiras casas as condições eram tão favoráveis.

De vez em quando, Maria se permitia um breve desabafo com Fotini.

— Quase chega a ser mais aflitivo agora que sei que temos uma chance de cura — dizia, apertando as mãos. — Será que podemos sonhar, ou devemos simplesmente nos contentar com o presente?

— Contentar-se com o presente não faz mal nenhum — dizia Fotini.

Maria sabia que a amiga estava certa. Não tinha nada a perder, e o aqui e agora já era suficiente. No entanto, o que a angustiava era a consequência que a própria cura teria em sua vida.

— O que aconteceria então? — perguntou ela.

— Você voltaria para morar conosco em Plaka, não é? Assim como antes.

Fotini parecia não estar entendendo o problema. Maria baixou os olhos para as próprias mãos, em seguida olhou para a amiga que enquanto conversava arrematava um casaquinho de bebê com uma borda de crochê. Estava grávida outra vez.

— Mas se eu não morasse mais em Spinalonga nunca mais veria o dr. Kyritsis — disse ela.

— É claro que veria. Se você não morasse mais aqui, ele não seria mais seu médico, e as coisas talvez fossem diferentes.

— Eu sei que você tem razão, mas isso me dá muito medo — confessou Maria. Apontou para o jornal em cima da mesa, aberto no capítulo da semana do folhetim do livro de Kazantzakis. — Está vendo isto aqui — disse. — Liberdade e morte. Isso resume exatamente a minha situação. Posso conseguir minha liberdade, mas quando isso acontecer vai ser como a morte se eu não puder mais ver o dr. Kyritsis.

— Ele ainda não disse nada a você?

— Não, nada — confirmou Maria.

— Mas ele vem visitá-la toda semana. Isso já não diz o bastante?

— Não exatamente — disse Maria, ríspida. — Mas eu entendo por que ele não pode dizer nada. Não seria a coisa certa a fazer.



Quando se encontrava com Kyritsis, Maria não deixava transparecer nenhuma ansiedade. Em vez disso, usava o tempo que estavam juntos para pedir conselhos em relação aos casos dos quais cuidava no “bloco”. Eram pessoas carentes de alívio imediato das dores e dos desconfortos que suportavam diariamente. Alguns dos seus problemas eram irreversíveis, mas outros podiam ser amenizados com a fisioterapia correta. Maria queria ter certeza de estar lhes dando as dicas certas sobre exercícios, pois alguns desses

doentes raramente viam um médico. Entregou-se ao trabalho com mais paixão do que nunca. Não iria ficar pensando no que considerava uma possibilidade remota — ir embora de Spinalonga. A repatriação provocaria sentimentos muito contraditórios, não apenas para ela, mas para muitos outros. Para eles, Spinalonga era uma rede de segurança, e a ideia de sair da ilha trazia ao mesmo tempo alegria e tristeza. Mesmo quando já não pudessem transmitir a doença, muitos deles continuariam a carregar as cicatrizes, a pele de pigmentação estranha, as mãos retorcidas, os pés deformados. A reabilitação desses casos exigiria o trabalho de mais uma vida inteira.

Sem que ela soubesse, os médicos estavam testando e retestando os primeiros pacientes que tinham começado o tratamento havia pouco mais de um ano. Cinco deles pareciam estar inteiramente livres do bacilo. Um desses era Dimitri Limonias; outro era Theodoros Makridakis. Durante todos aqueles anos, desde que Papadimitriou o havia derrotado na eleição para líder, Makridakis mantivera sua oposição política aos atenienses, que sem nenhum esforço haviam se tornado a classe dominante. Agora corpulento e grisalho, ainda se candidatava às eleições mas, a cada ano, à medida que se fortalecia o apoio a Papadimitriou, o número de eleitores de Makridakis diminuía. Este pouco se importava. Por que deveria se importar? As condições de vida de todos haviam melhorado de forma exponencial desde que chegara na ilha tantos anos antes, e ele sabia tão bem quanto todos que isso se devia em grande parte a seus amigos atenienses. Sua animosidade contra eles diminuía muito com o passar do tempo, e ele só sustentava a oposição para manter vivos os debates no kafenion.

Ao final de um longo e árduo dia, Kyritsis e Lapakis sentaram-se para verificar alguns resultados dos testes. Uma coisa se tornara muito evidente.

— Você sabe que logo poderemos deixar esses pacientes partirem, não sabe? — perguntou Kyritsis, exibindo um raro sorriso.

— Sei — respondeu Lapakis. — Mas antes precisamos da aprovação do governo, e talvez haja relutância em dá-la.

— Vou solicitar que sejam liberados contanto que continuem o tratamento por mais alguns meses, e que sejam acompanhados durante um ano depois disso.

— Concordo. Depois de conseguirmos a autorização do governo, podemos avisar aos pacientes, mas não antes.

Semanas se passaram antes de uma carta chegar. Nela estava escrito que os pacientes tinham de apresentar testes negativos durante um ano antes de poderem sair da ilha. Kyritsis ficou decepcionado com o atraso que isso causaria, mas, apesar disso, o objetivo que tinha em mente parecia agora estar ao seu alcance. Ao longo dos meses seguintes, os testes continuaram negativos, e parecia que a primeira dúzia de pacientes poderia ir embora já no Natal.

— Já podemos contar a eles? — indagou Lapakis certo dia pela manhã. — Alguns não param de perguntar, e é difícil ficar se esquivando.

— Sim, acho que chegou a hora. Acredito que agora não haja mais perigo de recaída em nenhum desses casos.

Os primeiros pacientes receberam a notícia de sua liberação com lágrimas de alegria. Embora houvessem prometido manter a boa-nova em segredo durante alguns dias, nem Lapakis nem Kyritsis imaginaram por um só instante que seriam capazes de fazê-lo.

Às quatro da tarde, Dimitri chegou e sentou-se para esperar sua vez. A paciente antes dele, funcionária da padaria, saiu do consultório com o rosto molhado de lágrimas, enxugando as faces marcadas com um grande lenço branco. Deve ter recebido notícias ruins, pensou o rapaz. Quando passavam dois minutos das quatro, Kyritsis pôs a cabeça pela porta e chamou-o.

— Sente-se, Dimitri — disse o médico. — Temos notícias para você.

Lapakis inclinou-se para a frente, radiante.

— Recebemos permissão para liberá-lo da colônia.

Dimitri sabia o que deveria sentir, mas parecia que a dormência que costumava lhe afetar as mãos havia voltado e, dessa vez, tomado conta de sua língua. Ele pouco se lembrava da vida anterior a Spinalonga. Ali era sua casa, e os colonos eram sua família. Seus

parentes de verdade tinham deixado de se comunicar com ele havia muito tempo, e não teria ideia de como encontrá-los agora. Um dos lados de seu rosto ficara muito desfigurado, o que ali não era problema, mas no mundo exterior iria chamar atenção. O que faria se fosse embora, e quem iria lecionar na escola?

Sua cabeça girava com uma centena de perguntas e dúvidas, e alguns minutos se passaram antes de ele conseguir falar.

— Prefiro ficar aqui enquanto puder ser útil — disse a Kyritsis — a deixar tudo isto para trás e partir rumo ao desconhecido.

Ele não era o único que relutava em partir. Outros também temiam que o legado visível da doença fosse acompanhá-los para sempre e torná-los diferentes dos outros, e precisavam de garantias de que conseguiriam se reintegrar. Era como ser novamente uma cobaia.

Apesar das reticências desses poucos, aquela era uma ocasião importantíssima na história da ilha. Durante mais de cinquenta anos leprosos só chegavam, nunca partiram, e houve ações de graças na igreja e celebrações no kafenion. Theodoros Makridakis e Panos Sklavounis, o ateniense que havia montado o bem-sucedido cinema, foram os primeiros a ir embora. Um pequeno grupo se reuniu na entrada do túnel para as despedidas, e ambos tentavam conter as lágrimas, sem muito sucesso. Sentimentos misturados se digladiavam dentro deles enquanto apertavam as mãos de homens e mulheres, amigos e companheiros de tantos anos. Enquanto subiam no barco de Giorgis para partir do mundo conhecido rumo ao desconhecido, nenhum dos dois sabia o que lhes reservava a vida do outro lado daquela estreita faixa de água. Iriam juntos até Iraklion, onde Makridakis tentaria recuperar o que restava de sua vida anterior, enquanto Sklavounis pegaria o barco até Atenas, já sabendo que sua carreira anterior de comediante não poderia ser retomada. Não com o aspecto que tinha agora. Ambos segurariam com força os certificados médicos que confirmavam estarem “limpos”; ao longo das semanas seguintes, haveria muitas ocasiões em que seriam obrigados a mostrá-los para confirmar oficialmente estarem livres da doença.

Meses mais tarde, Giorgis levou a Spinalonga cartas dos dois homens. Ambos descreviam a grande dificuldade de tentar se encaixar novamente na sociedade, e contavam que eram tratados como párias por qualquer um que os identificasse como antigos moradores de uma colônia de leprosos. Suas histórias não eram animadoras, e Papadimitriou, a quem as cartas estavam endereçadas, não as compartilhou com ninguém. Outras pessoas do primeiro grupo de tratamento também já tinham partido. Eram todas cretenses, e haviam sido bem recebidas pelas famílias e encontrado novos trabalhos.

O ritmo de recuperação prosseguiu ao longo do ano seguinte. Os médicos mantinham registros meticulosos da data do primeiro tratamento de cada pessoa e de quantos meses fazia que os testes davam negativo.

— No final deste ano vamos estar desempregados — disse o sardônico Lapakis.

— Nunca pensei que o desemprego seria meu objetivo de vida — respondeu Athina Manakis —, mas agora é.

Ao final da primavera, à exceção de uns poucos casos, cuja reação ao tratamento fora tão ruim que este tivera de ser interrompido, e de alguns outros que não haviam apresentado nenhuma resposta, estava claro que o verão poderia trazer uma liberação generalizada. Em julho, os médicos e Nikos Papadimitriou já estavam discutindo como aquilo tudo deveria ser planejado.

Giorgis, que transportara de Spinalonga aquela primeira leva de homens e mulheres curados, agora contava os dias para Maria poder subir novamente em seu barco. O impossível havia se tornado realidade, e no entanto ele temia algum empecilho, algum imprevisto no qual ninguém ainda houvesse pensado.

Ele guardou segredo tanto em relação à expectativa quanto às suas aflições, e muitas vezes precisou morder a língua ao escutar as conversas habitualmente descuidadas no bar.

— Bom, eu pelo menos não vou hastear bandeira nenhuma para recebê-los de volta — disse um pescador.

— Ah, vamos — retrucou outro. — Tenha um pouco de compaixão.

Aqueles que sempre haviam se mostrado mais abertamente ressentidos em relação à colônia de leprosos lembraram-se, não sem uma certa vergonha, da noite em que os planos de destruir a ilha quase haviam sido levados a cabo.

Certo dia, ao entardecer, o chefe da ilha e os três médicos conversavam no escritório de Lapakis sobre como a data de partida deveria ser marcada.

— Quero que o mundo inteiro saiba que estamos indo embora porque estamos curados — disse Papadimitriou. — Se as pessoas saírem em grupos de duas ou três e desaparecerem na noite, isso vai passar a mensagem errada para todos do outro lado do canal. “Por que estão saindo de fininho?”, eles vão pensar. Quero que todos saibam a verdade.

— Mas como sugere que façamos isso? — perguntou Kyritsis, baixinho.

— Acho que todos deveríamos ir embora juntos. Quero uma celebração. Quero uma festa de ação de graças do outro lado. Não acho que seja pedir demais.

— Precisamos pensar nos que não se curaram — disse Manakis. — Eles não têm nada para comemorar.

— Os pacientes que deverão fazer um tratamento mais prolongado — disse Kyritsis, diplomático — também vão sair da ilha, ou assim esperamos.

— Como assim? — perguntou Papadimitriou.

— Estou esperando autorização para que eles sejam transferidos para um hospital em Atenas — respondeu o médico. — Lá receberão melhores cuidados e, de toda forma, o governo não vai mais financiar Spinalonga quando houver só umas poucas pessoas aqui.

— Nesse caso — disse Lapakis —, permitam-me sugerir que os doentes saiam da ilha antes dos que estiverem curados. Acho que assim seria mais fácil para eles.

Todos concordaram. Papadimitriou teria sua demonstração pública daquela nova liberdade, e aqueles que ainda esperavam pela cura seriam transferidos com muito tato para o hospital Santa Bárbara, em Atenas. Tudo que restava agora era organizar a festa. Os preparativos iriam demorar várias semanas, mas a data foi logo

marcada. Seria no dia 25 de agosto, festa de Agios Titos, patrono de toda Creta. A única pessoa a ter alguma reticência em relação ao fato de os dias de Spinalonga como colônia de leprosos estarem contados era Kyritsis. Poderia nunca mais tornar a ver Maria.

1957

CAPÍTULO 22

Como teriam feito em qualquer ano normal, os moradores de Plaka estavam em plenos preparativos para o dia da festa do santo. Mas aquele ano seria diferente. Iriam compartilhar a celebração com os habitantes de Spinalonga, seus vizinhos próximos que durante tantos anos existiram apenas na sua imaginação. Para alguns, significaria receber de volta amigos quase esquecidos; para outros, enfrentar seus mais arraigados preconceitos e tentar superá-los. Iriam sentar-se à mesa e compartilhar o pão com os vizinhos até então nunca vistos.

Giorgis era uma das poucas pessoas que tinham conhecido a realidade da colônia. Muitos outros em Creta haviam se beneficiado durante anos das vantagens financeiras de ter uma instituição como aquela do outro lado do canal, fornecendo grande parte das mercadorias consumidas lá, e para estes a ideia do fechamento da ilha significava perda de trabalho. Outros admitiam que sentiam certo alívio ao pensar no fim de Spinalonga. A simples existência daquela quantidade de homens e mulheres doentes na ilha sempre os havia preocupado, e apesar de saberem que a doença era menos contagiosa do que muitas outras, ainda a temiam como temeriam a peste bubônica. As pessoas não conseguiam colocar na cabeça o fato de que a lepra agora tinha cura.

Havia os que esperavam ansiosos a chegada dos convidados daquela noite histórica. A mãe de Fotini, Savina Angelopoulos, ainda guardava com carinho as lembranças da amiga Eleni, cuja perda lamentara por tantos anos, e ver Maria livre novamente lhe traria imensa alegria. Significaria uma só tragédia, não duas. Tirando Giorgis, a mais feliz era Fotini. Iria reencontrar a melhor amiga, e não precisariam mais se ver na semi-escuridão da casa de Maria, em Spinalonga. Agora poderiam sentar na varanda clara do restaurante

para conversar sobre os acontecimentos do dia enquanto o sol se punha e a lua surgia no céu.

No calor úmido daquela tarde de agosto, na cozinha da taberna, Stephanos preparava, em grandes panelas de metal, guisado de carneiro, peixe-espada e pilaff de arroz, enquanto a zakaroplastion, a confeitaria, assava tabuleiros de baklava e katefi adoçados com mel. A julgar pela quantidade de comida, aquela seria a maior festa já realizada ali.

Vangelis Lidaki adorava ocasiões assim. Gostava da animação provocada por um dia tão fora da rotina, e sabia também o que aquilo devia significar para Giorgis, um de seus clientes mais assíduos, embora o menos falante. Ocorreu-lhe também que alguns dos habitantes de Spinalonga poderiam morar em Plaka, aumentando assim a população e a sua clientela. Para Lidaki, o sucesso se media pela quantidade de garrafas vazias de cerveja e raki balançando em seus velhos engradados no fim de cada dia, e ele esperava que o movimento aumentasse.

Entre os leprosos, os sentimentos eram tão diversos quanto os de quem estava se preparando para recebê-los. Alguns integrantes da colônia não ousavam admitir, nem para eles mesmos, que a partida lhes dava tanto medo quanto a chegada. A ilha lhes proporcionara uma segurança inimaginável, e muitos temiam perder isso. Alguns dos ilhéus, mesmo sem terem uma só marca, uma só cicatriz para indicar que tinham sido leprosos, sentiam-se angustiados ao pensar que jamais conseguiriam levar uma vida normal. Dimitri não era o único entre os mais jovens a não se lembrar de nenhum outro lugar que não fosse Spinalonga. Aquele sempre fora seu mundo, e o lado de fora parecia tão irreal quanto as imagens de um livro. Até mesmo a aldeia que viam todos os dias do outro lado parecia não passar de uma miragem.

Maria não tinha dificuldade para se lembrar da vida em Plaka, embora tivesse a impressão de que o passado que recordava pertencia a outra pessoa, não a ela. Qual seria o futuro de uma mulher que passara boa parte da casa dos vinte anos como leprosa e que, do outro lado, seria considerada solteirona? Tudo que

conseguia ver ao fitar as águas permanentemente agitadas e onduladas era a incerteza da situação.

Algumas pessoas em Spinalonga passaram o mês anterior à partida empacotando cuidadosamente cada um de seus pertences. Muitas tinham recebido respostas calorosas das famílias ao escreverem para dar a boa notícia, e esperavam uma acolhida carinhosa. Sabiam que teriam um lugar onde desempacotar as roupas, a louça, as panelas e os preciosos tapetes. Outras ignoravam o que iria acontecer, prosseguindo na rotina do dia a dia até o último minuto como se esta nunca fosse mudar. Foi um agosto mais quente do que qualquer outro, com um vento meltemi feroz que achatava as rosas e fazia as roupas voarem dos varais como gigantescas gaivotas brancas. Durante a tarde, tudo que se podia ouvir era o vento. Ele continuava a bater nas portas e chacoalhar janelas enquanto as pessoas dormiam em quartos fechados para escapar do calor do sol.

Chegou o dia da partida e, estivessem preparados ou não, era hora de ir embora. Dessa vez, Giorgis não foi o único a ir até a ilha: meia dúzia de outros pescadores da aldeia, finalmente confiantes de que não tinham nada a temer, foram ajudar a transportar os habitantes de Spinalonga com todos os seus pertences. À uma da tarde de 25 de agosto uma pequena flotilha pôde ser vista se aproximando, vinda de Plaka.

Na véspera, houvera uma última missa na igrejinha de São Pantaleão, mas muitos dias antes disso as pessoas já haviam começado a passar por lá para acender velas e murmurar suas preces. Iam dar graças, e enquanto respiravam fundo para acalmar o nervosismo, inalando o cheiro forte e espesso das velas que tremeluziam a seu redor, rezavam a Deus para lhes dar coragem de enfrentar o que quer que lhes trouxesse o mundo do outro lado daquela fina faixa de água.

Os mais velhos e os que ainda estavam doentes tiveram ajuda para subir a bordo primeiro. Os jumentos trabalharam muito nesse dia, indo e vindo pelo túnel carregados e puxando carroças com pilhas de caixas. Uma imensa montanha de objetos se ergueu no cais, transformando um sonho antigo na realidade tangível da

partida. Somente agora alguns acreditavam realmente que aquela velha vida estava terminada e que uma nova iria começar. Enquanto atravessavam o túnel, imaginavam ouvir a batida do próprio coração ecoando nas paredes.

Kyritsis estava a postos no cais de Plaka, assegurando-se de que os ainda doentes, que seriam levados de volta a Atenas para prosseguir o tratamento, fossem tratados com cuidado.

Lapakis e Maria estavam entre as últimas pessoas a deixarem a ilha. O médico tivera de arrumar o restante da papelada, e pusera todas as pastas de que precisava dentro de uma caixa. Aqueles dossiês médicos eram a garantia de saúde de seus pacientes, e ficariam sob seus cuidados até todos terem feito a travessia. Somente então iria distribuí-los. Seriam o passaporte para a liberdade dos ex-habitantes da ilha.

Ao percorrer pela última vez o pequeno beco que saía de sua casa, Maria ergueu os olhos para o hospital. Pôde ver Lapakis descendo a rua, lutando com suas caixas volumosas, e apressou-se para ajudá-lo. A toda volta havia sinais de uma partida apressada.

Até o último minuto, algumas pessoas se recusavam a acreditar que estavam de fato indo embora. Alguém se esquecera de prender uma janela, e esta agora batia por causa do vento; várias persianas voavam e se agitavam à sua volta como as velas de um barco. No kafenion, xícaras e pires estavam abandonados sobre a mesa, e na sala de aula da escola um livro jazia aberto sobre uma carteira. Fórmulas algébricas ainda estavam escritas a giz no quadro-negro. Em uma das lojas, uma fileira de latas continuava na prateleira como se o dono tivesse imaginado que fosse reabrir algum dia. Gerânios brilhantes plantados em antigos tonéis de azeite já estavam murchando. Ninguém iria regá-los naquela noite.

— Não se preocupe comigo, Maria — disse o médico, corado. — Você já está com muita coisa na cabeça.

— Não, deixe-me ajudá-lo. Não há mais motivo para o senhor se esfaltar por nossa causa — disse, pegando uma das caixas de pastas menores. — Estamos todos saudáveis agora, não é?

— A senhorita certamente está — respondeu ele. — E alguns de vocês vão poder ir embora e esquecer tudo isso.

Assim que terminou de falar, Lapakis percebeu como aquilo devia ter soado insensível, e ficou envergonhado pela própria dureza. Esforçou-se para encontrar palavras que talvez pudessem confortá-la.

— Um novo começo. Foi isso que eu quis dizer... A senhorita vai poder começar de novo.

Lapakis não saberia, mas um novo começo era exatamente o oposto do que Maria queria. Isso dava a entender que tudo na sua antiga vida na ilha seria apagado. Como ele iria saber que a coisa mais preciosa de todas era algo que ela só poderia ter encontrado no exílio daquela ilha e que, longe de querer deixar tudo de sua vida em Spinalonga para trás, queria era levar o melhor consigo?

Com uma última olhada para a rua principal, uma intensa onda de nostalgia quase a fez desmaiar. As lembranças foram se sucedendo em sua mente, sobrepondo-se, colidindo. As valiosas amizades que fizera, a camaradagem dos dias de lavar roupa, a alegria das festas, o prazer de assistir aos filmes mais recentes, a satisfação de ajudar os que de fato precisavam dela, o medo inexplicável quando debates acalorados irrompiam no kafenion, em geral entre os atenienses e quase sempre sobre assuntos que pareciam ter pouca relevância para sua vida cotidiana. Era como se o tempo não tivesse passado entre o instante em que pisara ali pela primeira vez e agora. Quatro anos antes, sentia um ódio tremendo por Spinalonga. Na época, a morte lhe parecera preferível a uma pena perpétua de prisão naquela ilha, mas agora ali estava, momentaneamente reticente em relação a partir. Dali a poucos segundos, uma nova vida iria começar, e ela não sabia o que esta poderia lhe trazer.

Lapakis leu tudo isso no rosto de Maria. Para ele a vida também traria incertezas, agora que o trabalho em Spinalonga havia terminado. Iria a Atenas passar algum tempo com os leprosos que ficariam internados no hospital Santa Bárbara e ainda precisavam de tratamento, mas depois disso seu futuro era tão incerto quanto um mapa da lua.

— Vamos — disse ele. — Acho que devemos ir. Seu pai está nos esperando.

Ambos então se viraram e atravessaram o túnel. O som dos passos ecoou em volta. Giorgis esperava do outro lado. Sentado na mureta à sombra de um pé de mimosa, ele tragava um cigarro com força, enquanto esperava a filha emergir do túnel. Tinha a impressão de que ela nunca iria aparecer. Com exceção de Maria e Lapakis, a ilha estava vazia. Até mesmo os jumentos, as cabras e os gatos foram levados para o outro lado, em uma cena que lembrava a Arca de Noé. O penúltimo barco partira dez minutos antes, e o cais agora estava deserto. Ali perto, uma pequena caixa de metal, uma pilha de cartas e um maço de cigarros ainda cheio haviam caído no chão, todos testemunhas da partida apressada do último grupo. Quem sabe houve algum problema, pensou Giorgis em pânico. Talvez Maria no final das contas não fosse partir. Talvez o doutor não houvesse assinado seus documentos.

Na hora em que esses pensamentos incontroláveis começaram a ficar desconfortáveis, Maria emergiu do semicírculo negro do túnel e correu em sua direção, de braços abertos, com as hesitações e as dúvidas sobre deixar a ilha esquecidas naquele abraço com o pai. Sem dizer nada, Giorgis se deliciava com a sensação dos cabelos sedosos dela contra sua pele áspera.

— Vamos, então? — perguntou Maria por fim.

Seus pertences já estavam no barco. Lapakis embarcou primeiro e virou-se para segurar a mão de Maria. Ela pôs um pé dentro do barco. Por uma fração de segundo o outro permaneceu em terra firme, e então ela o ergueu. Sua vida em Spinalonga havia terminado.

Giorgis desamarrou o velho barco do atracadouro e empurrou-o para longe do cais. Com uma agilidade notável para um homem de sua idade, pulou a bordo e virou a embarcação, que logo começou a tomar o rumo, afastando-se da ilha. Os passageiros estavam virados para a dianteira do barco. Fitavam a forma pontuda da proa que, como uma flecha, avançava depressa em direção a seu destino. Giorgis não perdia tempo. Ainda conseguia distinguir Spinalonga com demasiada nitidez. As formas escuras das janelas fitavam-no como olhos ocos e cegos, e seu vazio insuportável o fez pensar em todos os leprosos que haviam terminado seus dias acometidos de

cegueira. De repente, teve uma visão de Eleni, exatamente como da última vez em que a vira, em pé ali naquele cais, e por um instante a alegria de ter a filha a seu lado foi esquecida.

Em poucos minutos chegariam do outro lado do canal. O pequeno porto de Plaka estava apinhado de gente. Muitos dos ex-colonos foram recebidos por parentes e amigos; outros simplesmente se abraçavam enquanto pisavam em sua terra natal pela primeira vez depois de muito tempo, tempo que para alguns chegava a vinte e cinco anos. O grupo mais ruidoso era o dos atenienses. Alguns de seus amigos e até colegas de trabalho tinham feito a longa viagem desde sua cidade para celebrar aquele dia memorável. Naquela noite não haveria tempo para dormir, e pela manhã todos tomariam o caminho até Iraklion para iniciar a volta a Atenas. Por ora, iam ensinar uma ou duas coisas a Plaka sobre a arte de festejar. Alguns eram músicos, e já haviam ensaiado naquela manhã com os moradores, formando uma orquestra impressionante de todo tipo de instrumento, de liras, alaúdes e bandolins a bouzoukis, gaitas de foles e flautas de pastores.

Com Petros, o segundo filho, no colo, Fotini e Stephanos estavam esperando para cumprimentar Maria ao lado de Mattheos, seu menininho de olhos escuros, que dançava animadamente de um lado para o outro naquela atmosfera alegre, inteiramente alheio ao significado do dia, mas encantado com o ar de festa reinante.

— Bem-vinda, Maria — disse Stephanos. Ele ficara para trás enquanto sua mulher abraçava a melhor amiga, esperando a vez de cumprimentá-la. — Estamos muito felizes com sua volta.

Ele começou a erguer as caixas de Maria e carregá-las em sua picape. A casa dos Petrakis ficava bem perto, mas longe o bastante para não levarem tudo a pé. As duas mulheres atravessaram a praça, deixando Giorgis ocupado com a amarração do barco. Iriam andando. As mesas sobre cavaletes já estavam postas e as cadeiras foram dispostas em grupos. Bandeirolas brilhantes marcavam os quatro cantos da praça e tremulavam alegremente em duas linhas diagonais. A festa não iria demorar para começar.

Quando Maria e Fotini chegaram na casa, Stephanos já havia tirado da picape as caixas que agora estavam do lado de dentro da

porta. Ao entrar, Maria teve uma sensação de formigamento na nuca. Nada havia mudado desde que fora embora. Tudo estava imaculadamente no lugar como sempre estivera: o mesmo bordado com seu acolhedor “Kali Mera” — “Bom-dia” — que Eleni terminara bem a tempo para o casamento estava pendurado na parede em frente à porta para acolher os visitantes, as mesmas painéis pendiam ao lado da lareira e o conhecido serviço de porcelana florida estava arrumado na prateleira. Dentro de uma de suas caixas Maria logo encontraria as peças que faltavam, e o serviço iria ficar completo outra vez.

Mesmo em um dia luminoso como aquele, a casa estava escura. Todos os antigos objetos conhecidos podiam estar em seus lugares, mas as paredes em si pareciam ter absorvido a profunda infelicidade que havia reinado entre elas. Irradiavam a solidão dos últimos anos de seu pai. Tudo parecia estar igual, mas nada era como antes.

Quando Giorgis entrou, poucos minutos depois, encontrou Stephanos, Fotini, Petros, Mattheos — que segurava um pequeno buquê de flores — e Maria, todos apinhados dentro da pequena casa. Por fim, parecia que alguns pedaços de sua vida estavam tornando a se encaixar. Sua linda filha estava diante dele. Uma das três mulheres da fotografia emoldurada que ele via todos os dias. Aos seus olhos, estava mais bela do que nunca.

— Bem — disse Fotini. — Não posso ficar muito tempo... há muita comida a preparar. Nos vemos lá na praça?

— Obrigada por tudo. Tenho muita sorte de voltar e encontrar amigos como vocês... e um novo amigo também — disse Maria olhando para Mattheos, que então tomou coragem para se adiantar e oferecer-lhe as flores.

Maria sorriu. Eram as primeiras flores que ela recebia desde que Manoli lhe dera um buquê cerca de quatro anos antes, apenas uma semana antes de ela fazer o exame da lepra. O gesto do menino a comoveu.

Mais de meia hora depois, usando um vestido diferente e com os cabelos escovados até ficarem mais brilhantes do que o próprio espelho, Maria sentiu que estava pronta para sair e enfrentar a curiosidade dos moradores de Plaka. Apesar da acolhida que alguns

vizinhos iriam lhe dispensar, sabia que outros a estariam examinando e procurando sinais da doença. Ficariam decepcionados. Maria não guardara uma única marca. Para vários pacientes, a doença cobrara um preço bem mais alto. Muitos iriam mancar para sempre por causa dos pés deformados, e os poucos infelizes que perderam a visão teriam de contar com a ajuda da família. Para a maioria, porém, as lesões e a feia pigmentação da pele haviam sumido, e a sensibilidade havia retornado às partes que a doença deixara entorpecidas.

Maria e o pai caminharam juntos na direção da praça.

— Só vou acreditar vendo — disse Giorgis —, mas sua irmã disse que talvez viesse hoje. Recebi um recado dela ontem.

— Anna? — indagou Maria, incrédula. — Andreas também?

— Era o que dizia a carta. Acho que ela quer lhe dar boas-vindas.

Como qualquer pai, ele ansiava pela reaproximação das filhas e imaginava que Anna considerasse aquele um momento propício para compensar a negligência dos últimos anos. Se pudesse ter as duas filhas de volta e não só uma, seria mais feliz do que nunca. Para Maria, por sua vez, um encontro com Anna naquela noite era uma ideia que não a agradava. O objetivo do dia era celebração, não reconciliação: todos os leprosos de Spinalonga finalmente estavam livres.



Em sua casa de Elounda, Anna se aprontava para a festa em Plaka, prendendo os cabelos com cuidado e passando o batom meticulosamente para que seguisse com precisão a curva dos lábios carnudos. Sentada no colo da avó, Sofia não desgrudava os olhos da mãe, que se maquiou até as faces ficarem tão coradas quanto as de uma boneca.

Ignorando tanto a mãe quanto a filha, Andreas entrou pisando firme.

— Não está pronta ainda? — perguntou a Anna, friamente.

— Quase — respondeu ela, arrumando o pesado colar de turquesa em frente ao espelho e erguendo o queixo para admirar o efeito, antes de se borrifar com uma nuvem de perfume francês.

— Podemos ir então? — disparou ele.

Anna parecia alheia ao tom glacial do marido. Eleftheria, não. Estava constrangida pela forma como o filho se dirigia à mulher. Nunca o ouvira falar com aquele tom antes, nem o vira lançar olhares tão raivosos, e imaginou se ele teria finalmente aberto os olhos para a intimidade que agora existia claramente entre sua mulher e Manoli. Certa vez, comentara com Alexandros sobre seus temores. Fora um erro. O patriarca ficou irado e jurou pôr para fora aquele "don Juan imprestável", caso Manoli passasse dos limites. Depois disso, Eleftheria guardara suas angústias.

— Boa noite, querida. — Anna se virou para a filhinha, cujos braços rechonchudos se esticaram na sua direção. — Seja boazinha. — Com isso, deixou a marca perfeita dos lábios na testa de Sofia e saiu do quarto.

Andreas já estava esperando no carro, com o motor ligado. Sabia por que sua mulher estava tomando um cuidado tão esmerado com a aparência, e não era por sua causa.

Fora um detalhe extraordinariamente pequeno que o fizera finalmente encarar o fato de que sua mulher o estava traindo: um brinco debaixo do travesseiro. Anna era sempre muito meticulosa, e fazia questão de retirar todas as joias e guardá-las com cuidado dentro de uma gaveta da penteadeira, forrada de veludo, antes de se deitar, e Andreas sabia que teria percebido caso ela houvesse deitado na cama na noite anterior usando os brincos de ouro e diamante. Não fez nenhum comentário ao ver o reluzir do ouro sobre a roupa de cama branca quando se deitou nos lençóis que, fora isso, estavam imaculados, mas seu coração se transformou em gelo. Naquele instante, seu philotemo, a noção de honra e orgulho que fazia dele um homem, foi ferido mortalmente.

Dois dias depois, voltou da fazenda no meio da tarde, estacionou o carro um pouco distante e andou os últimos cinquenta metros que o separavam da casa. Não ficou surpreso ao ver a caminhonete de Manoli parada logo em frente. Sabia que ele estaria ali. Abriu a porta da frente sem fazer barulho, entrou no hall. Um relógio tiquetaqueava, mas, tirando isso, a casa estava totalmente silenciosa. De repente, o silêncio foi quebrado. Uma mulher gemeu. Andreas agarrou o corrimão, nauseado, enojado pelo som do prazer da própria mulher. Seu instinto era subir correndo a escada, pulando os degraus de dois em dois, irromper dentro do quarto e partir os dois em pedacinhos, mas algo o deteve. Ele era Andreas

Vandoulakis. Tinha de agir de forma mais ponderada, e precisava de tempo para pensar.



Quando Maria se aproximou da praça, já havia uma imensa multidão reunida ali. Viu Dimitri em pé no centro de um pequeno grupo ao lado de Gerasimo Vilakis, antigo dono do kafenion da colônia, e de Kristina Kroustalakis, que sorria. O sorriso a deixava quase irreconhecível. A toda volta havia o burburinho de conversas animadas e uma música baixinha de um bouzouki que alguém tocava no final da rua. Quando ela adentrou o espaço aberto, ouviu cumprimentos vindos de todos os lados. Encontrou muitas famílias e os amigos efusivos de Atenas, e foi apresentada por eles como Agia Maria, ou “a feiticeira das ervas”. Esse último apelido lhe agradou, mas não por ser comparada a uma santa.

As últimas horas haviam sido tão intensas que mal pensara no dr. Kyritsis. Como não houve despedidas, tinha certeza de que tornariam a se encontrar. Mal podia esperar. Ao chegar onde a multidão estava mais concentrada, Maria sentiu o coração dar um pulo como se fosse saltar do peito. Lá estava ele, sentado diante de

uma das longas mesas, ao lado de Lapakis. Entre todas, foi a única pessoa que enxergou, com os cabelos grisalhos quase reluzindo sob a luz do final de tarde. Os médicos estavam muito entretidos conversando, mas Lapakis levantou a cabeça e a viu.

— Maria! — exclamou, pondo-se em pé. — Que grande dia para você. Qual é a sensação de estar em casa depois de todo esse tempo?

Felizmente, não era uma pergunta para a qual ele realmente esperasse resposta, e se fosse ela não teria sabido por onde começar ou por onde terminar. Naquele instante, Papadimitriou e a mulher chegaram, acompanhados por dois homens tão parecidos com Papadimitriou que não era preciso dizer que eram seus irmãos. O chefe da ilha queria que a família conhecesse os responsáveis por lhes dar uma nova vida. Haveria milhares de brindes depois, mas eles queriam ser os primeiros a agradecer.

Kyritsis manteve-se um pouco na retaguarda, no entanto Maria podia sentir o peso de seu olhar, e enquanto Lapakis conversava com os Papadimitriou, ele puxou Maria de lado.

— Posso pedir um instante da sua atenção? — perguntou, educadamente, mas alto o suficiente para ser ouvido por cima do barulho. — Em algum lugar mais silencioso do que aqui — acrescentou.

— Poderíamos caminhar até a igreja — respondeu ela. — Quero entrar e acender uma vela.

Saíram da praça lotada onde a cacofonia de vozes exaltadas alcançara uma intensidade ensurdecidora. À medida que iam percorrendo a rua deserta em direção à igreja, o som da multidão transformou-se em pouco mais do que um zumbido de fundo. As atitudes seguintes de Kyritsis foram ditadas por uma sensação de impaciência. Grande parte da vida daquela mulher fora roubada pela doença, e cada segundo perdido parecia demais. Seus modos contidos abandonaram-no por um instante e a impetuosidade tomou a dianteira. Na porta da igreja, ele se virou de frente para ela.

— Tenho uma coisa a dizer. É bem simples, na verdade — falou. — Gostaria que se casasse comigo.

Era uma afirmação, não uma pergunta. E parecia que nenhuma resposta se fazia necessária. Já havia algum tempo que não restava dúvida para Maria de que Kyritsis a amava, mas ela se esforçara para não criar nenhum tipo de expectativa. Ao longo dos últimos anos, achara mais fácil espantar as fantasias logo no começo e viver o aqui e agora, onde a decepção não poderia destruir seus sonhos.

Por alguns instantes, ela não disse nada, mas ficou olhando para ele, que a segurava pelos ombros, com os braços esticados. Como se ela precisasse ser convencida da sinceridade de suas palavras, ele preencheu o silêncio.

— Ninguém nunca me tocou tanto quanto você. Se não quiser se casar comigo, irei embora, e você nunca mais precisará pensar em mim. — Suas mãos haviam aumentado a pressão nos ombros dela. — Mas, qualquer que seja a resposta, preciso saber agora.

Então era uma pergunta. Maria sentia a boca seca, e precisou de um grande esforço para recuperar o controle da própria língua.

— Sim. — Foi a única sílaba rouca que conseguiu articular. — Sim.

— Você quer? — Kyritsis parecia atônito.

Aquela mulher de longos cabelos castanho-escuros, aquela paciente que ele sentia conhecer tão bem e sobre quem, no entanto, sabia tão pouco, aceitava ser sua esposa. Seu rosto se abriu em um sorriso, e o de Maria retribuiu, radiante. De início hesitantes, depois com uma paixão cada vez mais arrebatadora, os dois se beijaram, e então, repentinamente conscientes do espetáculo que deviam estar dando na rua deserta, afastaram-se.

— Precisamos voltar para a comemoração — disse Kyritsis, o primeiro a falar. Sua noção de dever e correção era mais intensa do que a dela. — As pessoas podem começar a se perguntar onde estamos.

Ele estava certo: precisavam voltar, porque aquela era uma noite a ser compartilhada por todos, antes de cada um seguir seu caminho. Quando voltaram para a praça, a dança já havia começado. Um imenso círculo se formara e uma lenta pentozali estava em plena evolução. Até mesmo Giorgis entrara na dança. O

homem que tantas vezes ficara sentado nas sombras em qualquer comemoração agora participava de corpo e alma dos festejos.

Fotini foi a primeira a perceber que a amiga voltara junto com o doutor, e soube, sem nenhuma dúvida, que Maria finalmente teria chance de ser feliz. O casal decidiu não dizer nada por enquanto — queriam que Giorgis fosse o primeiro a saber, e a atmosfera exultante daquele panegyri não era lugar para lhe dar a notícia.

Quando Giorgis foi ao encontro deles no final da dança, só havia uma pergunta para Maria em seus lábios.

— Você viu Anna? Ela está aqui?

Ao longo dos últimos anos, ele havia praticamente abandonado qualquer esperança de a família tornar a se reunir, mas naquele dia isso era possível. No entanto, estava intrigado com a demora de Anna; afinal de contas, ela prometera ir.

— Se ela disse que viria, tenho certeza de que virá, pai — reconfortou-o Maria, embora as palavras soassem vazias para ambos. — Por que não dançamos de novo? — propôs. — O senhor parece animado. — Conduziu o pai de volta para o meio da roda, e uniram-se aos outros quando uma nova dança começou.

Fotini estava ocupada levando travessas de comida até a mesa. Percebeu que o doutor observava Maria dançar e sentiu-se mais feliz do que nunca pelo fato de a amiga ter encontrado um homem tão bom. Já estava escuro, o vento havia amainado e o mar estava completamente liso. A temperatura não parecia ter caído um grau sequer desde a tarde abafada, e quando as pessoas iam se sentar entre uma dança e outra, a sede era tanta que entornavam copos inteiros de vinho forte, derrubando boa parte no chão. Maria voltou da dança, encontrou seu lugar ao lado de Kyritsis, e ambos ergueram os copos ao mesmo tempo, em um brinde silencioso.



Anna e Andreas já estavam quase em Plaka. Nenhum dos dois falara durante o trajeto. Ambos estavam perdidos nos próprios pensamentos. Ocorrera a Andreas que Manoli talvez pudesse retomar o noivado com Maria agora que ela havia voltado, e ao se aproximarem da aldeia, quando já podiam ver a multidão, rompeu o silêncio, deliciando-se em provocar a mulher com aquela sugestão.

— Manoli? Casar-se com Maria? Só se for por cima do meu cadáver! — gritou ela, com um arrebatamento que ele nunca vira. Agora tudo estava às claras. — Por que você está dizendo isso? — Anna não conseguia deixar o assunto morrer.

— Por que não? Eles antes estavam noivos e prestes a se casar — instigou Andreas.

— Cale a boca. Cale a boca e pronto! — gritou ela enquanto estacionavam o carro.

A violência da reação de Anna deixou Andreas chocado.

— Meu Deus! — rugiu ele, defendendo-se da agressão. — Você o ama, não é?

— Como ousa dizer isso? — berrou ela.

— Vamos, Anna, por que não reconhece? Não sou um idiota completo, sabe — disse ele, tentando recuperar o controle da voz.

Anna permaneceu calada, como se sua fúria tivesse momentaneamente arrefecido.

— Eu sei que é verdade — continuou Andreas, agora quase calmo. — Voltei para casa mais cedo na semana passada e ele estava lá com você. Há quanto tempo?

Anna agora chorava e ria ao mesmo tempo, histérica. “Anos”, balbuciou. “Anos e anos...”

Parecia a Andreas que os lábios vermelhos de Anna estavam sorrindo, como se naquele exato instante ela estivesse vivendo algum êxtase. Se ela negasse, ele teria a alternativa de relevar, quem sabe fossem apenas suspeitas infundadas, mas o fato de ela ter confessado era a maior afronta de todas. Precisava arrancar do rosto dela aquele sorriso congelado.

Com um movimento rápido, ele colocou a mão dentro do casaco e sacou a pistola. Anna sequer olhava para ele. Tinha a cabeça

jogada para trás e as contas redondas de seu colar vibravam com seu riso. Estava em transe.

— Eu nunca... — arquejou ela, agora completamente enlouquecida pela ânsia de dizer a verdade. — Nunca amei ninguém como amo Manoli. — As palavras dela foram como um açoite, cortando o ar ao redor.



Na praça principal, Kyritsis olhava os primeiros fogos de artifício irromperem no céu límpido. Rojões seriam disparados de hora em hora até a meia-noite, cada qual explodindo com um estrondo violento e uma chuva de centelhas que se refletiam como pedras preciosas no mar parado. Quando a primeira leva de fogos terminou, houve um instante de silêncio até a banda recomeçar a tocar. Antes, porém, ouviram-se dois outros estouros altos e inesperados. Kyritsis ergueu o rosto para o céu, esperando ver uma cascata de faíscas cintilantes se derramar, mas imediatamente ficou claro que isso não iria acontecer.

Uma confusão havia se armado em volta de um carro parado no estacionamento junto à praça. Fora visto chegando poucos minutos antes, e agora uma mulher jazia esparramada no banco do carona. Kyritsis correu para lá. Por um instante, toda a multidão pareceu imobilizada. Todos estavam paralisados, sem acreditar que um ato de tamanha violência pudesse interferir nos festejos, mas abriram caminho para deixá-lo passar.

Kyritsis tomou o pulso da mulher. Embora estivesse fraco, ainda havia sinal de vida.

— Temos de tirá-la daqui — disse para o dr. Lapakis, que estava a seu lado.

Mantas e travesseiros surgiram como por milagre de uma casa próxima, e os dois homens puseram com cuidado a mulher no chão.

A pedido deles, os curiosos se afastaram até uma distância respeitosa para deixá-los trabalhar.

Maria conseguira chegar mais perto para ver se havia algo que pudesse fazer. Quando estavam deitando a mulher sobre a manta, viu quem estavam segurando naquele abraço ensanguentado. Várias pessoas na multidão também a reconheceram, e ouviu-se um arquejo coletivo de horror.

Não havia como confundir. Cabelos muito negros, seios fartos, usando um vestido agora empapado de sangue que ninguém mais ali teria condições de comprar nem que houvesse um mês inteiro de festas. Aquela era, sem dúvida alguma, Anna Vandoulakis. Maria ajoelhou-se a seu lado no tapete.

— É minha irmã — murmurou para Kyritsis em meio aos soluços.
— Minha irmã.

Ouviu-se alguém na multidão gritar: “Vão chamar Giorgis!” e, segundos depois, o velho estava ajoelhado ao lado de Maria, chorando em silêncio diante da primogênita cuja vida se esvaía diante de todos.

Tudo terminou em poucos minutos. Anna nunca chegou a voltar a si, mas seus últimos instantes de vida foram na companhia das duas pessoas que mais a amaram, e que rezavam com fervor por sua salvação.

— Por quê? Por quê? — repetia Giorgis em meio às lágrimas. Maria sabia a resposta, mas não iria contar ao pai. Isso só faria aumentar sua dor. O que mais poderia ajudá-lo naquele momento eram o silêncio e a ignorância. Ele não iria demorar a descobrir a verdade. E seria para sempre assombrado pelo fato de, na mesma noite, ter comemorado a volta de uma filha e a perda definitiva da outra.

CAPÍTULO 23

Logo foram surgindo testemunhas do meio da multidão. Um passante ouvira um casal discutindo pela janela aberta do carro, ao passar por ali poucos minutos antes dos tiros, e uma mulher afirmava ter visto um homem sair correndo pela rua logo depois. Essa informação levou um grupo de homens na direção da igreja, e dali a dez minutos eles voltaram com o suspeito. O homem ainda estava segurando a arma, e não fez qualquer tentativa para resistir à prisão. Maria soube quem era antes de lhe dizerem: Andreas.

Plaka inteira ficou extremamente chocada. Aquela noite prometera ser memorável, mas não daquela forma. Durante algum tempo as pessoas ficaram ali, reunidas em pequenos grupos, conversando baixinho; a notícia de que a mulher morta a tiros era Anna e que o marido dela fora preso pelo crime não demorou a circular. Uma festa espetacular terminara de forma abrupta, e não houve escolha senão cancelarem tudo e cada qual seguir seu rumo. Os músicos se dispersaram e as sobras de comida foram recolhidas; despedidas discretas foram ouvidas à medida que os atenienses partiam, levados pela família e amigos para começar uma nova vida. Aqueles que moravam mais perto haviam sido convidados pelos habitantes locais para passar a noite, e ficariam até o dia seguinte, quando iniciariam a viagem de volta a suas aldeias e cidades em outros lugares de Creta. Andreas Vandoulakis foi levado pela polícia para passar a noite em uma cela na prisão de Elounda, e o corpo de Anna foi carregado até a pequena capela à beira-mar, onde ficaria até o enterro.

A temperatura não havia diminuído. Mesmo com a noite quase dando lugar à aurora, o ar estava quente e abafado. Pela segunda vez em vinte e quatro horas, a pequena casa de Giorgis estava lotada de gente. Na primeira, os visitantes aguardavam animados uma comemoração. Na segunda, preparavam-se para um grande luto. O padre fora visitá-los, mas, depois de ver que havia pouca

coisa que pudesse fazer para confortá-los em circunstâncias tão trágicas, foi embora.

Às quatro da manhã, Giorgis subiu para o quarto, exausto. Estava entorpecido e não sabia se era pesar ou um sinal de que não era mais capaz de sentir nada. Até mesmo a tão ansiada volta de Maria já não parecia representar nada.

Kyritsis ficara na casa por uma ou duas horas, mas não havia mais nada que pudesse fazer. No dia seguinte, que na verdade já estava raiando, iria ajudá-los a tomar as providências para o funeral, mas por enquanto tentaria dormir algumas horas em um quarto de hóspedes no andar de cima da taberna de Fotini e Stephanos.

Os habitantes da aldeia adoravam fofocar sobre os assuntos mais sem importância, mas agora mal tinham tempo para respirar. Foi Antonis quem conseguiu explicar um pouco melhor os acontecimentos que culminaram no assassinato de Anna. Quando o dia raiou, e alguns dos homens ainda continuavam sentados ao redor de uma mesa no bar, ele contou o que sabia. Poucas semanas antes, Andreas percebera que Manoli sempre desaparecia por várias horas no meio do dia. Eram provas circunstanciais, mas mesmo assim talvez pudessem explicar um pouco o que o levara a assassinar a mulher. Ao longo daquelas semanas o humor de Andreas ficara cada vez mais amargo. Ele se mostrava mal-humorado com todos que encontrava e seus funcionários começaram a sentir medo dele. Um prenúncio de tempestade raramente gerava tamanha tensão. Durante muito tempo Andreas não havia percebido nada, inteiramente alheio ao comportamento da mulher, mas, uma vez que tudo veio à tona, só lhe restava uma reação. Os homens que bebiam no bar compreendiam isso, e muitos concordavam que a traição era motivo para assassinato. A hombridade de um grego não podia suportar tamanha degradação.

Lidaki parecia ter sido a última pessoa a ver Manoli, que desaparecera sem deixar rastro, embora sua preciosa lira continuasse pendurada na parede atrás do bar.

— Ele veio aqui por volta das seis horas da tarde de ontem — contou. — Estava animado como sempre, e deu a impressão de que iria ficar para as comemorações.

— Ninguém parece tê-lo visto depois disso — falou Angelos. — Meu palpite é que ele estava sem jeito com a possibilidade de encontrar Maria.

— Quem sabe ainda sinta alguma obrigação de se casar com ela? — intrometeu-se outra voz.

— Conhecendo Manoli, duvido muito, mas talvez isso o tenha mantido afastado — disse Lidaki.

— Particularmente, não acredito que isso tenha alguma coisa a ver com Maria — disse Antonis. — Acho que ele sabia que seu tempo havia se esgotado.

Mais tarde naquela manhã Antonis foi até a casa de Manoli. Não tinha nada contra aquele homem encantador, embora fútil; tinha sido um bom companheiro e amigo de bebedeiras, e mesmo a ideia passageira de que ele talvez estivesse deitado em casa no meio de uma poça de sangue não podia ser ignorada. Se Andreas havia matado a mulher, poderia perfeitamente ter sido capaz de matar o primo também.

Antonis espiou pelas janelas. Tudo parecia normal: a bagunça desleixada da casa de um homem solteiro, com panelas e pratos empilhados sem ordem aparente, cortinas semicerradas, uma trilha de migalhas espalhadas em cima da mesa e uma garrafa de vinho sem rolha, já sem dois terços do conteúdo; era mais ou menos isso que ele esperava encontrar.

Tentou a porta, e como estava aberta, entrou. No quarto do andar de cima, em uma cena que poderia muito bem ter sido simplesmente mais um indício de que a pessoa que morava ali não ligava a mínima para arrumação, havia sinais de uma partida apressada. Gavetas abertas e peças de roupa espalhadas por toda parte como se um vulcão houvesse entrado em erupção. Portas de um armário escancaravam-se para revelar um pau de cabide vazio. A cama desfeita, com os lençóis em desordem e os travesseiros amassados, não surpreendeu Antonis, o que realmente lhe deu uma pista de que o vazio da casa poderia ser permanente foram os retratos de cabeça para baixo em cima de uma cômoda junto à janela. Davam a impressão de terem sido derrubados na afobação, e duas das molduras estavam vazias, o conteúdo arrancado às

pressas. Todos os sinais estavam claros. A caminhonete de Manoli desaparecera. Ele já poderia estar em qualquer lugar da Grécia. Ninguém sairia à sua procura.



O funeral de Anna não seria realizado na igreja principal de Plaka, onde Andreas fora buscar abrigo, mas sim na capela nos arredores da aldeia. O pequeno santuário ficava de frente para o mar e tinha uma vista desimpedida para Spinalonga. Não havia nada a não ser água salgada entre o cemitério da capela e o local do descanso final dos leprosos onde os restos da mãe de Anna jaziam.

Menos de quarenta e oito horas depois da morte, um grupo pequeno, trajando luto, reuniu-se na capela úmida. A família Vandoulakis não estava representada. Todos permaneceram totalmente enclausurados entre as quatro paredes da casa de Elounda desde o assassinato. Maria, Giorgis, Kyritsis, Fotini, Savina e Pavlos mantiveram-se de cabeça baixa enquanto o padre rezava sobre o caixão. Nuvens de incenso emanavam do turíbulo enquanto eram pronunciadas as longas preces para o perdão dos pecados, antes de as palavras reconfortantes da oração do Senhor serem balbuciadas por todos de forma quase inaudível. Quando chegou a hora do sepultamento, eles foram para o lado de fora, onde o sol brilhava inclemente. Lágrimas e suor escorriam misturados pelo rosto de todos. Ninguém conseguia realmente acreditar que a caixa de madeira que logo iria desaparecer na escuridão da terra levava mesmo o corpo de Anna.

Enquanto o caixão era baixado na cova, o padre pegou um punhado de terra e espalhou-o em forma de cruz sobre os restos mortais.

— A Terra é do Senhor — disse —, e de todos os que nela vivem. As cinzas do incensário flutuavam até cair e se misturar à terra, e o

padre prosseguiu: — Com os espíritos dos justos tornados perfeitos pela morte, dai descanso à alma de Vossa serva...

As palavras do padre tinham uma cadência musical. Foram pronunciadas milhares de vezes, e mantinham o pequeno grupo hipnotizado ao saírem de seus lábios mal entreabertos.

— Ó Virgem pura e imaculada, intercedei pela salvação da alma de Vossa serva...

Fotini pensou na ideia de uma Virgem pura e imaculada intercedendo a favor de Anna. Se ao menos ela tivesse sido um pouco mais imaculada talvez eles não estivessem ali naquele momento, pensou.

Ao final das preces, a voz do padre já competia com um exército de mil cigarras, cujo barulho incessante alcançou o ápice ao mesmo tempo que suas derradeiras palavras.

— Dai-lhe descanso no seio de Abraão... Que a memória de nossa irmã seja eterna e digna de bênção.

— Kyrie eleison, Kyrie eleison, Kyrie eleison.

Alguns minutos se passaram antes que alguém conseguisse se mexer. Maria foi a primeira a falar, agradecendo ao padre pela cerimônia; depois chegou a hora de voltar para a aldeia, e ela foi para casa com o pai. Giorgis disse que queria dormir. Era tudo que gostaria de fazer. Fotini e os pais iriam voltar à taberna para encontrar Stephanos, que ficara cuidando de Petros e brincando na praia com o inocente Mattheos. Era um meio de tarde sossegado. Nada se movia.

Kyritsis iria esperar por Maria em um banco da praça, à sombra. Ela precisava sair de Plaka por algumas horas, e haviam combinado de ir de carro até Elounda. Seria sua primeira viagem em quatro anos, com exceção da curta travessia que a levara de Spinalonga até a aldeia. Ansiava por alguns momentos de privacidade.

Em Elounda, se lembrava de que havia um pequeno kafenion à beira-mar. Era um lugar que costumava frequentar com Manoli, mas tudo isso agora fazia parte do passado. Não deixaria que seus pensamentos a perturbassem. Enquanto eram conduzidos até uma mesa onde se via o mar lambar as pedras mansamente, os acontecimentos das últimas quarenta e oito horas já pareciam

distantes. Era como se tivesse acontecido com outra pessoa, em outro lugar. Quando ela olhou para o outro lado da água, porém, pôde ver claramente Spinalonga. Dali, a ilha vazia estava exatamente como sempre fora, e era difícil acreditar que agora não havia mais ninguém morando lá. Não era possível ver Plaka, escondida atrás de uma saliência rochosa.

Era a primeira oportunidade que Maria e Kyritsis tinham de ficar sozinhos desde a ocasião em frente à igreja na noite da festa. Durante mais ou menos uma hora a vida dela parecera promissora, seu futuro brilhante, mas agora sentia que aquele grande passo para a frente havia sido contrabalançado por vários passos para trás. Nunca sequer chamara o homem que amava pelo primeiro nome.

Ao pensar naquele momento algumas semanas depois, Kyritsis iria se culpar por ter se precipitado. Sua empolgação com a ideia de um futuro juntos o fez começar a falar do apartamento que tinha em Iraklion, e de como esperava que fosse adequado para o casal.

— Não é muito espaçoso, mas há um escritório e um quarto de hóspedes separado — disse. — Podemos nos mudar depois, se for necessário, mas lá é muito prático para ir ao hospital.

Ele segurou-lhe as mãos por cima da mesa e apertou-as. Maria parecia aflita. Claro que sim. Tinham acabado de enterrar a irmã dela, e ali estava ele, impaciente como uma criança, querendo falar sobre os aspectos práticos de sua vida em comum. Era evidente que ela precisava de mais tempo.

Como era reconfortante, pensou Maria, a sensação das mãos dele, tão cheias de calor e afeto, segurando as suas. Por que não poderiam simplesmente ficar ali naquela mesa para sempre? Ninguém sabia onde eles estavam. Nada poderia perturbá-los. A não ser a própria consciência, que os havia seguido até ali e agora a deixava tão angustiada.

— Não posso me casar com você — disse ela de repente. — Tenho que ficar e cuidar do meu pai.

Para Kyritsis, aquelas palavras pareceram vir do nada. Ele ficou chocado. Dali a poucos minutos, porém, viu que faziam total sentido. Como ousou imaginar que tudo fosse seguir o mesmo caminho de antes, depois de tudo que acontecera nos últimos dois dias? Era um

ingênuo. Como poderia esperar que aquela mulher, por quem se sentira atraído tanto pela integridade e pelo altruísmo quanto pela beleza, fosse largar para trás o pai enlutado e abalado? Durante toda sua vida Kyritsis agira racionalmente, e no único momento em que deixara de fazê-lo, permitindo que suas emoções fluíssem, havia tropeçado.

Parte dele queria protestar, mas em vez disso ele continuou segurando as mãos de Maria e apertou-as delicadamente. Então falou com tanta compreensão e perdão que o coração dela quase se partiu.

— Você tem razão em ficar — disse. — E é por isso que eu a amo, Maria. Porque você sabe o que é certo, e age assim.

Era verdade, e mais verdadeiro ainda era o que ele disse em seguida.

— Nunca vou amar mais ninguém.

O dono do kafenion manteve distância da mesa. Percebeu que a mulher desatara a chorar, e não gostava de invadir a privacidade dos clientes. Ninguém havia elevado a voz, coisa rara em uma discussão, mas ele reparou nas roupas escuras que o casal vestia. Com exceção de velhas senhoras viúvas, era raro alguém usar preto em um dia de verão, e ocorreu-lhe que talvez o casal estivesse de luto.

Maria retirou as mãos das de Kyritsis e ficou sentada com a cabeça baixa. Suas lágrimas agora escorriam livremente e molhavam seus braços, o pescoço e o colo. Não conseguia contê-las. O pesar contido à beira do túmulo só fizera refrear momentaneamente a tristeza esmagadora que ela agora liberava, e que não iria se acalmar até a última gota de pranto ter escorrido e secado. O fato de Kyritsis ser tão sensato a fazia chorar ainda mais, e tornava sua decisão ainda mais desoladora.

Kyritsis ficou sentado olhando para o topo da cabeça abaixada de Maria. Quando os tremores se acalmaram, tocou-a de leve no ombro.

— Maria — sussurrou. — Vamos?

Afastaram-se da mesa de mãos dadas, com Maria repousando a cabeça no ombro dele. No caminho de volta para Plaka, em silêncio, o mar azul-safira ainda cintilava, mas o céu começava a mudar.

Havia iniciado a sutil transição do azul para o cor-de-rosa, e as pedras iam adquirindo os mesmos tons quentes. Finalmente, aquele dia terrível começava a morrer.

Quando chegaram à aldeia, o médico falou:

— Não consigo dizer adeus.

Tinha razão. A palavra era definitiva demais. Como era possível algo que não havia sequer começado de verdade chegar ao fim?

— Nem eu — disse Maria, agora perfeitamente recomposta.

— Você irá me escrever para dizer como vai? Para me contar o que anda fazendo? Para me dizer como é a vida no mundo livre? — indagou Kyritsis com um entusiasmo forçado.

Maria aquiesceu.

Era inútil prolongar o momento. O quanto antes Kyritsis fosse embora, melhor seria para os dois. Ele estacionou em frente à casa de Maria e desceu para abrir a porta do carona. Ficaram em pé frente a frente. Então abraçaram-se por alguns instantes. Não se abraçaram de fato, mas seguraram-se um no outro como crianças durante uma tempestade. Então, com grande força de vontade, soltaram-se ao mesmo tempo. Maria virou as costas na mesma hora e entrou em casa. Kyritsis entrou no carro e foi embora. Só iria parar quando chegasse a Iraklion.

O silêncio insuportável dentro de casa logo fez Maria tornar a sair. Precisava do canto das cigarras, dos latidos de um cão, do ronco de uma lambreta, dos gritos das crianças. Tudo isso a acolheu enquanto caminhava até o centro da aldeia onde, contra a própria vontade, olhou para a rua para verificar se ainda conseguia ver o carro de Kyritsis. Até a nuvem de poeira levantada pelas rodas já havia desaparecido.

Maria precisava de Fotini. Andou depressa até a taberna, onde a amiga estendia toalhas de papel sobre as mesas, prendendo-as com elásticos para evitar que fossem levadas pelo vento.

— Maria! — Fotini ficou feliz ao ver a amiga, mas impressionada com seu rosto sem cor. É claro que não era nenhuma surpresa ela estar tão pálida. Nas últimas quarenta e oito horas, voltara do exílio e vira a irmã ser assassinada e enterrada. — Venha se sentar — disse, puxando uma cadeira e guiando Maria. — Deixe-me pegar

alguma coisa para você beber... aposto que não comeu nada o dia todo.

Fotini estava certa. Havia mais de vinte e quatro horas que Maria não comia nada, mas estava sem apetite nenhum.

— Não, estou bem. Mesmo.

Fotini não se convenceu. Relegou ao fundo da mente a lista de coisas que precisava fazer antes de chegarem os primeiros clientes da noite. Tudo aquilo podia esperar. Puxando outra cadeira, sentou-se junto a Maria e passou o braço em volta do ombro da amiga.

— Posso fazer alguma coisa? — perguntou, carinhosamente. — Qualquer coisa?

Foi o tom terno de sua voz que fez Maria desatar em soluços, e entre eles Fotini pôde discernir algumas palavras que denunciavam o motivo da infelicidade cada vez maior da amiga.

— Ele foi embora... eu não podia ir... não podia deixar meu pai.

— Olhe, conte-me o que aconteceu. Maria foi se acalmando aos poucos.

— Logo antes de Anna levar o tiro, o dr. Kyritsis me pediu em casamento. Mas eu não posso ir embora agora... e é isso que eu teria de fazer. Teria que abandonar meu pai. Não posso fazer isso.

— Ele foi embora, então? — perguntou Fotini com delicadeza.

— Foi.

— E quando vai vê-lo de novo? Maria respirou bem fundo.

— Não sei. Não sei mesmo. Talvez nunca mais.

Maria era forte o suficiente para falar com convicção. O destino até então havia se mostrado vingativo, mas a cada golpe ela se tornava mais resistente.

As duas amigas ficaram sentadas durante algum tempo, e dali a pouco Stephanos apareceu e convenceu Maria a comer. Se ela estava disposta a fazer tamanho sacrifício pelo pai, então melhor que estivesse bastante forte para poder ser útil. Tudo estaria perdido se ficasse doente.

Enquanto a noite caía, Maria se levantou para ir embora. Ao chegar em casa, viu que o lugar ainda estava silencioso. Subiu de mansinho até o quarto de hóspedes, que agora seria novamente seu, e deitou-se na cama. Só acordou no dia seguinte.



A morte de Anna deixou um rastro de vidas afetadas e destruídas. Não somente as da irmã, do pai e do marido, mas a da filha também. Sofia ainda não tinha dois anos, mas não demorou muito para perceber a ausência dos pais. Os avós lhe disseram que ambos tinham ido embora por algum tempo. No início ela chorou, depois entrou no processo de esquecimento. Quanto a Alexandros e Eleftheria Vandoulakis, em apenas uma noite perderam o filho, a esperança no futuro e a reputação da família. Tudo que nunca os havia preocupado por Andreas ter se casado com uma mulher mais humilde cumprira-se à risca. Eleftheria, que se mostrara tão disposta a aceitar Anna Petrakis, teve de enfrentar a mais amarga das decepções. Em pouco tempo ficaram sabendo da ausência de Manoli, e compreenderam as razões dos terríveis acontecimentos da festa de Agios Titos. Aquela mulher os havia coberto com a mais profunda vergonha, e a ideia do filho definhando na cela da prisão era um martírio diário.

O julgamento de Andreas em Agios Nikolaos durou três dias. Maria, Fotini e vários aldeões foram chamados como testemunhas, e o dr. Kyritsis chegou de Iraklion para dar seu depoimento, demorando-se um pouco mais para conversar com Maria. Eleftheria e Alexandros ficaram sentados na frisa, impassíveis, ambos extenuados de angústia e vergonha por serem expostos daquele jeito aos olhos de todos. As circunstâncias do assassinato foram apresentadas e discutidas para deleite de toda Creta, e o jornal diário publicou cada detalhe com sensacionalismo. Giorgis assistiu a tudo. Embora quisesse ver Anna justificada, nunca teve dúvidas de que fora o comportamento da filha que causara a reação violenta de

Andreas, e pela primeira vez em quatorze anos ficou grato por Eleni não estar ali.

1958

CAPÍTULO 24

Durante vários meses não houve comunicação entre as famílias Vandoulakis e Petrakis. No entanto, era preciso pensar em Sofia, e para o bem da menina isso começou a mudar. Eleftheria teria chegado à reconciliação mais depressa do que o marido, mas mesmo Alexandros, com o tempo, começou a ver que sua família não era a única que havia sofrido. Percebeu que os dois lados tiveram perdas irreparáveis, e com uma precisão quase matemática, bem do seu feitio, pesou as respectivas perdas. Do lado dos Vandoulakis: um filho na cadeia, um sobrinho em desgraça, um sobrenome em frangalhos. Do lado dos Petrakis: uma filha morta, uma família castigada por assassinato e, antes, pela lepra. Segundo sua avaliação, a equação se equilibrava. No meio disso tudo estava Sofia, e era dever de todos criar um mínimo de convivência entre eles em nome da menina.

Depois de muito ponderar, Alexandros escreveu para Giorgis.

Tivemos nossas diferenças, mas chegou a hora de lhes pôr fim. Sofia está crescendo sem os pais, e o melhor que podemos lhe oferecer é o amor e o companheirismo dos membros que restam da família dela. Eleftheria e eu ficaríamos muito felizes se você e Maria viessem almoçar conosco no próximo domingo.

Giorgis não tinha telefone em casa, mas correu até o bar para usar o aparelho de lá. Queria avisar imediatamente a Alexandros que aceitava o convite, que ele e Maria teriam prazer em ir almoçar, e deixou o recado com a governanta. Maria, porém, teve sentimentos dúbios ao ler a carta.

— “Nossas diferenças”! — exclamou, zombeteira. — O que ele quer dizer com isso? Como pode descrever o fato de o filho dele ter matado a sua filha como “nossas diferenças”?

Maria estava furiosa.

— Será que ele não se sente nem um pouco responsável? Onde está o remorso dele? Onde estão as desculpas? — gritava, acenando com a carta no ar.

— Maria, escute. Calma. Ele não se sente nem um pouco responsável porque não é — disse Giorgis. — Um pai não pode ser responsável por todos os atos de um filho, pode?

Maria pensou um pouco. Sabia que Giorgis tinha razão. Se os pais tivessem de assumir os erros dos filhos, o mundo seria diferente. Era o mesmo que lhe atribuir a culpa pelo fato de a filha mais velha ter levado o marido a matá-la a tiros pelo próprio comportamento impensado e infiel. É claro que isso era um absurdo. Mesmo relutante, ela precisava dar o braço a torcer.

— Tem razão, pai — disse. — Tem razão. A única coisa realmente importante é Sofia.

Depois disso, as duas famílias iniciaram uma espécie de reaproximação, com um reconhecimento tácito de que os dois lados tinham uma parcela de culpa na tragédia que atingiu a todos. Desde o início, Sofia foi bem protegida. Morava com os avós, mas ia a Plaka toda semana passar o dia com Giorgis e Maria, que se esforçavam para mantê-la entretida. Faziam passeios de barco, pescavam, catavam caranguejos e ouriços, remavam no mar e davam caminhadas curtas pelo caminho à beira das falésias. Às seis da tarde, quando a levavam de volta para a casa dos Vandoulakis, perto de Elounda, estavam todos cansados. Sofia desfrutava do amor e da atenção de três avós. De certa forma, tinha sorte.



Quando a primavera se transformou em início de verão, Kyritsis contou que duzentos dias já haviam transcorrido desde o enterro de Anna e do dia em que levava Maria até Elounda e percebera que, no final das contas, não viveriam seu futuro juntos. Todos os dias,

lutava para não pensar no que poderia ter sido. Levava a mesma existência disciplinada de sempre: chegava ao hospital às sete e meia da manhã em ponto, saía quase às oito da noite, e passava as noites solitárias lendo, estudando e escrevendo cartas. Tudo isso o absorvia inteiramente, e muitos invejavam sua dedicação e aparente envolvimento no que fazia.

Semanas depois do êxodo dos pacientes de Spinalonga, a notícia de que a ilha não era mais usada como colônia de leprosos já se espalhara por Creta. Isso significava que muitas das pessoas que antes temiam revelar sintomas potenciais de lepra emergiram de suas aldeias e foram procurar ajuda. Agora que sabiam que o tratamento não iria significar o encarceramento na colônia, já não tinham medo de se expor, e iam em bandos procurar o homem conhecido por ter levado a Creta a cura da lepra. Embora a modéstia impedisse o dr. Kyritsis de deixar que essa glória lhe subisse à cabeça, sua reputação cresceu. Uma vez o diagnóstico confirmado, os doentes iam procurá-lo para receber injeções regulares de dapsona, e em geral, dali a poucos meses, à medida que as doses eram gradualmente aumentadas, a melhora começava a aparecer.

Durante muitos meses Kyritsis continuou a trabalhar como chefe de departamento no movimentado hospital central de Iraklion. Não devia ter havido nada mais recompensador do que ver seus pacientes irem embora curados e liberados de forma definitiva. No entanto, tudo que ele sentia era um terrível vazio. Podia senti-lo no hospital e em casa, e a cada dia ficava mais difícil se levantar da cama e se arrastar de volta ao hospital. Começou até a questionar se de fato ele precisava administrar pessoalmente os remédios. Será que outra pessoa não poderia tomar seu lugar? Será que ele era realmente essencial?

Foi durante esse período em que se sentia dispensável no hospital e experimentava um enorme vazio fora dele que recebeu uma carta do dr. Lapakis, que após o fechamento de Spinalonga casara-se e assumira a chefia da dermatovenereologia do hospital central de Agios Nikolaos.

Meu caro Nikolaos,

Como andar  você?, me pergunto. O tempo passou muito depressa desde que saímos de Spinalonga, e em todos esses meses eu quis muito procurá-lo. A vida aqui em Agios Nikolaos   agitada e o hospital cresceu muito desde que assumi o cargo em tempo integral. Venha nos visitar se quiser umas férias de Iraklion. Minha mulher ouviu falar muito em você e adoraria conhecê-lo.

Sauda es, Christos

Aquilo fez Kyritsis pensar. Se alguém que ele respeitava tanto quanto Christos Lapakis se realizava trabalhando em Agios Nikolaos, então talvez a escolha fosse sua. Se Maria não podia ir até ele, era ele quem teria de fazê-lo. Toda terça-feira o jornal diário de Creta trazia anúncios de vagas em hospitais, e toda semana ele os percorria, esperando achar um trabalho mais perto da mulher que amava. As semanas foram passando e ele encontrou vários anúncios de empregos adequados sendo oferecidos em Hania, mas estes são fariam afastá-lo ainda mais do objetivo desejado. Começou a desanimar, até que um dia recebeu outra carta de Lapakis.

Caro Nikolaos,

Espero que tudo esteja bem com você. Você vai me achar um pau-mandado, tenho certeza, mas estou planejando largar meu emprego aqui. Minha mulher quer morar mais perto dos pais, em Rethimnon, de modo que nos mudaremos daqui a poucos meses. Acaba de me ocorrer que talvez você esteja interessado em assumir o meu departamento. O hospital está se ampliando depressa e   possível que no futuro haja uma oportunidade maior. Enquanto isso, achei por bem avisá-lo dos meus planos.

Sauda es, Christos

Embora nada houvesse sido dito, Lapakis sabia que o colega se tornara próximo de Maria Petrakis, e ficara arrasado ao saber que Kyritsis voltara sozinho para Iraklion. Deduziu que Maria se sentiu na obriga o de ficar com o pai, e considerava tudo isso um terrível desperdício.

Kyritsis leu e releu a carta antes de guardá-la no bolso de cima do jaleco branco, de onde tornou a pegá-la várias vezes durante o dia para correr os olhos pelas palavras. Embora um emprego em Agios Nikolaos fosse fechar muitas portas na sua carreira, havia uma porta em sua vida que se abriria: a possibilidade de morar mais perto de Maria. Naquela noite, escreveu ao velho amigo e perguntou-lhe como deveria proceder para obter o cargo. Era necessário cumprir algumas formalidades, havia mais candidatos para serem entrevistados e assim por diante, respondeu Lapakis, mas se ele pudesse escrever uma carta formal se candidatando à vaga ainda naquela semana, então era provável que considerassem seu nome. A verdade, como ambos bem sabiam, era que Kyritsis era qualificado demais para aquele trabalho. Trocar a chefia de um departamento no hospital de uma cidade grande pelo mesmo cargo em um hospital menor significava que ninguém duvidava de sua capacidade para realizar o trabalho, e o hospital ficou honrado, embora um pouco intrigado, que alguém daquela importância e reputação se candidatasse. Ele foi chamado para uma entrevista e em apenas poucos dias recebeu a confirmação de que o cargo era seu.

Os planos de Kyritsis eram organizar sua nova vida antes de entrar em contato com Maria. Não queria que ela fizesse nenhuma objeção à reviravolta em sua carreira, e pretendia simplesmente apresentar a situação como fato consumado. Menos de um mês depois, já instalado em uma casinha não muito longe do hospital, foi até Plaka, que ficava a apenas vinte e cinco minutos de carro. Era uma tarde de domingo de maio, e quando Maria abriu a porta da frente e viu Kyritsis ali em pé ficou pálida de surpresa.

— Nikolaos! — arquejou.

Então uma vozinha se ergueu. Parecia vir da saia de Maria, e um rosto surgiu atrás dela pouco acima do joelho.

— Quem é, tia Maria?

— É o dr. Kyritsis, Sofia — respondeu a mulher com uma voz quase inaudível.

Maria se afastou e Kyritsis passou pela porta. Ela ficou olhando para as costas dele enquanto passava, as mesmas costas

aprumadas, retas, que tantas vezes observara quando ele saía de sua casa para subir a rua principal de Spinalonga até o hospital. De repente, pareceu-lhe que até ontem ainda estava na ilha, sonhando acordada com o futuro.

Enquanto punha xícaras e pires na mesa, Maria tremia, e a louça chacoalhava bem alto. Logo ela e Kyritsis estavam sentados o mais confortavelmente possível nas duras cadeiras de madeira, bebericando o café como costumavam fazer em Spinalonga. Ela se esforçava, em vão, para pensar em algo para dizer. Kyritsis, no entanto, foi direto ao ponto.

— Eu me mudei — disse.

— Para onde? — perguntou ela, educadamente.

— Agios Nikolaos.

— Agios Nikolaos?

As palavras quase a fizeram engasgar. O espanto e a felicidade se misturaram em igual medida enquanto ela tentava imaginar as implicações daquela notícia.

— Sofia — disse ela à menina, que estava sentada à mesa desenhando. — Por que você não sobe e pega aquela boneca nova para mostrar ao dr. Kyritsis?

A menininha desapareceu escada acima para buscar o brinquedo, e Kyritsis então inclinou-se para a frente. Pela terceira vez na vida Maria ouviu as palavras: “Case comigo.”

Sabia que Giorgis agora podia cuidar de si mesmo. Haviam superado a morte de Anna e Sofia levava alegria e prazer a suas vidas. A distância de Agios Nikolaos significava que Maria poderia visitar o pai várias vezes por semana, além de continuar a ver Sofia também. Isso tudo levou menos de um segundo para passar por sua cabeça, e antes de tornar a respirar ela já havia lhe dado a resposta.

Giorgis voltou dali a pouco. Desde o dia em que soubera que Maria estava curada ele não ficava tão feliz. No dia seguinte, a notícia de que Maria Petrakis iria se casar com o homem que a deixara curada já se espalhara por toda Plaka, e os preparativos para o casamento começaram imediatamente. Fotini, que nunca perdera as esperanças de ver Maria e Kyritsis casados, entregou-se com dedicação aos preparativos. Ela e Stephanos iriam dar a festa antes

da cerimônia, e os amigos todos se reuniram na taberna para um grande banquete depois.

Marcaram com o padre uma data para dali a duas semanas. Não havia motivo para esperar mais. O casal já tinha uma casa para onde se mudar, já se conhecia havia alguns anos e Maria, de certa forma, já tinha um enxoval. Tinha também um vestido, o mesmo que havia comprado para o casamento com Manoli. Passara cinco anos guardado no fundo de uma gaveta, envolto em camadas de papel de seda. Um ou dois dias depois do segundo pedido de Kyritsis ela o desdobrou, desfez os vincos e o experimentou.

Ainda servia tão perfeitamente quanto no dia em que fora comprado. Seu corpo continuava o mesmo.

— Está lindo — disse Fotini.



Na véspera do casamento as duas mulheres estavam na casa de Fotini, discutindo como Maria deveria arrumar os cabelos.

— Você não acha que dá azar usar o mesmo vestido que eu deveria ter usado para outro casamento? Um casamento que nunca aconteceu?

— Azar? — retrucou Fotini. — Eu acho que você já esgotou sua cota de azar, Maria. Devo confessar que achei que o destino tinha de fato reservado isso para você, mas não penso mais assim.

Maria agora segurava o vestido na frente do corpo diante do longo espelho do quarto de Fotini. As dobras volumosas da saia cheia e rendada cascadeavam como uma cachoeira, e o tecido farfalhava ao redor de seus tornozelos. Com a cabeça jogada para trás, ela começou a rodopiar feito uma criança.

— Tem razão... tem razão... tem razão... — entoava ritmadamente, quase sem ar. — Tem razão... tem razão... tem razão...

Foi só quando ficou tonta que Maria parou de girar e se jogou na cama.

— Estou me sentindo a mulher mais sortuda do planeta — disse.
— Ninguém no mundo poderia ser tão feliz quanto eu.

— Você merece, Maria, merece mesmo — respondeu sua mais antiga amiga.

Ouviu-se uma batida na porta e Stephanos esticou a cabeça para dentro do quarto.

— Desculpem incomodar — disse, em tom de brincadeira. — Vamos ter um casamento aqui amanhã e estou tentando preparar o banquete. Se alguém me desse uma mãozinha não seria nada mal.

As duas riram, e Maria pulou da cama, jogando o vestido em cima de uma cadeira. Ambas desceram correndo a escada atrás de Stephanos, rindo feito as crianças que tinham sido um dia, contagiando tudo em volta delas com a empolgação de pensar no grande dia de Maria.

Acordaram em um dia ensolarado de maio. Todos os moradores da aldeia apareceram para acompanhar a procissão matrimonial no curto trajeto entre a casa de Maria e a igreja na outra ponta do povoado. Todos queriam ter certeza de que a linda mulher morena fosse conduzida em segurança até a cerimônia, e que nada dessa vez se interpusesse entre ela e um casamento feliz. Durante a cerimônia, as portas da igreja ficaram abertas, e as pessoas esticavam o pescoço para dar uma espiada no que acontecia lá na frente da nave. O dr. Lapakis era o padrinho, o koumbaros. Era uma figura conhecida em Plaka — as pessoas se lembravam de suas idas e vindas diárias a Spinalonga —, mas poucos se lembravam de Kyritsis. Sua presença fora fugidia, embora todos conhecessem sua importância na evacuação da colônia de leprosos.

Com o casal em pé diante do altar, o padre coroou ambos com dois halos entrelaçados de flores e gramas. Um silêncio absoluto reinava na igreja, e a multidão em pé sob o sol do lado de fora também estava calada tentando escutar as palavras.

— A serva de Deus, Maria, está coroada junto ao servo de Deus, Nikolaos... Em nome do pai, do filho e do Espírito Santo, hoje e para sempre. Ó Senhor nosso Deus, coroi-os com a Vossa glória.

Todos escutaram o padre ler os conhecidos textos matrimoniais, as cartas de São Paulo aos Efésios e a São João. Não houve nenhum ritual apressado ou mecânico na missa. Tratava-se do sacramento mais solene e importante que existia, e a duração reforçava seu significado para o casal, em pé junto ao altar. Mais de uma hora depois o padre encerrou a cerimônia.

— Rezemos pelos noivos. Que eles tenham misericórdia, paz, saúde e salvação. Que Cristo, nosso verdadeiro Senhor, que por Sua presença em Canaã da Galiléia aprovou a dignidade do matrimônio, tenha piedade de nós. Ó Senhor Jesus Cristo, tende piedade de nós.

Um ribombante “Amém” ecoou pela igreja, e por fim o casamento se concretizou. Amêndoas açucaradas foram distribuídas para todos, inclusive para os que haviam ficado de fora. Eram símbolo da abundância e da felicidade que todos desejavam a Maria e Kyritsis. Não havia ninguém que lhes desejasse outra coisa.

Giorgis assistira à cerimônia sentado na primeira fila da igreja junto a Eleftheria e Alexandros Vandoulakis. Era uma mostra pública de sua reconciliação, e entre eles estava sentada a pequena Sofia, encantada e animada pela solenidade e pelas cores do casamento. Para Giorgis, a sensação era de um novo começo, e ele tinha certeza de que as tristezas do passado haviam ficado de fato para trás. Era a primeira vez em anos que se sentia em paz.

Quando Maria surgiu, coroada, ao lado de seu noivo grisalho, a multidão deu vivas e depois os seguiu sob o sol até a taberna, onde os festejos iriam começar. O banquete que Stephanos serviu aos convidados naquela noite foi suntuoso. O vinho fluía à larga, e rolhas saltaram de garrafas de tsikoudia até tarde da noite. Sob as estrelas, os músicos tocaram até os dançarinos ficarem com os pés dormentes. Não houve fogos de artifício.

O casal passou as primeiras duas noites em um elegante hotel com vista para o porto de Agios Nikolaos, mas estavam ansiosos para iniciar a próxima etapa de suas vidas. Durante as duas semanas que antecederam o casamento Maria fora várias vezes à casa onde iriam morar. Seria a primeira vez que viveria em uma cidade agitada, e estava empolgada com a ideia da mudança. A casa ficava em uma colina íngreme perto do hospital, tinha uma varanda

com grade de ferro fundido e janelas que iam do chão até o teto, igual às outras da mesma rua. Era uma casa alta e estreita, com dois lances de escada, pintada do mais claro verde-mar.

O próprio dr. Kyritsis era recém-chegado à cidade, portanto não foi alvo de fofocas ao levar sua esposa para casa, e o lugar era suficientemente distante da antiga casa de Maria para ela poder começar sua vida do zero. Ali, ninguém conhecia seu histórico médico, a não ser o marido.

Fotini foi a primeira a visitá-los, com Mattheos e o bebê Petros, e Maria mostrou-lhe orgulhosa a nova casa.

— Olhe só que janelas enormes! — exclamou Fotini. — E daqui dá para ver o mar. E olhem, meninos, tem até um jardimzinho!

A casa era mais grandiosa e espaçosa do que qualquer uma em Plaka, e os móveis menos rústicos do que os que a maioria dos habitantes da aldeia tinha na época. A cozinha também era muito mais sofisticada do que aquela onde Maria fora criada: pela primeira vez na vida havia uma geladeira, um fogão moderno e energia elétrica que não caía de repente sem aviso nenhum.

Durante alguns meses a vida não poderia ter sido mais perfeita. Maria adorava a nova casa na colina perto do hospital, que logo foi decorada a seu gosto com bordados feitos por ela e fotografias emolduradas de sua família. Em uma manhã do início de setembro, porém, ela escutou o toque do telefone recém-instalado. Era Giorgis, que raramente lhe telefonava, então ela soube na mesma hora que havia acontecido algo.

— É Eleftheria — disse ele ao seu estilo seco de sempre. — Ela morreu hoje de manhã.

Nos últimos meses, Giorgis se reaproximara do casal Vandoulakis, e Maria pôde detectar tristeza em sua voz. Não houvera sinal de doença nem aviso do derrame que acometera a velha senhora de forma tão repentina e inesperada. O funeral ocorreu dias depois, e foi somente no final da cerimônia, quando Maria viu a pequena sobrinha de mãos dadas com os dois avôs, que se deu conta da situação. Sofia precisava de uma mãe.

Não conseguia tirar isso da cabeça. O pensamento a perseguia, prendendo-se a ela como espinhos grudados em uma roupa de lã. A

menina tinha só três anos — o que iria acontecer com ela? E se Alexandros morresse também? Ele era pelo menos dez anos mais velho do que Eleftheria, então isso era perfeitamente possível, e ela sabia que Giorgis nunca poderia cuidar da neta sozinho. Quanto ao pai, apesar do recurso no julgamento alegando circunstâncias atenuantes, a sentença do juiz fora severa, e Andreas só sairia da prisão quando Sofia estivesse com dezesseis anos.

Enquanto tomavam vinho na semi-escuridão da sala de visitas dos Vandoulakis em Elounda, cômodo que parecia feito para o luto, com seus retratos de família intimidadores e seus móveis pesados, a solução lhe parecia cada vez mais perfeita. Não era hora de falar a respeito com ninguém, embora ela ansiasse por dividir aquilo. Parecia que as próprias paredes se punham a murmurar enquanto todos adotavam os tons baixos e contidos de quem sente que até o tilintar de um copo seria capaz de estragar a sobriedade do ambiente. Durante todo esse tempo Maria queria subir em uma cadeira e anunciar o que queria fazer, mas teve de esperar mais ou menos uma hora até o momento de ir embora para confidenciar com Kyritsis. Antes mesmo de chegarem ao carro, agarrou o braço dele.

— Tive uma ideia — disparou. — É sobre Sofia.

Não havia necessidade de dizer mais nada. Kyritsis vinha pensando na mesma possibilidade.

— Eu sei — respondeu. — A menina agora perdeu duas mães, e quem pode saber quanto tempo Alexandros vai viver depois disso?

— Ele amava muito Eleftheria, e está com o coração partido. Não posso imaginar como será sua vida sem ela.

— Precisamos pensar nisso com cuidado. Talvez seja o momento errado para sugerir que Sofia vá morar conosco, mas ficar com o avô tampouco vai ser uma solução de longo prazo, não é?

— Por que não conversamos com ele daqui a alguns dias?

Dali a apenas dois dias, depois de ter telefonado para avisar que gostariam de fazer uma visita, Maria e Nikolaos Kyritsis foram se sentar mais uma vez na sala de visitas de Alexandros Vandoulakis. O homem outrora imponente parecia ter murchado desde o funeral, quando mantivera a cabeça erguida e orgulhosa ao longo de toda a missa.

— Sofia já foi se deitar — começou, servindo-lhes uma bebida da garrafa no aparador. — Senão ela teria vindo dizer olá.

— É sobre Sofia que viemos falar — começou Maria.

— Imaginei — disse Vandoulakis. — A questão nem precisa ser discutida.

Maria empalideceu. Talvez sua visita tivesse sido uma inconveniência atroz.

— Eleftheria e eu tivemos uma conversa poucos meses atrás exatamente sobre esse assunto — começou Vandoulakis. — Conversamos sobre o que iria acontecer com Sofia caso um de nós morresse... embora pensássemos, é claro, que o primeiro a partir fosse eu. O que combinamos foi que se um de nós ficasse sozinho, o melhor para nossa neta seria confiá-la aos cuidados de alguém mais jovem.

Alexandros Vandoulakis passara muitas décadas dando ordens, mas mesmo assim Maria e Kyritsis ficaram espantados com seu total domínio da situação. Não precisaram dizer mais nenhuma palavra.

— A melhor solução para Sofia seria ir morar com vocês — disse, dirigindo-se aos dois. — Poderiam pensar no assunto? Sei que você gosta muito dela, Maria, e como tia é a parente de sangue mais próxima que ela tem.

Maria passou alguns momentos se esforçando para falar, mas foi Kyritsis que conseguiu dizer todo o necessário.

No dia seguinte, depois de o médico terminar o trabalho no hospital, ele e Maria voltaram à casa dos Vandoulakis e, juntos, começaram a preparar Sofia para a próxima etapa de sua vida. No final da semana seguinte ela já havia se mudado para a casa de Agios Nikolaos.

No início, Maria ficou nervosa. Um ano depois de sair de Spinalonga já se casara, e agora, quase da noite para o dia, tornara-se mãe de uma menina de três anos. Mas não precisava ter tido medo. Sofia reagiu bem à situação e adaptou-se facilmente a viver com um casal muito mais jovem e mais vigoroso do que os avós. Apesar do início de vida traumático, era aparentemente uma criança feliz e adorava a companhia de outras crianças, logo fez muitos amigos na rua em que morava.

Kyritsis também ficara nervoso com o fato de se tornar pai. Embora sempre tivesse algumas crianças entre seus pacientes, o contato com alguém tão jovem quanto Sofia fora limitado. No início, a menina também se mostrou receosa com ele, mas logo percebeu que, com provocações mínimas, era capaz de fazer seu semblante sério se abrir em um sorriso. Kyritsis começou a mimá-la, e logo passou a ser repreendido com frequência pela mulher.

— Você está estragando a menina — reclamava Maria ao ver como Sofia fazia Nikolaos de gato e sapato.

Assim que Sofia entrou para a escola, Maria começou a estudar para trabalhar no dispensário do hospital. Parecia um complemento perfeito para seu trabalho com as ervas, com o qual ela também continuou. Como aprendera a dirigir desde o casamento, levava Sofia para visitar o avô paterno, onde a menina passava a noite. No dia seguinte, quando Maria ia buscá-la, geralmente seguiam até Plaka, onde visitavam Giorgis. Em quase todas essas visitas, iam também à casa de Fotini, e Sofia ficava brincando com Mattheos e Petros na praia junto à taberna enquanto as duas mulheres trocavam confidências sobre suas vidas.

A vida continuou assim, feliz e organizada, durante algum tempo. Sofia gostava da rotina de visitar os dois avôs uma vez por semana e da animação que a vida em uma agitada cidade portuária oferecia a uma criança. Dali a algum tempo, o fato de que Maria e Nikolaos não eram seus pais verdadeiros apagou-se de sua mente. A casa em que moravam em Agios Nikolaos era tudo de que ela se lembraria da primeira infância. A única lacuna em suas vidas era um irmão para Sofia. Esse era um assunto que abordavam raramente, mas o fato de não ter gerado um filho seu era um fardo para Maria.

Quando Sofia estava com nove anos, Alexandros Vandoulakis morreu. Partiu de forma tranquila, durante o sono, depois de ter organizado cada detalhe de seu testamento, segundo o qual a fazenda seria dividida entre as duas filhas e suas famílias, e Sofia receberia uma soma generosa à qual teria direito quando chegasse à maioridade. Três anos depois disso Giorgis caiu de cama por causa de uma infecção pulmonar e mudou-se para a casa de Agios Nikolaos, para que Maria pudesse cuidar dele. Ao longo dos dois

anos seguintes a neta adolescente passou muitas horas por dia sentada sobre a colcha de sua cama, jogando partidas de gamão com o avô. Em um dia de outono, pouco antes de Sofia chegar da escola, ele morreu. As duas mulheres de sua vida ficaram inconsoláveis. O único conforto verdadeiro foi ver a imensa multidão que compareceu ao funeral. Em Plaka, aldeia onde ele passara quase a vida inteira, a igreja encheu-se com muito mais de cem pessoas, que se lembravam todas, com carinho, do pescador taciturno que suportara tanta infelicidade sem uma única reclamação.



Em uma manhã fria, no início do ano seguinte, um envelope datilografado com carimbo postal de Iraklion chegou pelo correio. Estava endereçado "Aos tutores de Sofia Vandoulakis". A barriga de Maria deu um nó ao ler aquele nome. Era um nome que Sofia nunca soubera possuir, e ela recolheu a carta do capacho e guardou-a imediatamente no fundo de uma gaveta. Havia apenas um remetente possível para uma correspondência como aquela, e Maria ficou muito aflita. Decidiu esperar o marido chegar em casa antes de descobrir se seus temores eram justificados.

Por volta das dez horas daquela noite Nikolaos voltou para casa depois de um longo dia no hospital. Sofia fora se deitar uma hora antes. Com certa formalidade, Nikolaos abriu o envelope com o corta-papel de prata e retirou uma folha de papel rígido.

A quem interessar possa

Estavam sentados lado a lado no sofá, com as pernas se tocando, e a mão de Nikolaos tremia de leve quando ele segurou a carta para ambos poderem ler.

Lamentamos informar que Andreas Vandoulakis faleceu no dia 7 de janeiro. A causa da morte foi pneumonia.

O enterro será no dia

14 de janeiro. Favor confirmar o recebimento desta.

Cordiais saudações,

Diretor da prisão de Iraklion

Não disseram nada por alguns instantes. Mas leram e releeram a carta formal. Andreas Vandoulakis. Esse nome já carregara um significado de tamanha riqueza e futuro promissor. Mesmo depois dos terríveis acontecimentos de uma década antes, era difícil acreditar que a vida de um indivíduo tão privilegiado terminasse em uma cela úmida de prisão. Sem dizer nada, Nikolaos se levantou, devolveu a carta ao envelope e atravessou o cômodo para trancá-la dentro da papeteira. Não havia a menor chance de Sofia encontrá-la ali.

Dois dias depois, Maria era a única pessoa presente quando o caixão de Andreas foi baixado em uma vala comum de indigentes. Nenhuma das irmãs compareceu. Sequer teriam cogitado fazê-lo. No que lhes dizia respeito, era como se o irmão já tivesse morrido muitos anos antes.

Corria então o final da década de 1960, e as primeiras ondas de turistas começaram a chegar a Creta, muitos indo visitar Agios Nikolaos, que se tornou uma atração para europeus do norte enfeitiçados pelo sol, pelo mar cálido e pelo vinho barato. Sofia estava com quatorze anos e começava a mostrar um temperamento forte. Com pais tão convencionais quanto os seus, verdadeiros pilares da sociedade, não demorou a descobrir que uma maneira eficaz de se rebelar era ficar zanzando pela cidade na companhia de meninos franceses e alemães, que mal acreditavam que aquela linda garota grega, de silhueta gloriosamente curvilínea e cabelos que iam até a cintura, quisesse lhes fazer companhia. Embora Nikolaos detestasse entrar em conflito com Sofia, as brigas se tornaram um fato quase diário durante os meses de verão.

— Ela herdou a beleza da mãe — desesperou-se Maria certa noite, quando Sofia não voltou para casa. — Mas agora parece que

herdou o caráter também.

— Bom, acho que agora finalmente sei de que lado me posicionar no debate entre hereditariedade e educação — disse Kyritsis, desanimado.

Embora sob outros aspectos fosse uma moça rebelde, Sofia estudava com afinco na escola, e quando completou dezoito anos chegou a hora de pensar no ensino superior. Era uma oportunidade que Maria nunca tivera, e tanto ela quanto Nikolaos queriam isso para a menina. Ela imaginou que Sofia fosse estudar em Iraklion, mas ficou decepcionada. Desde a infância Sofia vira os grandes barcos irem e virem da Grécia continental. Sabia que Nikolaos estudara em Atenas, e era para lá que queria ir. Maria, que nunca saíra de Creta, encheu-se de preocupação com a ambição de Sofia de se afastar ainda mais de casa.

— Mas a universidade de Iraklion é tão boa quanto qualquer outra na Grécia — dizia, tentando convencê-la.

— Não duvido — respondia Sofia. — Mas qual o problema de eu querer ir um pouco mais longe?

— Nenhum — retrucou Maria, na defensiva. — Mas Creta já me parece grande o suficiente. Tem sua própria história, seus próprios costumes.

— É exatamente essa a questão — disparava Sofia, demonstrando uma determinação inabalável que nada era capaz de dobrar. — Creta está arraigada demais na própria cultura. Às vezes parece quase isolada de tudo. Eu quero ir para Atenas, ou para Tessalônica... pelo menos lá as pessoas estão ligadas ao resto do mundo. Tem tanta coisa acontecendo lá fora e nós aqui na maior parte do tempo nem ficamos sabendo.

Ela demonstrava um desejo de viajar perfeitamente natural para uma moça da sua idade. Naquela época, todos os jovens queriam sair pelo mundo. Maria, porém, tinha medo disso. Além dos próprios temores de perder Sofia, aquilo a fazia pensar na questão da paternidade da menina. Manoli teria falado assim, dizendo que Creta era uma ilhazinha em um planeta enorme, e que além dela as possibilidades eram emocionantes. Havia algo de estranhamente familiar naquela ânsia de partir.

Quando junho chegou, Sofia já havia tomado sua decisão. Iria para Atenas, e seus pais não poderiam impedi-la. Partiria no final de agosto.



Na véspera do dia da partida da filha para o Pireu, Maria e Nikolaos estavam sentados no jardim debaixo de uma velha vinha que pendia em cachos quase maduros de uvas roxas. Sofia tinha saído. Nikolaos segurava um copo balão com as últimas gotas de uma dose de Metaxa.

— Temos de contar para ela, Maria — disse.

Não houve resposta. Ao longo dos últimos meses os dois não haviam conseguido chegar a uma decisão quanto a contar ou não a Sofia quem eram seus verdadeiros pais. E foi quando Maria admitiu a possibilidade de Manoli talvez ser o verdadeiro pai de Sofia que Kyritsis finalmente se decidiu. A menina tinha de saber. Agora que havia uma chance de seu pai estar vivo e trabalhando em Atenas, ou em qualquer outro lugar, ela precisava conhecer a verdade. Maria sabia que Nikolaos estava certo, e que Sofia precisava tomar ciência do fato antes de ir para Atenas. Mas todos os dias adiava o momento de contar.

— Olhe, eu não me importo em falar — disse Nikolaos. — Só acho que não podemos mais protelar.

— Sim, sim. Eu sei que você está certo — disse Maria, respirando fundo. — Vamos contar a ela hoje à noite.

Ficaram sentados no calor da noite de verão, vendo as mariposas fazerem piruetas à luz das velas como se fossem bailarinas. De vez em quando, o silêncio era quebrado pelo farfalhar de um lagarto passando, que esbarrava com o rabo em uma folha seca antes de subir pela parede da casa. O que aquelas estrelas brilhantes reservaram para sua família?, perguntou-se Maria. Davam a impressão de terem sempre estado ali, olhando, cientes do próximo

capítulo antes dela. Foi ficando tarde, e Sofia não voltava, mas não iriam desistir. Não podiam adiar por mais um dia o que tinham a fazer. Às quinze para as onze a temperatura havia caído e Maria tremia.

— Vamos entrar? — perguntou ela.

O tempo se arrastou pelos quinze minutos seguintes, mas por fim ouviram a porta da frente bater. Sofia estava em casa.

PARTE 4



CAPÍTULO 25

Quando Fotini chegou a esse ponto da história, sentiu subitamente o peso da responsabilidade de descrever as emoções de alguém mais do que capaz de contar a própria história. Embora soubesse tão bem quanto qualquer outra pessoa como Sofia devia ter se sentido, quem poderia contar melhor a história do que aquela que havia suportado de fato os golpes da verdade? Fora Sofia quem, naquela noite de agosto, tentara inúmeras vezes recuperar o fôlego, sem conseguir, quando seus pais lhe contaram que na verdade não eram seus pais; fora ela quem precisara enfrentar o fato de que sua mãe não estava mais viva e de que não havia certeza quanto à identidade de seu pai biológico. Nunca mais conseguiu ter certeza de nada. Se a terra tivesse tremido sob seus pés e a ilha de Creta fosse sacudida por um fortíssimo terremoto, ela não teria se sentido mais insegura.

Fotini percebeu que só havia uma coisa a fazer, e bastava dar um telefonema para Sofia em Londres. Levantou-se da mesa e deixou Alexis observando a vista agora conhecida de Spinalonga.

Assim que pegou o telefone, Sofia soube quem estava ligando.

— Fotini! É você?

— Sou eu. Como vai, Sofia?

— Muito bem, obrigada. Minha filha Alexis apareceu? Dei uma carta a ela para que entregasse a você.

— É claro que ela veio me visitar, e ainda está aqui. Tivemos momentos ótimos juntas, e fiz quase tudo que você pediu.

Houve alguns instantes de hesitação do outro lado da linha. Fotini sentiu uma certa atmosfera de urgência.

— Sofia, quanto tempo você demoraria para chegar até aqui? Contei a Alexis tudo que pude, mas não me sinto segura para falar algumas coisas. Ela precisará ir embora logo para encontrar o namorado, mas se você pudesse chegar aqui antes disso, poderíamos todas passar alguns dias juntas. O que acha?

Novamente, houve silêncio do outro lado.

— Sofia? Você continua aí?

— Continuo, sim...

Era um convite tão espontâneo! Havia mil motivos pelos quais Sofia não podia largar tudo e pegar um avião para a Grécia, mas tinha uma quantidade suficiente de ótimos motivos para fazê-lo, e ela resolveu quase na mesma hora deixar de lado as objeções. Iria a Creta no dia seguinte, acontecesse o que acontecesse.

— Olhe, vou ver se consigo um voo. Seria maravilhoso voltar a Plaka depois de tanto tempo.

— Ótimo. Não vou dizer a Alexis, mas vou cruzar os dedos para que venha.

Sofia não teve problemas para conseguir um voo para Atenas. Àquela altura da temporada a demanda era pouca, e havia um avião saindo de Heathrow naquela mesma tarde. Arrumou rapidamente uma mala pequena e deixou um recado na secretária eletrônica de Marcus explicando para onde estava indo. O avião decolou sem atraso, e às oito horas daquela noite ela já estava em um táxi seguindo para o porto do Pireu, onde pegou a barca noturna até Iraklion. Enquanto o ferry boat sacudia para lá e para cá no trajeto rumo ao sul, Sofia teve tempo de sobra para ficar ansiosa com o que teria de enfrentar quando chegasse. Não conseguia acreditar que tivesse mesmo tomado aquela decisão. Ir a Plaka seria uma viagem tão carregada de lembranças que ficou surpresa consigo mesma, mas Fotini parecera fazer muita questão. Talvez fosse mesmo hora de encarar o passado.

Na manhã seguinte, menos de vinte e quatro horas depois do telefonema entre as duas mulheres, Fotini viu um carro se aproximando pela estrada lateral junto à taberna. Uma loura cheia de curvas desceu. Embora fizesse vinte anos que não a via e os cabelos louros pudessem despistar, percebeu no mesmo instante quem era. Correu a seu encontro.

— Sofia, você veio. Não acredito! — exclamou. — Não tinha certeza se viria.

— É claro que eu vim. Há anos queria voltar, mas nunca parecia ser o momento certo. De toda forma, você nunca me convidou — acrescentou, com um jeito maroto.

— Sabe que não precisa esperar convites para vir aqui. Poderia ter vindo quando quisesse.

— Eu sei. — Sofia fez uma pausa e olhou em volta. — Parece tudo igualzinho.

— Nada mudou muito — disse Fotini. — Sabe como são essas aldeias. A lojinha pinta as persianas de uma cor diferente e todo mundo reclama!

Como prometido, Fotini não dissera nada a Alexis sobre a chegada iminente da mãe, e quando a moça apareceu na varanda, com os olhos cheios de sono, ficou surpresa ao vê-la e imaginou de início se estaria tendo alucinações por causa do conhaque da véspera.

— Mãe? — foi tudo que conseguiu dizer.

— É, sou eu — respondeu Sofia. — Fotini me convidou e pareceu uma boa oportunidade para vir.

— Que surpresa! — exclamou a filha.

As três se sentaram em volta de uma mesa e ficaram tomando refrescos à sombra de um toldo.

— Como foi a viagem? — perguntou Sofia.

— Ah, mais ou menos — respondeu Alexis, com um dar de ombros desinteressado. — Até eu chegar aqui. Aí ficou tudo muito mais interessante. Aqui em Plaka está sendo maravilhoso.

— O Ed está aqui com você? — indagou Sofia.

— Não. Deixei-o em Hania — respondeu Alexis, baixando os olhos para o café. Mal havia pensado no namorado nos últimos dias, e de repente sentiu uma pontada de culpa por tê-lo abandonado durante tanto tempo. — Mas estou planejando voltar amanhã — acrescentou.

— Tão cedo? — estranhou Sofia. — Mas eu acabei de chegar.

— Bom — disse Fotini, trazendo mais bebidas para a mesa —, então não temos muito tempo.

As três sabiam que havia coisas a fazer. Por que outro motivo Sofia teria ido até lá? A cabeça de Alexis ainda girava com tudo que Fotini lhe contara nos últimos dias, mas ela sabia que havia um capítulo final. Era por isso que sua mãe estava ali.

CAPÍTULO 26

Era véspera da partida de Sofia para começar a vida de estudante universitária. Seu baú só precisava ser transportado algumas centenas de metros rua abaixo até o porto para ser posto na barca, e sua próxima parada, assim como a dela, seria a capital grega, trezentos quilômetros ao norte. A decisão de Sofia de abrir as asas era contrabalançada por uma sensação equivalente de ansiedade e medo. Mais cedo naquele dia ela lutara contra a tentação de desembalar cada um dos seus pertences e tornar a arrumá-los nos devidos lugares: roupas, livros, canetas, despertador, rádio, retratos. Trocar o conhecido pelo desconhecido era difícil, e ela via Atenas como uma porta de entrada para a aventura ou para o desastre. Aos dezoito anos, não podia imaginar um meio-termo. Cada osso de seu corpo doía com a ideia de sentir saudade de casa, mas não havia como recuar agora. Às seis da tarde saiu para encontrar os amigos e para se despedir daqueles que estava deixando para trás. Seria uma boa distração.

Quando voltou, às onze da noite, encontrou o pai andando de um lado para o outro da sala. A mãe estava sentada na beirada de uma cadeira, com as mãos unidas e bem apertadas, e os nós dos dedos brancos de tensão. Todos os músculos de seu rosto estavam retesados.

— Ainda acordados! Desculpem chegar tão tarde — disse Sofia. — Mas vocês não precisavam ter me esperado.

— Sofia, queremos conversar com você — disse o pai com cuidado.

— Por que não se senta? — sugeriu Maria.

Sofia sentiu-se imediatamente pouco à vontade.

— Mas que formalidade — falou, deixando-se cair sobre uma cadeira.

— Há uma ou duas coisas que achamos que você precisa saber antes de ir para Atenas amanhã — disse-lhe o pai.

Então a mãe tomou a palavra. Afinal de contas, a maior parte do que tinha a revelar era sua história.

— É difícil saber por onde começar — falou Maria. — Mas queremos contar algumas coisas sobre nossa família...



Naquela noite, contaram-lhe tudo, exatamente da mesma forma que Fotini contara para Alexis. Nada servira de alerta a Sofia, nem a mais ínfima desconfiança nem qualquer palavra descuidada; ela estava inteiramente despreparada para lidar com aquele tipo de revelação. Imaginou-se em pé no alto de uma imensa montanha, onde as camadas de segredos houvessem se sobreposto milênio após milênio, cada estrato rochoso solidificando-se por cima do anterior. Haviam lhe escondido tudo em seus mínimos detalhes. Parecia uma conspiração. Quando pensou a respeito, viu que devia haver dúzias de pessoas que sabiam sobre o assassinato de sua mãe, e todas tinham guardado segredo durante anos. E o que dizer das especulações e das fofocas que deviam ter ocorrido? Talvez as pessoas que a conheciam sussurrassem nas suas costas quando ela passava: “Coitadinha. Será que ela algum dia vai descobrir quem era seu pai?” E podia imaginar os cochichos maliciosos, os comentários sobre a lepra: “Imagine só”, deviam ter dito. “Não só um, mas dois casos na família!” Ela vinha carregando todo aquele estigma por tantos e tantos anos, mas sem ter a menor consciência. Uma doença deformante, uma mãe devassa, um pai assassino. Sentiu-se inteiramente nauseada. Sua ignorância havia sido um bálsamo.

Jamais havia questionado o fato de ser filha daquelas duas pessoas ali sentadas na sua frente. Por que deveria? Sempre imaginara que sua aparência fosse uma mistura de Maria e Kyritsis. Era o que todo mundo sempre dizia. Mas acabara de descobrir que era tão parente de sangue do homem que sempre chamara de pai quanto de qualquer um que encontrasse na rua. Amara os pais sem

questionamentos, e agora que não eram mais seus pais, será que os sentimentos haviam mudado? No intervalo de uma hora toda a sua história de vida tinha mudado. Dissolvera-se atrás dela, e quando olhava para trás, via um vazio. Um espaço em branco. Um nada.

Recebeu a notícia em silêncio e sentiu-se enjoada. Não pensou nem por um momento em como Maria e Kyritsis estariam se sentindo, ou o que haveria lhes custado contar-lhe a verdade depois de todo aquele tempo. Não. Aquela era a sua história, era a sua vida que eles haviam falsificado, e ela estava com raiva.

— Por que não me contaram isso antes? — perguntou, aos gritos.

— Queríamos proteger você — disse Kyritsis com firmeza. — Não parecia haver necessidade de contar antes.

— Nós amamos você como seus próprios pais teriam amado — interveio Maria em tom de súplica.

Já sentia desespero suficiente por estar perdendo a filha única para a universidade, mas estava ainda mais abalada pela compreensão de que a moça à sua frente, que a olhava como se ela fosse uma desconhecida, não iria considerá-la mais mãe. Meses e anos haviam passado durante os quais o fato de Sofia não ser sua filha de sangue não tivera a menor relevância, e eles talvez a houvessem amado ainda mais por não terem podido ter filhos.

Naquela hora, porém, Sofia os via apenas como pessoas que lhe mentiram. Tinha dezoito anos, era irracional, e estava então firme em seu desejo de inventar um futuro no qual teria o comando dos fatos. Sua raiva deu lugar a uma frieza que lhe possibilitou controlar as emoções, mas que congelou o coração das pessoas que mais a amavam no mundo.

— Vejo vocês pela manhã — disse, levantando-se. — O barco sai às nove.

Com isso, deu-lhes as costas.

Na manhã seguinte, Sofia acordou bem cedo para arrumar as últimas coisas na mala, e às oito ela e Kyritsis puseram as bagagens no carro. Nenhum dos dois disse nada. Junto com Maria, desceram até o porto, e quando chegou a hora, a despedida de Sofia foi superficial.

Ela beijou os dois na bochecha.

— Tchau — disse. — Vou escrever.

Havia em seu adeus uma finalidade que não prometia nenhum encontro em breve. Confiavam que ela iria escrever, mas já sabiam que não havia razão para ficar esperando cartas. Quando a barca se afastou do cais, Maria sentiu que aquilo era o pior que a vida lhe poderia ter reservado. As pessoas a seu lado acenavam felizes para os que partiam, mas de Sofia não havia nem sinal. Ela sequer estava no convés.

Maria e Kyritsis ficaram olhando até o barco se transformar em um pontinho no horizonte. Somente então foram embora. O vazio era insuportável.

Para Sofia, a viagem a Atenas tornou-se uma fuga do passado, do estigma da lepra e da incerteza de quem era seu pai. Alguns meses depois de iniciado o primeiro semestre, sentiu-se pronta para escrever.

Queridos mamãe e papai (ou será que eu deveria chamar vocês de titio e titia?, nenhum dos dois me parece mais o certo),

Sinto muito as coisas terem sido tão difíceis quando saí daí. Fiquei extremamente chocada. Não consigo sequer encontrar palavras para descrever o que aconteceu, e ainda sinto náuseas ao pensar em tudo aquilo.

De qualquer forma, escrevo só para dizer que estou me adaptando bem à vida aqui. Estou gostando das aulas, e embora Atenas seja muito maior e mais poeirenta do que Agios Nikolaos, aos poucos vou me acostumando.

*Logo escrevo mais. Prometo. Com amor,
Sofia*

A carta dizia tudo e não dizia nada. Continuaram a receber bilhetes curtos, descritivos e muitas vezes entusiasmados, mas que pouco revelavam sobre o que Sofia realmente sentia. No final do primeiro ano ficaram amargamente desapontados, embora não de todo surpresos, quando ela não foi passar as férias em casa.

A moça tornou-se obcecada pelo próprio passado, e resolveu passar o verão tentando encontrar Manoli. No início, a trilha parecia fácil, e ela seguiu algumas pistas em Atenas e em outros lugares na Grécia. Mas as fontes foram ficando imprecisas, como listas telefônicas e registros fiscais, e ela simplesmente passou a bater na porta de qualquer desconhecido que eventualmente se chamasse Vandoulakis; ficavam parados um na frente do outro, pouco à vontade, antes de Sofia dar uma breve explicação e desculpar-se por incomodá-los. A trilha, se é que se poderia chamar assim, ficou fria e árida, e certa manhã ela acordou em um hotel de Tessalônica perguntando-se que diabos estava fazendo. Mesmo que encontrasse aquele homem, não teria certeza de que seria seu pai. Afinal de contas, preferia que o pai fosse o assassino da sua mãe ou um adúltero que a abandonara? Não era uma escolha fácil. Não seria melhor dar as costas à incerteza do passado e construir um futuro?

No início do segundo ano de estudos Sofia conheceu uma pessoa que iria se revelar um personagem muito mais significativo em sua história do que o pai, quem quer que fosse ele. Era um inglês chamado Marcus Fielding, que estava na universidade de Atenas em um ano sabático. Sofia nunca conhecera ninguém como ele. Era grande, corpulento, com uma pele clara que tendia a enrubescer quando sentia vergonha ou calor, e tinha olhos muito azuis, coisa rara de se ver na Grécia. Também exibia o aspecto permanentemente amarfanhado que só um inglês era capaz.

Marcus nunca tivera uma namorada de verdade. Em geral, estivera entretido com os estudos, ou então era tímido demais para tentar seduzir mulheres, e considerava a Londres sexualmente liberada do início dos anos 1970 intimidadora. Naquele tempo, Atenas estava bem atrasada nessa revolução. No primeiro mês na universidade, Marcus conheceu Sofia junto com um grupo grande de outros alunos e achou ela a mulher mais bonita que já vira. Embora parecesse bem avançadinha, não era inatingível, e ficou surpreso quando ela aceitou um convite dele.

Em poucas semanas os dois se tornaram inseparáveis, e quando chegou a hora de Marcus voltar para a Inglaterra, Sofia decidiu que desistiria do resto do curso para ir com ele.

— Não tenho nada que me prenda aqui — disse certa noite. — Sou órfã.

Quando ele protestou, ela garantiu que era verdade.

— Sério, sou sim — disse ela. — Tenho um tio e uma tia que me criaram, mas eles estão em Creta. Não vão se importar se eu for para Londres.

Não disse mais nada sobre a forma como fora criada, e Marcus não insistiu, mas o que fez questão foi de que se casassem. Sofia não precisou que a convencesse. Estava completa e perdidamente apaixonada por aquele homem, e sabia, sem sombra de dúvida, que ele jamais iria decepcioná-la.

Em um dia frio de fevereiro, daqueles em que o gelo permanece até o meio-dia, casaram-se em um cartório do sul de Londres. O convite, formal, passara algumas semanas em pé sobre o parapeito acima da lareira de Maria e Nikolaos. Seria a primeira vez em que veriam Sofia desde o dia em que ela fora embora. A intensa dor do abandono que tinham sentido com tanta força no início aos poucos cedeu lugar à dor mais difusa da aceitação. Ambos prepararam-se para ir ao casamento com uma mistura de empolgação e angústia.

Gostaram de Marcus imediatamente. Sofia não poderia ter encontrado um homem mais gentil, mais digno de confiança, e vê-la tão contente e segura era tudo que eles desejavam, mesmo que isso significasse que agora era pouco provável que ela voltasse a viver em Creta. Gostaram do casamento à moda inglesa, embora tenham sentido falta de todo o ritual e a tradição aos quais estavam acostumados. Parecia apenas uma festa normal, a não ser por alguns discursos, e o mais estranho era que a noiva, vestida com um terninho vermelho de calça comprida, na realidade não se destacava dos outros convidados. Maria, que não falava nada de inglês, foi apresentada a todos como tia de Sofia, e Nikolaos, que falava um inglês excelente, como seu tio. Permaneceram um ao lado do outro durante toda a cerimônia e Kyritsis traduziu tudo para a mulher.

Em seguida, passaram duas noites em Londres. Maria, em especial, ficou admirada com aquela cidade onde Sofia decidira morar. Para ela, aquilo era um outro planeta, um lugar em constante movimento, com barulho de motores de carro, ônibus vermelhos

monstruosos e multidões apressadas passando diante de vitrines de manequins magrelas. Uma cidade em que, mesmo morando lá, as chances de se esbarrar em algum conhecido eram nulas. Foi a primeira e última vez que Maria saiu de sua ilha natal.

Mesmo com o marido, Sofia já havia explorado a terra de ninguém que existe entre segredo e mentira. Convencera-se de que a omissão, o ato de não contar alguma coisa, era muito diferente de dizer uma inverdade. Mesmo quando os filhos nasceram — Alexis, a primeira, apenas um ano depois do casamento —, prometeu a si mesma que nunca lhes contaria sobre sua família de Creta. Eles seriam poupados das próprias raízes, e para sempre protegidos da profunda vergonha do passado.

Em 1990, aos oitenta anos, o dr. Kyritsis morreu. Vários obituários curtos, de pouco mais de uma dúzia de linhas, foram publicados em jornais ingleses, elogiando-o por sua contribuição na pesquisa da lepra, e Sofia recortou-os com cuidado e guardou-os em uma pasta. Apesar da diferença de idade de quase vinte anos, Maria só viveu cinco anos a mais do que o marido. Sofia pegou um avião para Creta para comparecer ao funeral da tia, passou apenas dois dias lá, e ficou arrasada pela culpa e pela perda. Percebeu que aos dezoito anos de idade não demonstrara nada senão ingratidão e egoísmo na maneira como saíra de Creta, mas então era tarde demais para consertar as coisas. Muito, muito tarde.

Foi nesse ponto que Sofia decidiu que iria finalmente apagar o próprio passado. Jogou fora as poucas lembranças da mãe e da tia guardadas em uma caixa no fundo do armário, e em uma tarde antes de as crianças voltarem da escola um maço de envelopes amarelados com selos gregos foi queimado na lareira. Então removeu a parte de trás da fotografia emoldurada do tio e da tia e guardou discretamente atrás do retrato os recortes de jornal que resumiam a vida de Kyritsis em poucas frases. Aquele registro do dia mais feliz da vida deles agora morava na cabeceira de Sofia, e era tudo que restava de seu passado.

Ao destruir as provas físicas de sua história, Sofia tentara descartar suas origens, mas o medo de que as descobrissem a corroía como uma doença, e com o passar dos anos a culpa pela

forma como tratara os tios aumentou. Pesava no fundo de seu estômago como uma pedra, um arrependimento que lhe provocava mal-estar físico quando ela percebia que não podia fazer nada para consertar as coisas. Quando os filhos já haviam saído de casa, sentia com mais força do que nunca a agonia do remorso, e tinha certeza de ter causado uma dor imperdoável.

Marcus sempre tomara cuidado para não fazer perguntas demais e respeitava o desejo de Sofia de evitar qualquer referência ao próprio passado, mas, conforme os filhos foram crescendo, suas características cretenses eram inconfundíveis: em Alexis, os lindos cabelos castanho-escuros, em Nick, os cílios negros que lhe emolduravam os olhos. O tempo inteiro Sofia temia que os filhos pudessem um dia descobrir que tipo de pessoas tinham sido seus antepassados, e seu estômago se contraía. Ao olhar para Alexis, enfim, desejou ter sido mais sincera. Viu a filha examinando-a como se nunca a tivesse visto. A culpa era toda sua. Havia transformado a si mesma em uma desconhecida para os filhos e para o marido.

— Me perdoe — disse a Alexis — por nunca ter contado nada disso a você.

— Mas do que você tem tanta vergonha? — perguntou Alexis, inclinando-se para a frente. — É a história da sua vida, mas ao mesmo tempo você não teve nenhum papel nela.

— Essas pessoas eram sangue do meu sangue, Alexis. Leprosos, adúlteros, assassinos...

— Pelo amor de Deus, mãe, algumas dessas pessoas foram verdadeiros heróis. Veja o seu tio e a sua tia... o amor deles sobreviveu a tudo, e o trabalho do seu tio salvou centenas, milhares de pessoas. E o seu avô! Que exemplo ele seria para as pessoas de hoje em dia, sem nunca reclamar, sem nunca culpar ninguém, sofrendo tudo em silêncio.

— Mas e a minha mãe?

— Bom, estou feliz por ela não ser a minha mãe, mas não poria a culpa toda nela. Ela foi fraca, sempre teve um temperamento rebelde, não é? Parece que achava mais difícil do que Maria fazer o que deveria. Era o caráter dela, só isso.

— Você é muito generosa, Alexis. Ela, certamente, tinha defeitos, mas não deveria ter lutado mais contra os seus instintos naturais?

— Acho que todo mundo precisa fazer isso, porém nem todos têm força suficiente. E parece que Manoli explorou a fraqueza dela o máximo que pôde... exatamente como pessoas assim sempre fazem.

Houve uma pausa na conversa. Sofia mexia no brinco, nervosa, como se quisesse dizer alguma coisa que não conseguia articular.

— Mas sabe quem se comportou pior do que ninguém? — acabou perguntando por fim. — Fui eu. Virei as costas para duas pessoas boas, maravilhosas. Elas me deram tudo e eu só retribuí com rejeição!

Alexis ficou surpresa com o desabafo da mãe.

— Eu simplesmente virei as costas — repetiu Sofia. — E agora é tarde demais para pedir desculpas.

Lágrimas brotaram dos olhos de Sofia. Alexis nunca tinha visto a mãe chorar.

— Não seja dura demais consigo mesma — sussurrou, aproximando a cadeira e passando um braço em volta da mãe. — Se você e papai tivessem jogado uma bomba dessas em mim quando eu tinha dezoito anos, era provável que eu tivesse feito a mesma coisa. É totalmente compreensível que tenha ficado tão zangada e abalada.

— Mas eu ainda me sinto muito culpada, e há muitos anos — disse baixinho.

— Bom, acho que pode parar de sentir culpa agora. Isso é passado, mãe — disse Alexis, puxando-a mais para perto. — Por tudo que ouvi dizer sobre Maria, acho que ela certamente perdoou você. E vocês se escreviam, não? E eles foram ao seu casamento, não foram? Tenho certeza de que Maria não era amarga... não acho que fosse capaz disso.

— Espero que esteja certa — disse Sofia com a voz embargada, enquanto tentava conter as lágrimas. Desviou os olhos na direção da ilha e foi recuperando a calma aos poucos.

Fotini ficara escutando em silêncio o diálogo entre mãe e filha. Podia ver que Alexis estava fazendo Sofia ver o passado de um

ponto de vista diferente, e decidiu deixar as duas um pouco sozinhas.

A tragédia dos Vandoulakis, como era conhecida, ainda era assunto em Plaka, e a menininha que ficara sem pai nem mãe ainda era lembrada por quem havia testemunhado os acontecimentos daquela inesquecível noite de verão. Algumas dessas pessoas continuavam morando na aldeia. Fotini entrou no bar e teve uma conversa discreta com Gerasimo, que então gesticulou freneticamente para sua mulher. Iriam largar tudo e acompanhá-la; o filho poderia ficar tomando conta do bar. Os três voltaram apressados para a taberna.

No início, Sofia não reconheceu o pequeno grupo que aparecera em uma mesa próxima daquela onde ela e Alexis estavam sentadas, mas assim que notou que o velho era mudo, percebeu de quem se tratava.

— Gerasimo! — exclamou. — Agora estou me lembrando. O senhor não costumava trabalhar no bar quando eu vinha aqui?

Ele aquiesceu e sorriu. O fato de Gerasimo ser mudo deixava a pequena Sofia intrigada. Lembrava-se de sentir um pouco de medo dele, mas também recordava o quanto gostava da limonada com gelo que ele preparava especialmente para ela quando Maria a levava no bar, que era onde em geral iam encontrar o avô. Teve mais dificuldade para se recordar de Ariana, embora a mulher estivesse agora rechonchuda e com tantas varizes que as meias grossas mal conseguiam esconder. Ariana lembrou-lhe que era uma adolescente quando Sofia costumava frequentar Plaka. Esta recordou-se vagamente de uma menina bonita, mas um pouco lânguida, que em geral se sentava em frente ao bar para conversar com as amigas, enquanto um grupo de meninos adolescentes ficava parado em volta, apoiados casualmente nas móbiletes. Fotini tornara a pegar o envelope com as fotografias, e mais uma vez as imagens foram espalhadas sobre a mesa e a semelhança entre Sofia, Alexis e suas antepassadas deixou todos espantados.

Naquela noite a taberna estava fechada, mas Mattheos, que logo iria assumir o negócio dos pais, entrou. Tinha se transformado em um homem enorme, e Sofia e ele se abraçaram com animação.

— Que bom ver você, Sofia — disse ele, de forma calorosa. — Quanto tempo.

Mattheos começou a arrumar uma mesa comprida. Faltava um convidado. Fotini telefonara para o irmão Antonis mais cedo, e às nove ele chegou de Sitia. Estava muito grisalho e bastante corcunda, mas ainda tinha os mesmos olhos escuros e românticos que haviam atraído Anna tantos anos antes. Sentou-se entre Alexis e Sofia, e com algumas doses de bebida perdeu a timidez de falar inglês depois de tantos anos sem prática.

— Sua mãe era a mulher mais bonita que vi na vida — disse a Sofia. — Com exceção da minha mulher, é claro — acrescentou depois de pensar um pouco.

Ele ficou sentado em silêncio durante alguns instantes antes de recomeçar a falar.

— A beleza dela era ao mesmo tempo um presente e uma maldição, e uma mulher como ela vai sempre levar os homens a extremos. Não era só culpa dela, tenha certeza.

Alexis olhou o rosto da mãe e pôde perceber que ela entendia.

— Efharisto — disse Sofia baixinho. — Obrigada.

Já passava muito da meia-noite, e as velas haviam derretido e se apagado, quando todos à volta da mesa se levantaram para ir embora. Alexis e Sofia precisavam partir dali a poucas horas, Alexis de volta para Hania para encontrar Ed e a mãe para pegar o barco de volta ao Pireu. Para Alexis, parecia que um mês inteiro transcorrera desde sua chegada, embora na realidade fossem apenas poucos dias. Para Sofia, apesar do fato de a visita ter sido passageira, seu significado era incomensurável. Abraços calorosos como o dia que raiava foram trocados, com promessas sinceras de voltar no ano seguinte para uma estadia mais longa e mais calma.

Alexis levou a mãe de carro até Iraklion, onde ela pegaria a barca noturna de volta a Atenas. Não houve um só instante de silêncio durante a viagem; a conversa fluiu animada. Depois de deixar a mãe, que iria passar o dia prazerosamente visitando os museus da cidade antes de pegar a barca mais tarde, Alexis seguiu até Hania. Solucionara o mistério de seu passado; agora, sua preocupação deveria ser com o futuro.

Quase três horas depois chegou de volta ao hotel. Fora uma viagem longa e quente, e ela precisava desesperadamente de uma bebida gelada; atravessou a rua até o bar mais próximo, que tinha vista para a praia. Ed estava lá, sentado sozinho, fitando o mar. Alexis se aproximou sem fazer barulho e sentou-se com ele à mesa. O ruído da cadeira arrastando no chão chamou a atenção dele, que virou a cabeça, espantado.

— Onde diabos você se enfiou? — gritou.

Além do recado que havia lhe deixado quatro dias antes dizendo que iria passar uma ou duas noites em Plaka, ela não dera mais notícias. Seu celular ficara desligado.

— Olhe — disse ela, sabendo que não agira corretamente sem ter dado notícias. — Eu sinto muito, mesmo. Fiquei muito envolvida, e quando vi tinha perdido a noção do tempo. Aí minha mãe chegou e...

— Como assim, sua mãe chegou? Então vocês estavam tendo algum tipo de reunião familiar e simplesmente esqueceu de me avisar?! Muito obrigado!

— Escute... — começou Alexis. — Era muito importante.

— Pelo amor de Deus, Alexis! — vociferou ele, sarcástico. — O que é mais importante? Sair correndo para encontrar sua mãe, que você pode visitar em qualquer dia da semana quando está em casa, ou passar estas férias comigo?

Ed não esperava resposta para esta pergunta. Já havia se levantando e ido até o outro lado do bar para pegar outra bebida, e ficado de costas para Alexis. Ela podia ver a raiva e o ressentimento em sua postura, e enquanto ele ainda estava virado, foi embora discretamente. Precisou de poucos minutos no hotel para enfiar todas as roupas em uma sacola, pegar alguns livros da mesinha de cabeceira e rabiscar um recado para ele.

Sinto muito tudo ter terminado assim.

Você nunca soube escutar mesmo.

Não houve nenhum “Com amor, Alexis”, nem “beijos”. Era o fim. Agora podia reconhecer para si mesma. Não havia mais nenhum

amor.

CAPÍTULO 27

Alexis logo estava novamente na estrada para Iraklion. Já eram quatro da tarde e precisaria pisar fundo para chegar às sete, a tempo de devolver o carro alugado e pegar a barca que saía às oito.

Enquanto dirigia pela estrada bem asfaltada, que acompanhava a costa e mostrava uma vista contínua e espetacular do mar, um sentimento de euforia tomou conta dela. À sua esquerda não havia nada a não ser azul: um mar verde-esmeralda e um céu cor de safira. Por que será que chamavam a sensação de tristeza de “blues”, pensou, como a cor azul? Aquele céu límpido e aquela água cintilante lhe pareciam parte integrante da sensação de bem-estar.

Com os vidros abaixados e o vento quente soprando dentro do carro, seus cabelos ondulavam atrás dela como uma cascata, e ela cantava bem alto e com vontade a canção Brown-Eyed Girl, enquanto a fita girava no toca-fitas barato. Ed detestava Van Morrison.

Aquela viagem emocionante durou pouco mais de duas horas, e enquanto seguia depressa, o medo de perder a barca manteve seu pé grudado no acelerador. Nada se comparava à sensação de liberdade que ela experimentava ao volante de um carro.

Com poucos minutos a perder, lidou com a irritação de ter que devolver o carro alugado, comprar a passagem da barca e subir a rampa que a fez mergulhar nas entranhas da embarcação. Conhecia muito bem o mau cheiro da fumaça que acolhia os passageiros de qualquer ferry grego, mas sabia que dali a uma ou duas horas iria se acostumar. Carros continuavam sendo levados para bordo e mercadorias eram dispostas no convés com grande algazarra de uma profusão de homens morenos que berravam uns com os outros em uma língua que ela ainda sentia vergonha de conhecer tão mal. Naquela situação específica, provavelmente era melhor assim. Viu uma porta onde estava escrito “Passageiros a pé”, e ficou feliz em entrar por ali e desaparecer.

Em algum lugar daquele barco, sabia que iria encontrar a mãe. Havia duas salas, uma para fumantes e a outra, bem mais vazia, para não fumantes. Um grupo de estudantes americanos ocupava a segunda, enquanto na primeira havia várias famílias numerosas voltando para a Grécia continental depois de férias visitando parentes em Creta. Eram barulhentas, e pareciam estar brigando, embora provavelmente estivessem apenas debatendo se deveriam comer os sanduíches naquela hora ou mais tarde durante a viagem. Alexis não encontrou a mãe nesse andar, então subiu ao convés.

À luz que ia morrendo, viu Sofia bem lá na ponta, perto da proa. Estava sentada sozinha, com a pequena mala de viagem a seus pés, olhando as luzes de Iraklion e os arcos abobadados do grande arsenal construído pelos venezianos. Os muros imaculados da sólida fortaleza do século XVI que protegiam o porto poderiam ter sido construídos na véspera.

Um dia antes, fora Alexis quem se espantara ao ver a mãe. Agora, foi a vez de Sofia ficar surpresa ao se deparar com a filha.

— Alexis! O que está fazendo aqui? — exclamou. — Achei que fosse voltar para Hania.

— Eu voltei.

— Mas, então, o que está fazendo aqui? Cadê o Ed?

— Ficou em Hania. Deixei-o lá.

Não havia necessidade de explicar, mas Alexis queria falar.

— Acabou. Eu percebi como era inútil, como estava agindo sem convicção — começou. — Quando escutei Fotini falar sobre sua família e tudo por que eles passaram, o que me deixou mais impressionada foi o quanto eles se amavam. Era na saúde e na doença, na felicidade e na tristeza, até a morte os separar... eu percebi que não sentia isso pelo Ed... E certamente não iria sentir isso por ele daqui a vinte ou mesmo dez anos.

Durante todas as décadas em que Sofia virara as costas para seus parentes e para o lugar que a preparara para a idade adulta, nunca vira tudo com tamanha clareza. A filha a fizera olhar para seus antepassados como se fossem os personagens de uma peça de teatro. Por fim, o que ela via não era humilhação, e sim heroísmo, não perfídia, e sim paixão, não lepra, e sim amor.

Tudo agora estava às claras, as feridas estavam expostas, e pelo menos havia uma chance de cura. Não existia mais vergonha. Ela não tinha mais nada a esconder, e pela primeira vez em vinte e cinco anos deixou as lágrimas escorrerem sem tentar contê-las.

Enquanto a barca sobrecarregada avançava devagar para fora do porto e a buzina soava no ar parado da noite, Alexis e Sofia ficaram em pé junto às grades, sentindo o vento no rosto. De braços dados, fitaram a água negra feito breu até as luzes de Creta, aos poucos, se perderem na distância.

FIM



A doença

Lepra — Um problema perene no século XXI

Embora a lepra tenha sido erradicada na Europa, ainda representa um grave problema de saúde nos países em desenvolvimento. Em 2004, mais de 400 mil novos casos foram diagnosticados, dos quais 70% na Índia. A lepra — também conhecida como hanseníase — é causada por um bacilo semelhante ao da tuberculose. Ataca os nervos das mãos, dos pés e do rosto, e quando não tratada, pode paralisar os dedos e as pálpebras. Pode também destruir a capacidade de sentir dor, deixando os enfermos vulneráveis a lesões e queimaduras que podem acarretar infecções sérias e a conseqüente perda de dedos e da visão. Quanto mais tempo sem tratamento adequado, mais provável a ocorrência das deformidades tão associadas à lepra. Aliado ao estigma social gerado pelo medo e pela ignorância, isso, muitas vezes, leva os doentes a serem rejeitados pelas famílias e pela comunidade. Assim, muitos têm receio de buscar tratamento médico nos primeiros estágios da doença.

O trabalho da LEPRA

Com equipes treinadas de paramédicos e profissionais de saúde, a LEPRA (The Leprosy Relief Association — Associação de Auxílio Humanitário a Leprosos) localiza e trata os portadores da enfermidade, permitindo-lhes cuidar de si mesmos e continuar levando uma vida normal. Um tratamento à base de remédios, chamado multidrogaterapia, cura a maioria dos pacientes em seis meses, e os de estágio avançado em um ano. Quando iniciado cedo, o tratamento pode evitar deformidades e deficiências, impedindo assim a estigmatização social. Para aqueles já incapacitados pela doença, a equipe da LEPRA ensina a prevenir o agravamento dessas deficiências, e a cirurgia reconstrutora vem se tornando cada vez

mais acessível. Mãos que sofreram deformações podem ser corrigidas e uma operação simples pode salvar a visão.



No Brasil

[Fiocruz](#)

[Sociedade Brasileira de Hansenologia](#)

[Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase](#)